15 DE
NOVEMBRO: SE
AS ELEIÇÕES FOSSEM
HOJE, QUEM GANHARIA?
EDITORA ABRIL · N.º 525
DE SETEMBRO 1978
veja
MDB 35%
PESQUISA NACIONAL
VEJA
GALLUP
EXCLUSIVO
ARENA 43%
EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA EM BANCAS

Perto dos filmes Super-8 revelados na Pro-Color os outros parecem Super-4.

Entrevista: DOUTEL DE ANDRADE

Remontando o trabalhismo

O último líder do PTB e as tentativas de reorganizá-lo face às emergentes lideranças sindicais que não aceitam seu velho estilo

Por Carlos Maranhão

Poucos dias atrás, o nome do ex-deputado Armindo Marcílio Doutel de Andrade — último líder do antigo Partido Trabalhista Brasileiro na Câmara Federal, cassado a 12 de outubro de 1966 — retornou inadvertidamente ao noticiário político. E quem o evocou foi ninguém menos do que o presidente Ernesto Geisel. "O Brasil está voltando ao mito de Brizola", disse Geisel em um inesperado desabafo pronunciado durante recente visita a Uruguaiana (RS), condenando o crescente reaparecimento de lideranças anteriores a 1964. "Quando falo em Brizola, falo em apenas um símbolo. São tantos outros, são Almino Affonso, Doutel de Andrade, são fulanos, são beltranos."

Na verdade, apesar da punição que sofreu quase doze anos atrás, Doutel de Andrade, um carioca de 57 anos, nunca abandonou inteiramente suas atividades políticas. Atualmente, por exemplo, contrariando os conselhos que recebeu do médico em abril passado, após sofrer um enfarte, ele divide seu tempo entre um escritório imobiliário no Rio de Janeiro e freqüentes viagens a Santa Catarina, onde sempre se elegeu, em campanha pelos candidatos que apóia para o próximo pleito de 15 de novembro. "Ainda faço meus deputados, meus prefeitos", conta orgulhoso. Acima de tudo, porém, Doutel de Andrade empenha-se no momento em articulações que visam a reorganizar, num futuro ainda incerto, o extinto Partido Trabalhista Brasileiro, cuja máquina, outrora poderosa, hoje está inteiramente desmontada.

Trata-se de um complicado desafio até para quem, como ele, permaneceu ao longo de duas décadas muito próximo do centro de decisões do petebismo e, após 1964, tornou-se seu principal líder. "Foi menos por meus méritos", lembra Doutel, referindo-se às maciças cassações que atingiram os quadros trabalhistas após a queda do governo João Goulart, "do que pelas circunstâncias." Cassado também ele, lançou a candidatura à Câmara de sua mulher, Lígia Moelmann Doutel de Andrade, que, graças ao sobrenome, obteve 45 000 votos catarinenses em novembro de 1966 — e ela, como o marido, sofreria igualmente a cassação dois anos depois.

CHICO NELSON

Doutel: uma citação inesperada

O PTB foi a grande vítima de 1964

VEJA — *Como estão atualmente as articulações que se desenvolvem para tentar a reorganização do Partido Trabalhista Brasileiro?*

DOUTEL — Até bem pouco tempo, desenvolviam-se a um nível de reflexão, de análise teórica. Agora, porém, estamos realizando o que se poderia denominar de um mapeamento, seja reencontrando os trabalhistas históricos, seja buscando contato com vários segmentos da sociedade brasileira suscetíveis de se engajarem dentro desse partido que estamos a imaginar. Entre esses elementos, desejaria destacar as camadas trabalhadoras e estudantis. A fase é apenas de intercâmbio de idéias, pois ainda não existem condições concretas para a constituição de novos partidos no país.

VEJA — *Sabe-se, em todo caso, que trabalhistas como o senhor pretendem construir um partido ideológico. Não seria um salto muito grande em relação ao velho PTB, marcado ao longo de sua existência pelo paternalismo e pelo populismo?*

DOUTEL — Há um grande salto, sem dúvida. Mas, desde 1964, a sociedade brasileira também deu um salto enorme, significativo, sofrendo profundas transformações. De sorte que não teria sentido tentar uma reedição daquele partido que teve validade até 1964. Em todo caso, em 1965, quando foi extinto, ele já conservava muito pouco de suas características mais históricas. Era um partido em franco processo de evolução. Dentro de seus quadros parlamentares, por exemplo, já estava instalado um núcleo de vanguarda perfeitamente delineado, que vinha imprimindo à agremiação um salutar embasamento ideológico. E não foi por outra razão, senão essa, que ele se tornou a grande vítima do golpe de 1964.

VEJA — *A propósito, como explicar a falta de sinais dessa mudança quando*

se observa a atuação parlamentar do PTB entre 31 de março de 1964 e outubro de 1965, quando foi extinto, junto com os demais partidos, pelo AI-2?

DOUTEL — Na qualidade de líder da bancada, coube-me comandar o partido nessa quadra, talvez a mais difícil e dramática de sua existência. Em aliança com o antigo Partido Socialista, representado pelo então deputado Roberto Saturnino, fiz-me líder do bloco de oposição. Isso implica dizer que coube ao PTB sustentar, no período em questão, a luta contra a prepotência e o arbítrio que se instalavam no país em decorrência da derrubada do governo constitucional do presidente João Goulart. O trabalhismo brasileiro muito se orgulha de haver sido na ocasião um estuário de defesa das franquias democráticas e dos direitos inerentes à pessoa humana.

Aquele sindicalismo não volta mais

VEJA — *Mas há outros aspectos. Como o PTB reagiu, por exemplo, às intervenções nos sindicatos?*

DOUTEL — O PTB tinha então, como toda a sociedade civil, poucas condições de luta. Era um partido destroçado, com suas melhores expressões perseguidas, relegadas ao ostracismo ou postas a ferros nos calabouços. Assim, fez o que foi possível, convindo reconhecer que, em se tratando de intervenções em sindicatos, deu aos trabalhadores uma solidariedade mais de caráter moral do que material. Eram duros os tempos...

VEJA — *Apesar de tudo, o senhor acha que o PTB soube preencher o limite do espaço que lhe restou dentro do Congresso Nacional?*

DOUTEL — É evidente que soube. Fez o que lhe foi possível, volto a dizer. Fora dessa constatação, cairemos no terreno da imaginação, no romantismo, no irrealismo.

VEJA — *Mas isso não teria custado ao partido a perda de muitas de suas bases sindicais?*

DOUTEL — É possível, provável mesmo, que isso tenha ocorrido. Mas o episódio deve ser encarado como percalço de uma luta histórica. Estou certo, aliás, de que já foi amplamente superado. O trabalhismo, como doutrina, é um processo em permanente ebulição, sujeito às vicissitudes e aos vendavais inerentes a todas as caminhadas de caráter renovador. O PTB, hoje, constitui uma grande disponibilidade a favor da causa dos trabalhadores.

VEJA — *As lideranças sindicais mudaram. Elas ainda seriam receptivas a um novo partido trabalhista?*

DOUTEL — Suponho que sim, baseado em minha tumultuada experiência trabalhista. Vejo com muita emoção o surgimento das novas lideranças sindicais. Assim como nós, constato que elas não aceitam mais a idéia de que os sindicatos continuem ligados ao Ministério do Trabalho. Esta política está hoje ultrapassada. No programa do partido que estamos a tentar construir, as entidades de classe devem ter autonomia tanto para lutar a nível de classe como para atuar na condução dos destinos políticos do país.

VEJA — *Na prática, porém, não era exatamente assim que o PTB agia.*

DOUTEL — Mas nós não estamos pensando em ressuscitar o partido trabalhista de anos atrás. Isso não teria sentido. Estamos com os olhos voltados para a frente, embora aproveitando os ensinamentos e as experiências, algumas bem fecundas, do passado. Afinal, mais da metade da população encontra-se numa faixa etária abaixo dos 25 anos de idade. Não podemos, portanto, pensar num partido baseado em valores ultrapassados, peremptos.

VEJA — *Então o senhor admite uma revisão da prática adotada até 1964?*

DOUTEL — Sem a menor dúvida. O sentido de modernidade, de renovação, é componente fundamental da prática política. Mas observe que em seus últimos anos de existência o Partido Trabalhista Brasileiro já se voltava para a política sindical que pregamos agora. E ele já vinha tentando dar às classes trabalhadoras outros meios de luta e expressão além e acima dos próprios sindicatos. Na verdade, aquele sindicalismo já estava superado e eu até nem discuto se no passado teria sido válido ou não.

VEJA — *Não seria tardio esse reconhecimento?*

DOUTEL — Não. Nenhum reconhecimento é tardio.

VEJA — *Como o senhor mesmo observa, o país mudou bastante. Mudaram os políticos, mudaram as lideranças sindicais. Mas os articuladores do novo partido trabalhista são os mesmos de quinze, vinte anos atrás. Como vê essa contradição?*

DOUTEL — Quer dizer que essas pessoas, por terem trabalhado em governos que já foram sepultados na distância do tempo, deveriam ficar petrificadas, como aquela conhecida figura do Velho Testamento? A verdade é que nós não ficamos. Mas eu queria convidá-lo a uma reflexão mais profunda. Recentemente, uma pesquisa do Instituto Gallup, feita no Rio e em São Paulo, revelou que 40% dos entrevistados eram favoráveis a um partido de corte trabalhista. Eu tenho outros dados dessa pesquisa. A maioria desses 40% se constitui de jovens e de classes pobres. Permito-me insistir na observação segundo a qual o fato de termos pertencido a este ou aquele partido, ou servido a este ou aquele governo, não significa que não tenhamos evoluído. Ademais, nenhum de nós tem a preocupação de ocupar, no futuro partido, postos de mando*. O que desejamos é dar um pouco da nossa contribuição à formação de um movimento político que se dirige especialmente aos moços, ou seja, ao Brasil de amanhã.

"São Paulo agora nos dá um espaço"

VEJA — *De qualquer forma, um futuro partido trabalhista certamente teria problemas eleitorais semelhantes ao antigo, que era forte no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul e sem muita penetração em outros Estados. Como pretende enfrentar esse problema?*

DOUTEL — O PTB, desde sua fundação em 1945 até sua extinção, vinte anos depois, foi o partido que mais cresceu no país em termos eleitorais. Começou com 22 deputados e terminou com 115. E se preparava para nas eleições de 1966 ser o maior do Brasil.

VEJA — *Mas parece que seria muito difícil formar um partido importante sem contar com um forte núcleo em São Paulo. E em São Paulo o eleitorado potencial do PTB foi sempre atraído por partidos claramente populistas...*

DOUTEL — ...Exato. Partidos popularescos. Mas nem por isso me sinto pessimista. Entendo que São Paulo oferece atualmente um panorama muito animador, na medida em que seus sindicatos se mostram mais independentes, ▶

** Entre outros, fazem parte do grupo a que se refere Doutel de Andrade os antigos políticos José Gomes Talarico, Waldyr Pires, Ivete Vargas, "Baby" Bocaiúva Cunha e Oswaldo Lima Filho.*

Chegou a lata de 2,5 litros de Esso Super. Mas não é por isso que ele está maior.

Esso Super cresceu.

Cresceu em tecnologia, em viscosidade, em economia e, principalmente, no conceito do público.

Cresceu o dobro e mais a metade. Para suprir as necessidades da grande maioria dos carros que rodam pelo Brasil, e que levam exatamente 2,5 litros de óleo no motor.

No entanto, para a grande aceitação que o Esso Super vem conquistando junto ao público, o seu novo tamanho não é documento. O que conta, isto sim, são as suas comprovadas qualidades.

Esso Super; em latas de meio, um e dois litros e meio.

A mais alta técnica em óleos lubrificantes, e a qualidade que suplanta todas as exigências para o bom funcionamento do motor do seu carro.

abrindo, assim, maior espaço à idéia trabalhista. Vou mais além. Acredito que em São Paulo é que se situa hoje nossa sementeira mais vasta.

VEJA — *Como o senhor encararia a formação de vários partidos de conteúdo popular?*

DOUTEL — Sou de opinião que as forças populares devem se manter unidas até o completo retorno do país ao leito democrático. A divisão seria um erro, na medida em que enfraqueceria a luta contra o adversário comum, que é o sistema de força implantado em 1964.

VEJA — *O senhor fala de um novo PTB dirigido aos jovens. Mas eles não parecem ter uma boa imagem do trabalhismo, do qual a maioria nem ouviu falar.*

DOUTEL — É bom ressaltar que o governo vem desenvolvendo, nestes últimos catorze anos, através da parafernália dos meios de divulgação que possui, uma campanha selvagem de deformação do antigo PTB e dos seus mais eminentes líderes. É deformado também o ensino, nas universidades, da história contemporânea do país. Uma vez restabelecida a verdade histórica, estou certo de que desaparecerão as eventuais restrições dos moços ao trabalhismo.

Um partido exige competência

VEJA — *De qualquer modo, alguns nomes mais expressivos das novas lideranças sindicais têm manifestado seu ceticismo em relação a um futuro partido trabalhista, pois ainda o associam à imagem de uma agremiação paternalista, atrelada ao governo.*

DOUTEL — Sabemos que não é fácil a tarefa de formar no Brasil um partido trabalhista novo e renovador. É uma empreitada que pressupõe problemas e graves desafios. Levá-la a cabo, com êxito, exige acima de tudo competência. Ou essa competência existe, ou o partido não se constituirá. Mas quero crer que não falte essa qualificação aos que estão empenhados nessa tarefa. E suponho que não falte também sensibilidade e inteligência tanto às novas lideranças sindicais quanto às classes trabalhadoras em geral para compreender que um partido dessa natureza somente lhes poderá ser benéfico e ao país como um todo.

VEJA — *Haveria condições políticas, no momento, para a organização desse partido?*

DOUTEL — O projeto de reformas enviado pelo governo ao Congresso ainda reflete a índole autoritária do sistema de poder vigente no país. Mesmo que ela resulte numa legislação pouco elástica no que toca à reorganização da vida partidária nacional, essa legislação tenderá a permitir que a sociedade venha a respirar de maneira mais livre, através dos partidos representativos das diversificadas tendências alojadas no seu interior.

VEJA — *Certamente o seu grupo não está sozinho nessa tentativa de formar um partido de cunho trabalhista. Há os movimentos socialistas, por exemplo. E líderes sindicais, como Luís Inácio da Silva, o Lula, falam num partido constituído apenas de trabalhadores. De que modo o senhor analisa tais alternativas?*

DOUTEL — Considero respeitável a posição do líder dos metalúrgicos de São Paulo. Quero entretanto ponderar que, no meu entendimento, uma agremiação constituída exclusiva e basicamente de trabalhadores estaria condenada a ser uma eterna e melancólica minoria. Levo mais adiante o raciocínio, observando que um partido dessa natureza, para sobreviver, teria que firmar alianças com outros partidos, inclusive burgueses, e tais alianças só poderiam ser feitas ao preço de profundas concessões de ordem programática. Estaria descaracterizado, dessa forma, o movimento que, segundo as informações, preocupa hoje o líder dos metalúrgicos paulistas. Quero ainda considerar que o estágio de nossa industrialização não oferece ainda condições para a formação de um partido assim. Também tenho algumas dúvidas quanto ao êxito de uma social-democracia no Brasil ao estilo europeu, pois me parece que não existe no país uma infra-estrutura social e econômica que a pudesse sustentar. Importante a registrar, porém, é que não existem antinomias a separar os trabalhistas dos socialistas.

VEJA — *De que maneira os trabalhistas pretendem participar das próximas eleições de 15 de novembro?*

DOUTEL — Da maneira que as circunstâncias permitem. É evidente que, disputando eleições nos mais variados níveis, existem pessoas que comungam dos ideais trabalhistas, principalmente aqueles mais identificados com a sempre atual denúncia de Getúlio Vargas em sua terrível e lúcida carta-testamento. Não tenho informações seguras, porém, quanto ao número desses candidatos.

VEJA — *Na formação do futuro partido trabalhista, o senhor defenderia, a exemplo do ex-governador Leonel Brizola, a manutenção da sigla PTB?*

DOUTEL — Sim, pois ela se identifica com a história mais recente do próprio país. O meu ponto de vista, nesse assunto, é idêntico ao do senhor Leonel Brizola.

É preciso conviver com as greves

VEJA — *E quanto à volta de Brizola? Já teria chegado o momento de seu retorno ao Brasil?*

DOUTEL — O que eu acho é que chegou o momento da pacificação da família brasileira, o momento de acabar com as odiosidades que há tantos anos estão a nos dividir. À luz desse pensamento, encaro como acontecimento normal o retorno, hoje ou amanhã, do ex-governador. Seria um acontecimento de rotina num país que caminha inexoravelmente, como o nosso, ao encontro da convivência democrática.

VEJA — *O senhor vê riscos de retrocesso no processo de abertura?*

DOUTEL — É uma possibilidade que não descarto, embora entenda que nessa hipótese o novo surto de autoridade seria de curta duração, ainda que intenso. A sociedade fartou-se do arbítrio, fartou-se da violência.

VEJA — *A subida da temperatura social, com a eclosão de greves inclusive nos setores considerados essenciais pelo governo, contribuiria para a eventualidade do surto a que o senhor se refere?*

DOUTEL — Não creio e nem desejo que isso aconteça. Começa que, para nós, a greve é um direito legítimo e natural dos trabalhadores, inserido nas constituições de todas as mais avançadas democracias ocidentais. A sociedade brasileira deve caminhar no sentido de entender assim as greves, procurando absorvê-las e convivendo com elas. Isso só poderá ser feito com inteligência, sob a égide de uma boa e sólida política de justiça social, e no rumo de uma equitativa distribuição dos frutos do enriquecimento nacional. Alcançado esse estágio as greves serão um recurso extremo, embora sempre normal, e certamente não assustarão tanto como hoje.

Tornar a terra mais fértil. E o agricultor mais forte.

A nova missão da Union Carbide.

Preservar a terra. E o que é da terra.
Para que a sua fertilidade envolva
a boa semente.
Esperar com otimismo o sol de todo dia
e aguardar com ansiedade a chuva que
vem dos céus.
Porque a natureza dá a vida aos alimentos
do homem.
E proteger a terra é o dever de todos.
É a missão do agricultor.
É a nova missão da Union Carbide.
Que voltou-se para a agricultura,
com produtos que defendem a terra e
suas riquezas.

Que aumentam a produção da lavoura e
valorizam o trabalho do agricultor.
Que dão ao homem alimentos puros e
saudáveis.
Para uma mesa mais farta.
Alimentos que têm a proteção de Temik e
Sevin, defensivos agrícolas limpos,
seguros e biodegradáveis, criados pela
Union Carbide.
Tornar a terra mais fértil e
o agricultor mais forte.
E a vida melhor.
Essa é a nova missão
da Union Carbide.

UNION CARBIDE

A Marca do Desenvolvimento

Souza Rocha

Futuro. Uma tradição

ando pela
meira vez se
sava em aviões
urbina a jato,
ia um homem
trás.
quisando,
cando
as idéias.
ia a GE.
momento em
o homem
gou à Lua, a GE
bém estava lá.
motores
ropulsão,
istema de
unicações e até
ola de borracha
astronautas.
GE não parou aí.
e ela é
ponsável pelo
eto das
plexas estações
readoras de
lites.
o vai parar aí.
ante 100 anos,
uro tem
uma tradição
GE.
a ela,
portante é
quisar sempre,
erar as próprias
quistas.
sim
ela pensa
ndo fabrica
erro elétrico,
ores elétricos
rande potência
uando procura
melhor
veitamento
nergia solar
eus laboratórios.
ue a GE sempre
preocupada em
r ainda melhor,
sso faz tão bem.

- 100 anos
ecnologia
alidade.

...da General Electric.

Décimo aniversário

Sr. diretor: Como assinante da revista há cerca de oito anos, gostaria de parabenizar toda a equipe pelo alto nível das reportagens assim como os dez anos de verdade na publicação dos acontecimentos brasileiros e mundiais.
Christina E. Daltro de Souza
São Paulo, SP

Sr. diretor: No ritmo de trabalho em que se vive, numa agência de propaganda, passam despercebidos, às vezes, os eventos mais importantes. E, assim, foi com surpresa que li a notícia de que VEJA — imagine! — está comemorando dez anos de vida. Seria lugar-comum dizer: parece que foi ontem . . . Mas o importante é que eu manifeste o quanto significa, para o jornalismo brasileiro e para a indústria da propaganda, o trabalho semanal de VEJA em prol da informação e da cultura. VEJA, adulta aos dez anos, é um marco da mais alta importância.
Caio A. Domingues
São Paulo, SP

Sr. diretor: Em nome das agências de propaganda do Estado de São Paulo, da Salles/Interamericana de Publicidade S.A. e em meu próprio, um abraço no décimo aniversário de VEJA. Foram dez anos de exemplos e de liderança.
Luiz Salles
São Paulo, SP

Sr. diretor: Dias atrás, comentava com minha noiva a respeito da seriedade de uma das poucas publicações que ainda não precisaram usar a mulher nua como isca de leitores. E na edição desta semana deparei com um anúncio afirmando essa seriedade, que talvez seja um dos motivos da minha admiração por essa revista. Não que eu não goste de mulher. Pelo contrário. Mas a exposição da nudez feminina anda tão escandalosa que já está ultrapassada.
Antônio Elizeu de Oliveira
Belo Horizonte, MG

Sr. diretor: VEJA nos dá, em seu n.º 523, uma prova de que nem só de bons artigos e reportagens é composta uma grande revista: a mensagem publicitária dos seus dez anos de existência está sensacional.
Gerson J. Dutra
São Leopoldo, RS

Sr. diretor: Dez anos de fortes ventos. A gente gosta de saber que vocês estão inteiros.
Osvaldo Assef
São Paulo, SP

Sr. diretor: Aproveitamos a ocasião do décimo aniversário de VEJA para cumprimentá-lo por esta importante contribuição na formação da opinião pública brasileira.
Odile e Paulo Marinho
Rio de Janeiro, RJ

Sr. diretor: Coincidência ou não, a entrevista de dom Hélder Câmara, na mesma edição dos dez anos vitoriosos de VEJA, e mais essa formidável "Carta do editor" e o encarte "Receita: Brasil", servem para nos trazer a convicção de que a humildade é o caminho da liderança e de que, como disse Ernest Renan, para não mudar basta não pensar. Parabéns a VEJA.
Adenor Simões Coelho Filho
São João del Rei, MG

Sr. diretor: Divulgando os fatos com realismo, expondo com clareza as próprias posições, VEJA assume destacado lugar na imprensa brasileira, justamente por fugir ao enfoque emocional no debater os transcendentais problemas da nação.
Jorge Babot Miranda
Porto Alegre, RS

"Receita: Brasil"

Sr. diretor: Outro dia, um americano que chegava ao Brasil me dizia que o país parece estar sendo construído por inteiro. Ele falava em prédios, pontes, metrô. Mas sua frase se aplica também à construção cultural, política, econômica e social. E, nessa obra, o livro de VEJA, reunindo depoimentos importantes de personalidades ilustres, sem dúvida se inscreve como um pilar dos mais valorosos.
Nemércio Nogueira
São Paulo, SP

Sr. diretor: Magnífica a idéia de publicar "Receita: Brasil". Neste aniversário, quem ganhou presente fomos nós, os leitores.
Dídimo Pereira Cabral
Três Lagoas, MT

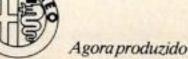
Sr. diretor: Muito feliz a idéia da coletânea "Receita: Brasil" de que VEJA acaba de nos entregar os primeiros fascículos.
Luiz Fernando Cruz Marcondes
Niterói, RJ

Sr. diretor: No artigo "O juiz pode jogar?", publicado em VEJA n.º 523 (página 32, segunda coluna, segundo parágrafo, oitava linha), saiu impresso "o operariado", quando devia ter saído "o empresariado". Como está, o raciocínio se torna ininteligível. Gostaria também de esclarecer que o autor é professor do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro — e não da Universidade Federal de Minas Gerais.
José Murilo de Carvalho
Rio de Janeiro, RJ

Alfa Romeo 1979. Já nas concessionárias.

Alfa Romeo

"O melhor carro brasileiro da atualidade".
Assim a imprensa especializada qualificou o Alfa Romeo 2300.
Agora os Alfa 2300 B e TI 1979 contam também com a qualidade e o avanço da tecnologia Fiat.
Conheça-os nas concessionárias.

Agora produzido pela Fiat Automóveis S.A.

Dom Hélder

Sr. diretor: Espetacular a entrevista com dom Hélder Câmara (VEJA n.º 523). É agradabilíssimo saber que, no mundo de hoje, ainda existem pessoas interessadas em ajudar seus irmãos menos favorecidos, marginalizados pela sociedade capitalista. Mas é igualmente desagradável saber que estas pessoas são denominadas "subversivas" por indivíduos que só vêem a si próprios.
Jaymisson Coelho Júnior
Belo Horizonte, MG

Sr. diretor: Em meio ao mar de falsos brilhantes, responsáveis pelas graves mazelas que afrontam nossa gente oprimida, dom Hélder Câmara tem o valor, a pureza e a resistência do diamante.
Marli Moraes
São Paulo, SP

Sr. diretor: A entrevista de dom Hélder Câmara vem a ser um exame de consciência para todos nós, principalmente para aqueles que entendem (ou querem entender) mal a liderança da Igreja ou seu engajamento político.
Francisco Esteves Rodrigues
Uberaba, MG

Sr. diretor: A entrevista concedida pelo arcebispo de Olinda e Recife deixa bem claro que o mencionado representante da Igreja continua se preocupando mais com a problemática das "questões" governamentais que com a pacificação do povo cristão.
J. Dimas Gurgel
Porto Murtinho, MS

"Lei Falcão"

Sr. diretor: Na minha humilde opinião, creio que a simples menção do número, nome, partido e um sumaríssimo currículo não é suficiente para o eleitor avaliar o peso de seu candidato.
José Antônio Terlizzi Júnior
São Paulo, SP

Professores

Sr. diretor: O comportamento do governo paranaense com os professores grevistas é revoltante. Em vez do diálogo, apelam logo para o arbítrio.
Maurício Sens
Curitiba, PR

Coronel Tarcísio

Sr. diretor: Não sou contra ou a favor de nenhum dos candidatos a presidente, se bem que os dois partidos poderiam ter escolhido pessoas com mais condições de governar o país. Apenas lamento o ocorrido com o coronel Tarcísio Nunes Ferreira (VEJA n.º 522). Ora, se todos podem receber e apoiar o general Figueiredo, por que privar a liberdade de um cidadão que apóia o general Bentes?
Lourdes Carolina de Jesus
Cuiabá, MT

Newton Carlos

Sr. diretor: Fica aqui meu protesto pela retirada do jornalista Newton Carlos do telejornal da Bandeirantes (VEJA n.º 523). Trata-se de profissional de alto gabarito, um dos homens mais inteligentes do Brasil. Quanto à sua alegada "feiúra", discordo. Ele até que faz um tipo interessante.
Maria Lúcia Rossi Medeiros
Brasília, DF

Hugo Carvana

Sr. diretor: Os filmes nacionais estão melhorando, mas esse Hugo Carvana (VEJA n.º 521) não dá. Por que não faz coisa melhor, mais inteligente?
Ronaldo José Cardoso
Mineiros, GO

Cartas para: Diretor de Redação, VEJA. Caixa Postal 2372, São Paulo, Capital. Por razões de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

Carbonell. O espanhol que só pensa em mulher.

Este espanhol pode ser visto em todas as mesas brasileiras, participando de jantares, almoços, bate-papos e festinhas.

É um convidado capaz de se apresentar cada vez de uma forma diferente.

Pode ser que você veja apenas o azeite Carbonell. Ou, quem sabe, as azeitonas Carbonell. Pode ser até que você descubra o vinagre Carbonell escondido na salada.

E, em outros países, o espanhol comparece também em forma de maionese, molhos, conservas, carnes e bebidas finas.

Mas o que é mais incrível é que Carbonell pode se apresentar de todas essas maneiras na mesma ocasião. Sempre impecável.

Carbonell gasta milhões de dólares em pesquisas para que a matéria-prima d seus produtos seja sempre da melhor qualidade. E mais alguns milhões de dólares em tecnologia, em 32 fábricas, para que o seu produto final seja simplesmente perfeito.

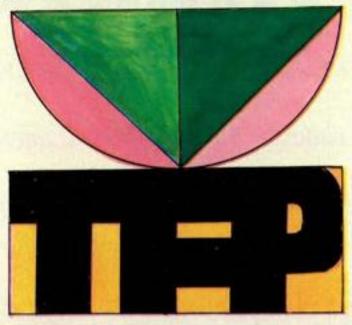
É por isso que há 109 anos as mulheres do mundo inteiro retribuem com a maior fidelidade o carinho e a atenção dispensados pelo espanhol que vive para elas.

Carbonell

MILLOR
ENFIM UM ESCRITOR SEM ESTILO!

A História é uma loteria

Mais siglas

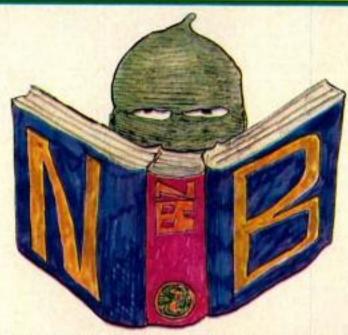
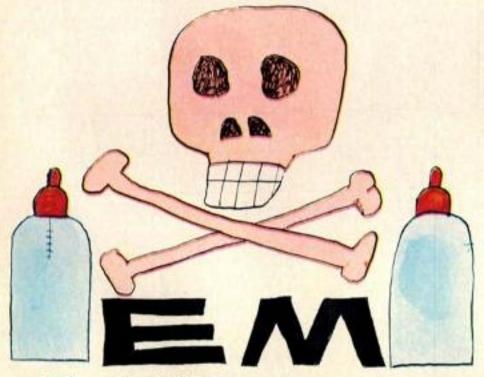
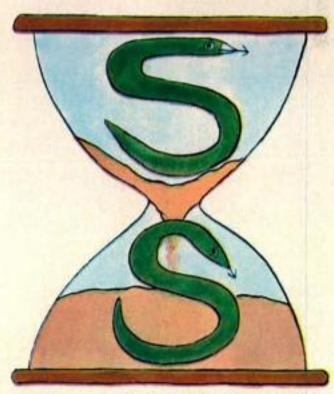
Com a abertura (27 centímetros de comprido por 7 de largo), novas siglas subversivas vieram à tona, demonstrando a vitalidade e permanência dos movimentos icebérgicos.

O movimento *Terroristas F....Paca* procura, evidentemente, atrair a juventude pelo lado sexual da aventura subversiva. Ao estimular o sensualismo púbere, o grupo tenta, assim, recuperar um campo ideológico perdido. Desde que a Igreja assumiu posições novas e realistas, deixando de prometer o paraíso no além e lutando pela reforma agrária e pelo feijão preto aqui mesmo, no aquém, os grupos políticos marginais ficaram sem bandeira, pois continuavam a garantir a solução dos problemas sociais — e humanos — só pra daqui a dezessete gerações. Agora não: na *TFP* ninguém dorme sozinho e só os líderes se obrigam a verdadeiros sacrifícios (confraternizando com os sórdidos burgueses dentro de multinacionais nojentamente ricas).

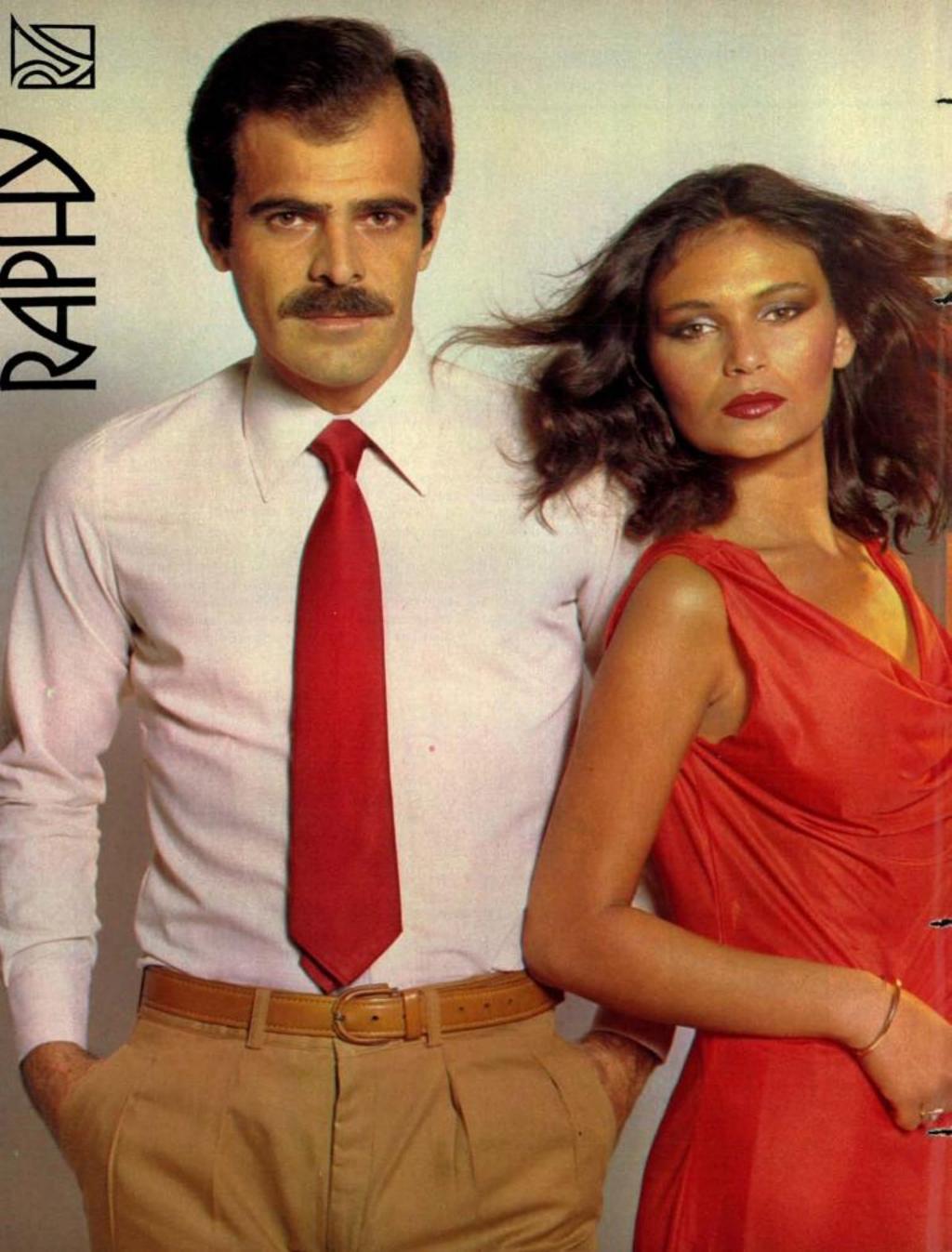
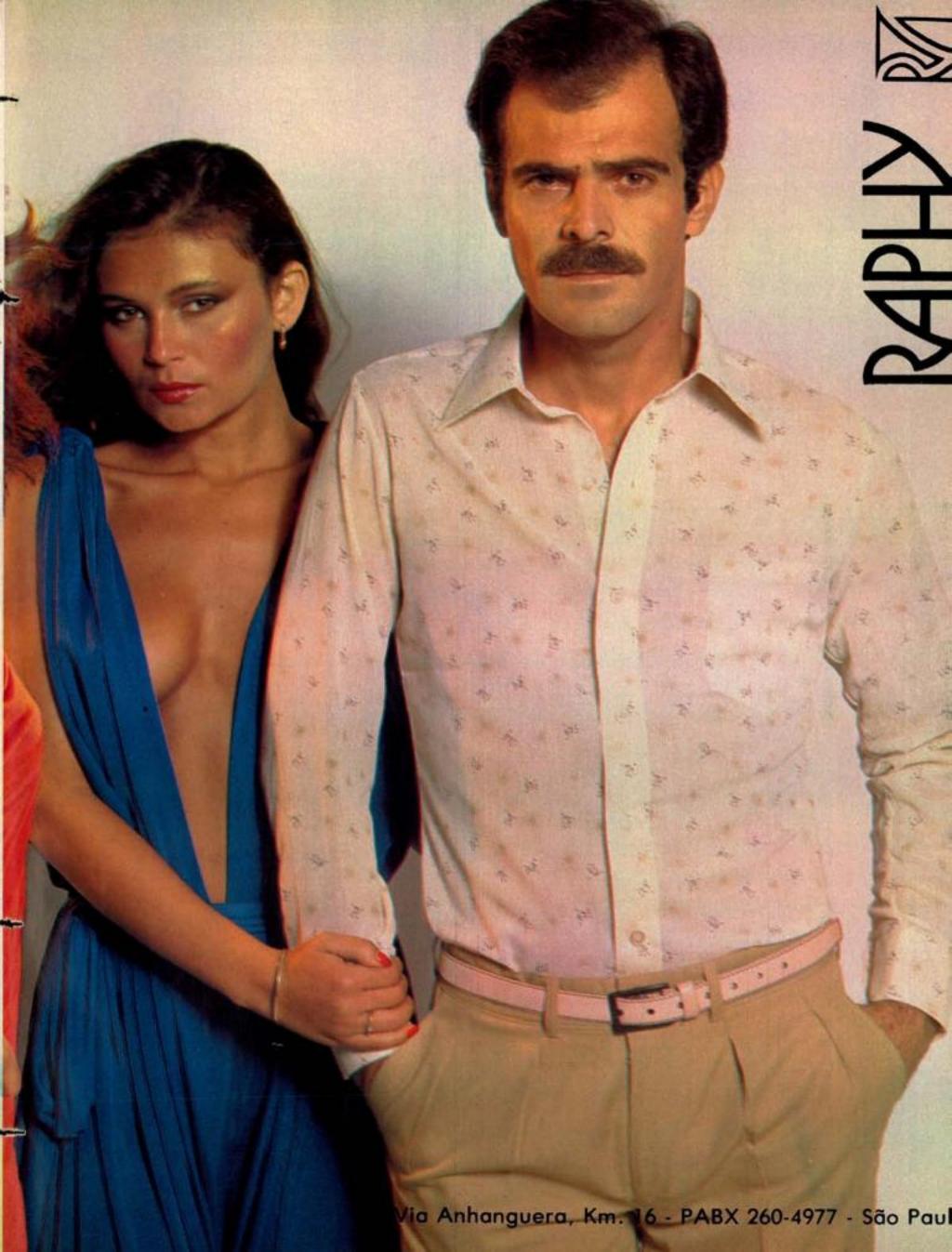
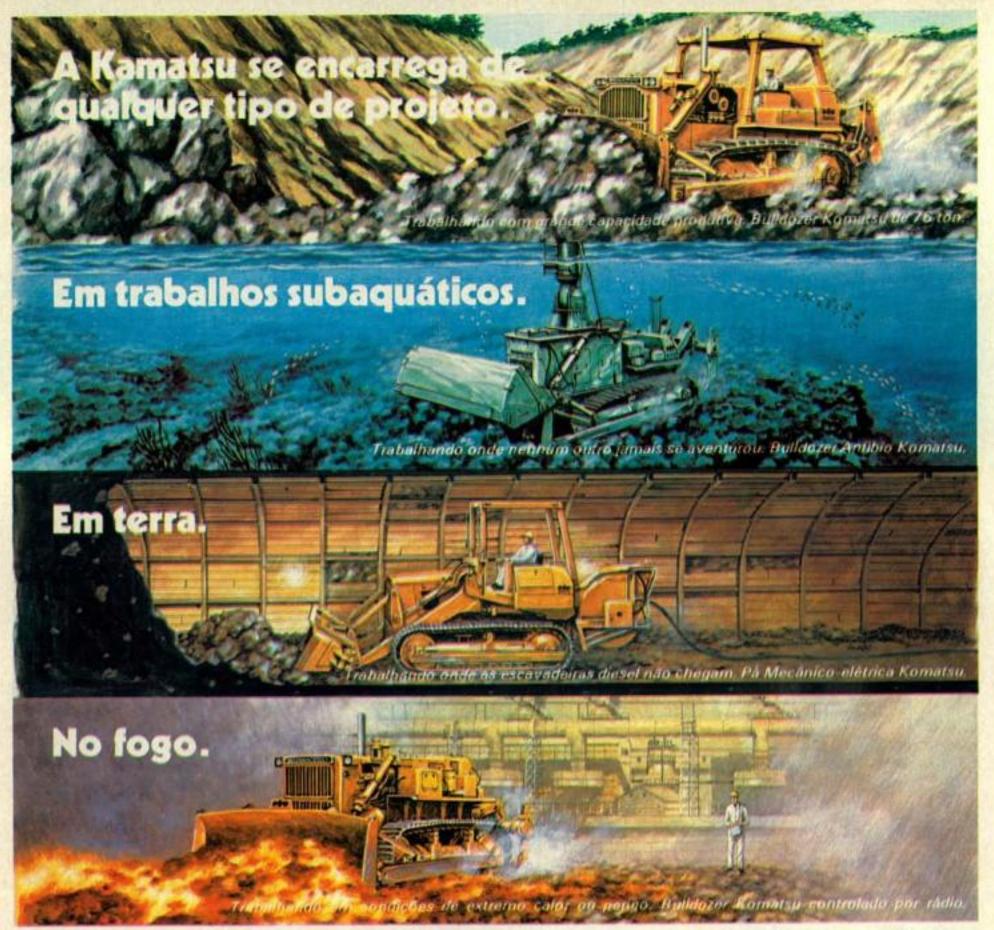
FRENTE FEDERAL DOS FIGUEIREDÓFILOS FRANCOS. Pretende levantar bases teóricas e documentação irrefutável para dar apoio ideológico à franqueza do candidato arenista. Composta, em sua maioria, de zoólogos, pecuaristas, criadores, vaqueiros, avicultores, cavalariços, taxidermistas e boieiros, a entidade secreta está já com um gigantesco dossiê sobre a gigolotagem das vacas no Rio Grande e uma ampla amostragem físico-química (olfativa) das diferenças entre o cheiro do povo e dos cavalos em várias regiões do país.

Grupo ecológico que trabalha na surdina, i.é., com isenção do Imposto de Renda — na recuperação do conceito do puro sangue nacional, denegrido por sua obrigação de participar da jogatina desenfreada do Jóquei Clube do Brasil. O *Comando de Cobertura ao Cavalo* agora aderiu frontalmente ao pretendente (?) oficial do Alvorada, adotando até mesmo o magnífico mote do candidato: "O cavalo também é um ser humano".

Empreiteiros especializados em sondagens de terreno, fundações, prospecções e estacamentos — todos portanto trabalhando no underground — fundaram esta sociedade há vinte anos (1955). O *Comitê de Mudança de Capitais,* constituído em moldes maçônicos, destinou-se, desde o início, a difundir a idéia de que uma capital nunca está bem onde está. Em recesso desde a renúncia de Jânio (depois de terem convencido Juscelino a mudar a capital para Brasília, "eles" estavam quase conseguindo convencer Jânio a mudar a capital pra Barra da Tijuca), teve, ultimamente, uma brilhante vitória: Malufópolis. Com o dinheiro ganho na construção de Malufópolis, o *CMC* pretende ir mais longe: lançará campanha nacional pra trazer todas as capitais pras praias, mostrando que a interiorização não tá cum nada: o Brasil precisa se litoranear.

Chato é o cara que conta tudo tim-tim por tim-tim e depois entra em detalhes

Este movimento quer acabar com qualquer tipo de repressão e permitir a liberação de toda a potencialidade (valha o termo) do homem, quero dizer, ser masculino, isto é, bem... Este movimento parte do princípio de que de cada grupo de homens, 99% não o são, embora só 10% o digam e só 1% saia por aí vestido de baiana. Porisso o *Heterossexualismo Sem Medo* procura incutir, nos jovens intimidados em mostrar suas verdadeiras tendências heterossexuais, o gosto pelas antigas práticas homem-mulher, propondo até mesmo o radicalismo de casamento e filhos. A minoria heterossexual deseja também o direito mínimo de freqüentar bares, encenar suas peças e expor sua pintura livre dos constrangimentos e opressões que tem sofrido até agora.

Os *NEO-BIBLOS* agem principalmente em hotéis, destruindo bíblias tradicionais e colocando em seu lugar a versão *Neo-Biblo*. Os *NB* refizeram toda a história sacra, mostrando que nenhum dos grandes líderes religiosos agiu passivamente, que a atitude verdadeiramente religiosa é a ativa e a violenta. A versão *Neo-Biblo* prova que Cristo não se entregou na cruz, ao contrário, reagiu a bala, que Moisés subiu ao monte dos Sinais para resistir aos inimigos que o cercavam (um precursor de Sierra Maestra) e que a frase na parede do palácio, durante o banquete de Baltazar, não foi feita por nenhuma mão divina, mas por terroristas que desenvolveram uma tinta invisível só legível por pessoas com certos tipos de deformação ótica (Baltazar era astigmático).

O *Esquadrão da Mãe*, movimento feminino independente, pretende liberar todas as mães da violenta e milenar tirania exercida pelos filhos. Essa seção do movimento feminista descobriu, afinal, que o que estava fundindo a cuca das senhoras não eram os homens, eram as crianças (de qualquer sexo). O *EM* pretende agora incentivar todos os meios de combate aos pequenos monstrinhos, desde a dopagem pura e simples — através da mistura de pequenas quantidades de pó ao leite em pó — até o exercício de velhos processos bíblicos (vide Herodes).

Este grupo pretende todo o poder à senilidade, pois a juventude não tá com nada e a senilidade tá com tudo. A juventude é precária, cada ano que passa vai ficando mais velha. A senilidade é permanente, a cada ano fica mais senil. O *Supéritas Senílitas* — o nome em latim visa mesmo trazer de volta o cheiro de outras eras — exige, como medida liminar na próxima reforma constitucional (em 1998), que o limite mínimo de idade do eleitor seja elevado para 75 anos.

RAPHY
Via Anhanguera, Km. 16 - PABX 260-4977 - São Paul

A Komatsu vem mantendo a sua posição de líder mundial na produção de máquinas para a construção, através do lançamento constante de novos equipamentos — um maquinário muito à frente da nossa época.

Os bulldozers mostrados acima são exemplos disso.

Devido à contínua inovação tecnológica e à ampla linha de produtos projetados para cuidar igualmente de tarefas de grande e pequeno porte, a Komatsu tornou-se uma empresa altamente diversificada, com grande capacidade na construção.

O mesmo alto padrão tecnológico dos nossos equipamentos de construção também é encontrado nas nossas impressoras totalmente automáticas, nas máquinas operatrizes computadorizadas e nos sitemas de matéria-prima a granel e de construção industrial.

Se você está planejando algum projeto e precisa de consultoria técnica em engenharia, não deixe de falar com um dos nossos representantes.

Podemos fornecer-lhe todos os cálculos e programações de computador, inclusive orientação administrativa, e também assessorá-lo na combinação ideal das máquinas.

De qualquer forma, você vai achar algumas das nossas recomendações muito úteis e aplicáveis ao seu caso.

KOMATSU LTD.
Tóquio-Japão

Representantes em: Sydney, Singapura, Djacarta, Manila, Seul, Bangkok, Bangalore, Teerã, Dubai, Jeddah, Riyadh, Ad Dammam, Bagdad, Ancara, Moscou, Londres, Bruxelas, Dusseldorf, Stuttgart, Varsóvia, Paris, Madrid, Cairo, Argel, Abidjan, Lagos, Nairobi, Johannesburgo, Toronto, São Francisco, Fort Lee, Arlington, Atlanta, Detroit, Cidade do México, Havana, Panamá, São Paulo, Caracas, Lima, Buenos Aires, e distribuidores em mais de 100 países.

Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Edgard de Silvio Faria, Richard Civita, Roberto Civita, Rubens Vaz da Costa

Revista Semanal de Informação

REDAÇÃO

Diretor de Redação: José Roberto Guzzo
Diretor Adjunto: Sérgio Pompeu
Redator chefe: Carmo Chagas
Editores: Alexandre de Faria Machado, Emilio K. Matsumoto, Geraldo Mayrink, Mário de Almeida, Roberto Pompeu de Toledo.
Editores Assistentes: Afílio Baccari, Antônio C. Augusto, Augusto Nunes, Claudio Ceni, Decio Bar, Humberto Werneck, Jairo Arco e Flexa, Jorge Escosteguy, J. A. Dias Lopes, José Paulo Kupfer, Luiz Henrique Fruet, Luís Nassif, Luiz Weis, Paulo Moreira Leite, Paulo Sotero, Regina Echeverria, Renato Pompeu, Ricardo A. Setti, Selma Santa Cruz, Sergio Sister, Tales Alvarenga, Victor Hugo Sperb
Projetos especiais: Almyr Gajardoni
Tradutor: Hersch Schechter
Assistente Administrativo: David Rodrigues Mendonça

Departamento de informações

SÃO PAULO - Repórteres: Antônio Carlos Fon, Antônio Carlos Guida, Carlos Maranhão, Carmem Cagno, Francisco J. Maffitani, Len Berg, Ligia Martins de Almeida, Lucila Camargo, Maria Helena Passos, Suzana Verissimo, Tânia Maria Mendes; Sônia Santos (produção); Sebastião Magalhães de Almeida (Analista de investimentos)
RIO DE JANEIRO - Chefe: Zuenir Ventura; **Assistente da chefia:** Claudio Bojunga; **Editores Assistentes:** Carlos Alberto de Oliveira, Flavio Pinheiro; **Repórteres:** Antônio Chrysóstomo, Eva Spitz, Franklin Campos, Joaquim F. dos Santos, Lúcia Rito, Miriam F. Lage, Octavio Bareta Costa, Regina Barreiros, Roberto Lopes - r. do Passeio, 56, 11.º andar, fone 244-2022, telex: 021-22874 — **BRASÍLIA - Repórteres:** Ângela Ziroldo, Carlos Alberto Sardenberg, Eliane Cantanhede, Hélio Marcos Doyle, Jaime Sautchuk, José de Ribamar Oliveira Jr., Márcio Varella, Moacir de Oliveira Filho, Oswaldo Amorim, Ricardo Pedreira - Ed. Central, salas 1301 a 1303 - Setor Comercial Sul, fone: 224-9200, telex: (061) 1464 — **BELO HORIZONTE - Chefe:** Carlos Undenberg Spinola; **Repórteres:** Gleiser Neves, Mário Lara Leite - r. Alvares Cabral, 908, fone: 335-4129, telex: (031) 1085 — **CURITIBA - Chefe:** Hélio Teixeira; **Repórteres:** Pedro Franco Cruz e Teresa Furtado - r. Fernandes de Barros, 491 - 1.º andar, fone: 62-8942, telex: (041) 5278 — **PORTO ALEGRE - Chefe:** Luis Cláudio Cunha; **Repórteres:** Adélia Porto da Silva e Pedro Maciel - r. Vieira de Castro, 289, fones: 23-9502 e 23-9446, telex: (051) 092 — **RECIFE - Chefe:** José Maria Andrade; **Repórteres:** Luiz Ricardo Leitão e Teresinha Nunes - r. Siqueira Campos, 46, sala 204 - telex: (081) 1184 — **SALVADOR - Chefe:** Ricardo Noblat; **Repórteres:** Nadja Miranda e Paolo Marconi - r. Itabuna, 304 - Rio Vermelho, fone: 247-0580, telex: (071) 1180 — **PARIS** - Pedro Cavalcanti — **LONDRES** - Jader de Oliveira — **BONN** - Carlos Strawe — **GENEBRA** - Claudius Ceccon — **ROMA** - Marco Antônio de Rezende — **WASHINGTON** - Roberto Garcia — **NOVA YORK** - Judith Patarra, Odilio Licetti — **MADRI** - Eric Nepomuceno — **MÉXICO** - Wladir Dupont — **TELAVIVE** - Alessandro Porro

Correspondentes: Montgomery Hollanda (Teresina), Aldo Grangeiro (Florianópolis), Ciro Pinheiro (Porto Velho), Guilherme Augusto de Sousa (Belém), Jô Amado (Vitória), João Silva (Macapá), José Chalub Leite (Rio Branco), Luis Pedro de Oliveira (São Luís), Paulo F. T. Morais (Aracaju), Mário Antônio (Manaus), Tancredo Carvalho (Fortaleza)
Colaboradores: Geraldo Galvão Ferraz, Hélio Pólvora, José Augusto Suyama, Millôr Fernandes, Olívio Tavares de Araújo, Paulo Perdigão, Roberto Marinho de Azevedo, Tarik de Souza

Fotografia

Editor: Sergio Sade
Chefe: Clodomir Bezerra
Fotógrafos: Pedro Martinelli (São Paulo); Chico Nelson, Walter Firmo (Rio); Carlos Namba, Salomon Cytrynowicz (Brasília); Célio Apolinário (Belo Horizonte); Ricardo Chaves (Porto Alegre); Antônio Andrade (Salvador); Amilton Vieira (Recife)

Arte e Produção

Editor: Pedro de Oliveira
Chefe: Américo Ietto Filho
Diagramadores: Alfredo Nastari, Eduardo N. S. Brito, Laércio D'Angelo Ribeiro, Milton Rodrigues Alves, Pindaro Camarinha Sobrinho, Roberto Barbato / João Marcos Coelho, José Gustavo Vasconcellos **(preparadores)** / Carlito Nucci e José Batista de Carvalho **(produção gráfica)**

SERVIÇOS EDITORIAIS

Documentação: Marília S. J. França **(gerente)**, Abrahão Lincoln Baraccat, Antônio A. Ferreira, Isney Savoy, Jany C. Roschkovsky, Júlio Cezar Garcia, Lauro Augusto C. M. Coelho, Lilian Baroni, Marcia Mereles de Almeida, Maria Angela Noronha Serpa, Maria Aparecida S. Marzo, Maria Inês Zanchetta, Marion A. Frank, Paulo R. Ribeiro, Roberto Benedito de Oliveira, Rosania P. Santos, Ruy Uterman R. B. Vidal, Sheila Ribeiro, Suzana C. Kfouri, Ubirajara Forte, Valdirene Mendes da Costa, Vani Rezende, Vicente Roig; **Abril Press: São Paulo:** Judith Baroni **(gerente)** — **Sucursais: Nova York** — Odilio Licetti **(gerente)**, 444 Madison Avenue, Room 2201, New York, N.Y. 10022 — Telex: EDABRIL 423-063, Phone (212)688-0531 — **Paris** — Pedro de Souza — 214, Rue de la Convention, Phone 250-8277 — França — **Milão** — Lydia Strafurini — via Settembrini, 45 — 20124, Milano — Phone 278-659 — Telex: 34070 — Itália
Laboratório Fotográfico: Jussi Lehto **(gerente)**

Serviços Internacionais: Newsweek/Associated Press/Latin-Reuters/France Press/Matérias internacionais via Varig, Air France, Aerolíneas Argentinas

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Diretor de Publicidade: Persio Brait Pisani
Gerente Comercial: Valter Richetti
Gerente de Publicidade: Fabio Altamonte Amaral
Gerente de Assinaturas: José A. Soler
Gerente Administrativo: Antônio F. Chammas
Representantes: Horácio V. N. de Andrade, José L. Decourt Ricci, Sergio Tercarolli
Coordenador de Produção e Publicidade: João Carlos de Oliveira
Belém, gerente: José Mauricio Alves Fernandes; **Belo Horizonte, gerente:** Mariza Tavares Ferreira; **Brasília, gerente:** Luis Edgard P. Tostes; **Curitiba, gerente:** Aldo Schlochet; **Florianópolis, gerente:** Geraldo Nilson de Azevedo; **Porto Alegre, gerente:** Eloenho Engel; **Recife, gerente:** Edmundo Moraes; **Rio, gerente:** Kleber Vieira Bohr; **Representantes:** Antonio Aylor Farnesi, Paulo Roberto Avril; **Salvador, gerente:** Juracy Costa

Diretor do Depto. Central de Publicidade: Oswaldo de Almeida Filho
Diretor do Rio e Escritórios Regionais: Sebastião Martins
Assessor do Diretor Responsável: J. R. Franco da Fonseca

Diretor Responsável: Edgard de Silvio Faria

VEJA é uma publicação da Editora Abril Ltda. / **Redação, Publicidade, Administração e Correspondência:** av. Otaviano Alves de Lima, 4400, C.G.C. 60 597 812/0001-88 [illegible]

Carta ao Leitor

Paupérrimo como espetáculo de rádio e televisão, melancólico como evento político, o desfile de retratos e currículos patrocinado pela "lei Falcão" teve contudo o mérito de lembrar ao país que no dia 15 de novembro teremos eleições parlamentares — e que há, portanto, uma campanha em curso. Ao contrário do que ocorreu na recente sagração de futuros governadores, e do que vai ocorrer também na escolha do próximo presidente da República, em novembro os 42 milhões de eleitores brasileiros poderão manifestar suas preferências políticas. E revelar, pela voz das urnas, que espécie de país pretendem ver esculpido nos anos 80.

A campanha começa a ganhar impulso no preciso momento em que a aprovação, pelo Congresso, das reformas políticas propostas pelo governo aponta para um novo país. Não se trata, é verdade, de uma campanha exemplar — pelo menos, não há o grau de liberdade alcançado pelas modernas democracias ocidentais. De todo modo, os resultados de novembro deverão sacramentar um núcleo de políticos destinados a ocupar o primeiro plano da cena brasileira tão logo se vá consolidando o processo de abertura encetado pelo atual governo e reclamado pela sociedade. Igualmente, ao longo da campanha, deverão ser esboçados com maior nitidez os partidos políticos que surgirão com o fim do bipartidarismo. Trata-se, assim, de um pleito decisivo para os rumos futuros do país. Pode-se dizer, por exemplo, que pela última vez os eleitores são chamados a optar apenas entre Arena e MDB, num pleito que promete exibir características plebiscitárias. Quem vai vencer? Que tendências manifesta o eleitorado das mais importantes regiões do país? Quais os candidatos favoritos? É grande o número de indecisos? Para tomar o pulso da massa de eleitores, e fornecer a seus leitores uma minuciosa antevisão dos resultados de novembro, VEJA encomendou ao Instituto Gallup uma pesquisa de opinião pública em escala nacional. Desde o começo de setembro, espalhados por 150 municípios brasileiros, cerca de 600 entrevistadores vêm realizando milhares de consultas a eleitores.

Sua peregrinação tem causado percalços compreensíveis num país que só agora retoma o debate das questões políticas — conforme atestam relatos encaminhados ao Gallup nas últimas semanas. "Logo que cheguei, fui visitado na pensão em que me hospedei por dois policiais interessados em saber o que eu queria ali", escreveu de Dom Feliciano, cidadezinha gaúcha com cerca de 1 000 habitantes, o entrevistador Raimundo Costa Neto. "Depois, quando estava trabalhando, o prefeito me procurou querendo saber o que significava aquilo." Riscos maiores correu um entrevistador em trânsito por Porangatu, no interior de Goiás. Ao fim da entrevista com uma eleitora goiana, ele caminhava apressadamente na direção da estação rodoviária, em busca de lugar no único ônibus do dia quando foi alcançado pelo marido da entrevistada, que acabara de saber que sua mulher fora vista conversando com estranhos. Com um revólver na cintura, o marido interpelou o forasteiro: "O que é que você queria?" E só se tranqüilizou ao ser informado de que se tratava apenas de uma entrevista para a pesquisa de VEJA, cujos primeiros resultados são divulgados na presente edição (página 26) — como início de uma série que terá prosseguimento nas edições dos dias 4, 18 e 25 de outubro, e 1.º de novembro.

S.P.

Índice

BRASIL	20	ESPORTE	102
AMBIENTE	99	GENTE	97
ARTE	137	HUMOR	14
CARTAS	10	INTERNACIONAL	38
CIDADES	59	INVESTIMENTOS	130
CIÊNCIA	108	LITERATURA	141
CINEMA	92	MEDICINA	79
COMPORTAMENTO	73	PONTO DE VISTA	146
DATAS	110	RÁDIO E TV	89
ECONOMIA E NEGÓCIOS	112	RELIGIÃO	69
EDUCAÇÃO	106	SHOW E MÚSICA	85
ENTREVISTA	3	TEATRO	132

CAPA: fotos de Ivson Luís e Valdir Afonso. **Tiragem desta edição: 298 600 exemplares.**

Emoção no Congresso, quarta-feira passada: o deputado Laerte Vieira (MDB-SC), no microfone, ataca os biônicos . . .

O teste das reformas

Na hora de votar contra os biônicos, viu-se que há mais "aderentes" no MDB do que "dissidentes" na Arena. E o projeto do governo passou intacto

O teste de força parlamentar que a oposição propunha ao governo desde junho passado, quando chegaram ao Congresso os textos da reforma política oficial, realizou-se finalmente na quarta-feira da semana passada. Depois de uma noite de discussões tempestuosas, em que o fantasma do Ato Institucional n.º 5 chegou a ser discretamente acenado por deputados e senadores que tinham sido convocados a Brasília para votar sua extinção, o resultado político do esperado confronto foi muito claro: a dissidência da Arena, que nos últimos meses chegou a ser descrita como a força capaz de apressar a caminhada do aperfeiçoamento institucional, revelou-se menos numerosa e mais frágil do que sugeriam as vozes emedebistas que nela confiavam. E o próprio conglomerado da oposição emergiu do debate constitucional com fissuras que podem custar muito mais do que sua esperada e agora quase irreversível derrota no pleito indireto de 15 de outubro — quando o colégio parlamentar vai se reunir novamente para escolher o futuro presidente da República.

Na realidade, a votação das reformas não foi propriamente o tema central da emotiva sessão da quarta-feira passada, que durou mais de dez horas e prolongou-se até a meia-noite. Sabia-se de antemão que o projeto do governo seria aprovado na forma encaminhada pelo senador José Sarney, que acrescentou somente correções técnicas no texto original do presidente Ernesto Geisel. A expectativa dos parlamentares da oposição quanto à possível crise arenista continha, no entanto, um ingrediente mais sutil: tratava-se de discutir junto com as reformas uma proposta do senador dissidente arenista Francisco Accioly Filho, que falava na extinção da grosseira figura dos senadores biônicos, renegada pela maioria da própria bancada do governo.

RECADO DO PLANALTO — O MDB quase não participou das discussões a respeito do projeto geral das reformas — que se arrastou pelos dois primeiros dias da semana sem que os oradores conseguissem atrair mais do que três dúzias de ouvintes desinteressados. De

Maciel, Sarney e Portella: teatro?

FOTOS SALOMON CYTRYNOWICZ

. . . e é ameaçado por Portella

Neves (esq.) e Bossard: a oposição recebe a mensagem do Planalto

acordo com o regulamento do Congresso, a votação teria de ser desdobrada em dois turnos. O primeiro, convocado para a tarde da quarta-feira, é que determinou a mudança no clima da reunião. A Arena precisava de 212 votos favoráveis — a metade mais um do número atual dos deputados e senadores em exercício de seus mandatos. E conseguiu exatamente 241 sufrágios. Apenas um dos integrantes de sua bancada, o senador alagoano Teotônio Vilela, somou-se ao MDB para recusar o projeto.

Os trabalhos de plenário corriam sem grandes novidades quando, em seguida, abriram-se as discussões mais esperadas do ano. Segundo o senador Accioly Filho, nada menos de 42 arenistas estavam comprometidos pessoalmente com sua proposta — o que significava um triunfo até certo ponto tranqüilo, pois apenas 38 dissidentes bastariam para garantir ao MDB os 212 votos cabalísticos da maioria absoluta. O que se viu, então, foi surpreendente. O principal articulador político do governo, senador Petrônio Portella, que também é o presidente do Congresso, assumiu seu posto de comando demonstrando forte tensão, distribuiu advertências, gritou contra o sempre elegante ex-líder do MDB, deputado Laerte Vieira, que ousou levantar uma prosaica questão de ordem — e a certa altura suspendeu os trabalhos por 10 minutos para atender a uma alegada chamada telefônica do presidente Geisel.

No dia seguinte, quando os ânimos estavam novamente serenados, Portella jurou que seu desempenho fora o resultado de uma cuidadosa representação teatral. No entanto, pelo menos dois de seus interlocutores qualificados naquele final de tarde de quarta-feira asseguram que o senador acenou com a possibilidade de que o Planalto chegaria a editar as reformas por ato revolucionário caso houvesse qualquer alteração em seu espírito — incluída nesse caso a preservação dos biônicos. O recado chegou também às poltronas da oposição, mas o cuidado era quase desnecessário. Pois, se o líder da oposição na Câmara, deputado Tancredo Neves, teve a habilidade de abdicar publicamente de quinze sugestões oposicionistas, em troca de um apelo veemente para que o governo permitisse o voto em separado da questão dos biônicos, a bancada não estava preparada para um combate dessa envergadura. Portella admitiu o desafio do MDB, protegido no confortável biombo de uma votação em separado. Ou seja, apenas os membros da Câmara votariam, inicialmente, a questão preliminar — se o caso dos biônicos seria ou não decidido em separado.

SALVAGUARDAS — Caso fosse derrotado, o governo ainda teria o anteparo de sua forte maioria no Senado (44 votos em 64 cadeiras) para revogar a possível sedição entre seus deputados. E assim, posto no abrigo de tantas salvaguardas, e estimulado pelo presidente da Câmara, deputado Marco Maciel, que conferenciou longamente com Tancredo Neves e o senador Paulo Brossard, os líderes oposicionistas, Portella partiu para seu decisivo teste eleitoral. O desfecho dessa votação, contada depois da meia-noite, revelou que os dissidentes arenistas dispostos a dizer em público que pretendiam fazer uma votação em separado da questão dos biôni-

CARLOS NAMBA

Brossard, Neves, Guimarães e Thales Ramalho: um ataque sem plano

cos eram apenas dezoito — outros dez se abstiveram. Em compensação, 41 deputados do MDB deixaram de responder à chamada. E só treze desses "aderentes" não se encontravam em Brasília — no momento da votação. A contagem final mostrou, então, que 131 deputados, dos quais dezoito arenistas, haviam se manifestado pela extinção do biônico, enquanto 168, todos da situação, impediram que o requerimento fosse ao Senado e encerraram a questão de uma maneira, que, indiretamente, representa a legitimação do chamado senador indireto.

CARLOS NAMBA

Aquino Ferreira: o Planalto vê os debates

De fato, o MDB ficou exposto a uma difícil situação durante os momentos realmente tensos do debate. Pelas suas divisões internas, a oposição jamais conseguiu articular uma estratégia consistente para contrapor-se ao projeto governamental. Muitos de seus parlamentares nunca ocultaram seu apoio ao modelo gradual da abertura política de Geisel. E assim, quando o grupo de emedebistas que sustenta com maior animação a campanha presidencial alternativa do general Euler Bentes Monteiro decidiu testar a dissidência arenista na própria questão das reformas, abriram-se as comportas que durante tanto tempo seguravam o confronto das alas direita e esquerda do partido.

ÚLTIMA CENA — Para o governo, além da irrecusável vantagem de ter aprovado a primeira parte de seu roteiro para a abertura política, o choque da semana passada reservou a certeza de que é possível controlar seus dissidentes. E também é certo que a Arena não conseguiu o segundo objetivo de seu confronto parlamentar — que era o de provar que tinha adesões mais sólidas ao projeto das reformas no arraial da oposição. O próprio presidente Geisel mencionou essa esperança num discurso de duas semanas atrás. Mas o que se conseguiu, afinal, foi somente a abstenção de um respeitável lote de emedebistas no debate sobre o futuro dos biônicos.

Em todo caso, a segurança de que a maioria parlamentar está neste momento livre de tentações dissidentes foi documentada na quarta-feira passada pelo secretário particular de Geisel, professor Heitor de Aquino Ferreira, que passou por todas as fases do debate sentado na tribuna dos jornalistas sem deixar transparecer qualquer sinal de dúvida. Ele só retirou-se no final da votação, quando o deputado gaúcho Alceu Collares dava-se o trabalho de ler para os anais do Congresso uma declaração de dez laudas datilografadas em espaço um, pela qual o MDB protestava contra o sistema adotado para aprovar as reformas em bloco. A última cena do ritual estava reservada para a manhã seguinte, quando 227 arenistas decretaram a aprovação do projeto no segundo turno regimental. A essa altura não se registraram debates, pois a oposição não foi ao plenário — e ninguém mais cogitava de uma eventual dissidência situacionista. Afinal, todos os parlamentares estavam preocupados com algo mais sério do que testes para o pleito indireto de 15 de outubro: agora, trata-se de cuidar do seu próprio destino político, que será jogado nas eleições de 15 de novembro. •

OS CANDIDATOS

Só uma dúvida

Euler Bentes poderá até desistir?

No começo da semana passada, como em tantas outras vezes, o general Euler Bentes Monteiro rechaçava os rumores de que iria desistir da eleição presidencial indireta de 15 de outubro. "Esses boatos", acusava, "são patrocinados por gente interessada na permanente desinformação." Mas, na quarta-feira à noite, a ausência de 41 parlamentares emedebistas no Congresso ajudou a Arena a salvar os mandatos dos futuros senadores biônicos — e, a partir de então, o general Bentes começou a mudar radicalmente o rumo e o tom de seus pronunciamentos. Não, ele ainda não anunciou que desistirá de concorrer à sucessão do presidente Ernesto Geisel. No entanto, deixou clara a sua decepção com o partido ao qual se filiara para poder tentar a sua sorte a 15 de outubro. E, poucas horas antes de viajar a Florianópolis para mais uma incursão eleitoral, na sexta-feira, o general reuniu-se com seus assessores mais próximos e concluiu que "só haverá sentido na minha candidatura se puder contar com o empenho e a coesão do partido".

Nesta terça-feira, em Brasília, o candidato da oposição levará suas queixas aos dirigentes do MDB, os mesmos que há poucas semanas lhe asseguraram que a agremiação estava empenhada e coesa em apressar a transição do regime para a democracia em todas as frentes de luta — o Congresso aí incluído. Como as coisas não se passam exatamente assim, o general parece estar perdendo a confiança no MDB. "Talvez seja possível ainda continuar a peregrinação pelo país como se nada tivesse acontecido", concedia ele, apesar de tudo, no final da semana. Mas é evidente que o objetivo dessa peregrinação tende a ser cada vez menos a eleição presidencial — e cada vez mais o pleito direto de 15 de novembro.

"APENAS UMA FICÇÃO" — As desventuras do general Euler Bentes ha-

AMICUCCI GALLO

Bentes: o MDB decepcionou

viam começado já na segunda-feira à noite, quando ele tomou a decisão — criticada depois por algumas vozes do próprio MDB — de não comparecer a um debate com os estudantes da Universidade de Brasília, programado para o dia seguinte, depois de receber um telegrama do reitor da UnB, capitão-de-mar-e-guerra José Carlos de Azevedo, advertindo-o de que "o convite que lhe foi feito partiu de órgão sem existência legal" — o diretório estudantil da universidade. "Não podíamos começar melhor a semana", comentaria um assessor do general João Baptista Figueiredo. Não lhe faltariam outros motivos para comemorar.

Com efeito, na quinta-feira, na residência do deputado ex-frotista Sinval Boaventura, Figueiredo completou uma série de onze jantares e almoços com parlamentares da Arena — uma maratona gastronômica que em poucas semanas o pôs em contato com praticamente todos os deputados e senadores do partido, os mesmos que formam a coluna de sustentação política do colégio eleitoral de 15 de outubro. Esse trabalho de aproximação, aparentemente bem-sucedido, levaria um auxiliar de Figueiredo a concluir, eufórico: "A candidatura Euler Bentes tornou-se apenas uma ficção". •

JUSTIÇA

Absolvidos

Não havia provas no processo do Partido Comunista

Como aconteceu quarenta anos atrás, no mais importante julgamento político do Estado Novo, o advogado católico Heráclito Fontoura Sobral Pinto, de 84 anos, compareceu na semana passada diante de um juiz militar para defender aquele que certamente é o mais antigo de seus clientes: Luís Carlos Prestes, de 80 anos, secretário geral do proscrito Partido Comunista Brasileiro. Desta vez, Prestes não estava no banco dos réus. Mas suas irmãs, Lygia e Heloísa, juntaram-se à centena de pessoas que ouviu, na tarde de quarta-feira, a sentença proferida pelo juiz-auditor, absolvendo ou declarando prescritas as penas de todos os 65 acusados de terem participado do IV Congresso do PCB, em 1967.

O promotor, José Coelho Teixeira, pretendia enquadrar 54 deles na atual Lei de Segurança Nacional — embora o crime só pudesse ter sido cometido na vigência da lei anterior, mais branda e cujas penas já prescreveram. Ao longo dos dois dias de julgamento, não faltaram alguns momentos de emoção. Oito dos réus estão desaparecidos* e um outro, o professor Antônio Mourão Filho, já morreu. O acusado Dimas Perrin fez sua própria defesa, relatando as torturas que teria sofrido durante o período em que esteve nas dependências do DOI/CODI. "Fui mantido nu, com capuz e algemado durante onze dias", contou ele. "Torturado barbaramente, com choques elétricos por todo o corpo, assinei a confissão que prepararam."

Lygia e Heloísa: as irmãs de Prestes . . .

. . . no julgamento do PCB

TELEGRAMA — Além da sentença absolutória, a decisão do juiz-auditor, capitão-de-fragata Sérgio Berthoni, de ordenar uma investigação para apurar as torturas denunciadas no julgamento, foi considerada uma vitória muito importante pelos dezoito advogados encarregados da defesa. Quanto aos desaparecidos, porém, o tribunal foi mais reticente, indeferindo o pedido de abertura de inquérito para apurar o paradeiro dos acusados, por julgar não haver indícios suficientes de que eles possam ter sido vítimas dos órgãos de segurança. A jornalista Beatriz Bonfim, filha de Orlando Bonfim, um dos desaparecidos, diz que seu pai vivia na clandestinidade desde 1964. No dia 9 de outubro de 1975, ela recebeu um telefonema anônimo, informando-a de que Bonfim fora preso. Desde então, nunca mais teve notícias dele.

O caso de David Capistrano é diferente, segundo sua filha, Carolina, que também compareceu ao julgamento. Cearense, militante comunista, Capistrano exilou-se na Checoslováquia em 1971. "Três anos depois, velho e cansado, estava disposto a voltar", lembra Carolina. "Entrou no país ilegalmente, por Uruguaiana, no dia 16 de março de 1974. Lá, foi recebido por um amigo, José Roman, e chegou a nos passar um telegrama, dizendo que estava tudo bem. Mas nunca chegou em casa, nem ele, nem o amigo."

O processo julgado na quarta-feira criou uma expectativa otimista pelo menos para Maria Nazareth Cunha da Rocha, a primeira banida a voltar oficialmente ao país. Excluída da lista de acusados para ser julgada separadamente, ela deverá se beneficiar da sentença proferida na semana passada. O mesmo não podem dizer as irmãs de Prestes, que, apesar de absolvido agora, tem outras penas para cumprir. "Para o velho, só mesmo a anistia", declarou dona Heloísa. •

---

* *Os desaparecidos são: David Capistrano da Costa, João Macena Mello, Orlando Rosa Bonfim Jr., Elson Costa, Itair José Veloso, Jayme Amorim Viana, Luís Ignacio Maranhão Filho e Hiran de Lima Pereira.*

ACORDO NUCLEAR

Tiro torto

Der Spiegel *errou. Mas o debate é necessário*

Uma suspeita instalou-se na semana passada nos gabinetes oficiais de Brasília e do Rio de Janeiro onde se decide a política energética do país: existe uma conspiração contra o programa nuclear brasileiro. Não é a primeira vez que isso acontece. A mesma suspeita circulou com igual desenvoltura nesses ambientes no decorrer do ano passado quando o governo americano, impelido pela cruzada antiproliferação nuclear do presidente Jimmy Carter, tentou fazer com que o Brasil desistisse da idéia de comprar uma usina de reprocessamento de urânio — o item mais controvertido do seu dispendioso negócio nuclear com a Alemanha. Desta vez, porém, a teoria conspiratória não foi reavivada por alguma maquinação diplomática de Washington, mas por uma inepta, apaixonada reportagem de seis páginas publicada na última edição do semanário alemão *Der Spiegel* (circulação: 1 milhão de exemplares), segundo a qual o empreendimento nuclear a que se lançou o Brasil ameaça de ir à falência.

AE

Angra: para Der Spiegel, a caminho da falência

A reportagem é um apimentado cozido de fatos verdadeiros já sabidos, meias-verdades, acusações vagamente fundamentadas ou simplesmente falsas. Não há nada de novo, por exemplo, na informação de que Angra I e Angra II, as duas primeiras usinas do programa, estão atrasadas e vão custar mais caro do que se previa porque os técnicos descobriram tardiamente que as más condições do subsolo da praia de Itaorna, em Angra dos Reis (RJ), onde estão sendo construídas, exigiam obras adicionais de estaqueamento. Mas não há evidência alguma de que o edifício do reator de Angra I, a usina fornecida pela Westinghouse americana, esteja adernando "como um saca-rolhas" nas

"Melhor gastar mais para dormir em paz"

O ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, acha que "há coisas mais importantes a fazer" do que rebater as acusações publicadas por *Der Spiegel.* Para ele, o programa nuclear é "necessário, viável e irreversível", como disse na última quinta-feira, em Brasília, ao receber o repórter Jaime Sautchuk, de VEJA, para esta entrevista.

VEJA — *Foi um erro localizar as primeiras usinas nucleares em Itaorna?*

UEKI — O local foi escolhido pelos técnicos brasileiros e americanos encarregados dos estudos para a implantação da usina Angra I. Eles concluíram que, entre as várias áreas selecionadas, essa era a que apresentava as melhores condições para o projeto.

VEJA — *Mas por que aqueles estudos não revelaram os problemas geológicos de Itaorna, como a existência de pedra solta poucos metros abaixo da superfície?*

UEKI — Esse não é um fato tão anormal assim. Em toda obra de construção civil, o nível de detalhamento do projeto aumenta à medida que os trabalhos evoluem — e os engenheiros adaptam o projeto a cada situação nova que surge.

VEJA — *Em outras palavras, o aumento do número de estacas para a usina Angra II, em conseqüência dessa dificuldade, é apenas uma "adaptação a uma situação nova"?*

UEKI — É preciso lembrar que as normas alemãs de segurança são mais rígidas que as americanas, no caso de obras civis para o setor nuclear. Além disso, a capacidade maior de Angra II em relação a Angra I significa que se trata de uma usina mais pesada, que exige fundações mais resistentes. Localizados os matacões, perfurou-se mais fundo, até encontrar-se rocha. É preferível gastar mais dinheiro nas fundações e dormir sossegado, não é?

VEJA — *Por que a Construtora Norberto Odebrecht foi contratada sem concorrência pública para fazer as obras civis de Angra II?*

UEKI — A Construtora Norberto Odebrecht ganhou a concorrência para Angra I e seu desempenho nessa obra levou o governo a contratá-la para a usina seguinte. A construção civil no setor nuclear tem peculiaridades que exigem certa experiência e a Odebrecht já tinha experiência no setor. Além do mais, achou-se conveniente que houvesse apenas uma empresa construtora no canteiro de obras.

VEJA — *Mas, se a Construtora Norberto Odebrecht tinha experiência, recursos e já estava lá, não ganharia facilmente uma concorrência que tivesse sido aberta para Angra II?*

UEKI — É... Acho que sim.

AUREMAR DE CASTRO

Ueki

areias de Itaorna. Nada prova tampouco a afirmação da revista de que cada estaca fincada para sustentar Angra II custe 250 000 dólares, "o preço mais caro do mundo". Os porta-vozes de Furnas, a subsidiária da Eletrobrás responsável pela construção e futura operação da usina, exibem cálculos segundo os quais, "na pior das hipóteses", o preço médio de cada uma das 216 estacas do prédio do reator será de 50 000 dólares.

OS 296 MILHÕES — *Der Spiegel* insinua ainda que dois ministros brasileiros, o da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, e o da Indústria e do Comércio, Ângelo Calmon de Sá, teriam usado sua influência a fim de beneficiar duas empresas envolvidas no programa — a consultora Cobrel, que presta serviços à Westinghouse, e a Construtora Norberto Odebrecht, encarregada das obras civis de Angra I e Angra II. A revista lembra que a Cobrel pertence ao Banco Bozzano, Simonsen, do qual o ministro da Fazenda é um dos acionistas. E que a Odebrecht, contratada sem concorrência pública para Angra II, já teve como chefe o atual ministro da Indústria e do Comércio. Prontamente, na última segunda-feira, Simonsen explicou que a Cobrel foi comprada pelo Banco Bozzano, Simonsen em 1973, nove meses depois da assinatura do contrato entre Furnas e a Westinghouse para a construção de Angra I. Na mesma segunda-feira, Calmon de Sá informou ter-se desligado da Construtora Odebrecht há doze anos.

Em todo caso, restaria esclarecer efetivamente por que o governo dispensou a realização de concorrência pública para os trabalhos civis de Angra II. A VEJA, o ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, disse que a Odebrecht foi escolhida porque "já tinha experiência no setor" *(veja o quadro)*. Mas a mais sensacional — e mais arbitrária — acusação de *Der Spiegel* se refere a 296 milhões de dólares, dos 400 milhões que o Brasil já teria pagado à Alemanha por transferência de tecnologia nuclear, que teriam simplesmente desaparecido. Na verdade, como as fontes oficiais explicaram na semana passada, nem o Brasil desembolsou ainda os 400 milhões de dólares mencionados pela revista nem os 296 milhões tomaram rumo incerto. Houve, apenas, uma diferença na maneira como a Nuclebrás e o Instituto Nacional de Propriedade Industrial contabilizaram as despesas com a importação de tecnologia e serviços para o programa nuclear.

BARRICADAS DE SILÊNCIO — Com todos os seus equívocos, a reportagem do semanário alemão acabou levando à reabertura do debate sobre a política nuclear posta em prática pelo atual governo. A rigor, essa discussão nem chegara a alçar vôo, em primeiro lugar por causa das barricadas de silêncio erguidas pelo Ministério das Minas e Energia e pela Nuclebrás em torno do acordo assinado com a Alemanha, no qual se baseia o programa nuclear do país. Além disso, as pressões americanas contra os aspectos ditos sensitivos do acordo inibiram a crítica às opções oficiais nesse campo. Por fim, a entrada em cena das grandes questões políticas fez com que o tema ficasse praticamente esquecido.

É um vasto, complexo debate. Trata-se de saber com certeza, por exemplo, se o país precisa mesmo de um programa tão ambicioso e tão caro. E, mesmo que a resposta seja positiva, "porque não há outra alternativa à vista", como assegura o presidente da Nuclebrás, Paulo Nogueira Batista, estará sendo ele adequadamente conduzido? Na última quinta-feira, por iniciativa do MDB, constituiu-se no Senado uma comissão parlamentar de inquérito sobre a política nuclear brasileira. É de esperar que a CPI consiga ao menos desembaralhar o problema — e que, ao serem convocados a depor no Congresso, os responsáveis pelo império nuclear em construção no país não se sintam vítimas do que alguns deles descrevem como mais uma "conspiração de interesses econômicos e políticos contrariados". •

ESQUADRÃO

Mais crimes

Policiais mineiros são acusados de matar

Não permitir sobreviventes para não enfrentar testemunhas sempre foi a regra de ouro do "esquadrão da morte", onde quer que este grupo criminoso tenha se organizado. Uma lição que parece não ter sido aprendida pelos policiais mineiros. E os efeitos práticos dessa negligência viriam à tona, de forma dramática, na semana passada, quando, no fundo de uma gruta do município de Matozinhos, a 53 quilômetros de Belo Horizonte, onde havia sido abandonado como morto, o jovem José Paulo de Almeida ressurgiu para acusar os policiais militares autores da malfadada tentativa de execução.

Baleadas à queima-roupa, as vítimas seriam, de acordo com o lugar-comum empregado pela polícia em todos os locais onde age o "esquadrão da morte", membros de diferentes quadrilhas de assaltantes em guerra. Na última quinta-feira, porém, os jornais mineiros noticiariam com destaque a história de Almeida, que escapou de ser a oitava vítima dessa alegada guerra de bandidos. Preso no dia 18 pela Polícia Militar, Almeida foi levado por seus captores para uma gruta em Matozinhos. "Lá, eles me mandaram descer do Fiat e um dos homens me deu um tiro no pescoço", contou ele a um morador da região, que o encontrou vagando pelo campo na madrugada seguinte. "No fundo do buraco ouvi um dos policiais perguntar: 'Será que ele morreu mesmo?'."

MAURO HOMEM/ESTADO DE MINAS

Almeida: enfim, um sobrevivente

O inadvertido sobrevivente não seria, porém, a única pessoa a denunciar publicamente, na semana passada, a participação de policiais na execução de marginais em Minas Gerais. Com uma carta do pintor Antônio Eustáquio Santos, 28 anos, o advogado Odilon Pereira Souza acusa policiais da Delegacia de Furtos e Roubos de Belo Horizonte de participarem de outra chacina. Mesmo preso, o pintor fez chegar às mãos de sua esposa, Maria Antônia, uma carta em papel timbrado da delegacia acusando os detetives José Maria, Joãozinho e Daniel de pretenderem matá-lo.

Maria Antônia já havia contratado o advogado, que impetrou ***habeas corpus*** numa das varas criminais de Belo Horizonte. Os policiais, todavia, recusaram-se a admitir a prisão do pintor. No dia 12, já de posse da carta, o advogado insistiu para que se apurasse o paradeiro do preso. Três dias mais tarde, os jornais informavam que o pintor Antônio Eustáquio Santos havia sido encontrado na estrada que leva à cidade de Nova Lima, com um tiro na cabeça. •

PESQUISA NACIONAL VEJA/GALLUP

A Arena sai na frente

Os primeiros resultados da pesquisa feita pelo Gallup, colhidos antes da abertura oficial da campanha, favorecem o partido do governo

Se as eleições parlamentares de 1978 tivessem sido realizadas entre os dias 10 e 15 de setembro, o presidente Ernesto Geisel poderia transformar em realidade um de seus mais conhecidos sonhos políticos: terminar o seu mandato com um expressivo triunfo nas urnas. A Arena teria 43% dos votos para a Câmara Federal, contra 35% do MDB. Além disso, o partido do governo conservaria uma folgada maioria no Senado — elegendo, de quebra, bancadas majoritárias nas assembléias legislativas de quase todos os Estados. É isso o que revela a pesquisa de opinião encomendada por VEJA ao Instituto Gallup, que espalhou centenas de entrevistadores por 150 cidades de todo o país, escolhidas por sorteio, em busca das atuais tendências dos 42 milhões de eleitores.

Ao lado desses resultados gerais, algumas surpresas talvez justifiquem comemorações especiais por parte dos arenistas. Nos Estados do sul, por exemplo, a Arena registra sua maior vantagem em território nacional — o que pode sugerir a inversão da maré oposicionista observada no pleito de 1974 no Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Mais surpreendente ainda, os resultados colhidos pelo Gallup demonstram que os gaúchos tendem a sufragar majoritariamente os candidatos arenistas à Assembléia e à Câmara Federal, embora prefiram o emedebista Pedro Simon para o Senado. Outra surpresa é a boa votação da Arena nas cidades médias — tendência particularmente estimulante para um partido que parecia condenado, desde 1974, a só obter vitórias insofismáveis em minúsculos centros urbanos ou em zonas marcadas pela presença do eleitorado rural.

Para os arenistas, as boas-novas não

CÂMARA FEDERAL

Intenção de voto por Estados (em %)

PARTIDOS	TOTAL NACIONAL	R. Janeiro	S. Paulo	R.Gde do Sul	M. Gerais	Bahia	Pernambuco	Paraná	OUTROS ESTADOS
ARENA	43	28	27	42	43	55	71	59	45
MDB	35	46	51	37	35	22	16	22	30
INDECISOS	22	26	22	21	22	23	13	19	25
BASES	5 161	692	785	522	569	542	566	541	944

LAÉRCIO DANGELO/SSAOKA

Quase igual a 1974

Em relação à Câmara Federal, a pesquisa mostra índices muito próximos aos de 1974, quando 41% dos votos válidos de todo o país foram para a Arena e 38% para o MDB. Na pesquisa, dos 78% entrevistados que já optaram por uma legenda, 55% pretendem votar na Arena e 45% no MDB.

As mudanças mais notáveis são as do Paraná e do Rio Grande do Sul, Estados em que aumentaram visivelmente os eleitores arenistas — que agora são ainda menos abundantes em São Paulo. No Rio de Janeiro, a Arena vai diminuindo a diferença que a separa do partido da oposição, que por sua vez torna-se menos minoritário em Minas Gerais e na Bahia. E em Pernambuco permanecem as mesmas proporções de 1974, com uma vantagem bastante clara da Arena.

SENADO

Intenção de voto em 7 Estados (em %)

R. Janeiro	S. Paulo	R.Gde do Sul	Paraná	M. Gerais	Bahia	Pernambuco
Nelson Carneiro (MDB) 32	Franco Montoro (MDB) 55	Pedro Simon (MDB) 49	Túlio Vargas (Arena) 42	Tancredo Neves (MDB) 28	Lomanto Junior (Arena) 54	Nilo Coelho (Arena) 36
Sandra Cavalcanti (Arena) 23	Cláudio Lembo (Arena) 9	Mariano da Rocha (Arena) 20	José Richa (MDB) 19	Israel Pinheiro Filho (Arena) 26	Rômulo de Almeida (MDB) 10	Cid Sampaio (Arena) 29
Vasconcelos Torres (Arena) 13	Fernando Henrique (MDB) 8	Mário Ramos (Arena) 19	Enéas Farias (MDB) 12	Fagundes Neto (Arena) 6	Newton Campos (MDB) 6	Jarbas Vasconcelos (MDB) 16
Benjamin Farah (MDB) 7		Gay da Fonseca (Arena) 4		Achiles Diniz (MDB) 2	Hermógenes Príncipe (MDB) 3	
Rafael de Magalhães (Arena) 2				Alfredo Campos (MDB) 2		
Ário Theodoro (MDB) 2						
Indecisos 21	Indecisos 28	Indecisos 8	Indecisos 27	Indecisos 36	Indecisos 27	Indecisos 19

LAÉRCIO D'ANGELO/ASSAOKA

Em Minas, empatou

É importante assinalar que, para o Senado, ganha o candidato mais votado do partido que obtiver maior número de sufrágios. Por isso, no Rio, graças à recente desistência de Benjamim Farah, venceria Sandra Cavalcanti e não Nélson Carneiro. Da mesma forma, em Minas haveria um empate. Deve-se observar, porém, o alto índice de indecisos nesse Estado — talvez explicado pelo temperamento dos mineiros, pouco propensos a revelar seu voto. Independente da legenda, por enquanto o mais votado é Franco Montoro, em São Paulo, seguido de perto por Lomanto Júnior, na Bahia (onde, aliás, Hermógenes Príncipe, do MDB, desistiu de concorrer). No Rio Grande do Sul, Pedro Simon confirma sua vantagem e, no Paraná e em Pernambuco, a Arena salta à frente com sólida vantagem.

param aí. No Rio de Janeiro, considerado até recentemente o mais sólido bastião emedebista do país, a soma dos votos dos candidatos oposicionistas ao Senado acusa apenas alguns pontos de vantagem sobre os candidatos da Arena.

No caso, porém, as explicações podem ser buscadas nos labirintos que permeiam o MDB fluminense. O futuro governador Chagas Freitas, hoje o todo-poderoso gerente da legenda no Rio, já não parece disposto a carrear seu gordo patrimônio eleitoral para o candidato Ario Teodoro, originalmente lançado pela corrente "chaguista" e contemplado na pesquisa com magros 2% dos votos. É possível que Chagas Freitas, pouco afinado com o "amaralista" Nélson Carneiro, acabe autorizando seus cabos eleitorais a se bandearem para a arenista Sandra Cavalcanti — o que pode tornar rigorosamente imprevisível o desfecho do pleito fluminense.

DEBATE CONGELADO — Deve a Arena, então, cuidar desde já da programação dos festejos? Nada disso. Afinal, as entrevistas coordenadas pelo Gallup foram feitas de 10 a 15 de setembro — antes, portanto, do início oficial da campanha eleitoral, e a quase dois meses de 15 de novembro. Não por acaso, o quadro extraído da pesquisa é bastante semelhante ao esculpido pelas urnas em 1974, quando a Arena obteve 41% dos votos para a Câmara, contra 38% do MDB.

E, em certos aspectos, acusa numerosos pontos de contato também com os resultados do pleito municipal de 1976. "Depois das últimas eleições, o debate político foi praticamente congelado pela maioria da população", ressalva um especialista do Gallup. "Agora, com o início da campanha, o eleitorado vai se interessar cada vez mais pela movimentação dos partidos e dos candidatos, para definir suas preferências eleitorais." De fato, na primeira semana da pesquisa, somente 20% dos entrevistados mostraram saber que haveria eleições em novembro.

Assim, o MDB deverá partir para a caça aos votos quase no mesmo ponto em que estacionou ao cabo das apurações de quatro anos atrás. "A campanha poderá modificar inteiramente o quadro", adverte o mesmo especialista do Gallup. Ele reconhece, todavia, que a velocidade das possíveis mudanças nas preferências populares será certamente inferior à observada em 1974, quando vários candidatos do MDB recorreram com êxito ao uso intensivo do rádio e da TV — que lhes seriam subtraídos, menos de dois anos depois, pelo advento da "lei Falcão". Naquele pleito, registraram-se alguns casos exemplares. Foi assim em São Paulo, onde o quase desconhecido candidato Orestes Quércia ultrapassou o franco favorito Carvalho Pinto, ex-governador

e então considerado o grande trunfo da Arena, depois de apenas algumas semanas de elaboradas aparições no vídeo. Em Pernambuco, também em 74, o arenista João Cleofas não pôde resistir à escalada televisiva do oposicionista Marcos Freire. Por sinal, Freire obteve expressiva votação na vizinha Paraíba, onde são captadas as emissoras de TV do Recife.

Com a "lei Falcão", as coisas se tornam bem diferentes — e Pernambuco, mais uma vez, configura um bom exemplo. Os candidatos da Arena ao Senado são os ex-governadores Nilo Coelho e Cid Sampaio, largamente conhecidos entre o eleitorado pernambucano. Por sua vez, o MDB lançou o deputado federal Jarbas Vasconcelos, expoente do chamado "grupo autêntico", que tem menos de dois meses para difundir sua figura e suas idéias. Sem a televisão, trata-se de empreitada aparentemente inviável, que Vasconcelos no entanto persegue à base de uma estafante seqüência de comícios por todo o Estado. Também os candidatos à Câmara Federal e às assembléias legislativas, em todo o país, mostram-se aflitos com as conseqüências da "lei Falcão": bloqueados os meios de comunicação de massa, como levar mensagens a milhões de eleitores? É verdade que, ao contrário do que ocorria em 1974, hoje os jornais e revistas estão livres da ação da Censura — e estimulam um debate eleitoral benéfico para os candidatos, sobretudo oposicionistas. Sucede que jornais e revistas, somados, alcançam uma área bastante inferior à coberta pelas emissoras de rádio e TV.

RECORDE IGUALADO — De cada nove entrevistados pelo Gallup que já escolheram o partido em que votarão, oito ainda não definiram seus candidatos. E, mesmo com a previsível intensificação da temporada de caça aos eleitores, é provável que o bloco de cidadãos que optam exclusivamente por partidos represente um ponderável contingente nas apurações de novembro. Não é difícil que em alguns Estados se repitam cifras de 1974 — em São Paulo, por exemplo, naquele ano, cerca de 1 milhão de eleitores votaram na legenda do MDB, sem especificar candidatos. A pesquisa sugere, de todo modo, que a sigla oposicionista pode ter perdido um pouco do antigo fascínio.

Não que o quadro eleitoral se mostre especialmente complicado para o partido da oposição. Os primeiros resultados da pesquisa — embora não coonestem previsões que apontavam maiorias emedebistas na Câmara dos Deputados e, talvez, no Senado — também reservaram surpresas agradáveis para a legenda. Na Paraíba, graças sobretudo a rachaduras aparentemente irreparáveis no edifício arenista *(veja a reportagem na página 34)*, o deputado federal Humberto Lucena, principal candidato do MDB ao Senado, vai levando de vencida o governador (desincompatibilizado do cargo para a campanha) Ivan Bichara. No Ceará, onde a Arena teve de improvisar como candidato ao Senado o inexperiente José Lins de Albuquerque, o MDB tem chances de repetir o feito de 1974, desta vez elegendo o deputado Chagas Vasconcelos, que lidera a votação. E em Santa Catarina, embora em desvantagem para a Câmara e a Assembléia, o MDB ocupa a dianteira na corrida pela vaga senatorial, liderada pelo deputado federal Jaison Barreto.

Em São Paulo, apesar do esfuziante otimismo do futuro governador Paulo Salim Maluf, o MDB ensaia uma reprise do estrondoso triunfo de quatro anos atrás, graças à forte penetração popular do senador Franco Montoro, candidato à reeleição. Atualmente com 55% das preferências — o mais alto índice em todo o país —, Montoro pode ultrapassar em novembro a barreira dos 5 milhões de votos, igualando o recorde estabelecido por Orestes Quércia em

CÂMARA FEDERAL

Intenção de voto por cidades (em %)

PARTIDOS	TOTAL NACIONAL	DISTRIBUIÇÃO POR TAMANHO DE CIDADES				
		CAPITAIS	Acima de 100 000 eleitores	50 001 100 000 eleitores	10 001 50 000 eleitores	Até 10 000 eleitores
ARENA	43	34	29	45	46	63
MDB	35	43	41	35	33	19
INDECISOS	22	23	30	20	21	18

BASES	692	785	522	569	542	566	541

LAÉRCIO D'ANGELO/ASSAOKA

Redutos de cada um

O MDB vence nas capitais e nos grandes centros urbanos — aqui, por sinal, é bem mais elevado o índice de indecisos. Essa tendência favorável à oposição se inverte já nas cidades médias (com 10 000 a 50 000 eleitores). A vantagem da Arena se torna especialmente acentuada nas pequenas cidades, uma tendência já observada nas eleições de 1970 e 1974 e amplamente confirmada no pleito municipal de 1976. É certo que a melhor oportunidade do MDB para reverter os números globais para a Câmara está nas cidades médias, onde a oposição ainda se mostra frágil.

1974. Diante de tão poderoso adversário, não surpreende que a votação do arenista Cláudio Lembo oscile em torno dos 9%, apenas um ponto acima do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, o segundo candidato do MDB.

TRUNFOS E BANDEIRAS — A disputa promete emoções especiais em pelo menos dois grandes Estados — Minas Gerais e Paraná. O arenista paranaense Túlio Vargas, vigorosamente apoiado pelo ex e futuro governador Ney Braga, pelo atual governador Jayme Canet Júnior e pelo ex-dissidente Paulo Pimentel, reúne por enquanto 42% das preferências. E só será ameaçado pela dupla adversária, formada pelo ex-prefeito de Londrina José Richa e pelo deputado Enéas Farias, se a pregação oposicionista sensibilizar a massa de 27% de indecisos.

Da mesma forma, em Minas os candidatos certamente se interrogam sobre o que farão 36% de eleitores, que se mantêm mineiramente silenciosos. Por enquanto, a trinca emedebista comandada pelo deputado Tancredo Neves e a dupla arenista composta pelo ex-secretário da Indústria e do Comércio Fagundes Neto e pelo surpreendentemente bem votado Israel Pinheiro Filho, herdeiro do ex-governador pessedista, estão empatadas com 32% das preferências. Convém, portanto, desfraldar o quanto antes eficazes bandeiras eleitorais — e recorrer aos trunfos disponíveis — para a indispensável conquista dos indecisos.

Do lado da Arena, a mais vistosa bandeira talvez seja a fornecida pelas reformas políticas aprovadas na semana passada pelo Congresso, e que podem sugerir ao partido as sedutoras palavras de ordem democráticas que lhe faltaram no passado. E sempre existem, por outro lado, as máquinas administrativas estaduais, que começam a funcionar a plena carga na sustentação de campanhas arenistas. É a temporada das nomeações em massa, das inaugurações festivas, do bombardeio propagandístico através dos meios de comunicação e da autorização de obras há tempos reclamadas por populações do interior.

COMITÊ NO SUPERMERCADO — Além do mais, a Arena planeja explorar as perplexidades e contradições da federação de oposições aglomeradas no MDB. Sempre rende votos, por exemplo, lembrar ao eleitorado que o MDB, ao mesmo tempo que inclui em seu programa a permanente execração das eleições indiretas e defende o retorno do poder aos civis, aceita participar do pleito indireto para a Presidência da República — e apresenta como seu candidato um general. É de todo conveniente aos arenistas, também, recordar que o MDB aceitou a vaga biônica para

o Senado que foi ofertada à seção fluminense do partido. Finalmente, um eventual aguçamento das tensões sociais — manifestado talvez em movimentos grevistas de que resultem elevações na temperatura política — pode transferir para o eleitorado arenista fatias das camadas médias da população, mais sensibilizadas nos últimos pleitos com os apelos liberais do MDB.

"Tudo isso poderia melhorar a situação eleitoral da Arena", admitiu para VEJA, na sexta-feira passada, um dos principais chefes do partido no Rio Grande do Sul. Ele próprio, contudo, faz uma sincera ressalva: "O problema é que a oposição tem um comitê eleitoral terrível, fulminante, que funciona todo o ano, em toda parte, e liquida qual-

ASSEMBLÉIAS LEGISLATIVAS

Distribuição dos votos em 7 Estados (em %)

PARTIDOS	R. Janeiro	S. Paulo	R.Gde do Sul	M. Gerais	Bahia	Pernambuco	Paraná
ARENA	31	28	51	47	56	71	62
MDB	46	50	25	31	22	17	19
INDECISOS	23	22	24	22	22	12	19
BASES	692	785	522	569	542	566	541

LAÉRCIO D'ANGELO/ASSAOKA

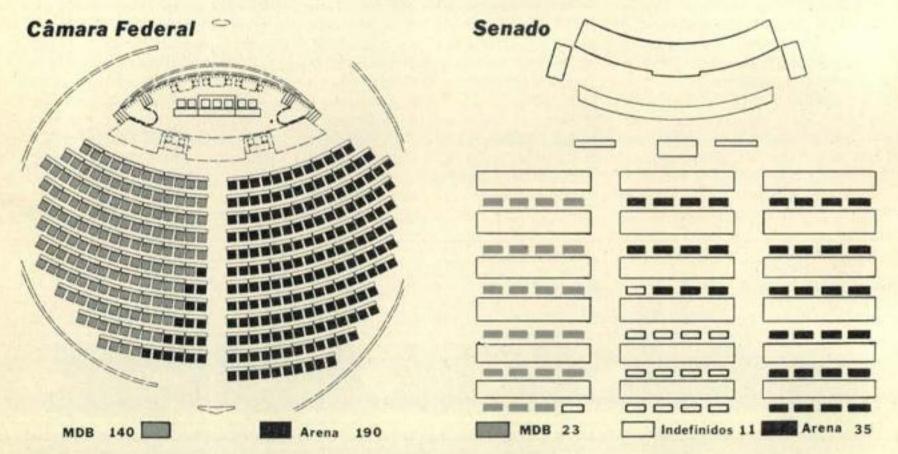
A luta nos Estados

A grande surpresa é o Rio Grande do Sul, que confere à Arena mais que o dobro dos votos destinados ao MDB. Na Bahia e em Minas, repetem-se tendências já manifestadas nas eleições de 1974. Da mesma forma, o MDB conserva praticamente intactas suas fortalezas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Essa vantagem, entretanto, é descontada pela força da Arena no Paraná e em Pernambuco, que também acusam o mais baixo volume de indecisos do país. Caso persistam as tendências detectadas em Pernambuco, ali deverá ocorrer a mais dilatada vitória da Arena em todo o país.

quer eleição a favor do MDB". Que comitê seria esse? "O supermercado", explica o líder arenista. "O caderno do armazém mata todas as vantagens que os equívocos do MDB nos tinham dado. A inflação está sempre contra a Arena." Para ele, a alta do custo de vida vai acabar barrando o aparente avanço arenista. "Continuo achando que o Simon ganha com uns 600 000 votos de diferença, permanecendo na Câmara e na Assembléia a mesma situação de agora, com o MDB em vantagem", prognostica o chefe arenista gaúcho.

FAIXA EXCLUSIVA — Em pleitos recentes, com efeito, a espiral inflacionária funcionou como decisivo cabo eleitoral de oposicionistas. Mas, se até agora vinha dividindo com bandeiras institucionais o centro dos palanques do MDB, a crítica da política econômica do governo promete ocupar hegemonicamente a cena eleitoral. Com a aprovação das reformas e a virtual liquidação das leis de exceção postadas até recentemente na alça de mira dos oposicionistas, a artilharia do MDB deve ser concentrada sobre alvos eleitoralmente mais proveitosos. "O AI-5 vai passar para segundo plano", vaticinou para VEJA, semanas atrás, um deputado da Arena de São Paulo que é candidato à reeleição. "Culpar o governo pela alta do custo de vida traz muito mais votos."

Na verdade, o repertório de temas dos candidatos emedebistas parece bem mais vasto que o dos arenistas. E, mesmo com a entrada em cena das reformas políticas, permanecem à disposição do partido da oposição bandeiras institucionais de expressivo apelo eleitoral. Assim, as caravanas da oposição seguirão clamando pelo fim da censura, pela anistia, pela restauração das eleições diretas em todos os níveis e por outras reivindicações que, viáveis ou não, sempre rendem votos. Por sinal, algumas dessas bandeiras vêm sendo ostensivamente partilhadas por candi-

COMO FICARIA O CONGRESSO

Das 67 cadeiras do Senado, apenas 23 estarão em disputa (Mato Grosso do Norte preencherá duas vagas, já que os atuais senadores optaram pela representação de Mato Grosso do Sul). É que 22 senadores (16 do MDB e 6 da Arena) têm ainda quatro anos de mandato, e as 22 vagas restantes foram reservadas aos biônicos, dos quais só o fluminense Amaral Peixoto pertence ao MDB. Nos sete principais Estados incluídos na pesquisa, há rigoroso equilíbrio: a Arena vai vencendo em três deles, o MDB em outros três e em Minas ocorre empate. A pesquisa também registra vantagem arenista em Alagoas, Pará, Maranhão, Piauí e Amazonas, enquanto o MDB vence em Santa Catarina, Paraíba e Ceará. Nos sete Estados restantes, que totalizam oito vagas, as entrevistas já realizadas ainda não permitem previsões. Portanto, se as vagas em disputa e os lugares biônicos tivessem de ser preenchidos agora, a Arena teria 35 senadores, 23 seriam do MDB e 9 cadeiras ficariam indefinidas. Já na Câmara Federal a transformação dos percentuais da pesquisa de intenção de voto por legendas em números absolutos mostra que, se as eleições fossem realizadas na época das entrevistas, a Arena contaria com uma bancada de 240 deputados, contra 180 do MDB. Surpreendentemente, 142 dessas 240 vagas seriam conquistadas pelos arenistas nos sete Estados pesquisados, nos quais os oposicionistas ficariam com 126 lugares. Como seria de se imaginar, o MDB faria uma boa maioria nos dois colégios mais importantes, São Paulo e Rio, perdendo no entanto sua hegemonia no Rio Grande do Sul. A Arena obteria a maior vitória no Paraná, onde em 1974 empatou com o MDB.

datos da Arena em busca de popularidade.

Em Pernambuco, por exemplo, a pregação liberal do ex-governador Cid Sampaio, um dos candidatos da Arena ao Senado, abriu-lhe uma faixa de tráfego exclusiva em direção às urnas de novembro — e que raramente se aproxima do tom conservador que caracteriza a campanha de seu correligionário Nilo Coelho.

Decidido a não se confundir com o programa do partido que lançou sua candidatura, Sampaio agora reivindica um horário à parte para a veiculação, nas emissoras de rádio e TV, das mirradas mensagens permitidas pela "lei Falcão".

Ainda mais desenvolto, o arenista fluminense Rafael de Almeida Magalhães apóia abertamente a candidatura à Presidência do general Euler Bentes Monteiro, e tece em seus pronunciamentos duras críticas ao governo federal. Tal estratégia, por enquanto, tem sido de escassa eficiência: os primeiros resultados da pesquisa realizada pelo Instituto Gallup indicam que Magalhães reúne somente 2% das preferências do eleitorado fluminense.

A campanha, de qualquer forma, está apenas começando — e poderá, em poucas semanas, tornar superadas as cifras inaugurais do levantamento patrocinado por VEJA. Ainda assim, as opiniões formuladas por milhares de brasileiros — sorteados para as entrevistas segundo critérios que levaram em conta seu sexo, idade e classe sócio-econômica — fornecem um precioso indicador do quadro eleitoral no momento em que o país se prepara para renovar um terço do Senado e a totalidade da Câmara e das assembléias. E, talvez mais importante do que a vantagem conferida à Arena, ou a indicação

de que dificilmente se repetirá o vendaval oposicionista de 1974, seja a constatação de que mais de 20% do eleitorado permanece indeciso — certamente à espera de partidos e candidatos que por qualquer razão mereçam seu voto. •

Um dado para informar os leitores

O diretor do Instituto Gallup, Carlos E. M. Matheus, escreveu para VEJA o seguinte artigo, onde defende a publicação dos resultados de pesquisa de opinião pública e analisa sua validade.

Os resultados das pesquisas de opinião pública devem ser publicados. O povo tem o direito de saber o que pensa — dado que, sem o povo, as pesquisas não existiriam. É como devolver ao povo algo que lhe pertence e para o qual contribui. Ainda que nem todos sejam entrevistados (porque as modernas técnicas de amostragem o permitem), qualquer pessoa pode vir a ser chamada a colaborar, a cada momento. Por isso, o povo deve ter o direito de conhecer sempre os resultados das pesquisas feitas com isenção e de acordo com princípios técnicos corretos.

Contudo, os resultados das pesquisas pré-eleitorais — como estes que estão sendo publicados por VEJA — podem ser diferentes dos números apresentados pelas urnas. Com a intensificação das campanhas dos partidos, as pessoas podem se fixar melhor em suas convicções ou mudar de opinião. São famosos alguns casos em que isto ocorreu nos últimos trinta anos. Basta lembrar que Truman, nos EUA, em 1948, ganhou uma eleição que estava perdida quinze dias antes, quando as pesquisas davam a vitória a seu adversário Dewey. Nas eleições de 1970, na Inglaterra, Heath derrotou Wilson, que vencia nas prévias, graças a um discurso sobre a economia britânica nas vésperas do pleito.

Ainda em 1970, os então candidatos do MDB a senador por São Paulo, Franco Montoro e Lino de Matos, tinham até outubro ampla margem nas preferências eleitorais. Em novembro, nos últimos quinze dias de campanha, a Arena lançou uma frase de propaganda muito bem-sucedida — "Diga sim ao Presidente Medici" — e conseguiu eleger seu candidato Orlando Zancaner, além de ameaçar o afinal eleito senador Franco Montoro. Esta mudança ocorreu entre 5 e 12 de novembro de 1970. As pesquisas indicaram essa mudança, da mesma forma que previram a derrota do candidato Lino de Matos, que em outubro era apontado como virtual vencedor. As mudanças podem ocorrer nos últimos dias de campanha, no início da campanha ou podem não ocorrer. Orestes Quércia, em 1974, ultrapassou em São Paulo o favoritíssimo Carvalho Pinto após apenas vinte dias de propaganda eleitoral. Ainda em 1974, no então Estado do Rio, o candidato Roberto Saturnino precisou de somente um mês de campanha para passar à frente nas pesquisas de opinião.

Infelizmente, a legislação brasileira proíbe a divulgação de pesquisas eleitorais às vésperas do pleito, baseada talvez em abusos que possam ter ocorrido no passado. A legislação é injusta, porque privará os brasileiros do conhecimento das mudanças que eventualmente ocorrerem entre os dias 1.º e 15 de novembro. E, além de injusta, a legislação é preconceituosa.

É verdade que os resultados podem mudar, ao longo de uma campanha eleitoral, mas isto se deve à propaganda eleitoral e não à publicação das pesquisas; estas, quando corretamente realizadas, apenas oferecem uma informação a mais ao eleitor (que tem direito a ela) antes de dar o seu voto. O preconceito reside em o legislador temer que a publicação de pesquisas influencie o eleitor. Nesse caso, a propaganda eleitoral e o chamado "trabalho de boca-de-urna" também deveriam ser proibidos, porque influenciam muito mais.

A publicação dos resultados de prévias eleitorais influenciam muito pouco os eleitores. Tanto assim que em 95 de cada 100 eleições em que prévias foram publicadas em diferentes países do mundo, nos últimos trinta anos, as apurações confirmaram integralmente os resultados publicados à véspera. É porque raramente as tendências se modificam apenas na véspera. Na grande maioria dos casos, as tendências anteriores é que se confirmam.

ELEIÇÕES

O ardil entra no ar

As pequenas burlas da "lei Falcão" ajudam os candidatos a dizer o que pensam

Para os telespectadores, os currículos apresentados por alguns candidatos nos programas de propaganda eleitoral gratuita podem até ser tão divertidos como um quadro de Chico Anísio ou mais enfadonhas que o teipe de um jogo de futebol que termina em zero a zero. Para os candidatos às próximas eleições de 15 de novembro, porém, o chamado "Horário Reservado ao TRE" é, acima de tudo, um terrível desafio: como escapar, dispondo apenas de uma foto tipo 3 x 4 e de meia dúzia de frases secas, dos rigores da mal-amada "lei Falcão" e, ao mesmo tempo, transmitir aos eleitores uma plataforma política?

Como já perceberam tanto os telespectadores como os candidatos, trata-se evidentemente de um problema complexo e sem uma solução ideal, exceto com infrações à lei, punidas desde a semana passada pelos tribunais eleitorais de todo o país. Assim, com pequenas burlas e discretos contrabandos capazes de atravessar as vigiadíssimas fronteiras de legislação em vigor — mas às vezes incorrendo em excessos incontornáveis —, cada um vai fazendo o que sua imaginação criadora permite.

DEFINIÇÃO OBSCURA — Um tanto obscura, a "lei Falcão" admite que os candidatos divulguem, nos programas, um *curriculum vitae*. Mas o que significa exatamente isso? Na semana passada, alicerçado numa pesquisa em nove dicionários, o juiz Eliezer Rosa, atendendo a um pedido pessoal do corregedor geral do Tribunal Regional Eleitoral (TRE) do Rio de Janeiro, concluiu que no currículo podem figurar nome completo, filiação, estado civil, grau de instrução, profissão, atividades exercidas, cargos ocupados, obras publicadas e títulos recebidos. É muito pouco, naturalmente. Contudo, baseado nessa definição, o TRE carioca decidiu que a Arena e o MDB estavam confundindo "currículo com plataforma política". Por isso, a partir desta terça-feira, os dois partidos estarão levando ao ar novos programas, onde — apesar de tudo — um dos candidatos ainda poderá anunciar que, como advogado, "defendeu Vladimir Palmeira", antigo líder estudantil. Afinal, não seria, ao pé da letra, uma "atividade exercida"?

Programa eleitoral do MDB gaúcho: impugnado

Pior sorte teve o MDB gaúcho, que deixou de aparecer na TV durante três dias, na última semana, porque sua programação foi denunciada pela Arena ao TRE — que a impugnou. O programa abria com a bandeira branca, preta e vermelha do extinto Partido Trabalhista Brasileiro e, durante a projeção dos candidatos, era tocada, como fundo musical, a composição "Disparada", de Geraldo Vandré. No Paraná, da mesma forma, a Arena pediu a suspensão da propaganda emedebista, sob a alegação de que Enéas Faria, um dos candidatos da oposição ao Senado, definia-se "contra a opressão e a exploração, contra a violência e a corrupção".

"CORAÇÃO ABERTO" — Esses empurrões nos limites da lei são, com freqüência, um dos caminhos possíveis para os candidatos que precisam se atravessar na frente dos favoritos. Essa é a situação do paulista Cláudio Lembo, único pretendente da Arena a uma vaga direta no Senado. Sua foto inicia os programas do partido enquanto a voz de um locutor revela, ao longo de um currículo de 176 palavras, que ele sempre "acreditou na igualdade de oportunidades", "na iniciativa privada" e "na voz do povo, livremente expressa em urnas livres".

Em textos mais curtos, episódios semelhantes repetem-se pelo país. Há candidatos que "participam da luta pela reconstituição das entidades estudantis" e os preocupados "com os problemas que afligem os humildes e os necessitados". Ao lado deles, não faltam os que tentam ligar seu nome ao de políticos comprovados nas urnas, o que faz surgir um ex-secretário de Jânio Quadros em São Paulo, aliados de Ney Braga no Paraná, ex-colaboradores de Miguel Arraes em Pernambuco, amigos de Getúlio Vargas no Rio Grande do Sul e, em Santa Catarina, um candidato que informa aos eleitores ser "casado com a filha do senador Evilásio Vieira" — e tudo isso, diante da "lei Falcão", não deixa de ser uma definição política.

É certo que persistem alguns exageros, como o do candidato paulista que se imagina "profundo conhecedor dos problemas políticos, sociais, econômicos e religiosos do Brasil e do mundo". Ou do pitoresco piauiense que se coloca como "homem de poucas letras, mas com o coração aberto para as aspirações do povo, e que já fez, com brilhantismo, curso de detetive particular na Cidade Maravilhosa".

Reconheça-se, de qualquer modo, que as dificuldades para se conhecer os direitos e deveres dos candidatos diante da atual legislação espalham-se por todas as áreas interessadas na eleição de novembro. Em Minas Gerais, por exemplo, o Tribunal Regional Eleitoral, após uma sisuda exegese da legislação, resolveu limpar os 180 000 postes de Belo Horizonte de qualquer mensagem dos candidatos. No entanto, como perguntou na semana passada uma irritada telespectadora que telefonou para a TV Paranaense de Curitiba, "não seria melhor deixar eles falarem algumas bobagens?" ●

Sem exceção

O arbítrio já não rege todas as impugnações

Uma vaga de impugnações e ameaças voltou a atingir na semana passada, com intensidades variáveis, candidatos de cinco Estados. É certo que essa onda colheu basicamente os desatentos, que haviam se esquecido de detalhes tão importantes, para os rituais da burocracia eleitoral brasileira, como o reconhecimento de firmas em documentos ou a devida anexação de certidões de casamento, indispensáveis ao registro das candidaturas. Apesar disso, as tentativas de veto adquiriram, em certos casos, uma dimensão claramente política. Foi o caso, por exemplo, do sociólogo Fernando Henrique Cardoso, um dos dois candidatos ao Senado pelo MDB de São Paulo, que inadvertidamente se transformou no protagonista do mais discutido episódio da série. Na segunda-feira passada, de fato, o TRE paulista — numa decisão de aspectos inéditos — rejeitou por 5 votos a 1, contra o parecer do relator do processo, a impugnação apresentada pelo procurador regional eleitoral paulista, José Brenha Ribeiro, para quem Cardoso, por ter sido aposentado há menos de dez anos, pelo AI-5, seria inelegível.

Isso, porém, ainda não é o suficiente para assegurar a formalização dessa candidatura oposicionista. Pois, na quinta-feira, enquanto o nome de Cardoso era sorteado para figurar na cédula oficial em segundo lugar, atrás de seu companheiro de chapa André Franco Montoro e à frente do arenista Cláudio Lembo, o procurador tratou de recorrer ao Superior Tribunal Eleitoral, que deverá se pronunciar, provavelmente, até o dia 3 de outubro.

IUGO KOYAMA

Manifestação para Cardoso em São Paulo: uma primeira vitória

BENEFÍCIOS — A impugnação que paira sobre Fernando Henrique Cardoso provocou, na noite da última segunda-feira, a realização de um "ato público" no Teatro Nídia Lycia de São Paulo, promovido por um grupo de intelectuais que o apóiam — com a presença de cerca de 1 500 pessoas. Àquela altura, no entanto, o protesto era simplesmente um ato formal. Horas antes, frente a uma platéia de não mais de que sessenta interessados, o TRE rejeitara a impugnação, num desfecho capaz de emocionar tanto o candidato, que saudou a "vitória democrática", quanto seus advogados Arnaldo Malheiros e Francisco Octavio de Almeida Prado, por verem acatada sua tese de que o aposentado pelo AI-5 não é inelegível. A decisão teve momentos dramáticos, mesmo porque o relator Bomfim Pontes, o primeiro a votar, foi contrário ao registro. Mas, em seguida, após ler com voz pausada durante 35 minutos um parecer de lógica impecável, o jurista Theotônio Negrão, em vez de se basear na legislação de exceção e das jurisprudências criadas em torno dela, citou a Constituição e anunciou que, à sua luz, não existia qualquer impedimento para a candidatura de Cardoso. Seu voto foi acompanhado pelos outros quatro juízes.

Compreensivelmente satisfeito, Cardoso comentava, no saguão atapetado da sala de sessões do TRE, que a impugnação fora benéfica a sua candidatura — graças a ela conquistara um espaço maior nos noticiários e teria atraído as simpatias de uma parcela da opinião pública. No entanto, o recurso a Brasília volta a colocá-la em risco, porque será a primeira vez que o TSE julgará um caso de aposentado há menos de dez anos pelo AI-5 que tenta se candidatar a cargo eletivo.

VAZIO ELEITORAL — De qualquer forma, o acórdão do TRE paulista, alimentado exclusivamente em preceitos constitucionais, não foi uma decisão isolada na semana passada. Em Belém, o TRE do Pará acolheu o pedido de impugnação feito pelo MDB contra as candidaturas do ex-governador Aloysio da Costa Chaves ao Senado, do ex-prefeito da capital Ajax de Oliveira à Câmara dos Deputados e do ex-prefeito de Santarém Paulo Lisboa à Assembléia Legislativa. Por uma margem mais apertada — 4 a 2 —, o Tribunal ignorou o Decreto-lei 1542, que alterou de seis para três meses os prazos de desincompatibilização para os ocupantes de cargos executivos, respeitando os princípios da Constituição. É verdade que o presidente regional da Arena, o vice-governador eleito Gérson Peres, se mostra convicto de que o TSE, ao qual rapidamente recorreu, modificará a decisão. Afinal, teria vindo de fonte credenciada do próprio TSE a informação que garantiu que o governador e os prefeitos poderiam deixar o cargo apenas três meses antes de 15 de novembro.

Na quarta-feira, refletindo esse otimismo, Chaves foi recebido no Palácio do Planalto pelo presidente Geisel, que o aconselhou a não interromper a campanha e chegou a convidá-lo para que o acompanhe numa viagem de inspeção à Transamazônica, prevista para outubro. Além disso, os slides dos três candidatos continuam sendo projetados normalmente nos programas de propaganda eleitoral gratuita. Todos esses fatos são explicáveis. Sem os três impugnados, a Arena não teria condições de preencher o vazio eleitoral que iria se criar: Aloysio Chaves puxaria os votos no Estado, Ajax de Oliveira em Belém e Paulo Lisboa em Santarém, a segunda cidade do Pará.

SEM CANDIDATOS? — As impugnações foram igualmente abundantes em Minas Gerais, com a derrubada de doze candidaturas, embora apenas uma por

motivos políticos: a do ex-deputado estadual petebisda Wilson Modesto, hoje sobrevivendo como jornaleiro ao lado da Assembléia Legislativa, onde tentaria uma cadeira por ter tido em 1966 seu mandato cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos. No Rio Grande do Sul, por motivos diversos, a Arena pediu a impugnação de quatro emedebistas e, em represália, o MDB contra-atacou com o veto a dois arenistas — rompendo-se assim o acordo de cavalheiros firmado entre os presidentes regionais dos dois partidos para que nenhum dos lados tomasse tal atitude. Apesar de tudo, só nesta semana o TRE julgará essas impugnações.

O quadro parece ser mais curioso no Piauí, onde foi negado o registro ao único candidato do MDB ao Senado, Francisco das Chagas Bezerra Rodrigues, em virtude da condenação que sofreu, por crime de peculato, quando ocupava a Prefeitura de Picos, no interior do Estado. Com isso, expressivos setores locais da oposição voltaram a defender a tese de que o partido deve apoiar, na eleição para o Senado, o ex-governador Alberto Silva, inscrito pela Arena. Tal posição assustou a cúpula da Arena liderada pelo senador Petrônio Portella e que tem como candidato ao Senado o ex-governador Dirceu Mendes Arcoverde. Resultado: surgiram pedidos de impugnação tanto para Arcoverde como para Silva, o que abre para os eleitores piauienses a possibilidade de não terem um único nome para votar em 15 de novembro. •

FOTOS ARION CARNEIRO

Tarcísio Burity, Terceiro Neto e Santos Lima: "Missa de réquiem"

A perigo

Dividida, a Arena corre riscos na Paraíba

Tudo indicava que seria uma movimentada reunião. Afinal, tratava-se de sacudir a desunida Arena paraibana, na definição de seu próprio presidente, o deputado estadual Waldir dos Santos Lima, um aglomerado de pessoas que somente pode ser descrita pela sigla "DDD" — "dissidentes, descontentes e desestimulados". Mas, terminado o encontro que o governador-tampão Dorgival Terceiro Neto e seu sucessor Tarcísio Miranda Burity promoveram na noite de segunda-feira passada com os deputados do partido, o que se ouviu foram apenas os comentários desanimados dos arenistas que deixavam o salão nobre do Palácio da Redenção, em João Pessoa. "Acabamos de rezar a missa do réquiem da Arena paraibana", sussurravam alguns deles.

Prevista como uma tentativa desesperada do partido para conseguir um segundo candidato ao Senado que pudesse compensar a tibieza da campanha do ex-governador Ivan Bichara Sobreira, a reunião, que durou pouco mais de uma hora, produziu um frio comunicado de dois parágrafos: "O candidato oficial", sentenciou o futuro governador, depois de acenar com a pena de ostracismo para os que não trabalharem disciplinadamente pelo partido, "é o doutor Bichara". E isso, para a Arena, significa no mínimo um alto risco.

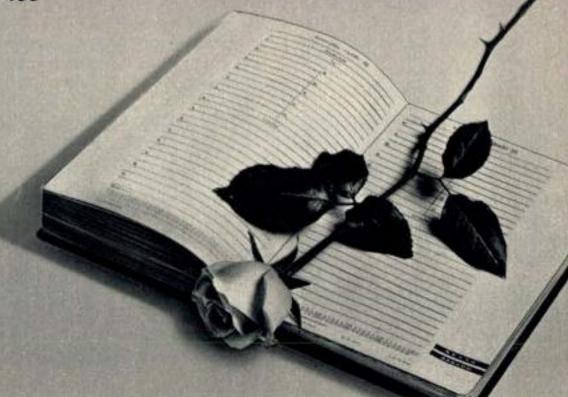
Humberto Lucena em campanha em João Pessoa: esperando o presente

SEM CAMPANHA — A Arena, é certo, lançou um segundo candidato ao Senado, o deputado federal Maurício Brasilino Leite, mas ele está tão pouco interessado no resultado que nem fará campanha: viaja para a França no início de outubro e só pretende regressar a João Pessoa em 14 de novembro. Tudo isso reflete a cisão no partido na Paraíba. Embora antiga, a crise agravou-se após a saída de Bichara do governo — no mês passado — para se desincompatibilizar. Até ali, os dissidentes eram apenas os aliados do deputado Antônio Mariz, derrotado na convenção arenista que escolheu o governador por 28 votos num total de 152 — o grupo de Mariz era composto de onze deputados estaduais e dois federais, que por artes da atual legislação partidária detinham 62 sufrágios na convenção arenista. A partir desse episódio, porém, começaram a surgir os "descontentes" e "desestimulados" com a pouca ressonância popular da candidatura de Bichara. Como eles, os "marizistas" passaram a fazer ▶

O Dia da Secretária

lápis
clipes
tecla
tec tec tec
prezados senhores, vimos por intermédio desta
atenciosamente
está em reunião, está em reunião, está em reunião
tec tec tec
está em reunião, está em reunião
taquigrafia
ditafone
prezado senhor
atenciosamente
bater de novo
bater de novo
bater de novo
está em reunião, está em reunião, está em reunião
hora extra
lanche
tec tec tec
clipes
lápis
dispepsia
tec tec tec
está em reunião, está em reunião, hora extra, lanche, clipes,
lápis, tecla, tec tec tec

AURO S.A.
INDÚSTRIA E COMÉRCIO

Homenagem
das
Agendas
Auro
O banco
de memória
da secretária

campanhas em faixa própria, anunciando que não apóiam nenhum nome para o Senado. Em decorrência disso, Bichara, um médico de 60 anos, não tem conseguido levar a seus palanques mais que uma meia dúzia de parlamentares fiéis.

Se não bastassem tais limitações, Bichara ainda sofreria outro golpe quando, no último dia 9, dois de seus mais importantes correligionários, os ex-governadores Ernâni Satyro e João Agripino, se uniram a Antônio Mariz e aos "marizistas" para anunciar, em grande comício organizado em João Pessoa, que Bichara não merecia os votos dos paraibanos.

O FAVORITO — Diante do quadro sombrio que se formou à sua volta, o outrora pacato professor Burity, empenhado na candidatura de Bichara, passou à ofensiva. "Não permitirei que arenistas façam o jogo do MDB", afirmou ele na semana passada à repórter Terezinha Nunes, de VEJA. Por sua vez, Bichara, encastelado quase todo o dia na ampla residência do deputado federal Teotônio Neto, em João Pessoa, onde montou seu comitê, esforça-se em manter uma postura otimista. "Fala-se só em Arena", diz ele, "e o MDB vai ficando para trás." Apesar disso, calcula-se na Paraíba, inclusive entre respeitáveis arenistas, que o MDB deverá vencer e ganhar uma cadeira no Senado. O presente irá para o deputado federal Humberto Lucena, um advogado de 50 anos, da ala moderada do MDB, mas que lutou pelo lançamento da candidatura do general Euler Bentes Monteiro à Presidência da República.

Sua estratégia eleitoral é das mais simplistas: "Captar os protestos populares contra o governo federal, governo estadual e a própria Arena". Por enquanto, a crise interna da situação parece garantir bons resultados ao projeto. ●

Sem esperança

No Maranhão, o MDB só espera nova derrota

São compreensíveis as preocupações do governo ante a perspectiva de derrota em alguns Estados e, em outros, de uma árdua disputa eleitoral com a oposição no embate de 15 de novembro. Mas isso, por certo, não irá ocorrer no Brasil inteiro. Há lugares em que a vitória da Arena é certa e o caso mais representativo talvez seja o do Maranhão, onde o MDB tem plena consciência de que, mais uma vez, irá perder.

Dias atrás, por exemplo, uma caravana composta pelos principais candidatos emedebistas acampou em Timon, na divisa com o Piauí, onde seria realizado o primeiro "comício-gigante" da campanha. O resultado foi bastante ilustrativo da situação regional do partido: apenas 100 pessoas foram à praça pública. Um mau início? Nem tanto, pelo menos na óptica do candidato único do MDB ao Senado, José Mário Ribeiro da Costa, um economista de 36 anos. Pois ele acredita que poderá obter algo em torno de 250 000 votos, isto é, um terço do eleitorado maranhense, propenso a dar um novo mandato de oito anos ao já senador José Sarney.

LENTA DECADÊNCIA — Sem dúvida, a situação de Costa, um veterano em derrotas eleitorais, que não conseguiu se tornar deputado federal em 1970 e 1974, é quase a de um anticandidato à procura de uma "vitória moral" — tanto que só pretende visitar 53 dos 130 municípios do Estado. "Entrei porque ninguém queria se submeter ao sacrifício", admitiu ele a Luiz Pedro, correspondente de VEJA em São Luís. É possível, em todo caso, que seu esforço recompense a legenda com mais alguns votos, tão necessários a um partido que se habituou a ver reduzido de eleição em eleição o contingente de seus adeptos.

E por que isso acontece? Uma das explicações estaria na própria origem do partido, formado por políticos desgarrados do antigo PSD que se recusaram a acompanhar o falecido cacique Vitorino Freire. Distante das luzes do antigo chefe, que se abrigou na Arena, o grupo adotou, freqüentemente, posturas ainda mais conservadoras que as da situação, sobretudo quando comparados às da ala vinculada a Sarney. Por uma questão de sobrevivência, alguns emedebistas avançaram a nível nacional para atitudes mais desafiadoras — o que significou a cassação de dois deles, os ex-deputados Renato Archer e Cid Carvalho. No plano regional, porém, ocorreu o inverso, com a prática do mesmo estilo de política da época do "vitorinismo". O resultado foi uma lenta decadência do partido, que hoje, mesmo que elegesse todos os seus candidatos, ainda assim não poderia conquistar a maioria na bancada da Assembléia ou na representação da Câmara dos Deputados.

EXPLICAÇÕES? — Na breve história do MDB maranhense, de fato, os números foram sempre parcos. Em 1966, elegeu quatro deputados federais — e dois foram cassados. Em 1970, como ocorreria quatro anos depois, só um garantiu a única vaga. Na Assembléia, uma bancada de quatro deputados em 1970 seria substituída por outra de cinco em 1974, contra 22 da Arena. Para as 36 cadeiras da próxima legislatura estadual, foram lançados não mais que dezessete candidatos — sendo que dois já se retiraram do pleito. Há mais exemplos: embora tenha eleito nove prefeitos em 1976, o partido agora conta com quatro, pois os demais passaram para a Arena, que controla 126 prefeituras.

Explicações? "A situação política é apenas um reflexo da situação sócio-econômica em que o Estado foi jogado pela política de concentração de rendas do governo federal", supõe o presidente regional do MDB, o ex-deputado Domingos Freitas Diniz Neto. Para o deputado estadual Jackson Kepler Lago, as causas não seriam bem essas, mas as fisiológicas raízes do partido no Estado, atraindo os que não puderam ingressar na Arena, como desejavam. E, diante de tudo isso, não restará ao MDB do Maranhão, a 15 de novembro, nada além da perspectiva de um novo fracasso. ●

"Comício-gigante" de Ribeiro da Costa: em busca da vitória moral

RAIMUNDO BORGES

Atenção, todos os carros: para descongestionar a burocracia, a papelada dos veículos agora sai por computador.

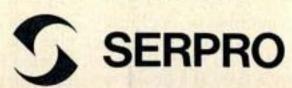
Quantas vezes você já foi, voltou, esqueceu certo papel e ainda teve de deixar para outro dia a documentação do carro?

Esse vaivém está acabando.

O DNER, com o apoio do Serpro, desenvolveu o projeto Polvo para evitar o engarrafamento burocrático, garantindo um atendimento rápido e fácil através do computador.

Mas a coisa vai mais longe.

O projeto Polvo parte de uma central de inteligência com terminais por todos os cantos do País.

Trata-se de um projeto "on-line" para veículos (conjunto de sistemas utilizando teleprocessamento) que permite ao usuário comunicar-se com o computador à distância, de forma imediata (se você perder a 1.ª via da TRU, basta consultar o computador que a 2.ª sai na mesma hora), obtendo toda as informações sobre veículos e proprietários cadastrados no CNVP (Cadastro Nacional de Veículos e Proprietários), bem como dados estatísticos de pagamento da Taxa Rodoviária Única, favorecendo com esse trabalho a delineação de políticas de trânsito, transporte e consumo de combustível.

Sem dúvida é uma tarefa de fôlego.

O Serpro está criando condições, graças à sua tecnologia, para que o Brasil assuma uma nova dimensão.

Tecnologia e informação criando uma nova dimensão para o Brasil.

Sadat, Carter e Begin preparam-se para assinar os acordos (na mão de Vance): os esboços da paz

Internacional

Uma paz sob sombras

Egito e Israel acertaram, em Camp David, dois acordos. Mas restam ainda muitos obstáculos no caminho para a paz no Oriente Médio

Paz! Nas ruas de Telavive, ao longo de toda a última segunda-feira, foi carnaval. "Shalom Aleichem" cantava a multidão, "Que a Paz Esteja Convosco". No Cairo, a animação não era menor. A ordem era construir arcos-de-triunfo. Um, dois, dezenas de arcos-de-triunfo, um em cada uma das principais vias da cidade, para recepcionar o "Grande Herói da Paz", o Rais — o presidente egípcio Anuar Sadat. "A recepção será triunfante, magnificente, histórica", dizia, numa curta mensagem ao correspondente de VEJA em Telavive, Alessandro Porro, uma fonte do governo egípcio.

Em Israel e no Egito, os dois principais contendores nesses últimos trinta anos de conflito no Oriente Médio, a notícia mais aguardada para cada um dos habitantes parecia enfim ter chegado. Paz! E por que não acreditar nela? Todos haviam visto, pela televisão, as cenas inesquecíveis de domingo à noite, 17 de setembro, em Washington. Numa mesa do East Room da Casa Branca, Sadat e o primeiro-ministro de Israel, Menahem Begin, tendo ao meio o presidente americano Jimmy Carter, haviam assinado seus "esboços para a paz" no Oriente Médio. Seguiram-se abraços entre os dois ex-beligerantes, sorrisos.

ALTAS APOSTAS — Com a cerimônia de Washington, realizada de surpresa, encerrava-se a chamada "reunião de Camp David" —uma das mais atípicas conferências de cúpula já realizada no pós-guerra. Durante treze dias, Sadat, Begin e o anfitrião Carter, mais um punhado de assessores, haviam se trancado na propriedade presidencial de Camp David, situada entre as montanhas de Maryland, a 96 quilômetros de Washington, para um esforço intensivo em busca de alguma forma de acordo *(veja o quadro na página 40)*. As delegações haviam se isolado do mundo, como num conclave. Não havia informações à imprensa. E todas essas circunstâncias conferiam ainda maior carga de dramaticidade às altas apostas em jogo. Ou saía uma paz agora — uma paz patrocinada por todo o peso e a influência da maior das superpotências — ou, se não saísse nada, o impasse e a possibilidade de guerra poderiam ser maiores que nunca desde o último conflito, em 1973.

Até o momento mesmo que foi encerrada a conferência, os rumores eram contraditórios, relata o enviado especial de VEJA a Camp David, Roberto Gar-

cia. A reunião estaria para se encerrar num estrepitoso fracasso. Não, ainda havia esperanças de conciliação. Afinal, às 5h30 da tarde de domingo, os serviços de imprensa de Camp David anunciaram que as duas partes haviam chegado a um acordo. Dera a paz. "Foi uma tremenda conquista", disse um dos participantes da conferência, o ministro da Defesa israelense Ezer Weizman. "Uma espécie de Guerra dos Seis Dias ao reverso." Seguiu-se, naquela mesma noite, a cerimônia na televisão. Segundo se via nas expressões de cada um dos três protagonistas da conferência, bem como em suas palavras e gestos, os treze dias de Camp David haviam compensado.

SOMBRAS — Mas compensaram mesmo? Passada a euforia inicial, veio a cautela. Jimmy Carter, é certo, conseguiu, com os resultados de Camp David, um formidável empurrão em sua popularidade — passando dos sofríveis 38% de aprovação que vinha merecendo nas últimas pesquisas junto ao eleitorado americano para confortadores 51%. À parte a recompensa pessoal ao dedicado presidente americano, porém, restavam muitas dúvidas. A paz de Camp David vai pegar? Havia muitos imponderáveis no caminho. Para começar, quando foram divulgados os acordos entre Begin e Sadat, na tarde de segunda-feira, percebeu-se que os textos eram extremamente complexos, com alguns trechos passíveis de interpretações ambíguas, para não falar na pura e simples omissão quanto a determinados problemas.

Claro, um tratado sobre uma questão complexa como a do Oriente Médio haverá de ser sempre complexo. Acresce que Sadat é presidente apenas do Egito — e portanto só pode negociar com perfeita autoridade os problemas específicos do Egito, não de todo o Oriente Médio. Daí se desenrolavam outras dificuldades. O rei Hussein, da Jordânia, e o rei Khaled, da Arábia Saudita — dois líderes moderados do Oriente Médio, cujo apoio é crucial para qualquer acordo mais abrangente na região —, a princípio manifestaram opiniões negativas sobre a paz de Camp David. E, até o final de semana, ainda permaneciam em sua posição de reserva, apesar da missão de emergência realizada entre quarta-feira e sábado pelo secretário de Estado americano Cyrus Vance, despachado para o Oriente Médio para encontrar-se com Hussein, Khaled e também outro líder árabe, ainda mais difícil de convencer: o presidente sírio Hafez Assad. Pesadas sombras pairavam sobre os resultados de Camp David.

COMPENSAÇÕES — Sadat e Begin assinaram, em Washington, dois "esboços de acordo" — um referente às relações bilaterais entre os dois países e outro relacionado a uma paz mais abrangente no Oriente Médio. Dos dois, naturalmente, o que tem mais possibilidade de se concretizar é o primeiro — um texto onde as questões são tratadas de forma mais específica e concreta. Egito e Israel se comprometem, por esse acordo, a assinar um tratado de paz dentro de no máximo três meses, em lugar a ser acertado proximamente e sob o patrocínio das Nações Unidas.

Para a assinatura desse tratado, o Egito impõe uma condição: que sejam desmontados os cerca de duas dezenas de povoamentos instalados pelos israelenses no deserto do Sinai e que sejam retirados seus habitantes. Begin, em resposta a essa exigência egípcia, não emitiu um taxativo sim. Mas disse que a questão da desmontagem dos povoamentos no Sinai será levada à Knesset, o Parlamento israelense — onde, ao que tudo indicava, na semana passada, a reivindicação egípcia acabará por ser atendida.

Desmontados os povoamentos e assinado o tratado entre os dois países, a *pax* egípcio-israelense entra numa nova etapa. Dentro dos nove meses subseqüentes, Israel se compromete a retirar a parte mais substancial de suas forças militares estacionadas no Sinai. Israel abandonará, inclusive, os dois aeroportos militares que mantém no deserto —

O pacote de Camp David

A Península do Sinai	O Egito, em três meses, depois da assinatura de um tratado de paz entre os dois países, volta a ter soberania total sobre a região; Israel retira seus soldados e desmonta fortificações na península, no prazo de um ano, e em troca ganha dos EUA duas bases militares no deserto de Negev.
Cisjordânia e faixa de Gaza	Dentro de um período de cinco anos, a autoridade sobre as duas regiões será gradualmente transferida para seus habitantes, organizados politicamente; a presença militar israelense, também nesse prazo, será reduzida a algumas concentrações, em pontos ainda a serem determinados, para garantir a segurança do Estado de Israel.
Colônias de Israel nos territórios	No caso do Sinai, os povoamentos serão desmontados a partir da assinatura do acordo de paz, dentro de no máximo três meses; quanto à Cisjordânia e Gaza, Israel compromete-se a impedir novas implantações e eventuais ampliações das já existentes.
A questão palestina	Nenhum dos acordos a ela se refere especificamente. Fica estabelecido apenas que terminado o prazo de cinco anos será definido um novo estatuto às regiões de Gaza e Cisjordânia, e para discutir isso se reunirão representantes de Israel, Egito, Jordânia e delegados locais, assim como "outros palestinos".
Jerusalém	Não há nenhuma referência nos acordos. As partes acertaram apenas a divulgação de cartas esclarecendo suas posições sobre o assunto.

LAERCIO D'ANGELO

Vance embarcando para o Oriente Médio: uma missão de emergência

compromisso que só foi possível obter de Begin, em Camp David, depois de muita negociação. Em compensação, o Egito se compromete a usar os aeroportos do Sinai apenas para fins civis. E — compensação maior — os Estados Unidos se comprometeram a doar para Israel a quantia necessária à construção de dois novos aeroportos, agora em território israelense — mais especificamente, no deserto do Negev. Com a retirada de Israel do Sinai, o Egito voltará a ter plena soberania sobre a região. Além disso, serão estabelecidas relações diplomáticas, culturais e comerciais plenas entre o Egito e Israel.

"OUTROS PALESTINOS" — O Egito seria, então, restabelecido em sua integridade territorial de 1967. É até mesmo possível conceber que dentro de um ano — passados os três meses para a assinatura do tratado de paz, mais os nove para a retirada das principais forças israelenses — Egito e Israel só tenham problemas residuais, como o resto da retirada israelense, a ser completada nos dois ou três anos subseqüentes. Mais difícil, porém, é compatibilizar a paz egípcio-israelense com o contexto geral do Oriente Médio. Percebe-se que aqui as dificuldades serão maiores já a partir do acordo assinado em Washington.

Por esse segundo "esboço de acordo", Israel se compromete a, num prazo de cinco anos, ir gradativamente limitando sua presença militar na Cisjordânia e em Gaza — territórios densamente povoados por palestinos —, ao mesmo tempo que seria concedida total autonomia às administrações locais. O poder de polícia, por exemplo, passaria para as mãos dos prefeitos da região. As tropas israelenses se concentrariam em determinadas regiões. E simultaneamente, ao longo desses três meses, seriam realizadas negociações entre Egito, Israel e Jordânia — antiga detentora da soberania sobre a Cisjordânia —, bem como as administrações locais e "outros palestinos", com o objetivo de determinar o *status* definitivo dos territórios.

Essa expressão "outros palestinos" foi o máximo de concessão feita por Israel quanto à eventualidade de a Organização de Libertação da Palestina vir a participar das negociações. Também

Como monges, em Camp David, por treze dias

A escolha da bucólica residência de verão do presidente Jimmy Carter, em Camp David, como sede das complicadíssimas reuniões de paz do Oriente Médio, nada teve de fortuita. Ao contrário, havia a deliberação de usar a paisagem serena das montanhas Catoctin, em Maryland, como um antídoto contra a possível radicalização dos ânimos. Mesmo assim, houve momentos em que a temperatura chegou a subir perigosamente. Foi o que aconteceu, por exemplo, na tarde do último dia 6, no chalé presidencial de Aspen, durante a primeira reunião de cúpula — Carter a sós com o presidente do Egito, Anuar Sadat, e com o primeiro-ministro israelense, Menahem Begin.

"Israel não tem o direito de reclamar a soberania sobre a Cisjordânia e a faixa de Gaza", esbravejou Sadat, subitamente, em meio à discussão sobre o tema mais difícil dos treze dias de negociações a portas fechadas: a questão do futuro dos territórios árabes ocupados por Israel durante a guerra de 1967. "A soberania dos territórios pertence a seus habitantes, aos que lá vivem", completou o presidente egípcio, olhando fixamente para Begin. Carter assistia a tudo em silêncio, preocupado. "Foi uma reunião azeda", admitiria ele, recordando os momentos difíceis de Camp David.

SEM ÁLCOOL — Para o secretário de Estado, Cyrus Vance, aquele foi, de fato, um dos momentos de maior tensão — mas foi também quando o ar puro das montanhas de Catoctin ajudou a derrotar o nervosismo dos negociadores. "O calor dos encontros dissipava-se logo quando as equipes se encontravam passeando pelas alamedas ou tomando um refrigerante", comentou o secretário de Estado. Só havia uma ponta de decepção na voz de Vance, ao pronunciar a palavra "refrigerante". É que o secretário de Estado, habituado a um martíni ao fim de cada dia, teve que se submeter penosamente ao regime imposto pela primeira dama americana, Rosalynn Carter — nada de bebidas alcoólicas em Camp David.

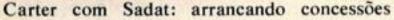
Nos dias que se seguiram houve mais duas reuniões de cúpula, com Sadat, Begin e Carter sozinhos — e, nas duas vezes, os ânimos voltaram a se acirrar. "As coisas esquentavam e ameaçavam pôr tudo a perder", comentou Carter. "Era preciso mudar a tática." E, de fato, daí em diante não houve mais encontros de cúpula tripartites — mas, sim, encontros bilaterais. Além disso, Carter e seus assessores, em vez de continuarem servindo de meros intermediários, passaram a agir de forma mais efetiva, propondo fórmulas de conciliação.

AMARRANDO PONTOS — O resultado foi dos melhores. Tanto para Sadat como para Begin, era mais difícil recusar as propostas de Carter, muito mais neutras e desinteressadas. Por outro lado, Carter se esforçava por apresentar sugestões alternativas para os pontos de impasse, sempre le-

existe a possibilidade de o *status* a ser dado, ao final dos cinco anos, à Cisjordânia e Gaza, ser o de um Estado palestino — mas essa hipótese, na verdade, continua hoje tão virtual quanto o era antes de Camp David.

ARAFAT E HUSSEIN — As dificuldades não param aí. E Jerusalém, cidade cuja retomada os árabes consideram um ponto de honra, e a cuja posse Israel tem se aferrado? Quanto a esse ponto, nem há referência nos acordos Begin-Sadat. Para contornar o problema, foram apenas divulgadas, na última sexta-feira, cartas separadas de cada uma das partes estatuindo suas velhas posições quanto à cidade. Jerusalém é particularmente importante para muçulmanos ortodoxos, como os sauditas — e é em face de indefinições como essa que se compreende a indecisão que se notava em figuras-chave, como o rei Khaled.

Assim, as dúvidas eram grandes na semana passada. Sadat poderia se ver sozinho no mundo árabe — e, mesmo que prosseguisse em direção a uma paz em separado com Israel, seu isolamento não seria bom para o equilíbrio da região. Caso Hussein e Khaled não fossem atraídos para o âmbito dos acordos de Camp David, havia o risco de que se juntassem aos árabes "radicais" — Síria, Líbia, Iêmen do Sul, Argélia e OLP, cujos esforços, na semana passada, estiveram todos voltados para torpedear os acordos Begin-Sadat. Na sexta-feira, as jogadas diplomáticas eram frenéticas. Enquanto Vance se desdobrava em tentar chamar os árabes recalcitrantes para seu lado, havia também quem se esforçasse em sentido contrário, como o líder palestino Yasser Arafat e o líbio Muammar Khaddafi. Ambos fizeram uma surpreendente visita ao moderado Hussein — e esta foi a primeira vez que Hussein e Arafat se encontraram desde o trágico Setembro Negro de 1970, quando milhares de palestinos foram massacrados na Jordânia. No final da semana, restava a convicção de que Camp David pode ter sido, sim, um grande marco — mas, para a implementação de uma paz definitiva, parece ainda tão difícil o caminho a percorrer como percorrido até agora. •

Carter com Sadat: arrancando concessões

Carter, Begin e equipes: amarrando ponto por ponto

vando em conta interesses e temores dos dois lados. E assim foi, dia após dia. Num exemplar exercício de paciência, Carter foi arrancando concessões, neutralizando pontos de tensão, desfazendo mal-entendidos, para depois, lentamente, amarrar ponto por ponto as frágeis concordâncias e alinhavá-las em precários esboços de acordos de paz.

Essa nova tática, entretanto, não poderia durar muito tempo. À medida que o tempo passava, a irritação e a desconfiança iam tomando conta dos negociadores. Os egípcios, de um lado, suspeitavam de que Carter, ao deixá-los para reunir-se com os israelenses, entregaria ao inimigo mais que o devido — e o mesmo valia para os israelenses. O cansaço, além disso, era indisfarçável. Begin, num certo momento, chegou a dormir profundamente durante uma sessão de cinema, ao lado de sua esposa.

"CAMPO DE CONCENTRAÇÃO" — Houve, enfim, momentos de explosão emocional, que chegaram a ameaçar seriamente o desfecho das negociações. O mais grave deles ocorreu 48 horas antes do final dos trabalhos, quando Sadat, num de seus conhecidos gestos teatrais, chegou a arrumar as malas e a pedir que os americanos lhe fornecessem um helicóptero para deixar Camp David. Carter, mais uma vez, foi obrigado a interferir pessoalmente. Naquele momento, o humor entre os israelenses não era muito melhor. E até o paradisíaco Camp David transformou-se, nas palavras de um exasperado Begin, num "campo de concentração de luxo".

Invariavelmente, nos momentos de maior tensão, a ameaça de uma nova guerra no Oriente Médio parecia fazer com que todos refletissem melhor. E, quando essa lembrança começava a se desfazer, não faltavam certas visões da guerra, estrategicamente insinuadas. Foi o que ocorreu quando Carter arrastou Sadat e Begin a uma visita não programada ao antigo campo de batalha de Gettysburg, lembrança da Guerra Civil americana. O estratagema teve certo efeito. Lá, contemplando uma trincheira cavada há 120 anos, o ministro da Defesa de Israel, Ezer Weizman, observou: "Se não conseguirmos a paz logo, teremos que construir monumentos como este".

Tensão e esperança

Nos territórios ocupados, greves, conflitos e protestos, mas alguma expectativa de paz

Ortodoxos correm do Exército . . .

Na segunda e terça-feiras passadas, o correspondente de VEJA em Telavive, Alessandro Porro, percorreu os três territórios árabes ocupados por Israel que foram objeto da reunião de Camp David: a Cisjordânia, onde vivem 700 000 árabes, na maioria palestinos, ocupada à Jordânia em 1967; o deserto do Sinai, pertencente ao Egito, com 130 000 habitantes; e a faixa de Gaza, região palestina entre o Egito e Israel, com 320 000 habitantes. Seu relato:

É segunda-feira em Ramallah, capital do mais importante território árabe em poder de Israel — a Cisjordânia. Nas ruas da cidade e na praça central Mughtaribin, jipes militares israelenses com alto-falantes anunciam o iminente toque de recolher. Lojas fecham, gente corre de um lado para outro, escolas liberam os estudantes. Uma bomba teria explodido no bairro de El Birre e, embora não tenha provocado vítimas ou danos materiais de monta, a rotina do toque de recolher é inevitável. "Meu Deus, vai começar a bagunça", diz a VEJA, olhando para o céu, o vice-prefeito da cidade, Audeh Rantisi, um árabe que é pastor anglicano.

Rantisi, envergando um invariável *clergyman* cinzento, ocupa desde algumas semanas a Prefeitura, em substituição ao prefeito eleito Kalim Halaf, que abandonou a Cisjordânia para viver nos Estados Unidos, ao lado dos irmãos. "Um crime", é como Rantisi classifica os acordos de Camp David. "Nós iremos ficar mais cinco anos sob ocupação israelense e depois passaremos a ser ocupados pelos jordanianos."

Mas a palavra de ordem em Ramallah é manter a calma. De seu auto-exílio nos Estados Unidos, o prefeito Halaf — um dos membros mais representativos da Organização de Libertação da Palestina nos territórios ocupados por Israel — enviou uma curta mensagem que vem sendo observada por seus colaboradores: "Cabeça fria. Não aceitem provocações". Aos poucos, o toque de recolher faz cessar todo o movimento e mergulha a cidade no silêncio. É meio-dia em Ramallah no primeiro dia da "paz de Camp David". "Hoje é um dia de luto", diz o vice-prefeito.

"COLÔNIA SELVAGEM" — A 15 quilômetros dali, mas no extremo oposto do espectro político, alguém mais diz que "hoje é um dia de luto": nos corredores da Knesset, o Parlamento israelense em Jerusalém, a deputada ultradireitista Geula Cohen também não se conforma com os acordos de Camp David. Embora pertencendo ao Likud, o mesmo

Após o acordo, dúvidas e desconfianças

O que significam os acordos firmados na semana passada em Camp David entre o presidente egípcio Anuar Sadat e o primeiro-ministro israelense Menahem Begin? Os correspondentes de VEJA em Paris, Londres e Bonn ouviram três especialistas em assuntos do Oriente Médio. Abaixo, seus depoimentos:

UDO STEINBACH, alemão, diretor do Instituto Oriental Alemão, de Hamburgo, organização subvencionada pelo governo que se dedica ao estudo dos problemas do Oriente Médio: "acho o resultado de Camp David surpreendente, porque Begin vinha se negando obstinadamente a fazer as concessões que acabou fazendo. Não se deve descartar, porém, a hipótese de que Begin tenha feito concessões, sob forte pressão americana, que não pensa em cumprir. O primeiro-ministro israelense tem suficiente sangue-frio para repetir tal atitude, pois já procedeu assim várias vezes no passado. Graças ao sistema parlamentar democrático de seu país, suas concessões podem ser revogadas sem que ele pessoalmente possa ser responsabilizado por isso. Pessoalmente, não consigo acreditar que Begin tenha se transformado tão depressa de Saulo em Paulo. Não vejo como ele possa ter mudado de opinião tão repentinamente a respeito das colônias israelenses da Cisjordânia e da faixa de Gaza, as sagradas regiões de Samaria e Judéia, como costuma chamá-las. A meu ver, Begin está especulando com a possibilidade de um tratado de paz em separado com Anuar Sadat, sem precisar concretizar concessões visando à solução global do conflito do Oriente Médio. Quanto a Sadat, penso que ele conseguiu se impor no sentido de que também foram respeitados de maneira geral os interesses dos demais países árabes. Mas o presidente egípcio arriscou-se muito. Se, depois da assinatura de um tratado de paz egípico-israelense, não forem feitos os progressos desejados para a solução geral do problema do Oriente Médio, creio que a posição de Sadat estará seriamente ameaçada. Então seus adversários árabes verão confirmada sua suspeita de que o Egito queria uma paz em separado com Israel. Por outro lado, penso que Jimmy Carter assumiu um tremendo risco para os Estados Unidos. Pois, se os acordos obtidos não tiverem o êxito prometido, a posição dos EUA no Oriente Médio será perigosamente enfraquecida. Por exemplo, se o empenho de Carter não der em nada, então a Arábia

...em Eilon Moreh: "colônia selvagem" fracassada

partido do primeiro-ministro Begin, ela afirma, com raiva: "Esta é a paz? Isso é simplesmente a assinatura de um tratado de guerra: daqui a pouco teremos os árabes em nossas casas. Mas agora chegou o momento de agir".

No dia seguinte, a deputada Cohen resolveu agir e passou a liderar o primeiro desafio frontal aos entendimentos mantidos por Begin em Washington. Saindo da localidade de Eilon Moreh, a poucos quilômetros de Nablus, ainda na Cisjordânia, ela encabeçou um grupo de sessenta membros do movimento Gush Emunin — os superortodoxos radicais do Bloco da Fé — dispostos a estabelecer mais uma "colônia" israelense em território árabe. No caso, tratava-se de uma "colônia selvagem", isto é, sem autorização do governo — mas a ocupação seria especialmente significativa por ocorrer após o compromisso assumido por Begin de "congelar" tais estabelecimentos. Em poucas horas, com tendas e madeira para construir barracos, estabelecia-se a "colônia".

A TUMBA DE AARÃO — Na madrugada de quarta-feira, porém, o Exército cercou a nova "colônia", mantendo-se inicialmente a distância. Ao contrário das vezes anteriores, em que soldados até ajudavam os ocupantes, era possível ver do alto de Eilon Moreh como as barreiras militares impediam a passagem de outros membros do Gush Emunin que chegavam, trazendo água e comida. "Nazistas, nazistas, inimigos de Israel", foi a irada reação dos ortodoxos, que submeteram os soldados a uma chuva de pedras e pedaços de pau. Próxima ao tumulto, numa pedra quase escondida entre rochedos, notava-se uma inscrição em árabe: "Awarta", nome da localidade quando ainda pertencia à Palestina sob mandato britânico. "Isso não quer dizer nada", afirmou a VEJA o rabino Moshe Levinher, um dos líderes do Bloco da Fé. "Eles chegaram somente 400 anos atrás, enquanto os judeus viveram aqui desde sempre. A tumba onde foi sepultado Aarão, irmão de Moisés, está aqui por perto."

De nada valeram os argumentos bíblicos. Ao meio-dia de quinta-feira, esgotado o prazo dado pelo ministro da Defesa, Ezer Weizman, para que os invasores deixassem o local, o Exército iniciou a remoção, com o auxílio de caminhões e oito helicópteros. Cerca de 400 ortodoxos foram levados de volta a Israel, identificados e fichados.

ESPINAFRE E PAZ — Os gritos de "nazistas" foram repetidos em Nablus, importante cidade da Cisjordânia. Mas, desta vez, quem gritava eram estudantes palestinos, em greve por ordem da OLP e reunidos na praça central da cidade. Na quarta-feira, a paralisação geral, ordenada em Beirute contra os acordos de Camp David, não chegou porém a ser um êxito completo. Em Nablus, 70% da população aderiu. Em Ra-

---

Saudita será obrigada a abandonar sua posição moderada e alinhar-se com os países árabes intransigentes. E isso poderia resultar numa série de conseqüências graves, que poderiam ir até a um novo boicote de petróleo aos países ocidentais".

ARIEH SERPER, israelense, professor da Universidade de Jerusalém, ora dando aulas na França: "Para se compreender a importância das concessões feitas por Israel em Camp David é preciso levar em conta que Begin foi guindado ao posto de primeiro-ministro por uma maioria de israelenses a quem ele deve prestar contas e que considera a retirada dos territórios ocupados em 1967 e a criação na Cisjordânia de um Estado governado pela OLP como uma política suicida. Nos acordos de Camp David, Israel se compromete a devolver a totalidade do Sinai, um enorme território que, apesar de desértico, tem uma importância estratégica fundamental. Ora, é justamente esse território de segurança, com seus três aeroportos militares, que nós estamos dando ao Egito, em troca de uma assinatura em um tratado de paz. Não que o presidente Sadat não mereça confiança. Mas existe uma diferença inegável entre, de um lado, três aeroportos militares e uma faixa de segurança fronteiriça de 500 quilômetros e, de outro, uma assinatura num pedaço de papel".

MICHAEL ADAMS, inglês, editor do Middle East International, *revista mensal publicada em Londres:* "É preciso reconhecer que o resultado alcançado em Camp David é um tanto desalentador. O fato de os acordos obtidos não terem sido acolhidos favoravelmente sequer pelos países árabes moderados é muito significativo. Egito e Israel podem fazer uma paz em separado, mas os árabes como um todo dificilmente concordarão com essa paz. O que acontecerá daqui por diante é uma interrogação. Talvez se aprofunde a divisão entre os árabes. Sadat enfrenta uma situação muito difícil. Os países mais influentes com que poderia contar, a Arábia Saudita e a Jordânia, lhe deram as costas. Hoje, talvez, lhe sobrem apenas o apoio do Marrocos e do Sudão. No plano interno, isso não representa uma ameaça séria para Sadat, pois seu controle é firme e o Exército continua a seu lado. Mas o isolamento pessoal no mundo árabe é perigoso. Uma nova guerra árabe-israelense é, agora, um pouco mais provável. O certo é que não haverá paz enquanto Israel permanecer nos territórios ocupados. A longo prazo, Israel necessita muito mais da paz que os países árabes. Os Estados Unidos algum dia terão de preferir o lado árabe, em nome de seus próprios interesses".

mallah, o índice teria chegado a 80%, mas cairia em outras localidades: 10% em Tulkarem, próximo à fronteira com Israel, por exemplo; ou 20% em Kalkilia, uma das primeiras cidades ocupadas na guerra de 1967. De qualquer forma, com a greve, a Cisjordânia ficou isolada de Israel por barreiras militares que só permitiam a passagem de árabes que trabalham em Israel. Durante mais de 24 horas, Israel voltou provisoriamente a ser o que era, sem os territórios conquistados onze anos atrás. "Estamos fazendo um ensaio geral", brincou com VEJA um oficial numa barreira. "Assim vai ser Israel, pequeno mas em paz, no dia em que formos obrigados a devolver os territórios." Seria um sacrifício grande? "Nada disso. É verdade que minha mulher, nos mercados daqui, encontra verduras mais frescas e baratas. Mas eu prefiro espinafres enlatados — e a paz."

Menos bem-humorado, mas igualmente disposto a acatar o que for decidido, mostrava-se, na última quarta-feira, Yossi Mass, o responsável pelo conselho dos habitantes — quase 2 000 — da colônia de Yamit, estabelecida na costa norte do deserto do Sinai, território ocupado ao Egito. Embora confessando-se amargurado, ele garantiu a VEJA: "Não, não vamos fazer confusão. Se a paz tem este preço *(a retirada completa, conforme acordado em Camp David)*, vamos pagá-lo". Com seus jardins públicos, prédios de três andares, bancos, restaurantes, cafés e até uma discoteca, Yamit já se transformou em uma cidade e um centro turístico. Mas 500 de seus habitantes, reunidos em assembléia na terça-feira, mostraram-se dispostos, se necessário, a deixar para trás tudo o que foi feito. E notava-se, entre os habitantes, uma grande tensão.

Na volta a Telavive, a passagem por Gaza revela uma tensão ainda maior. O território, segundo os próprios acordos de Camp David, terá seu futuro ligado ao que ocorrer na complexa Cisjordânia, e os líderes palestinos locais preferem nada dizer. Na televisão, geralmente sintonizada com o Cairo ou com Amã, as atenções gerais dos árabes estavam voltadas, na terça-feira passada, para a TV israelense, onde passava o terceiro capítulo da série americana "Holocausto" — uma versão hollywoodiana, mas nem por isso menos impressionante, do massacre de judeus ocorrido durante a II Guerra Mundial. Num café, olhando o vídeo, um estudante palestino admitiu: "É incrível. Eu pouco sabia disso tudo". •

NICARÁGUA

Ruínas, medo, sangue

Cidades bombardeadas, civis fuzilados na rua. E Somoza domina a rebelião sandinista

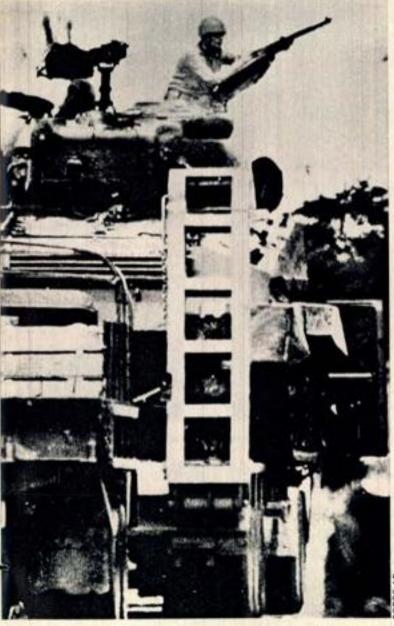
Um a um, os sobrados de Esteli, uma cidadezinha de pouco mais de 30 000 habitantes, 150 quilômetros ao norte de Manágua, na Nicarágua, ruíam na sexta-feira passada. Partindo do pressuposto de que, de seus telhados, as forças rebeldes em luta contra o ditador Anastasio Somoza tinham melhor posição de tiro, a Guarda Nacional somozista havia decidido bombardear indiscriminadamente todos os sobrados, não importando o destino de seus moradores. Um avião C-47, em vôos sucessivos, executava a tarefa. Atrás dele, vinha um DC-3, com uma metralhadora ponto 50 adaptada na porta e a missão de metralhar tudo o que se movesse nas ruas.

Assim, as forças da Guarda Nacional se preparavam para consumar a retomada de Esteli — último reduto da insurreição generalizada iniciada no último dia 8 por guerrilheiros da Frente Sandinista de Libertação Nacional, estudantes e outros aliados. Antes, e da mesma forma impiedosa, já haviam sido dominadas León, Matagalpa, Masaya, Diriamba, Chinandega — todas as cidades rebeldes. Esteli, segundo testemunho dos habitantes que conseguiram escapar dos bombardeios, já era, na sexta-feira, um enorme cemitério, com dezenas de corpos de mulheres, homens e crianças insepultos nas ruas ou soterrados pelos escombros das casas destruídas. Após quinze dias de combates, a rebelião, que contara com o apoio de amplas camadas das cidades sublevadas, já estava quase sufocada. Mas a um custo alto, de peso esmagador.

EM VALA COMUM — "É a mais cruel e sangrenta repressão já ocorrida na América Central", comentou na semana passada um porta-voz da Cruz Vermelha. Em todos os lugares, foi com uma violência cega, de fato, que os 7 500 homens da Guarda Nacional desincumbiram-se de seu serviço. Em León, por exemplo, a rebelião começou a ser esmagada no sábado, 16, dia em que aviões bombardeavam o centro enquanto soldados da *Guardia* entravam num subúrbio ao norte da cidade. Os

Diriamba: fuga com bandeira branca

moradores do primeiro quarteirão ocupado foram colocados em fila, na rua. As mulheres e as crianças foram em seguida despachadas num caminhão para uma cidade vizinha. Enquanto isso seus maridos e filhos acima de 15 anos eram forçados a marchar em direção sul, até uma grande vala — e, ali, foram sumariamente executados.

Dois dias depois, funcionários da Cruz Vermelha descobriram o local do massacre. Viram braços e pernas expostos na vala, apressadamente coberta. E, enquanto a Cruz Vermelha cuidava de sepultar os mortos, num campo

Uma nação convulsionada: a caminho de Manágua, uma refugiada da guerra civil descansa na estrada; em León, segunda cidade do país, tanque da Guarda na sangrenta operação de contra-ataque às forças rebeldes

FOTOS AP

de algodão, às margens da rodovia, a *Guardia*, no centro da cidade, consumava a reconquista. Na avenida Santiago Arguelo, os soldados avançaram de casa em casa, arrombando as portas com os pés ou com disparos de metralhadora. De uma das casas, onde se abrigavam três famílias desalojadas pelos bombardeios aéreos, cumpriu-se o ritual: homens e jovens acima de 15 anos foram levados para a rua, obrigados a se ajoelhar e mortos com tiros na cabeça. A mãe de um dos jovens, Adela Alvarez, de 38 anos, viúva de um motorista de caminhão, foi em seguida forçada a lavar as roupas manchadas de sangue que os soldados saquearam dos mortos. "Fiz isso porque estava com medo", contou ela.

Nem todas as mulheres escaparam das execuções. Em Masaya, por exemplo, soldados da *Guardia* mataram duas jovens com tiros na cabeça depois de forçá-las a se ajoelharem na rua, junto com três outros rapazes, também executados. E, enfurecidos ao ver a bandeira vermelha e branca dos sandinistas numa agência governamental, invadiram o prédio com um carro blindado — e metralharam María Jesús Gadea, 32 anos, que tentava proteger seus quatro aterrorizados filhos. Seu corpo foi sepultado por suas duas filhas mais velhas num pátio vizinho.

MERCENÁRIOS — Quantos terão sucumbido à fúria genocida da repressão somozista? Funcionários da Cruz Vermelha acreditam que o número de mortos já seja superior a 3 000. Ninguém poderá, entretanto, dar uma cifra correta. Os corpos, em sua maioria, foram incinerados ou apressadamente sepultados em quintais, jardins de casas, ou qualquer lugar onde houvesse terra. E as famílias que enterram seus mortos invariavelmente evitam indicar o local da sepultura pelo temor de represálias.

Do lado das tropas governamentais, o número de mortos é também um mistério. Somoza, ao longo de toda a rebelião, tratou de ocultar e minimizar as baixas de sua tropa. Sabe-se porém que a *Guardia* teve dezenas de mortos — alguns graduados. Um deles foi o general José Ivan Alegrett, de 47 anos, morto num desastre de helicóptero, junto com três mercenários americanos encarregados do treinamento dos soldados. Somoza precisou dos mercenários para reforçar sua tropa nesses dias. Nos EUA, ele fez aparecer anúncios requisitando "ex-marines, veteranos de guerra para lutar contra rebelião comunista na América Central".

Um agente de Albuquerque, no Novo México — Guy Gabaldón — até a semana passada já havia recrutado 100 homens e pedira autorização a Manágua para alistar mais. Somoza, igualmente, ordenou a mobilização de reservistas — após alguma relutância, é verdade, pelo temor de que esses reservistas acabassem utilizando as armas da *Guardia* em favor dos guerrilheiros sandinistas. É inegável, de qualquer forma, que Somoza precisa de reforços. Obrigados a se deslocar de um canto a outro do país, para enfrentar uma guerra civil generalizada, seus soldados chegaram ao limite de suas forças — a tal ponto que, segundo se afirma, muitos deles vêm tomando Dexedrina e outros estimulantes.

INSOLVÊNCIA — No final da semana, seja como for, Somoza parecia ter vencido o pior, pelo menos por enquanto. Além do reduto de Esteli, restaria apenas completar a operação de limpeza de seus adversários políticos da Frente Ampla de Oposição, organização que comandou a greve contra seu regime. A maioria dos líderes da Frente, é verdade, já fugiu para o exterior. Outros foram presos. Mas a busca, na semana passada, continuava.

E agora, que será do futuro do país? Segundo diplomatas ocidentais, Somoza já pode alegar que, bem ou mal, tem o controle militar da Nicarágua. E, com isso, esvaziou as tentativas de intervenção estrangeira que se esboçavam na Organização dos Estados Americanos — cuja reunião em Washington, na semana passada, para debater a crise ni-

caragüense, não foi além do estudo de uma proposta americana para envio de uma missão de reconhecimento à Nicarágua. O regime de Somoza, porém, foi longe demais. E o ódio gerado pela guerra civil dificilmente pode ser esquecido tão cedo.

Além disso, a guerra, aliada à greve, ainda mantida em vários setores, na semana passada, deixou o país em situação de virtual insolvência. Setembro é o mês de cobrança de impostos, que representam 40% dos rendimentos do Estado, e praticamente nenhum comerciante tem condições de pagá-los. Outro incômodo é que um empréstimo de 80 milhões de dólares, negociado por meio do FMI, foi suspenso indefinidamente. Enfim, a produção agrícola, base da economia nacional, está ameaçada. Este mês, deveria começar a colheita do café e a colocação de fertilizantes e inseticidas nos campos de algodão, cuja exportação representa metade dos rendimentos da Nicarágua. A maior parte dos trabalhadores, porém, vive na zona conflagrada. É uma gente ferida ou traumatizada — dificilmente em condições de trabalho. A Nicarágua, na semana passada, era um país esfacelado. •

CHILE

Agora, em casa

O processo Letelier chega a Santiago

O caso Letelier entrou na semana passada em sua etapa decisiva — aquela em que deverá produzir seus maiores efeitos internos no Chile, de forma particular para o regime militar chefiado pelo general Augusto Pinochet. Na última quarta-feira, por coincidência à véspera do segundo aniversário da morte do ex-chanceler Orlando Letelier — assassinado em Washington no dia 21 de setembro de 1976, juntamente com a americana Ronnie Moffitt, quando uma bomba explodiu sob o carro em que viajavam —, o embaixador dos Estados Unidos em Santiago, George Landau, formalizou ao chanceler Hernán Cubillos o pedido de extradição dos três militares chilenos indicados pela Justiça americana, no dia 1.º de agosto passado, como responsáveis pelo crime.

Os implicados são, como se sabe, o general da reserva Juan Manuel Contreras Sepúlveda, chefe, na época do atentado, da polícia política chilena, a hoje extinta Dina — Dirección de Inteligencia Nacional; o coronel Pedro Espinoza Bravo, ex-chefe de operações da mesma Dina; e o capitão Armando Fernández Larios, ex-agente da organização. Todos eles estão atualmente detidos — Contreras em prisão domiciliar, os outros dois num hospital militar — por solicitação do procurador americano Eugene Propper, da Corte Distrital de Washington, que para tanto invocou um tratado de extradição firmado entre os dois países em 1902.

MAIS DENÚNCIAS — Na quinta-feira, os juízes da Suprema Corte do Chile se reuniram para apreciar o dossiê de cerca de 300 páginas, previamente traduzidas do inglês para o espanhol, entregue por Landau a Cubillos para instruir o pedido de extradição dos três militares.

RADIOFOTO UPI

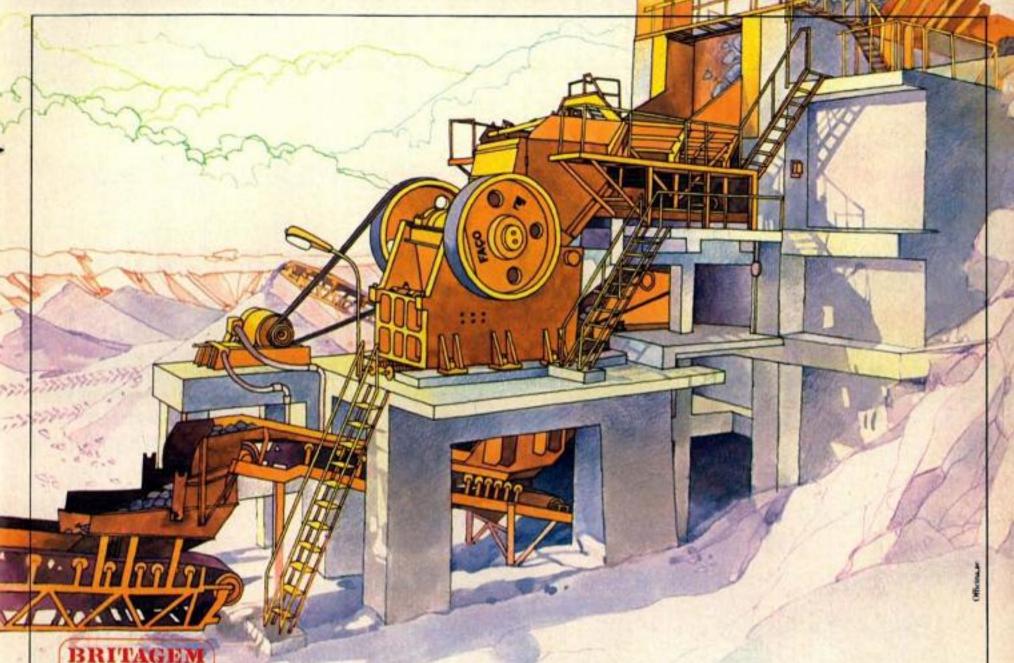
Landau, à esquerda, depois de pedir a extradição: dossiê de denúncias

Não há um prazo definido para o exame da solicitação americana. E, segundo VEJA apurou na semana passada, o dossiê é constituído não apenas pelas revelações feitas à Justiça dos Estados Unidos por Michael Vernon Townley — cidadão americano e ex-agente da Dina, responsável pela instalação da bomba sob o carro de Letelier que, depois de ser extraditado para os EUA pelo governo do Chile, em abril passado, assinou um acordo com a Justiça americana e contou tudo o que sabia.

O dossiê contém também muitos dados novos, levantados nas últimas semanas por Propper e sua equipe. Entre esses, figuram, por exemplo, as denúncias feitas por Jaime Otero, um exilado cubano atualmente preso em Miami. Dias atrás, Otero forneceu importantes informações ao confessar ter sido contratado pela Dina para realizar várias operações em diferentes países.

E PINOCHET? — Os juízes da Suprema Corte do Chile terão, agora, de decidir se atendem ou não à Justiça dos Estados Unidos. Em princípio, tudo leva a crer que eles responderão negativamente. Primeiro, porque, ao longo dos cinco anos do regime militar chileno, os juízes da Suprema Corte não tomaram qualquer decisão importante que pudesse desagradar de alguma forma ao governo do general Pinochet. E, depois, porque eles sempre poderão alegar a nacionalidade chilena dos três militares indicados no processo Letelier para rechaçar o pedido americano. Nesse caso, caberá à Justiça chilena a tarefa de julgar Contreras, Espinoza e Fernández, conforme estipula o tratado de 1902.

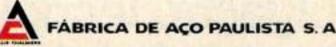
Antes mesmo de os juízes chilenos chegarem a uma decisão final, porém, o pedido de extradição apresentado pelos Estados Unidos deverá produzir importantes repercussões internas. Pois, segundo prescreve o mesmo tratado de 1902, o julgamento do pedido tem de ser público — o que faz prever a ocorrência de algum debate sobre as responsabilidades governamentais, em plena Santiago. Disso tudo poderá sair algo que contribua para responder a uma pergunta que há meses paira no ar: conseguirá o general Pinochet, a quem o general Contreras se reportava diretamente como chefe da Dina, sobreviver ao caso Letelier? •

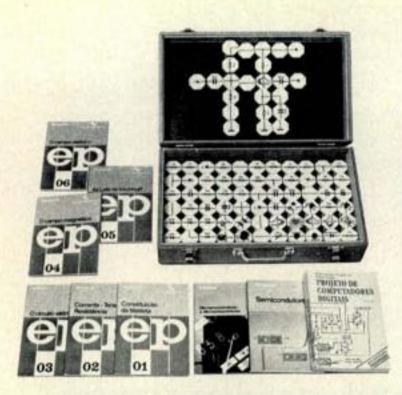
ALTA PRODUÇÃO

BRITAGEM TOTAL

Uma instalação de britagem deve obedecer a estes princípios básicos para alcançar produtividade máxima: possuir máquinas de grande resistência mecânica e combinação adequada de todos os equipamentos que a compõem.

A Britagem Total Faço garante sempre estes princípios. Põe à sua disposição a mais completa, avançada, confiável e exclusiva linha de equipamentos fabricados no Brasil. Uma Engenharia de Projetos que já fez milhares de instalações, uma Assistência Técnica altamente especializada, que está sempre presente quando você precisa dela, e um permanente estoque de peças para entrega imediata, asseguram a opção mais produtiva e econômica para qualquer tipo de trabalho. Consulte a Faço. E garanta o benefício que o valor do seu investimento requer.

O benefício da Britagem Total.

Filiais: Rio de Janeiro - Belo Horizonte - Curitiba • Representantes: Dynapac - Brasília - Goiânia • Formac - Recife - Natal - Maceió • Modiesel - Manaus - Rio Branco - Porto Velho • Mutirão Salvador - Aracaju • Sodimex - Porto Alegre - Florianópolis - Chapecó - Criciúma • Tracom - Belém - Macapá • Tecnoeste - Cuiabá - Campo Grande • Unimaq - Fortaleza - Terezina - Natal

SIEMENS

A Siemens está dando aula de tecnologia.

Desde que se instalou no Brasil, a Siemens vem colocando a serviço de nosso País o que há de mais avançado nos campos das Telecomunicações, Eletrotécnica, Eletrônica e Eletromedicina. Isso significa produtos da mais alta qualidade, decorrentes de uma arrojada política de pesquisa e desenvolvimento para se antecipar às necessidades do amanhã, sempre visando o maior progresso e bem-estar do nosso povo.

Outro fator de relevante importância é a contínua criação de know-how que faz com que a Siemens participe de maneira decisiva na formação do acervo tecnológico do País. Consciente de sua responsabilidade cada vez maior para com a coletividade, a Siemens mantém um amplo programa de divulgação tecnológica, através do qual transforma esse know-how num instrumento de integração do homem ao rápido processo de desenvolvimento do Brasil.

Voltada para as necessidades específicas de nossos estudantes, técnicos e engenheiros, a Siemens estruturou variados cursos e desenvolveu diversificados materiais didáticos tais como: livros, informativos técnicos, ensinos programados, audio-visuais e kits didáticos, afim de levar às escolas e empresas conhecimento e técnicas adequados à solução de nossos problemas.

Assim agindo, a Siemens demonstra a sua constante preocupação em transmitir sua experiência e tecnologia aos profissionais de hoje e do futuro. O que não vem a ser uma lição, mas um dever.

Contando com aproximadamente 12.000 funcionários e 4 fábricas, a Siemens S.A. é uma das mais importantes empresas de engenharia eletro-eletrônica do País. Para maiores informações sobre a empresa, escreva para a Siemens S.A., Caixa Postal n.º 1375, São Paulo.

Siemens S.A. □ São Paulo • São Bernardo do Campo • Brasília • Rio de Janeiro • Porto Alegre • Fortaleza • Recife • Belo Horizonte • Curitiba • Salvador • Vitória • Belém

Divulgação Tecnológica Siemens.
A técnica do futuro para o Brasil de hoje.

SIEMENS
Análise térmica dos contatos
Cu
Ag
1083
961
430
370
Ag Cu

ÁFRICA DO SUL

Saída com lucro

Vorster renuncia, mas para ser presidente

Décimo terceiro filho de uma família de fazendeiros africânderes, nascido no dia 13 de dezembro de 1915, membro do Parlamento durante treze anos, antes de ser eleito primeiro-ministro no dia 13 de setembro de 1966, Balthazar John Vorster deveria completar no ano que vem seu 13.º ano de poder na África do Sul. Na última quarta-feira, entretanto, Vorster preferiu renunciar ao poder — interrompendo, assim, o que se considera como uma das carreiras de chefe de governo mais retrógradas e intransigentes do mundo.

Oficialmente, foram invocadas razões de saúde — e até que, nessa área, não faltam preocupações ao ex-primeiro-ministro. Além dos problemas cardíacos que, desde longa data, lhe fazem evitar viagens prolongadas, sobretudo de avião, Vorster sofre de bronquite crônica, agravada, nos últimos meses, por estafa crescente. Mas foi mesmo a saúde que o afastou? Houve quem levantasse outra hipótese: um político austero, de maneiras abruptas, muitas vezes agressivo em seus contatos com o público, e francamente detestado pelos negros e mestiços, Vorster teria finalmente reconhecido que, com uma pessoa como ele no comando do governo, seu país só teria a perder.

Parece ingenuidade demais, porém, acreditar num tamanho e tão repentino ataque de autocrítica. E, assim, se chega à terceira e mais plausível hipótese: a de que a renúncia seria uma manobra política. Abandonando o cargo de primeiro-ministro, Vorster teria, na verdade, aberto o caminho para concorrer à Presidência — cargo vago desde a morte, no mês passado, do ex-presidente Nicholas Diedrich.

CARGO DECORATIVO? — O próprio Vorster admitiu, logo depois da renúncia, na semana passada, que poderá ser candidato à Presidência — "se meu partido desejar". Não é difícil que seu partido, o Nacional, assim o deseje. E, se assim for, ele será com certeza sacramentado no cargo, na eleição indireta programada para esta semana: o Partido Nacional tem no Parlamento uma vasta maioria de nada menos de 134 das 165 cadeiras.

A pergunta é: contentar-se-ia um homem como Vorster com um cargo decorativo como tem sido o de presidente da África do Sul? A resposta é provavelmente não — mas, para isso, há um remédio. Está em curso, atualmente, uma reforma constitucional, orientada pelo próprio Vorster, que prevê um substancial aumento dos poderes do presidente. Esta reforma deve ser provada no início do próximo ano. A partir daí, então, emergirá um Vorster renovado — talvez ainda com mais poderes, como primeiro-ministro.

É algo ao gosto de um político que, desde o início de sua carreira, se notabilizou como defensor de regimes autoritários e sempre foi pouco dado a renúncias ou autocríticas. Nem mesmo os tempos de "general" da facção terrorista da Ossewa Brandwag, movimento nacionalista africânder, pró-nazista, que lhe valeram vinte meses de prisão, entre 1942 e 1944, mereceram dele algum reparo. Até hoje, Vorster se diz satisfetio com suas atividades durante a guerra, garantindo que "foi correto" tudo o que fez. Terminada a guerra, ele foi deputado, ministro da Educação, responsável pela reforma que excluiu os não-brancos das universidades, e ministro da Justiça, a partir de 1961. Em todos esses cargos, notabilizou-se sempre como autor de leis de segurança draconianas e paciente arquiteto do sistema de segregação racial conhecido como *apartheid*.

SVEN SIMON

Vorster: no final, desafio à ONU

OLÍMPICO DESDÉM — Desde que assumiu a chefia do governo, em 1966, substituindo o ex-primeiro-ministro Henrik Verwoerd, assassinado por um fanático às portas do Parlamento, Vorster deu, é verdade, algumas mostras do que poderia ser considerado um certo pragmatismo e flexibilidade. Nos últimos anos, por exemplo, pressionado pelas tensões sociais e pelas transformações políticas em suas fronteiras, o ex-primeiro-ministro eliminou as medidas racistas mais óbvias, como a separação entre brancos e negros nos transportes coletivos ou restaurantes, e promoveu contatos conciliadores com presidentes negros moderados, como Houphowet-Boigny, da Costa do Marfim, e Léopold Senghor, do Senegal. Mas essas foram medidas de caráter sobretudo cosmético.

Confiante na posição de seu país de detentor, entre outras coisas, de 60% de todas as reservas de ouro do mundo e 88% das reservas conhecidas no Ocidente de platina, cromo e magnésio, Vorster mais de uma vez manifestou olímpico desdém às ameaças de sanções internacionais. E, como prova de sua independência, ao anunciar sua renúncia, surpreendeu a todos com a última decisão de seu governo: nada menos que a realização de eleições na Namíbia, no final deste ano — ignorando o plano de descolonização elaborado conjuntamente pelos EUA, França, Inglaterra, Canadá e Alemanha Ocidental.

O plano desses países para a Namíbia, ex-colônia alemã dominada ilegalmente pela África do Sul, previa eleições apenas em 1979 e, assim mesmo, com a vigilância de 7 500 soldados da ONU. Vorster disse não. Provavelmente, ainda dizendo não a esse e outros planos conciliatórios apresentados pelo Ocidente para o conturbado cone sul da África — agora não como primeiro-ministro, mas como presidente. •

O melhor Receiver, o melhor Toca-Discos e o melhor Tape-Deck fizeram uma fusão.

Na fusão do três em um CCE você ganha três vezes.

Primeiro na economia de espaço: a CCE sabe que no habitat moderno a área útil precisa ser muito bem aproveitada.

Ganha na facilidade das operações: o SHC-3001 é a opção mais racional que já surgiu nos últimos tempos.

E, finalmente, ganha em qualidade: na fusão do três em um, toda a tecnologia da CCE foi utilizada para produzir o melhor equipamento compacto.

Na elaboração dos detalhes técnicos, na sofisticação do design, no requinte do acabamento, você sente que a CCE está de olhos e ouvidos abertos para o futuro.

É por isso que o homem moderno encontra no SHC-3001 a fusão de suas expectativas em matéria de som.

- Receiver AM-FM estéreo 100 watts IHF com mixer.
- Toca-discos de 4 pólos com cápsula magnética e agulha de diamante.
- Gravador com pausa, seletor de cromo e ALC do nivel de gravação.
- Sistema matrixial similar ao quadrafônico.

A vantagem de ser imparcial é que a gente acaba sendo atacado de todos os lados.

Você só sabe que está sendo imparcial quando não agrada a nenhum dos lados.

Quando VEJA informa, interpreta, analisa e discute um fato, não se preocupa em satisfazer a todos. Porque VEJA diz a verdade, doa a quem

doer. Desde o início, VEJA se propôs a ser uma revista de informação independente e corajosa. Mesmo sabendo que por isso sofreria ataques, pressões e represálias.

VEJA teve uma edição inteira apreendida quando publicou a balada da queda de Haroldo Leon Peres, ex-governador do Paraná.

VEJA desmentiu a versão oficial sobre o crime de Claudia Lessin Rodrigues. E ao entrevistar Lincoln Gordon, ex-embaixador dos Estados Unidos no Brasil, descobriu e informou que a história oficial de 1964 tinha sido mal contada.

Nestes 10 anos VEJA foi muitas vezes mutilada, ameaçada e caluniada por ser sempre fiel à verdade. Em troca, conquistou o respeito de mais de um milhão de leitores que semanalmente encontram em VEJA a informação imparcial, apresentada com inteligência, talento e coragem.

INGLATERRA

Um guarda-chuva

Sim, mas um guarda-chuva que pode matar

Desde o início, o caso pareceu saído da mais extravagante literatura de espionagem. Ao cair da tarde do último dia 7, como fazia habitualmente, o escritor dissidente búlgaro Georgi Markov caminhava no centro de Londres para mais um turno de trabalho como comentarista do serviço internacional da BBC, quando levou um empurrão de um homem forte, que carregava um guarda-chuva. "Desculpe-me", disse-lhe o estranho, com um carregado sotaque estrangeiro, antes de desaparecer num táxi. Naquela mesma noite, uma súbita e violenta febre levaria Markov a abandonar pela metade seu expediente normal de trabalho. Chegando em casa, ele se queixou à mulher de uma dolorida mancha vermelha atrás da coxa direita. No dia seguinte, Markov já estava internado no Hospital Saint James — sua pressão sanguínea caíra bruscamente e seus rins haviam deixado de funcionar. "Fui envenenado, provavelmente pelo homem do guarda-chuva", disse ele aos médicos, antes de morrer, aos 49 anos, no último dia 11.

DARDO ENVENENADO — Por insólita que possa parecer, a teoria de Markov foi levada a sério pelos agentes do serviço de contra-espionagem da polícia britânica encarregados de investigar o caso. E, de fato, o guarda-chuva do homem que abalroou Markov no dia 7 talvez fosse efetivamente uma arma. Já se tem notícia, na história da moderna espionagem e contra-espionagem, de artefatos semelhantes. Sabe-se, por exemplo, que a CIA americana, entre 1952 e 1970, elaborou projetos que iam de canetas-tinteiro capazes de lançar minúsculos dardos envenenados a botões decorativos recheados de bactérias.

UPI

Georgi Markov

Se a CIA esteve pelo menos cogitando de armas desse gênero, por que não o teriam feito também suas congêneres da área comunista — neste caso, os serviços secretos búlgaros? Na semana passada, o jornal londrino *Sunday Times* chegou mesmo a publicar uma detalhada explicação sobre o possível funcionamento do guarda-chuva exterminador. E, depois do caso Markov, surgiu mais um indício de que sua morte pode ter sido causada pelo guarda-chuva. Em Paris, um outro refugiado búlgaro — Vladimir Kostov — lembrou-se de que, em agosto, fora vítima de um incidente semelhante. Ele também sofreu um encontrão de um homem de guarda-chuva. Também ele teve febre depois — só que, no seu caso, a recuperação foi rápida. Talvez a dosagem do veneno não tenha sido suficiente para matar.

Até o final da semana passada, as autoridades britânicas não haviam ainda divulgado os resultados da autópsia de Markov, revelando a causa de sua morte. Contudo, os médicos que o atenderam continuavam inclinando-se pela tese do envenenamento. Restava, ainda, uma outra pergunta: os serviços secretos búlgaros teriam interesse na eliminação de Markov? Pode ser. Escritor consagrado em seu país, Markov chegara a freqüentar as mais altas rodas do poder em Sófia antes de abandonar o país, em 1969. A partir de então, pela BBC ele vinha destilando ácidas críticas ao regime. E, nos últimos tempos, Markov recebera ameaças de morte. ●

SUNDAY TIMES

O guarda-chuva fatal pode funcionar assim: um gatilho aciona um sistema de mola e pistão, que libera um gás e dispara o projétil envenenado

Piedosos sem emprego

Nem todos os milhões de muçulmanos que anualmente se deslocam para Meca, na Arábia Saudita, o mais sagrado santuário do Islão, estão apenas interessados em homenagear Alá e Maomé. Conforme tem comprovado o próprio governo saudita, muitos desses peregrinos utilizam seus vistos de entrada para permanecer clandestinamente no país, a maior parte com o objetivo de conseguir trabalho na florescente indústria de construção civil. Assim, este ano, o governo resolveu estabelecer um amplo controle ao redor de todas as áreas de peregrinação para prevenir que piedosos desempregados de países muçulmanos pobres, como a Indonésia ou o Paquistão, saiam de Meca em busca de trabalho em outras regiões do reino. Uma razão para a preocupação do governo do rei Khaled parece ser o temor de que os estrangeiros provoquem uma coisa inimaginável na disciplinada, conservadora Arábia Saudita: inquietação social — algo que já vem ocorrendo, vez por outra, no vizinho, e também supermilionário em petrodólares, Kuwait. No mês passado, por exemplo, 2 000 operários indianos que trabalhavam num projeto habitacional no Kuwait entraram em greve de protesto contra baixos salários e más condições de vida. A polícia interveio para acabar com o movimento e 200 grevistas foram deportados.

Carter en español

Embora obviamente tenha deixado de lado as aulas durante as duas últimas semanas, em razão das negociações sobre o Oriente Médio, o presidente Jimmy Carter está aperfeiçoando seu espanhol. O motivo: nas próximas semanas, fitas gravadas com pronunciamentos de Carter nesse idioma serão transmitidas em diversas regiões de populações latino-americanas dos Estados Unidos, da Flórida à Califórnia. A primeira dama, Rosalynn Carter, também gravará mensagens em espanhol, como parte da campanha do governo Carter para firmar sua imagem junto ao sempre crescente eleitorado de língua hispânica dos Estados Unidos. Rosalynn, porém, fala espanhol melhor que o presidente. Alguns dos assessores da Casa Branca que a ouviram exercitar-se lhe atribuem, numa escala de "A" a "C" uma nota B +. Quanto ao presidente, eles concedem a nota mínima, um C −, embora ressaltem que ele está "melhorando cada vez mais".

Como esquentar sua turma com apenas Cr$ 55,00.

O segredo chama-se "Todos os Jogos", uma coleção que traz os jogos mais divertidos e emocionantes do mundo, para você jogar gostosamente com a turma de amigos e com toda a família.

Você vai descobrir o prazer de jogar:

A cada 15 dias, você terá nas bancas os mais variados jogos. Uns, ajudam a distrair e descansam a mente; outros, servem para testar e aprimorar sua habilidade mental, desenvolvendo o pensamento estratégico.

Mas o que importa realmente é que todos eles são uma tremenda curtição pra você e a turma toda.

Em cada número você terá:

Jogos completos, trazendo um estojo plástico com peças coloridas e tabuleiros para jogar; uma revista com novidades e curiosidades sobre o mundo dos jogos, as regras e a história dos jogos mais incríveis do mundo, em todos os tempos.

Já chegou o número 1 de Todos os Jogos.

Nele você encontra: **Gamão,** o jogo da moda; Gamão Russo e Jacquet; um sensacional **Wargame,** o jogo de estratégia em que você e seus amigos comandam as grandes batalhas da História; as manhas do **Truco,** um jogo que você ganha no grito; e mais dois jogos divertidíssimos: Oito Maluco e Mau-Mau.

GRÁTIS COM O Nº 1:

Tabuleiro polivalente plastificado. Serve de base para os tabuleiros de todos os jogos da coleção. Com ele, você terá sempre uma superfície bem plana para jogar.

E, nos números seguintes, você ganha uma super-caixa de três andares, para guardar seus jogos.

Não perca "Todos os Jogos", diversão pra toda a turma. Cada 15 dias, mais jogos legais.

Nas bancas o nº 1
Cr$ 55,00. Um barato!

todos os JOGOS

A opção inteligente para o seu lazer.

Lançamento válido apenas para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro

Ponha o nariz aqui. E escolha seu inseticida.

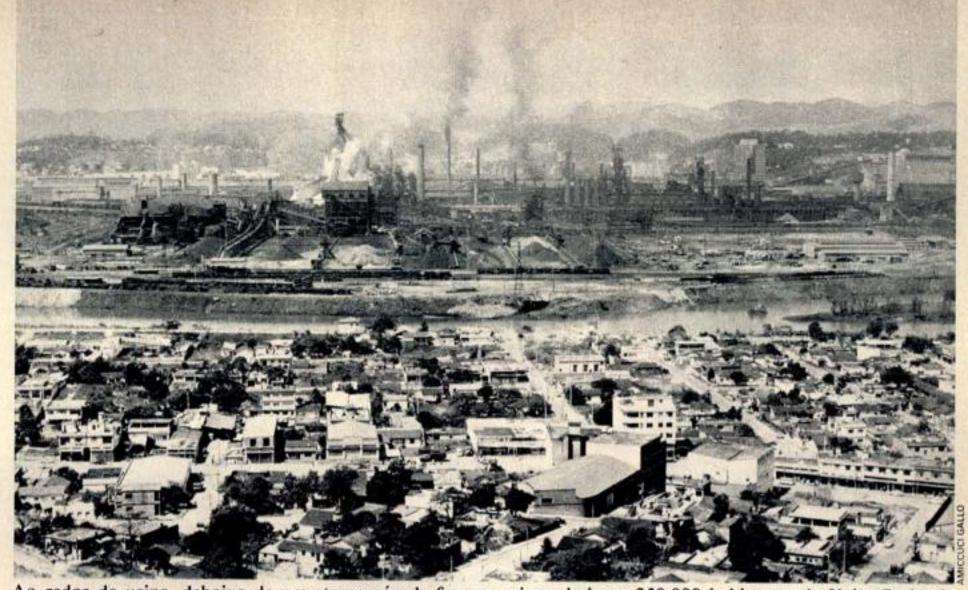
Experimente o cheiro do querosene.
E forte. Mesmo assim é usado como solvente pela maioria dos inseticidas. Por isso eles têm aquele cheiro tão forte que você conhece.

Agora experimente a água.
Água não tem cheiro, não faz mal nenhum. Por isso SBP usa água como solvente.

Água, misturada à fórmula exclusiva de SBP, cria um inseticida muito especial: poderoso contra insetos rasteiros e voadores, mesmo os mais resistentes como a barata. Ao mesmo tempo muito suave, com um cheirinho discreto que não incomoda sua família.

Essa é a grande diferença que existe entre SBP e os outros inseticidas. Todos eles matam insetos. Mas só SBP cumpre essa obrigação sem criar problemas para sua família.

AGITE ANTES DE USAR
SBP
MULTI-INSETICIDA

SBP. Terrível só contra os insetos.

Ao redor da usina, debaixo de um eterno céu de fumaça, vivem hoje os 250 000 habitantes de Volta Redonda

Forjando aço e medo

A dura vida da população de Volta Redonda, onde os problemas se acumulam a cada dia

"É gente séria, pode falar." Assinado pelo bispo dom Waldyr Calheiros, o bilhete funciona como salvo-conduto indispensável para entrevistas. Sem ele, e algumas amizades de confiança, é praticamente impossível saber o que pensa, como vive e o quanto sofre o povo de Volta Redonda, originalmente a "cidade do aço" — e nos últimos tempos chamada também de a "cidade do medo". Ali, a 120 quilômetros do Rio de Janeiro, em terras que já produziram café e onde se criou gado, foi instalada, em 1940, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). À sua volta, debaixo de um céu sempre coberto pela fumaça cor de enxofre que sai dos fornos da usina, vivem hoje os 250 000 habitantes da cidade, uma população habituada como poucas a conviver com um cotidiano terrível.

Pode-se dizer que todos dependem do mercado de trabalho oferecido pela siderúrgica, que afinal foi responsável pelo surgimento da cidade. Mais que isso, pode-se dizer que a vida de um morador de Volta Redonda está intimamente ligada à vida dentro da fábrica. São raros, portanto, os que se atrevem a reclamar dos baixos salários, que se degradam com o passar dos anos — do quarto lugar ocupado pela CSN, em 1960, na lista das empresas brasileiras que pagavam os melhores salários, hoje ela caiu para o 28.º lugar. Embora este seja, para a cidade, muito mais que um mero problema trabalhista, as queixas pouco repercutem. Este ano, por exemplo, os engenheiros e operários qualificados ganharam um aumento de 100%. E a explicação da CSN tem a sua lógica empresarial. "Houve realmente uma necessidade de valorizar nossa mão-de-obra qualificada", afirma o assessor de relações públicas, Antônio Vial Correa, "porque estávamos perdendo muitos técnicos para a iniciativa privada, o que causava prejuízos em termos de produção." Mas o pessoal não-especializado — 35% dos empregados — não obteve mais que o reajuste permitido pelo governo. E, no caso específico de Volta Redonda, a argumentação se limita ao campo empresarial. "Se um servente vai embora", diz Correa, "aparecem outros cinqüenta para substituí-lo enquanto um técnico qualificado é mais raro."

"CASSAÇÃO BRANCA" — Outras razões, de acordo com a CSN e sempre sob uma óptica de empresa, contribuíram para a gradativa deterioração salarial da CSN. "Antigamente, podíamos jogar com o preço do aço para atender às nossas necessidades", explica Correa, "mas nos últimos anos o preço se estabilizou no mercado. E não é segredo para ninguém que, no mundo inteiro, o aço tem seu preço controlado pelos governos. Assim, sempre que se pensa em diminuir a inflação, uma indústria básica, como a nossa, é das pri-

FOTOS AMICUCCI GALLO

D. Waldyr: denunciando problemas

meiras a ser atingida, o que se reflete na política salarial." Tal política acabaria com os aumentos trimestrais de tempos atrás, com uma contínua reclassificação de cargos, e até mesmo com a distribuição de 1 litro diário de leite aos empregados, para combater os efeitos da poluição. "Ficou provado que o leite não surtia efeito preventivo no combate à poeira e à fumaça, e, sim, que era importante na alimentação", diz Correa. "Assim, cortamos seu fornecimento nas unidades e passamos a distribuí-lo nas refeições e também para os filhos de operários menores de 6 anos."

A explicação uma vez mais faz sentido, mas não elimina o fato de que é praticamente proibido reclamar. A empresa manda e não admite contestações. Que o diga Sérgio Murilo Braito, de 30 anos, demitido em 1970 por ter-se recusado a modificar um relatório em que denunciava irregularidades na linha de construção e montagem da CSN. Imediatamente ele foi colocado na chamada "lista negra" da empresa, o que lhe fecha definitivamente as portas dos melhores empregos nas empreiteiras ligadas diretamente à siderúrgica. "Chega a 100 o número de operários que, como eu, sofrem uma espécie de cassação branca decretada pela usina", sustenta Braito. "O que acontece", defende-se a CSN, "é que, quando o operário é demitido por justa causa, nós recomendamos às empreiteiras para que não o empregue em atividades dentro da usina porque, se foi demitido, deve ter uma razão."

As razões podem ser do mais variado teor. Lideranças sindicais ativas, por exemplo, não costumam ser bem vistas. Que operário da cidade não se lembra de João Alves dos Santos Lima Neto, o mais combatível líder sindical que Volta Redonda já teve? Eleito em 1963, ficou apenas seis meses na direção do sindicato dos metalúrgicos, quando obteve vitórias como 50% de aumento salarial e férias de trinta dias. No primeiro dia de abril de 1964, foi preso. Seis meses mais tarde Lima Neto seria solto, mas apesar de seus vinte anos de casa, acabou demitido. Acusado de subversivo, agitador e comunista, respondeu a dois processos: em um, arquivado por falta de provas; no outro, o promotor pediu a exclusão de seu nome, "por não encontrar nos seis volumosos autos nada que pudesse constar contra o sentenciado". Hoje, Lima Neto trabalha como motorista de táxi e ainda não abandonou as esperanças de ser readmitido. "Nunca fui comunista", explica Lima Neto, "minha luta sempre foi para tirar o operário da miséria."

SEQÜELAS — Também a partir dessa época, quando outros 72 sindicalistas locais foram presos, Volta Redonda foi se transformando numa das cidades mais policiadas do país. O Batalhão de Infantaria Blindada (BIB), que funcionava na vizinha Barra Mansa, passou a exercer tal influência na conduta dos moradores que sua presença se refletia até nas eleições para a diretoria dos clubes sociais. A situação permaneceu tensa até 1968, quando foi empossada uma nova diretoria no sindicato dos metalúrgicos. Combativa e apoiada pelos operários, só duraria três meses. Com a edição do AI-5, seus membros foram presos e destituídos de seus cargos. As arbitrariedades policiais foram denunciadas publicamente pelo bispo dom Waldyr Calheiros, que mandou circular para ser lida em todas as igrejas. A partir daí, e com mais intensidade depois da condenação de seis militares do BIB a um total de 473 anos de prisão, em 1973, em razão da morte de cinco soldados nas dependências do quartel, denunciada por dom Waldyr, estreitaram-se cada vez mais as relações da população com a Igreja.

Ao mesmo tempo, o poder do BIB arrefecia e o policiamento, sob o controle dos órgãos de segurança do Esta-

As casas da empresa, alugadas até por 3 000 cruzeiros, e as favelas que crescem na periferia

BAIXE O CUSTO DA GASOLINA. CHEGOU ARCOGRAPHITE.

Chegou o óleo que vai fazer você economizar gasolina de verdade.
ARCOgraphite, o novo e revolucionário óleo lubrificante exclusivo da Atlantic.
ARCOgraphite é uma combinação de dois poderosos lubrificantes: grafite e óleo mineral premium.
ARCOgraphite diminui substancialmente o atrito entre as partes móveis do motor, aumentando o rendimento e economizando até 8,7% de gasolina.
ARCOgraphite reduz o atrito porque a grafite em suspensão no óleo penetra nas microrranhuras e sulcos das peças móveis do motor, formando uma película protetora.
O motor trabalha fácil e muito mais macio, com melhor aproveitamento da energia gerada pela combustão da gasolina. Isso resulta em maior rendimento do seu carro e menor desgaste do motor. E, conseqüentemente, em economia de verdade para você.

ARCOgraphite FAZ BAIXAR O CONSUMO DE GASOLINA EM ATÉ 8,7%

A economia de até 8,7% é o resultado de avaliação estatística de um teste realizado nos Estados Unidos com uma frota de veículos, que percorreram 480 000 quilômetros em cidades e estradas.
Os resultados desse teste mostraram uma economia de gasolina que variava de 1% a 8,7%, sendo a média 4,8%. Esta variação nas vantagens obtidas depende dos hábitos de dirigir do motorista, do tipo do automóvel e do motor oil usado anteriormente.
Os benefícios máximos são alcançados após formada a película de grafite no motor, o que geralmente acontece com 800 quilômetros de uso.

ARCOgraphite BAIXA O CUSTO DA MANUTENÇÃO

A ação protetora de ARCOgraphite e a diminuição do atrito reduzem o desgaste do motor em até 45%.
O motor do seu carro vai durar muito mais tempo com menos gastos em manutenção.

ARCOgraphite BAIXA A POLUIÇÃO SONORA

A maior fonte de ruído de um carro é o motor.
Reduzindo-se o atrito entre as peças móveis, reduz-se o ruído.
Com ARCOgraphite você diminui bastante a poluição sonora produzida pelo seu carro.

ECONOMIA EM DINHEIRO VIVO
Veja o seu lucro em cada 10 000 quilômetros usando ARCOgraphite

	Carro pequeno	Carro grande
Consumo de gasolina	10 km p/ litro	5 km p/ litro
Consumo de gasolina em cada 10 000 km	1 000 litros	2 000 litros
Economia de gasolina até 8,7%	87 litros	174 litros
Quilômetros adicionais	870 km	870 km

Multiplique os litros economizados pelo preço da gasolina

Mude hoje mesmo para ARCOgraphite nos postos Atlantic.

AMICUCCI GALLO

Os operários: depois de dez anos, voltando a lutar por salário

do do Rio, tornava-se menos ostensivo e mais prudente. "Com as denúncias freqüentes de prisões arbitrárias, de torturas e o episódio dos soldados assassinados", explica dom Waldyr, "as patrulhas foram suprimidas, as prisões políticas no BIB acabaram. Agora, o controle é feito pelos telefones, a farda não aparece tanto." O convívio com a repressão, porém, deixaria seqüelas duradouras. Até hoje, estranhos são tratados com cautela, a distância. Poucas pessoas mostram-se receptivas a perguntas. O salvo-conduto representado pelo bilhete de dom Waldyr dá uma idéia do entrosamento entre a população e a Igreja. Pelo menos um terço dos habitantes de Volta Redonda freqüenta os dezesseis templos católicos que rodeiam a usina, e cresce o número de interessados em formar o movimento das comunidades de base. Um paroquiano escondido no anonimato explica: "Quando vimos o bispo se arriscar, entrando nos quartéis para saber dos presos, sendo interrogado e até respondendo a processos, ficamos impressionados. Por isso, qualquer problema que surja em nossa vida, levamos para ele".

BARES E IGREJAS — Há até quem explique essa derivação em direção à Igreja pelo fato de não existirem alternativas de lazer para a população. Volta Redonda, definitivamente, é uma cidade atípica. Não há praças para a prática de esportes nem áreas destinadas a piqueniques ou passeios, a não ser o Horto Florestal, encampado pela Prefeitura, que cobra entrada de 5 cruzeiros por pessoa. A CSN também está presente no setor de diversões e serviços: são seus os dois cinemas e os dois hotéis da cidade. Zona de prostituição nunca existiu porque a companhia não permitiu. Não há teatros e alguns arremedos de discotecas são freqüentados avidamente nos fins de semana. De segunda a sexta-feira, após 11 da noite, não há o que fazer.

Dessa forma, para os que não podem se dar ao luxo de associar-se a um dos doze clubes locais, não resta nada além das igrejas e dos bares. É alto o índice de alcoolismo e de internamentos psiquiátricos: os 320 leitos disponíveis nos dois hospitais psiquiátricos estão sempre lotados. Até a especulação imobiliária — praga que assola as grandes cidades brasileiras — acabou chegando a Volta Redonda. A Cecisa, subsidiária criada pela CSN para administrar seus milhares de imóveis — a quase totalidade dos 23 000 operários paga aluguel à empresa —, começou a concorrer com as imobiliárias ditando as regras do mercado. Em conseqüência, o aluguel das casas mais modestas, que não chegava a custar 300 cruzeiros mensais, hoje pulou para a faixa dos 3 000 cruzeiros. E uma casa confortável, que há dois anos podia ser comprada por 300 000 cruzeiros, agora não custa menos de 2 milhões.

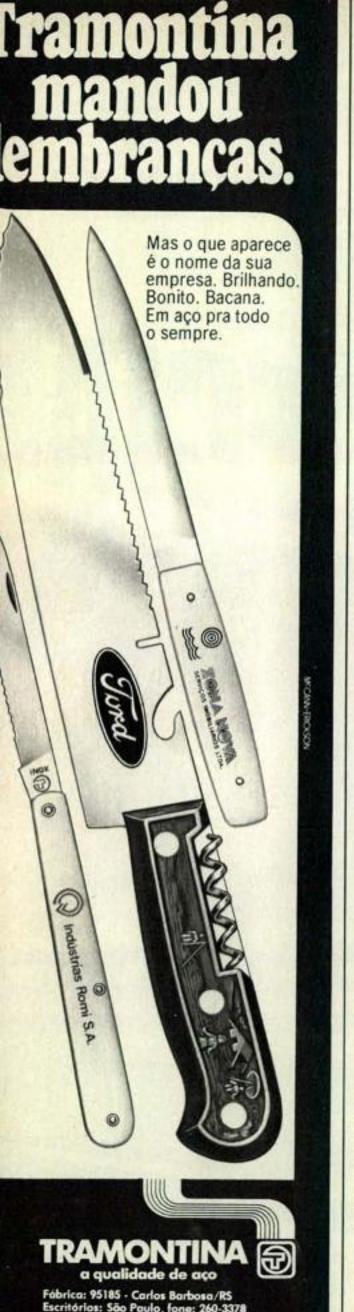
BOA EDUCAÇÃO — Um dos poucos setores que não merecem críticas da população é o educacional. Existem 52 grupos escolares na cidade, atendendo 46% das 16 365 crianças em idade escolar. Nas dez faculdades locais estão matriculados, este ano, 3 200 alunos. O problema, no caso, é saber para onde mandar esse contingente depois de formado, pois, excluindo a CSN, uma fábrica de cimento e uma metalúrgica, as duas dezenas de empreiteiras existentes na cidade são contratadas apenas nos períodos de expansão da usina. O mito dos bons salários, no entanto, continua atraindo trabalhadores, e o resultado é que, em trinta anos, a população dobrou cinco vezes. De acordo com os últimos dados disponíveis, em 1974 já viviam 25 000 pessoas em favelas na periferia da cidade.

Para minorar a situação, o prefeito (nomeado, porque Volta Redonda é considerada área de segurança nacional) George Leonardos promete entregar, nos próximos dois anos, 4 000 residências construídas pela Cohab local para pessoas de baixa renda. Até lá, porém, a demanda certamente já será maior que essa oferta. Como explica Joaquim Sampaio dos Santos, um comerciante português de 52 anos, que dedica parte de seu tempo ao Serviço de Obras Sociais, entidade que ajudou a fundar há onze anos, a situação vem piorando, principalmente após as periódicas fases de expansão da usina, quando as empreiteiras atraem 20 000 e até 30 000 operários para dentro da cidade, pagando alojamento e comida. "Quando acaba o trabalho", conta Santos, "elas demitem todo mundo e Volta Redonda é assolada por desempregados, com problemas terríveis."

Questões desse tipo estão fora do alcance dos operários. Aos poucos, porém, eles parecem retomar o ânimo para lutar pelo menos pelo restabelecimento de condições aceitáveis de trabalho. Na última assembléia do sindicato dos metalúrgicos, por exemplo, dos 15 000 associados, mais de 9 000 compareceram para debater o aumento de 39% proposto pela CSN para este ano. Destes, quase 6 000 surpreenderam o presidente do sindicato, Waldemar Lustosa — freqüentemente acusado de "peleguismo" —, com um estrondoso não à oferta da empresa. "É a primeira vez que isso acontece", diz Lustosa, que promete lutar junto à CSN por um aumento maior. Embora não acreditando no poder de barganha de seu presidente, algumas novas lideranças sindicais já consideram o primeiro "não", depois de tantos anos, ao menos como um indício objetivo de que finalmente as coisas podem estar mudando em Volta Redonda. E mudando para melhor. LÚCIA RITO

Quem tem Cheque Especial Banespa vive ocasiões fora do comum. Com inteligência e bom senso. O Cheque Especial Banespa é a própria imagem do seu portador. Moderno, dinâmico e muito seguro. Você pode sacar até três vezes o seu saldo médio, sem nenhum problema. Por isso, você recebe mais do que atenção. Recebe um tratamento especial. Com o Cheque Especial Banespa, o especial é você.

cheque especial banespa

Procure uma agência do Banespa.

Nazaré (MA): na procissão, um emaranhado de crenças e ladainhas

O povoado da fé

Os domínios do curandeiro Bruno e seus herdeiros

Aos 10 anos de idade, José Bruno de Morais já era conhecido pelos vizinhos, no paupérrimo município de Barro Duro, no interior piauiense, por sua capacidade de prever acontecimentos futuros. Certo dia de 1910, porém, os pais do menino acharam que ele já estava exagerando em suas previsões. Seres que chamava de "encantados", dizia, haviam-lhe garantido que seria construtor e dono de uma cidade. O atrevimento custou a José Bruno uma surra. O tempo, porém, se encarregaria de concretizar as previsões dos misteriosos "encantados". A cerca de 350 quilômetros de São Luís, no Maranhão, cercado por quatro colinas, viceja hoje o povoado de Nazaré — fundado e até hoje dominado por "Mestre" Bruno e seus descendentes.

São cerca de 650 casebres de taipa e algumas casas de tijolos, espalhados por três avenidas — a Nossa Senhora de Nazaré, a São João e a São José —, uma rua e uma travessa. As colinas também ostentam denominações pias — monte do Calvário, de Nossa Senhora das Graças, de Nossa Senhora do Monte e de Nossa Senhora dos Remédios —, e são encimadas por cruzes e pedras em círculo, transformados em lugar para orações. "É tudo família do mesmo pai Jesus Cristo", diz, misterioso, "Mestre" Bruno, "são apadrinhados de Nossa Senhora de Nazaré e afilhados dos guias encantados príncipe João Falcão e príncipe Areolino Jureman."

A simbologia religiosa não surge por acaso, e compõe apenas um traço do rico desenho místico da comunidade de Nazaré do Bruno, um dos mais vivos e singulares exemplos de sincretismo religioso que subsistem no interior do Brasil. Trata-se de um autêntico emaranhado da fé, entrelaçando "pontos" umbandistas em capelas católicas com ladainhas do Santíssimo Sacramento entoadas em latim em terreiros de umbanda.

"COMUNISTA ESPÍRITA" — As raízes de tão estranha comunidade repousam na década de 1930. Nessa época, já conhecido na região do vale médio do rio Parnaíba por seus dotes de curandeiro — e por isso mesmo expulso de várias fazendas onde pretendia fixar-se como morador —, "Mestre" Bruno chegou ao município de Caxias, no interior maranhense, acompanhado por oito famílias atraídas por suas orações e por sua competência em lidar com plantas medicinais. Logo conseguiu, de um parente, permissão para explorar 1 500 hectares de uma terra árida e sem água. Em 1937, a conselho de um dos "encantados", o "príncipe João Falcão", "Mestre" Bruno comprava aquelas terras, batizava-as com o nome de Nazaré e levantava uma capela e uma tenda de umbanda, com o firme propósito de "tratar o povo pobre pelo resto da vida", lembra ele.

O povoado cresceu rapidamente, não só pelas curas de "Mestre" Bruno, mas também pelo fato de ele não cobrar qualquer espécie de tributo às famílias de lavradores que por ali quisessem se estabelecer. Tão original reforma agrária acabaria custando ao curandeiro a acusação de "comunista espírita", levantada pela vizinha família Cruz. "Mestre" Bruno acabaria preso em São Luís durante um mês, e, quando voltou, a mística em torno de sua figura havia naturalmente aumentado, engrossando ▶

A tecnologia japonesa rompe a barreira do convencional e antecipa o futuro: Minicalculadora C. Itoh LC-2500 com visor de cristal líquido.

Sem favor algum, esta é a mais avançada calculadora eletrônica de 8 dígitos que o cérebro humano já conseguiu desenvolver.

Os laboratórios de pesquisa da C. Itoh japonesa foram capazes de inovar alguns detalhes que pareciam definitivos no mercado de calculadoras.

Como o seu próprio nome diz, a LC-2500 opera 2.500 horas de cálculos sem troca de baterias. Usando-a duas horas diárias, por exemplo, você só trocará as baterias depois de quatro anos. Nenhuma outra calculadora oferece custo operacional tão baixo.

Essa é uma das grandes conquistas do visor de cristal líquido: consumo de energia aproximadamente 1.000 vezes menor que o dos visores convencionais.

Agora observe o tamanho real da LC-2500 na foto maior deste anúncio, 65 x 115 x 7 milímetros são dimensões que só os japoneses poderiam imaginar, não?

É por essas inovações e pelas demais que você pode ver abaixo, que a C. Itoh pode deixar a modéstia de lado e afirmar que antecipa o futuro.

Calculadoras C. Itoh.
Qualidade incalculável.

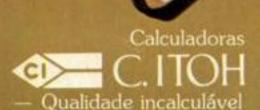
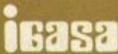
Novo visor de cristal líquido com filtro especial, visível mesmo com incidência direta de luz.

Efetua com precisão os mesmos cálculos que uma calculadora de mesa lhe proporciona.

Tamanho real

Novo teclado "Soft-Touch", exclusivo, que utiliza borracha condutora e opera ao mais leve toque.

É apresentada em fino estojo de couro com agenda para anotações.

Apenas 7 milímetros de espessura! Ocupa um mínimo de espaço no seu bolso.

Produzidas na Zona Franca de Manaus pela

Indústrias Gerais da Amazônia S.A.
Apoio Sudam, Suframa, Codeama e BEA

Opera 2.500 horas de cálculos sem troca de baterias. Isto significa um custo operacional baixíssimo.

Telefones: • Manaus: 232-4601 • São Paulo: 260-5046/35-7827 • Rio de Janeiro: 231-1445/246-0875 • Belo Horizonte: 224-6475 • Recife: 326-4182 • Brasília: 23-5677 • Porto Alegre: 24-8272 • Caxias do Sul: 21-3922 • Curitiba: 33-7512 • Blumenau: 22-4662 • Salvador: 226-2026 • Fortaleza: 224-8348 • São Luiz: 222-4955

TADEU LUMAMBO

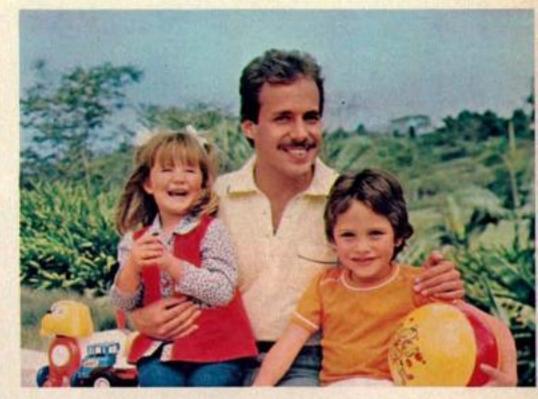
"Mestre" Bruno e os "encantados": curando doenças e cedendo terras

as fileiras de crentes em busca de conselhos para negócios, casamentos, viagens, plantios e curas para os mais diversos males, de ataques de loucura a picadas de cobra. Em 1950, o povoado já tinha 200 famílias, agora pagando um dia anual de trabalho nas terras do "Mestre", para cobrir as despesas com as "cerimônias da fé". Hoje, já são perto de 3 000 habitantes, formando um povoado maior do que muitas cidadezinhas da região.

BENEFÍCIOS GERAIS — A oposição inicial da Igreja Católica foi consideravelmente amainada. Agora, um padre vai duas vezes por ano rezar missa e realizar casamentos e batizados em Nazaré. "Foi coisa de diplomata trazer um padre aqui", explica Vicente Pereira de Morais, primogênito e presuntivo herdeiro espiritual de "Mestre" Bruno. "Bom para Nazaré e bom para a Igreja." Com certeza, foi melhor ainda para os Pereira de Morais, que viram reconhecida no plano espiritual a dominação econômica que exercem sobre o povoado a partir da liderança mística do "Mestre". Hoje a família é proprietária de 3 140 hectares de terras em torno de Nazaré e quarenta casas no povoado. Embora os posseiros continuem sem pagar foro, são obrigados a vender os 100 sacos de babaçu colhidos por semana à família, e aconselhados a moer a mandioca e o arroz que plantam nos engenhos administrados por Herculano, o segundo filho do "Mestre".

O próximo passo, agora, parece ser a dominação política de Nazaré, que os Pereira de Morais pretendem transformar em município. Precavidamente, o primogênito Vicente já acompanha os candidatos arenistas nos palanques, não escondendo a pretensão de ser o futuro prefeito do lugar. "A fase de curral eleitoral já acabou", ressalva Vicente, "mas 80% dos eleitores daqui votam nos candidatos que a gente indicar." O que não significa que não haja oposição no plano espiritual: o pastor Antônio Medeiros Silva, da Assembléia de Deus, empenha-se na espinhosa tarefa de "salvar da idolatria as almas perdidas de Nazaré", num esforço que já lhe rendeu 150 fiéis seguidores.

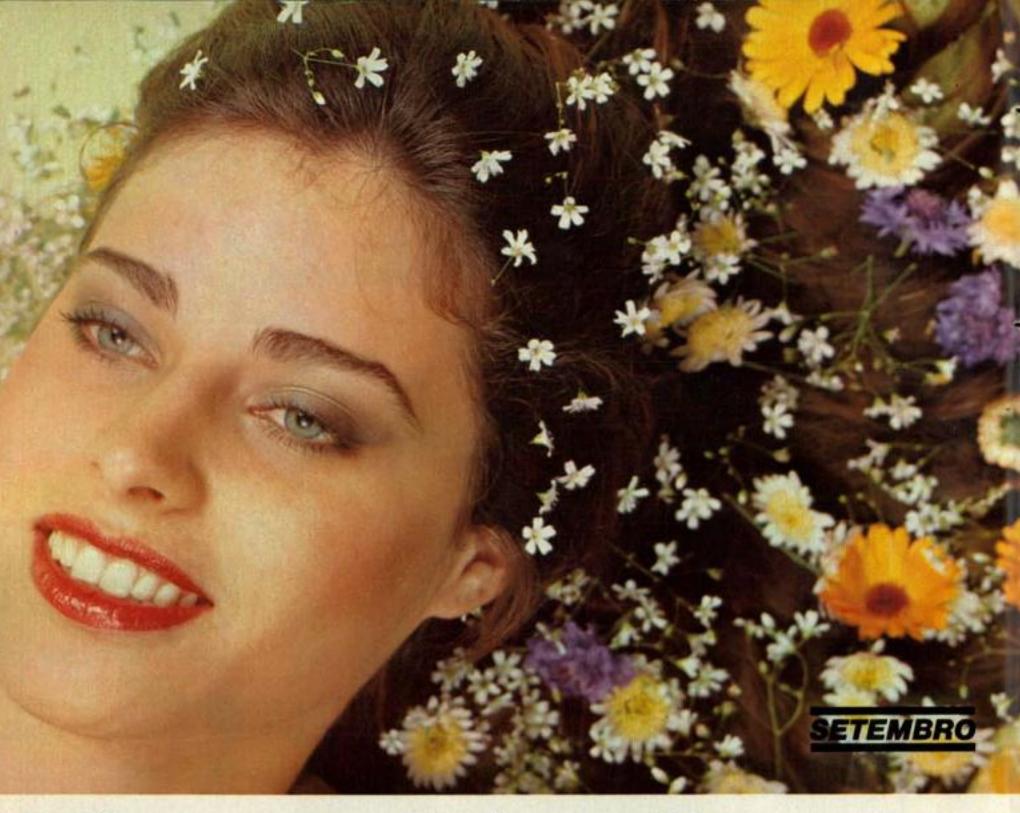
LUIZ RICARDO LEITÃO

Parece Mágica.

Você não precisa entender nada de fotografia para dar um show. A Câmara Kodak Instantânea é moderna, não tem botões complicados, fotografa bem em qualquer lugar, com luz do sol ou flash. E o filme é em cartucho, mais fácil de colocar na máquina.

Agora o gostoso mesmo é ver a cara do pessoal quando a imagem da foto que você tirou vai aparecendo ... aos pouquinhos ... como num passe de mágica.

É uma foto instantânea com a nitidez e a vida das cores naturais Kodak. E tem um acabamento plastificado muito chic, que protege a foto contra rachaduras, dedinhos sujos e outras manchas. Compre logo sua Câmara Kodak Instantânea e comece o espetáculo. Você vai receber muitos aplausos.

A Kodak dá vida à foto instantânea.

SETEMBRO

Deixe o verde invadir a sua alma.

É primavera.
Primavera bem brasileira, com flôres e muito verde. Participe da vida. Deixe o verde invadir a sua alma e aprenda a lição que a primavera nos dá: não existe coisa melhor do que um clima agradável, com temperatura equilibrada e estável. Nós sabemos disto. O clima tem sido a nossa preocupação. Não queremos substituir a primavera que chega com o mês de setembro: queremos, apenas, mantê-la para sempre em sua casa e em seu escritório.
É por isto que fabricamos o mais avançado aparelho de condicionador de ar - - o Springer Admiral.
Com êle você controla o tempo e realiza o milagre do clima perfeito.
É setembro. É primavera.
É tempo de Springer Admiral.

Viva mais!
Viva melhor o ano todo com ar condicionado

Fábricas: Canoas (RS.), Paulista (PE.) e Manaus (AM.)

O banco do papa

Negócios obscuros maculam as finanças vaticanas

Os assoalhos são de mármore, as paredes recobertas de quadros de bom gosto. Recepcionistas em trajes azuis, postados atrás da porta de entrada, acompanham clientes privilegiados até longos e reluzentes balcões. Apenas uma discreta placa externa de metal identifica o local como sendo o Instituto para Obras Religiosas (IOR) — eufemismo sob o qual se esconde o poderoso Banco do Vaticano. Instalado entre os muros de uma severa fortaleza do século XVII, o IOR é na verdade o principal estabelecimento de crédito, de transações de letras e de outros valores do Vaticano, bem como uma das mais misteriosas entidades financeiras do mundo. E só agora o tradicional sigilo sobre suas operações começa a desfazer-se.

Uma década de queixas contra a voracidade pouco eclesiástica que o Banco do Vaticano revelaria em seus negócios culminou agora em novas acusações desabonadoras. Elas ameaçam reacender o debate em torno do papel da Igreja nos negócios temporais e perturbar o início do pontificado do papa João Paulo I. E podem resultar na destituição de seu atual diretor, o bispo Paul Marcinkus, um antigo guarda-costas do papa Paulo VI, nascido há 56 anos em Illinois, EUA, de uma família de pobres imigrantes lituanos.

EVASÃO FISCAL — A mais recente controvérsia vicejou exatamente dentro da hierarquia eclesiástica. Cardeais presentes à Congregação Geral — a assembléia que, da morte de Paulo VI à posse de João Paulo I, funcionou como uma espécie de governo provisório da Igreja — manifestaram sua preocupação com o modo de operar demasiadamente independente do Banco do Vaticano. Segundo fontes bem informadas, eles teriam inclusive solicitado um relatório completo ao cardeal Jean Villot, secretário de Estado e segundo homem do Vaticano. A inquietação dos cardeais teve o endosso da imprensa italiana, que voltou a acusar o IOR de astuciosas operações com moedas e ações estrangeiras, além de ajudar abastados cidadãos italianos a burlar as leis fiscais e cambiais de seu país. Conclamando João Paulo I a impor "ordem e moralidade" às finanças do Vaticano, o respeitado semanário econômico *Il Mondo* acusou o IOR de usar "os canais mais inescrupulosos oferecidos pelo capitalismo, regime social que a Igreja condena". De fato, os católicos estão obrigados, notadamente a partir da encíclica *"Quadragesimo Anno"*, de 1931, a se enquadrarem num modelo eqüidistante dos extremos do "capitalismo ganancioso e do socialismo totalitarista".

PARIS MATCH

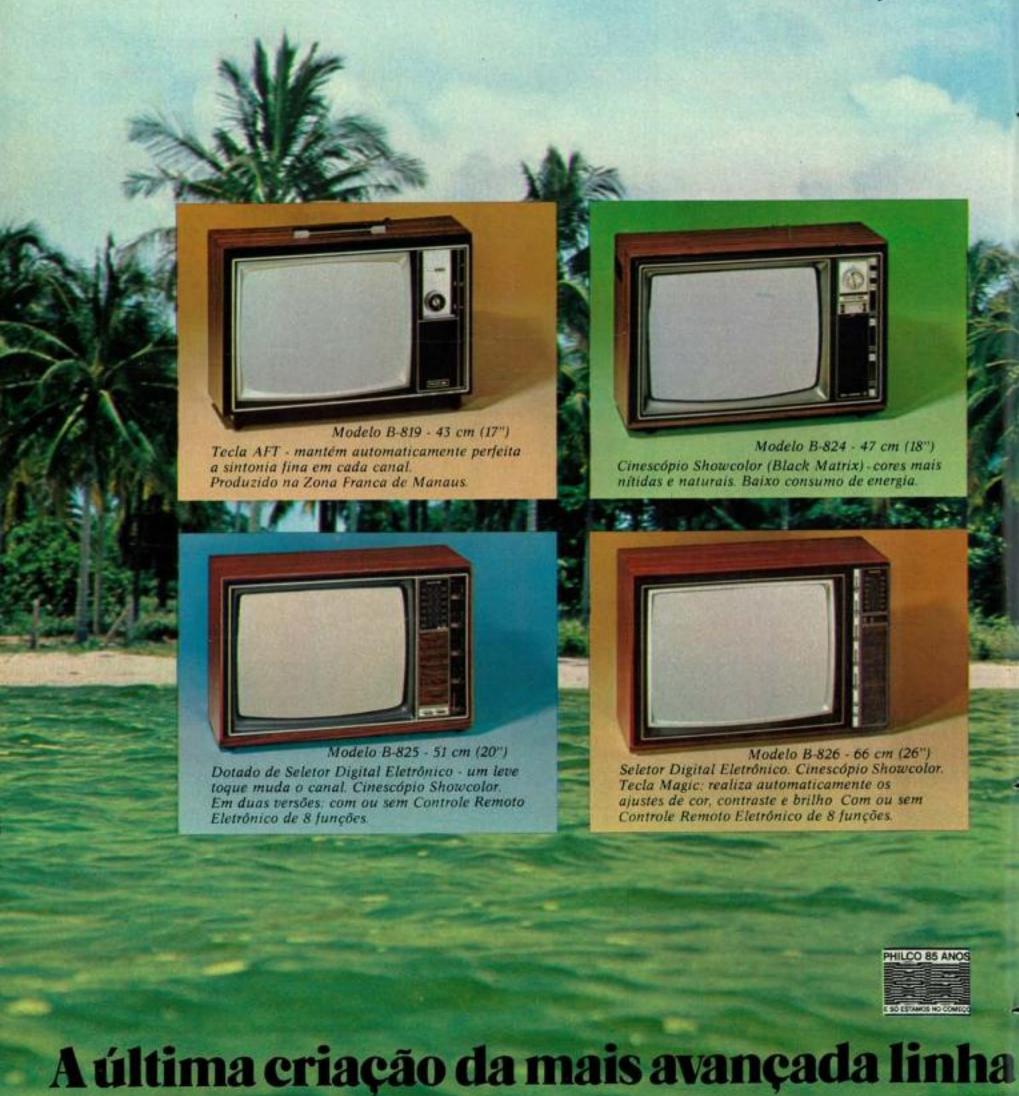
Paulo VI com Marcinkus: amigos

O IOR é apenas um entre os diversos instrumentos financeiros do Vaticano, mas de modo algum pode ser considerado uma organização insignificante. Estabelecido pelo papa Pio XII, em 1942, ele detém um volume de depósitos de 2,5 bilhões de dólares, o equivalente ao que possuem hoje, conjuntamente, os dois maiores bancos particulares brasileiros, Bradesco e Itaú. Seus clientes, cerca de 7 000, são o papa, os cardeais, os administradores das ordens religiosas, os funcionários do Vaticano, os diplomatas ali acreditados e, naturalmente, alguns leigos italianos preocupados com o avanço do comunismo e do terrorismo em seu país, bem como com a queda da lira. Após uma adequada apresentação, qualquer pessoa influente pode abrir uma conta e obter facilmente a transferência de fundos para abrigos ainda mais seguros, como a Suíça, sem que lhe façam perguntas. A única condição é que o cliente doe à Igreja parte de seus depósitos (geralmente 10%).

PROMOÇÃO OU DEMISSÃO? — Para o bispo Marcinkus, as últimas acusações ao Banco do Vaticano podem implicar o fim de uma notável carreira clérico-financeira. Começando em 1959, como obscuro funcionário da Cúria Romana, ele serviu de intérprete e guarda-costas nas viagens do falecido Paulo VI ao exterior. Os muitos inimigos que fez até hoje, referindo-se a seu porte atlético de ex-jogador de rugby e a seus quase 2 metros de altura, garantem que ele alcançou a atual posição utilizando-se mais de cotoveladas e joelhadas do que de inteligência. De fato, foi como guarda-costas que o bispo Marcinkus ganhou a confiança de Paulo VI, que o designou para a direção do Banco do Vaticano em 1969.

Há alguns anos, quando os semanários italianos *Panorama* e *L'Europeo* o acusaram de investir dinheiro no cassino de Monte Carlo, na fábrica de armas Beretta, numa empresa canadense de anticoncepcionais orais e de haver confiado a gerência do Banco do Vaticano ao financista siciliano Michele Sindona (atualmente nos EUA, lutando contra sua extradição para a Itália, sob a acusação de falência fraudulenta), circularam rumores dando como iminente a sua demissão. Desta vez, no entanto, até altos funcionários do Vaticano discutem a gestão do bispo Marcinkus. "Existe de fato um movimento para afastá-lo", admite um deles. "Supõe-se que o mais tático seja dar-lhe uma diocese." E, embora pareça incerta a atitude que tomará João Paulo I, o fato é que o sucedido até agora já confere ao IOR uma legenda nada compatível com uma Igreja ultimamente empenhada em voltar aos valores do cristianismo primitivo. •

Novo Philco 20 com
A emoção

A última criação da mais avançada linha

cinescópio Showcolor. colorida.

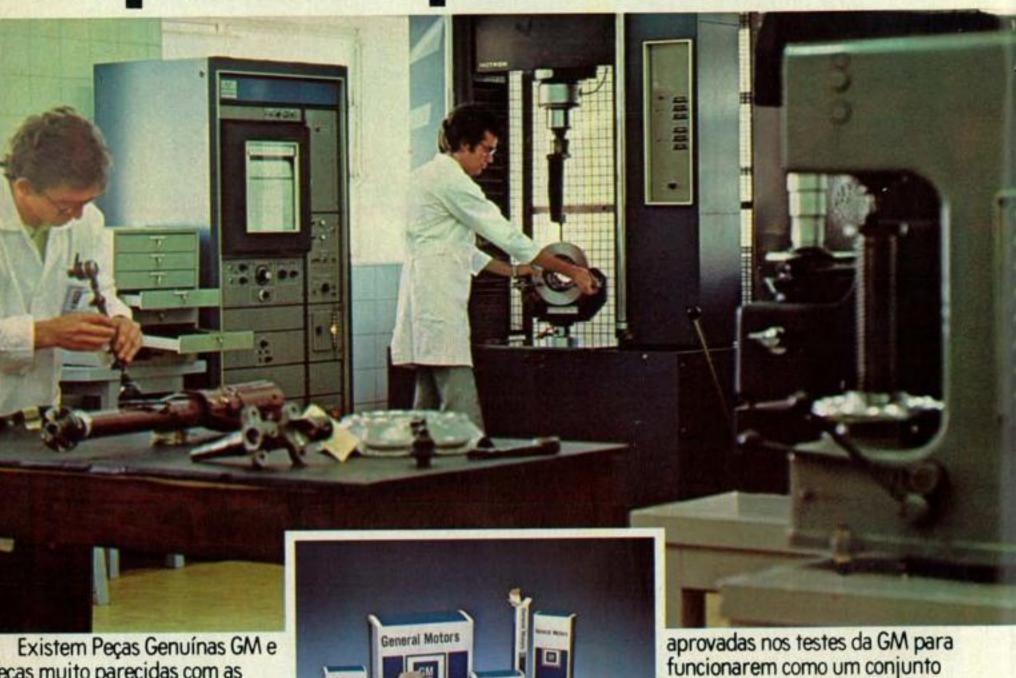
Modelo B-828 - 51 cm (20")

- A emoção do novo cinescópio Showcolor com Black Matrix, que proporciona mais brilho e mais contraste, tornando as cores mais nítidas e naturais.
- A precisão da tecla AFT (Sintonia Fina Automática), que mantém o aparelho com perfeita sintonia em cada canal, eliminando a necessidade de contínuos ajustes.
- A economia, eficiência e durabilidade da transistorização total e a utilização de Circuitos Integrados.
- A beleza e modernidade do gabinete de alto luxo.
- A qualidade multicontrolada Philco.

de TV em cores do Brasil.

As cores como a natureza criou.

O que não passou por este laboratório, não deve ser passado para você.

McCANN-ERICKSON

Existem Peças Genuínas GM e
eças muito parecidas com as
enuínas GM. A diferença, muitas
ezes você não vê.
Mas o laboratório de inspeção
a GM vê. E vê através de
quipamentos sofisticadíssimos.
O resultado dessa inspeção é
igoroso. Peça que não serve:
ora! Ela jamais vai entrar
um veículo da linha Chevrolet.
Por isso, na hora de repor qualquer peça
o seu Chevrolet, não admita que passem para
ocê aquilo que não passou pela GM.
Exija Peças Genuínas GM. Aquelas que foram
aprovadas nos testes da GM para
funcionarem como um conjunto
perfeito, dentro do seu Chevrolet.
E que são vendidas em
embalagens com a marca GM.
Fora delas, você estará usando
peça que o seu Chevrolet, mais
cedo ou mais tarde, vai rejeitar.
Exatamente como a GM faz.

Peças Genuínas

FOTOS PEDRO MARTINELLI

Aula de dança do ventre em São Paulo: nada a ver com Hollywood

Ventreterapia

Agora a dança do ventre não é só sensual

Modismo? Uma espécie de terapia? Ou simplesmente uma forma de "trabalhar o corpo"? Sejam quais forem as motivações secretas e pessoais — qualquer uma ou nenhuma daquelas —, o fato é que psicólogos, arquitetos, jornalistas e donas-de-casa de São Paulo estão dedicando quatro ou cinco horas semanais para aprender o "raksael hai" (para os árabes), ou "belly dance" (para os americanos), ou ainda dança do ventre (para nós brasileiros).

"Mais importante que a dança do ventre em si", afirma o psicólogo Pedro Barreto Prado, 29 anos, o único homem de uma das turmas, "o que atrai é a possibilidade de trabalhar toda a energia do corpo." Afinal, a redescoberta do corpo, a ampliação do repertório de movimentos, corresponderia à ampliação das fronteiras da personalidade.

Assim, reduzida a tal fórmula, a dança do ventre perde muito do mistério e do fascínio das odaliscas. Mas não deixa de ser original o espetáculo proporcionado por seus aprendizes no amplo salão do subsolo de uma antiga mansão do bairro paulistano de classe média alta do Pacaembu: ao som de uma cítara hindu, uma dúzia de alunos se esforçam em acompanhar os movimentos do ex-dançarino de balê Evaldo Bertazzo. Há mais de três anos, junto com o ex-arquiteto e bailarino Alberto Pinto, Bertazzo decidiu inovar lançando o curso de dança do ventre.

"SALADA MISTA" — Reunindo a experiência de balê clássico e moderno, os dois foram a San Francisco (EUA), onde conheceram a tunisina Jamilia Salimpour — hoje a maior expert, no ocidente, em dança do ventre. Na volta, eles acabariam produzindo o que chamam "salada mista" de técnicas, uma tentativa de ocidentalizar as herméticas técnicas orientais e traduzi-las "num enfoque pessoal".

"Percebemos que existem algumas técnicas capazes de atingir certas áreas do corpo, e escolhemos a técnica oriental menos pelo que de exótico possa ter, e mais pela diversidade e riqueza de movimentos. Nada é reto. Tudo é anguloso, centrífugo, redondo." Mas a lendária sensualidade da dança do ventre é vista por Bertazzo como mais uma distorção consumista e ocidental. Durante muito tempo, todo filme "made in Hollywood" ambientado em países orientais mostrava a infalível odalisca seminua em "medíocres" números de dança do ventre. Os alunos não parecem preocupados com o aspecto sensual da dança. "A primeira intenção de quem a procura é terapêutica, para o corpo e para a mente. Na dança oriental o centro vital é o abdomen, e trabalhando-se essa área consegue-se encontrar o equilíbrio", afirma a jornalista e aluna Cleo Santos Lima.

Pouco preocupada com a discussão teórica, a ex-bailarina do grupo da legendária Maria Olenewa, Manuela, 29 anos — cujo nome real é Maria Ribeiro —, decidiu abandonar o balê clássico e dança moderna para dedicar-se exclusivamente à dança do ventre. E hoje é praticamente a única em São Paulo com esquema profissional e que desenvolveu um estilo próprio "com algumas necessárias adaptações", segundo ela, que vê na dança a fórmula tradicional de "magia, sedução e mistério". Nos últimos três anos Manuela tem-se apresentado em shows, a maioria em festas familiares das colônias árabe e judaica.

Manuela: desligada das novas teorias

Ainda que bem-sucedida, Manuela tem algumas queixas: "O público brasileiro é bem diferente do árabe e do judeu. Artisticamente, o número de dança do ventre deve ser feito fora do palco, junto ao público. Aí começa o problema: a mulher brasileira não está familiarizada com esse tipo de dança e sente ciúmes. As mulheres árabes, ao contrário, me incentivam, pedem que eu suba na mesa, não se importam que eu brinque com seus maridos. Muitas me procuram depois do show e querem que eu lhes ensine a dançar". •

Míni-candomblé

Aulas para crianças, num terreiro baiano

O currículo, seguramente, não chega a ser convencional. Os alunos, podem, em certa hora, dançar ao som de atabaque e maracá, cantando em nagô histórias de orixás. No caso, contudo, nada mais natural. Pois desde abril passado, quando começou a funcionar, a Míni-Comunidade Obá-bi-yi se instalou num terreiro de candomblé do bairro pobre de São Gonçalo do Cabula, em Salvador. Destinada prioritariamente aos filhos das pessoas que fazem parte do terreiro Axé Opó Afonjá e com 72 alunos, a escola procura transmitir às crianças que a freqüentam a herança cultural negra de seus antepassados.

Mas as disciplinas comuns a todas as escolas também estão presentes. Fazem-se exercícios de coordenação motora e de preparação para a alfabetização. As crianças recebem noções básicas de higiene e há também a hora das brincadeiras. Tudo conforme a idade, naturalmente, pois a Obá-bi-yi é freqüentada por crianças que mal começaram a falar até adolescentes, sem contar alguns recém-nascidos repousando num berçário. Mas a maioria pertence a uma faixa etária compatível com a iniciação à seita dos pais. Das vinte pessoas encarregadas de cuidar das crianças, seis são professoras contratadas pela Prefeitura de Salvador. As outras foram recrutadas no próprio terreiro, como Deoscoredes dos Santos, o "mestre Didi", membro da Sociedade de Estudos de Cultura Negra no Brasil — a entidade responsável pelo projeto da escolinha.

Há, porém, quem critique o projeto, como o professor Guilherme Souza Castro, do Departamento de Etnologia e Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Para ele, "trata-se de uma tentativa romântica de preservação cultural, já que a cultura negra sempre evoluiu e, principalmente, recebeu a influência de outras etnias". De qualquer maneira, essa tentativa vem merecendo elogios de muitos educadores, animados com a idéia de que as crianças do Axé Opó Afonjá estão vivendo na escola um tipo de experiência que não entra em choque com aquela que se acostumaram a ter em casa e no bairro onde vivem. •

FOTOS ANTÔNIO ANDRADE

A escola Obá-bi-yi: brincadeiras e a iniciação ao ritual

A última gota de petróleo não vai nos pegar de surpresa.

Governo do Estado de São Paulo
Desenvolvimento para Todos.

De repente, no meio do caminho, o petróleo vai nos abandonar. O ponteiro já vai baixar por volta de 1985. E as atuais reservas mundiais não vão nos levar muito além do ano 2.000.

Por isso, no ano passado, a CESP se transformou em Companhia Energética de São Paulo. Ampliamos nossas metas, conquistamos uma estrutura flexível, uma visão global. E fizemos surgir um núcleo coordenador de estudos e pesquisas. Voltado para as fontes alternativas internas e para as fontes de energia não-convencional.

Hoje, ao lado da nossa grande conhecida, a energia hidrelétrica, fazemos o esforço para desenvolver as possíveis fontes de amanhã: o hidrogênio, o xisto, a turfa, o álcool, a energia solar e, sobretudo, a bio-massa.

Não podia haver medida mais urgente para uma empresa que cresce em responsabilidade dia a dia. Para um Estado que consome 42% da energia do País. E para um trabalho cuja implantação será necessariamente lenta, por mais pressa que tenhamos.

Continuamos aumentando nosso potencial instalado, hoje com 6.015 MW. Continuamos construindo novas e grandes hidrelétricas. Mas já pusemos os pés no amanhã e os olhos no futuro.

Melhorando a qualidade da vida.

Nacional

Formosa do Oeste: vendendo medicina barata pelo alto-falante

FOTOS IRMO CELSO

Mandaguari: soro sem consulta

Medicina

Saúde a varejo

No Paraná, o vale-tudo de um comércio sem ética

A imagem é familiar, aparece invariavelmente nos filmes de bangue-bangue: uma cidadezinha do velho oeste saúda a chegada da carroça barulhenta e mambembe, coberta de quinquilharias e de cartazes que anunciam o milagroso elixir que cura ferimentos, dores de cabeça e distúrbios do fígado. Na boléia, a figura sorridente e espalhafatosa do forasteiro barbudo, misto de curandeiro, camelô e contador de histórias — numa palavra, charlatão.

Foi assim, há dois séculos, durante a ocupação do oeste americano, e foi mais ou menos assim, há menos de trinta anos, no Paraná. Pior: continua sendo, em muitas regiões do oeste paranaense, onde comerciantes da medicina continuam a chegar de Volks ou de ônibus, dispostos a enriquecer rapidamente às custas da ingenuidade e da ignorância do povo do lugar.

Na esteira do caos que foi a ocupação das terras paranaenses nos anos 50, o aventureirismo geral não iria poupar os médicos — e por que haveria de ser diferente? Em uma terra sem lei como o oeste paranaense — durante muito tempo um verdadeiro faroeste —, nem sempre restava lugar para princípios tão nobres como a ética profissional.

Até involuntariamente, o patrono dos curandeiros do Paraná acabou sendo o baiano Ursênio José da Silva, um negro alto e forte ainda hoje, aos 55 anos. Negrursênio, como é conhecido em todo o oeste, chegou a Nova Aurora — distante 600 quilômetros de Curitiba — no conturbado ano de 1957, trazendo na bagagem um providencial suprimento de remédios. Era o auge do período inicial da invasão e, por isso, rotineiras as cenas de tiroteio entre grileiros invasores e jagunços a serviço de "proprietários" de terras. Como não havia médico num raio de 80 quilômetros, os feridos eram despejados na porta de Negrursênio; em pouco tempo ele tornou-se famoso e montou uma sólida clientela. Hoje com mais de 40 000 habitantes, Nova Aurora tem um hospital e três médicos — além, é claro, de Ursênio, "farmacêutico provisionado" que dá consultas e vende remédios em uma única operação comercial.

O BOM SAMARITANO — O quadro geral da rede hospitalar paranaense não é melhor nem pior que o de praticamente todo o interior brasileiro: instalações inadequadas, sem higiene, sem recursos, sem medicamentos, sem equipamento cirúrgico e, até, sem médicos. Não há dúvidas de que mesmo nas regiões mais desprovidas de ética existem bons médicos, hospitais responsáveis e farmacêuticos zelosos. Mas no oeste do Paraná, infortunadamente, a relação de fraudes, charlatanices, ou simples episódios de mercantilização da medicina, é espantosa. Um exemplo: em pleno centro de Cascavel, um pronto-socorro denominado Bom Samaritano tem no papel-título um pastor pentecostal. Na clínica, uma indecisa enfermeira chegou a preencher a ficha da repórter Tereza Furtado, de VEJA — que viajou por toda a região durante quinze dias —, para ser atendida pelo reverendo. A um sinal da misteriosa personagem a enfermeira rasurou a ficha e saiu-se com a desculpa: "O reverendo não atende hoje". Embora o saguão de entrada da clínica ostente um alvará da Secretaria da Saúde, a poucos quarteirões dali, na

TABELA DE PREÇOS

Hospital e Maternidade João 23

Nota. 1 - O JOÃO 23 é o único Hospital de primeira, que faz preços populares. Fim da Exploração em Assis.
Nota. 2 - Este preço inclui tudo, Diária, etc.
Nota. 3 - O Dr. João 23 é formado há 15 anos.

Consulta	Cr$	40,00
Repetir receita até 3 vidros	»	10,00
Chapa do Coração e Pulmão Especializada	»	90,00
Parto	»	300,00
Parto sem dôr	»	500,00
Cesariana	»	1.100,00
Cesariana com "Desligadura"	»	1.100,00
Raspagem (curetagem)	»	550,00
"Inflamação" de mulher	»	900,00
Apêndice	»	900,00
Apêndice, Quisto no Ovário e Inflamação	»	900,00
Levantamento de Bexiga	»	1.000,00
Hérnia (rendidura)	»	1.200,00
Fimose	»	500,00
Hemorroida	»	700,00
Operação / "mãe do corpo caida"	»	1.500,00
Fratura de braço com chapa	»	500,00
Fratura de perna com chapa	»	700,00

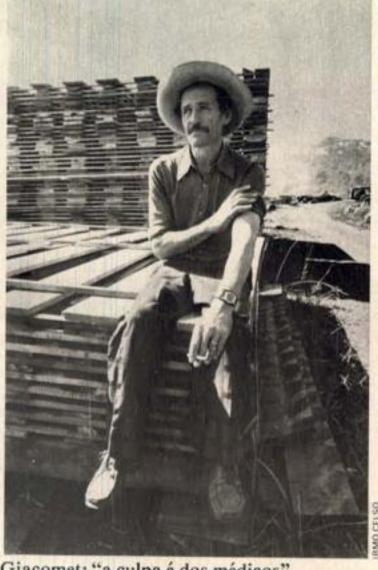
ATENDEMOS DIA E NOITE

Rua 7 de Setembro, 935 - Assis Chateaubriand - Pr.

Tabela do João 23: o "varejão"

sede do 10.º Distrito Sanitário, a condição ilegal do trabalho do reverendo é facilmente comprovável.

Até alguns dos curiosos que infestam a região chegam a atribuir seu êxito aos médicos: o "arrumador de ossos" Salvador Giacomet, gaúcho de Getúlio Vargas que, aos 55 anos, já tratou, segundo suas contas, mais de 1000 ossos quebrados ou deslocados. Em Marmeleiro, a 450 quilômetros de Curitiba, Giacomet atribui aos "erros dos médicos a fama que eu tenho". Isso porque a maioria dos casos que atende são de pessoas "que já passaram pela mão dos médicos sem resultados". Giacomet não se recusa a entrar num hospital a chamado do médico, mas a convivência é difícil, porque discorda dos métodos utilizados pelos "doutores". "O grande erro deles é usar o gesso, que mata o membro quebrado." Giacomet, que cobra 200 cruzeiros para "arrumar" um braço quebrado, revela que usa os dedos como radiografia e não precisa de mais nada. Quando diminuem os serviços médicos, ele ganha a vida como carpinteiro.

BUSCANDO MERCADO — Nem todas as investidas, contudo, são bem-sucedidas. João Yamaguchi, 35 anos, formado em medicina há seis, chegou a Cascavel no final do ano passado. Atraído pelas mirabolantes histórias que ouvia a respeito da cidade, alugou um armazém inacabado no retirado bairro da Vila Claudete e começou a decorar o local: pintou as paredes de branco e uma cruz vermelha na porta, pendurou atrás da sua escrivaninha o alvará da Prefeitura e uma fotografia colorida onde aparece fardado de tenente do Exército. Sentou-se e ficou esperando a clientela. Nada. Yamaguchi caprichou na decoração: três quartos com camas comuns, de madeira tosca e colchas coloridas, um velho aparelho de raio X, uma mesa cirúrgica feita por ele mesmo disputando espaço numa sala onde as prateleiras de madeira sem pintura acumulam sujeira e o pó vermelho da região. E nada de clientes. Amargurado, mas não abatido, o insistente Yamaguchi jogou tudo em uma cartada mais ousada: instalou no centro da cidade um reluzente consultório onde anuncia três especialidades — reumatologia, ginecologia e dermatologia. E, numa estratégia de marketing, mandou imprimir folhetos para distribuir pela cidade alardeando suas habilidade de acupunturista. Ao cabo de seis meses de tanta criatividade, Yamaguchi atendeu apenas cinqüenta clientes e culpa o "círculo fechado" dos médicos cascavelenses pelo seu malogro no mundo dos negócios. Mas não se dá por vencido: "Se a coisa continuar ruim, vou para Mato Grosso, onde dizem que o mercado é bom".

Giacomet: "a culpa é dos médicos"

IRMO CELSO

Talvez Yamaguchi nem saiba que ali mesmo no Paraná, em Assis Chateaubriand, certos métodos comerciais são fartamente recompensados. O hospital e maternidade João 23 anuncia todo tipo de cirurgia a preços módicos, como se fosse uma banca de saldos do varejão de tecidos. Seus folhetos prometem "Operação mão do corpo caída" por 1 500 cruzeiros, ou uma "cesariana com desligadura por 1 100 cruzeiros". A terminologia popularesca dos volantes do antigo diretor do hospital, dr. Luís Ribeiro de Oliveira, ia mais longe: raspagem, "inflamação de mulher", rendidura, parto com dor a 300 cruzeiros e sem dor a 500, e uma infalível "operação que remoça mulher que teve filhos a 1 500 cruzeiros". E, numa demonstração de que conhecia bem o pauperismo dos habitantes da região, o folheto oferecia inócuos soros hidratantes, sem consulta, a 50 cruzeiros o frasco.

GANHANDO NO VOLUME — No pequeno bar que serve como rodoviária de Mandaguari, a 430 quilômetros de Curitiba, começa o cerco aos possíveis doentes que desembarcam dos ônibus intermunicipais, vindos do norte e do oeste do Estado, pois a cidade é passagem obrigatória para quem vai a Londrina ou vem de Cascavel. Parados em pequenos grupos, atentos ao embarque ou desembarque de passageiros, os "paqueras" ou "papa-doentes" preparam-se, desde a madrugada, para realizar seu trabalho. A missão é fácil. Qualquer pessoa mal vestida, carregando uma pequena maleta de papelão, muito comum no interior, pode ser um futuro cliente para um dos hospitais da cidade. Insinuante, o paquera se aproxima da vítima, ou do grupo de passageiros e avisa: "Hospital Nossa Senhora Aparecida, quem vai?". Não há cenas de descortesia entre os paqueras de hospitais rivais. Mesmo porque o Hospital das Clínicas Nossa Senhora Aparecida mantém absoluta liderança na preferência de quem chega a Mandaguari.

"Fazemos medicina popular e cobrimos uma faixa de classe média baixa e pobre", explica o impecável dr. Ronald Toscano, irmão do diretor do hospital. Com 29 anos, nascido em Pernambuco, Toscano parece dominar bem os princípios econômicos do que chama "medicina popular". "Atender muitos pacientes a preços mais baixos compensa em matéria de renda devido ao volume e fama do hospital. É como se ganhássemos por volume." Esta dimensão de paciente, raramente explicitada de forma tão clara, exige, evidentemente, recursos extraordinários. O hospital tem uma frota de veículos especialmente destinados a viajar para o sul de Mato Grosso e até mesmo para o Paraguai, para conduzir os clientes porta a porta. Dentro do hospital os 150 leitos estão permanentemente lotados, e seus sete médicos atendem a oitenta consultas por dia. Nos corredores, fotos coloridas exibem detalhes de cirurgias, uma versão moderna, impressão off-set, dos velhos cartazes que no tempo do bangue-bangue os portadores de drogas miraculosas ostentavam em suas carroças. Com a diferença de que, na vida real, esse faroeste medicinal nem sempre tem um final feliz. ●

As gogo bags Samsonite agora são feitas no Brasil. E você tem finalmente o complemento certo para sua personalidade, seu status, sua sofisticação.

Você conta com uma qualidade consagrada internacionalmente. E vai descobrindo um toque de luxo e requinte em cada detalhe:

O acabamento, sempre superior e à altura de tudo o que é seu. As divisões internas, bem planejadas e perfeitas para levar os objetos de classe que você tem. Os fechos e zippers, infalíveis. E as alças, reguláveis, para que a sua Samsonite seja sob medida para você.

Samsonite acompanha você por muito tempo: nunca sai de moda e passa incólume pelo sol das Bahamas, pelo fog de Londres, pela neve de Cortina d'Ampezzo, pela garoa de São Paulo ou pelo carnaval do Rio.

Em qualquer lugar do mundo, você faz seu charme brilhar com uma Samsonite. E, aqui entre nós, isso é algo absolutamente natural para você.

Samsonite®

PARA AS PESSOAS QUE ESTÃO ACONTECENDO

Nas principais lojas e magazines do país em 5 modelos e 4 opções de cor para cada um: preta, marrom, café e havana.

DMD

Aqui Lampião não entrou em respeito ao Padre Cícero.

A 28 km de Juazeiro do Norte e a 525 da capital Fortaleza, Caririaçu está localizada no sul do Ceará, no alto da Serra de São Pedro, na chamada Região do Cariri.

Sua maior dificuldade é a falta de estradas que impede a chegada do progresso e obriga que os produtos locais - sisal, feijão, milho e algodão - sejam levados direto das fazendas para os municípios vizinhos, como Crato, Lavras da Mangabeira, Aurora.

Mas o primeiro passo para o progresso deu-se com a chegada do Bradesco, que instalou ali uma agência, que é pioneira porque foi a primeira e ainda é a única agência de banco da cidade.

Outro tira-dentes.

Caririaçu tem 102 anos e já se chamou São Pedro de Crato, nome que foi mudado por causa de uma tribo de índios dali.

Ela tem duas escolas estaduais de 1º grau, uma municipal, 431 km² de superfície e 29 mil habitantes, incluindo seus três subdistritos. Tem ainda o Hospital e Maternidade Geraldo Lacerda Botelho, que atende em convênio com o Funrural e o INPS.

Um detalhe curioso: como a maioria dos habitantes de Caririaçu não tem aparelho de TV, a Prefeitura instalou um na praça da Matriz e outro na praça Padre Cícero para quem quiser assistir, à noite.

Seu mais antigo morador é o Sr. Afonso de Oliveira Borges, o Tio Afonso, de 82 anos, que nasceu e vive ali até hoje.

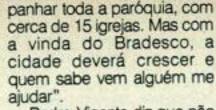
Amigo e admirador do Padre Cícero, tem sua vida ligada à da cidade em vários aspectos, principalmente a política, na qual começou em 1920 como vereador e depois prefeito em várias gestões. Numa delas, em 1930, foi obrigado a entregar o mandato por causa da revolução liderada por Getúlio Vargas. Os revolucionários confiscaram também o único telefone (a pilha) da região,

com o qual Tio Afonso mantinha contato com o hoje município de Granjeiro.

Por muitos anos ele foi também o tira-dentes da cidade. "Ainda hoje me aparecem clientes", diz ele mostrando satisfeito a antiqüíssima cadeira de dentista e as ferramentas que guarda nos fundos da sua farmácia.

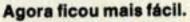
Um padre para 15 igrejas.

Nascido no sertão dos Inhamuns, a 240 km dali, o Padre Vicente Alves de Freitas, é o pároco de Caririaçu, onde está há mais de 28 anos, trabalhando na mesma igreja onde Padre Cícero foi vigário por 4 anos.

"Minha maior preocupação é ser sozinho para acompanhar toda a paróquia, com cerca de 15 igrejas. Mas com a vinda do Bradesco, a cidade deverá crescer e quem sabe vem alguém me ajudar".

Padre Vicente diz que não conheceu Lampião pessoalmente, "mas sei que ele andou por aqui e não entrou na cidade em respeito ao Padre Cícero".

A maior festa da cidade é a Vaquejada, de 18 a 21 de agosto, em comemoração do aniversário do município.

Vem muita gente de fora ver os espetáculos de vaqueiros, montadores, repentistas e cantadores de viola, como Raimundo Nonato Viana, poeta violeiro e defensor do cordel, também presidente da Noite Folclórica da Vaquejada, além de fiscal da prefeitura e sapateiro. "Um poeta tem que saber o que canta, tem que ter cultura". Por isso diz que estuda muito e prefere o folclore como tema.

Agora ficou mais fácil.

A agência Bradesco de Caririaçu tem pouco mais de 2 meses.

A maioria dos comerciantes e fazendeiros já operam com o banco e dois deles, Sr. Raimundo Lima e Sr. Humberto Borges Pereira, concordam que "o Bradesco já trouxe grande benefício para a região".

O prefeito tem planos de transformar Caririaçu em ponto turístico, aproveitando suas belezas naturais, como o açude São Pedro e o Recreio Paraíso, de onde se avista todo o Vale do Cariri. Este movimento será incentivado com a grande procura da estátua do Padre Cícero em Juazeiro do Norte.

Em breve, Caririaçu terá instalação do sistema telefônico, agências padronizadas do correio para seus três subdistritos e muitas outras inovações prometidas pelo prefeito Raimundo Rodrigues Sobrinho: "O primeiro passo foi dado com a agência pioneira do Bradesco. Agora as coisas ficaram mais fáceis".

O banco pioneiro. 991 agências. 336 pioneiras.

Só quem faz um Tape Deck de primeira classe pode fazer uma fita de primeira classe.

Meia abertura

O humor político de Jô, lento e gradual

Abertura no humorismo? Jô Soares acha que ela deve caber no espaço entre os dois cantos da boca. Nada de muito barulho, ele quer provocar a inteligência sutil dos lábios entreabertos, num movimento para a esquerda e também para a direita. Vota no sorriso, contra os radicais da gargalhada. É sua maneira de atuar: "Não é porque agora se permitem comentários sobre fatos e personagens políticos que eu vou fazer esse tipo de humor". Em "Viva o Gordo e Abaixo o Regime" (Teatro da Praia, Rio), uma personagem de Jô, 150 quilos, não se aborrece quando perde o título de eleitor: "Ora, não serve para nada mesmo". Mas o espetáculo tem tanto de político que até poderia se chamar "Carboidrato para Presidente".

Lamente-se discretamente. Com a volta do humor político à TV, seus redatores, durante todos esses anos compulsoriamente debruçados sobre a sátira aos costumes, ainda deixam vestidos reis que sempre se orgulharam de se mostrar em ridícula nudez. É natural que custem a reaprender. De qualquer maneira, o público está animado para rir novamente de piadas com esses governadores, deputados, prefeitos e candidatos a presidente — e fica decepcionado quando Jô, depois do estímulo da TV e insinuações do título do show, serve apenas uma rala ração, por tanto tempo desejada. Surge apenas um Jesus Cristo — "Ele é amigo do homem, o João Batista" — quando o joelho do Jô é subitamente transformado no rosto de Magalhães Pinto. É ainda a fórmula simpática da televisão. Mas, faminta, a platéia vibra, se sentindo novamente por dentro das coisas. E interrompe o humorista para bater palmas.

FLATULÊNCIAS — Não se duvide por isso da qualidade do show: é ótimo, engraçadíssimo. O texto, quase todo do próprio Jô, com pequenas colaborações de Armando Costa e José Luiz Archanjo, tem um brilho sofisticado que a TV não permite. Millôr Fernandes assina o primeiro quadro, uma picante analogia entre o hábito do cafezinho e os gostos sexuais do brasileiro. Unidos por pequenos "ganchos" entre um quadro e outro, Jô desfila tipos clássicos em sua carreira. É o judeu avaro, o homossexual que se asfixia na boá vermelha, e muitos padres, inspirados nos seus professores de colégio religioso.

CHICO NELSON

Jô: contra os radicais da gargalhada

Observar com ironia o cotidiano, rir das tendências do comportamento, tirar do banal o humor — são estas as lições de Jô. A empregada que tem no belo apartamento do Leblon é excelente para espanar a poeira da biblioteca, onde um livro de Woody Allen está colado às obras completas de Shakespeare. Mas, no início do ano, atendendo ao telefone, ela anotou que o "senhor Assombração de Junho" queria falar com Jô. Era na verdade o ator Gracindo Jr. Estava criada a Dinorá da TV. Para o show ele trouxe um velho padre, que tenta aproximar os jovens da religião: "o do milagre", é como se refere, nos sermões, ao Salvador.

Alguns momentos são realmente antológicos. Num deles, por exemplo, com a colaboração do filólogo Antônio Houaiss, Jô tira conotações hilariantes das palavras com que se apresenta, em 25 línguas, o órgão sexual masculino.

Um campeonato de flatulências foi disputado apenas nos dois primeiros dias. Depois do show falaram com Jô em escatologia, mau gosto, constrangimento, pedindo que retirasse o número. Jô atendeu, mas prestou muita atenção nas palavras e gestos dos que manifestaram tão inesperado preconceito. Certamente estarão todos em cena no próximo show. Se fosse candidato, Jô diria que eles não escovam os dentes e muito menos estão preparados para a abertura do bom humor.

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

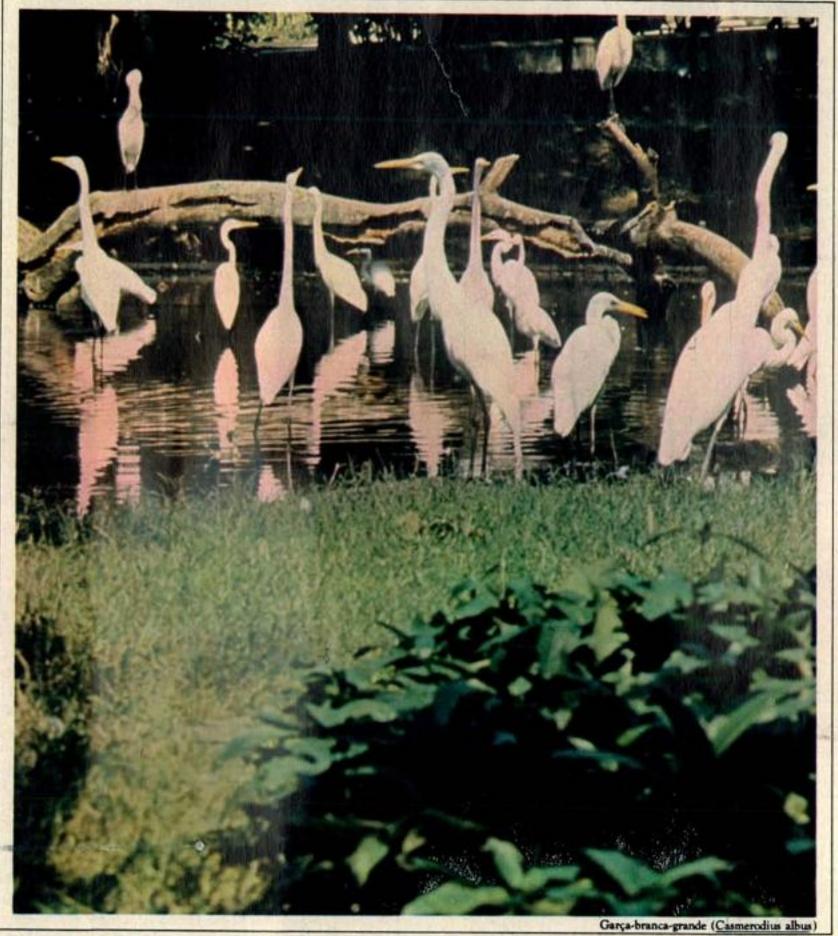
Tudo azul

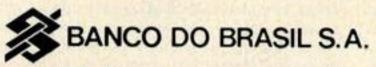
Alcione, a nova showwoman, esbanjando felicidade

Se algum amigo a cumprimenta, perguntando como vai a vida, a cantora Alcione Nazareth, apelidada "Marrom", responde com beijinhos e um forte sotaque nordestino: "Tudo blue". Em meados de agosto, ela lançou seu quarto LP, "Alerta Geral" — uma seleção que tanto admite o samba-jóia de Totonho e Chico da Silva, como experiências verbais de Gilberto Gil — e já vendeu 250 000 cópias. Está fazendo também um show no Teatro da Galeria (Rio). Para quem começou uma carreira há quinze anos, afugentada dos estúdios de gravação por tonitroantes produtores — "Mulher sambista não vende discos" —, vai tudo realmente azul. E Alcione, 31 anos, dá ares de fantasia a esses acertos beijando agora as 35 bonecas que adornam o quarto de seu luxuoso apartamento.

No show, ela mostra sua voz grave — a mais bonita surgida com a explosão comercial do samba — e relembra passagens de uma carreira árdua, na verdade sem qualquer vestígio das facilidades que adornam os sonhos. Filha de um mestre de banda da polícia do Maranhão (seus oito irmãos preferiram carreiras de sargento, professores de gi-

A Natureza já fez muito por você. Faça alguma coisa por ela.

Garça-branca-grande (Casmerodius albus)

Seu filho merece que a Natureza seja preservada.

De 26 a 29 de setembro - 1º Simpósio Nacional de Ecologia. Curitiba.

Ao lado da Natureza por uma vida melhor.

nástica e arquitetura), tocou clarineta em praças e coretos de São Luís até chegar ao Rio em 1967. Percorreu desde boates sofisticadas até as da Galeria Alaska tocando sax e pistão, além de cantar em várias línguas o que lhe gritavam os turistas. Ganhou programas de calouro e viajou em grupos de passistas e outros carnavalescos até o Japão. "Uma pedreira", confirma. "Pensam que dei sorte, aparecendo de uma hora para outra. Mas meu sucesso é resultado de um trabalho duro."

COMO MARYLIN — São três as principais cantoras de samba modernas: Clara Nunes preferiu seguir a convergência que leva aos pontos de macumba, apresentando-os sempre com vestidos de renda branca. Beth Carvalho gosta de camisas listradas, fica mais parecida com os compositores do morro que grava. No show do Teatro da Galeria, Alcione muda de roupa cinco vezes: veste desde o lamê de uma mulata da Mangueira até o jérsei vaporoso ao jeito Marylin Monroe no respiradouro do metrô em "O Pecado Mora ao Lado". É porque canta vários estilos: mistura a alegria de viver aos mais deslavados sambões, como o sofrimento de Cartola, em "As Rosas Nãc Falam", e Sérgio Ricardo, em "Zelão", depois imita Louis Armstrong em "Hello, Dolly" e homenageia a cafonice de Núbia Lafaiette e Ângela Maria.

Faz tudo muito bem, estendendo as notas na marca evidente de sua formação instrumental e ouvinte fanática do jazz de Miles Davis. Movimenta-se com naturalidade pelo palco e tem graça contando histórias da infância pobre. Uma surpresa de show-woman. Quando lhe falam que a demasiada exploração comercial do samba está prejudicando a qualidade, Alcione concorda: "Começaram a fazer só duas quadrinhas e um refrão, vai acabar saturando". Mas pretende ir cada vez menos a essa fonte: "Quero cantar coisas diferentes, me apresentar bem num palco. Por que cantora de samba tem que se vestir de Cármen Miranda?" E para poupar conversa cita um trecho de "Eu Sou a Marrom", seus princípios artísticos em samba de breque: "Vou sair da rotina/ E ver o bicho que vai dar/ Vocês vão ter que me aturar". J.F.S.

CHICO NELSON
Alcione

MARCOS SACCHI
Hermeto abraçado por Corea, e McLaughlin: "Eles aprenderam muito"

"Sou o maior!"

Mais uma vez o mundo se curva a Hermeto

De cima de seu pedestal superestelar, John McLaughlin, inglês de Yorkshire, quase se deu mal: enérgico, Hermeto Paschoal, em pleno palco do Palácio das Convenções do Anhembi, na véspera do encerramento do I Festival Internacional de Jazz de São Paulo (na madrugada da última segunda-feira), advertiu-o para não afinar a guitarra enquanto tocava. "Será que ele não percebe que está atrapalhando? Que falta de educação", pensou Hermeto. Mas não disse nada. Inclusive, porque não fala uma palavra de inglês. Chick Corea, outro superídolo, tecladista americano de Massachusetts, ao menos mostrou-se cordato — pediu autorização para participar do número, o que Hermeto fez questão de divulgar ao público, chamando-o carinhosamente de "Francisco" Corea. Veterano papa do *cool jazz* e da bossa nova nos Estados Unidos, o saxofonista Stan Getz comportou-se com maior humildade ainda: embora resmungando um pouco, terminou concordando em participar, como outro músico qualquer do grupo, dos ensaios vesperais do forró "Brasil", que Hermeto pretendia mostrar à noite. "O Estanguete", pronuncia Hermeto divertido, "parecia um garotinho. Tenho certeza de que ele aprendeu muita coisa naquele dia."

Nenhuma dessas cenas surpreendentes, no entanto, pode ser considerada arrogante ou inesperada pelos que conhecem Hermeto Paschoal, 42 anos, alagoano. Há pelo menos seis anos, desde que confrontou talentos e habilidades com Miles Davis nos Estados Unidos (a convite do próprio Miles), ele se autoproclama, sem ser muito levado a sério, "o maior músico do mundo". E, se o I Festival Internacional de Jazz de São Paulo foi uma espécie de "Copa Musical", já não há como negar-lhe pretensão ao título: suas exibições, tanto nos teclados e sopros, como nas sereias, bacias de lata velha e caixotes de feira, foram as mais contagiantes e consagradoras do Festival.

MUNDO EM CHAMAS — "Sempre me assustei com minha própria capacidade", confessa Hermeto Paschoal — enfiado em largas bermudas verdes, a enorme juba branca amarrada no pescoço —, em sua modesta casa no subúrbio Jardim Jabour, Rio de Janeiro. Autodidata, diz que não teve outra opção, exceto uma indigente sanfoninha de oito baixos, onde testava os acordes imaginados em sonhos. Nunca progrediu no ginásio e esta falta de estudo, aliada às suas deficiências visuais (deslocamento do nervo óptico e hipersensibilidade à luz, característica dos albinos), acabou com a paciência de qualquer professor. Passou dos 20 anos tocando sem entender as notas.

Ainda no nordeste, com o irmão José Netto e Sivuca, todos albinos, tentou formar o grupo O Mundo em Chamas. Mas, depois de muitas noitadas em boates de São Paulo, acabou integrando o mais importante conjunto pós-bossa-nova — o Quarteto Novo.

Em sua viagem aos Estados Unidos em 1971, praticamente desconhecido, Hermeto surpreenderia os músicos americanos, escalados entre os melhores: "Aprontei um armazém cheio de garrafas no estúdio. O Hubert Laws, o

ealizada no Clube Hippopotamus, em São Paulo.

vinho CHÂTEAU DUVALIER tinto, branco e rosé

Joe Farrel, foram tirando das caixinhas seus instrumentos de sopro e me viram tocando garrafas. Logo sentiram-se desafiados a tirar uns sons também e em pouco tempo estávamos com quarenta garrafas de diferentes afinações na frente dos microfones, gravando". Este arsenal de sons incorporou-se às características imagens de Hermeto no palco. "Mas agora todos estão usando isso. Então eu faço diferente e apelo: quando me copiarem, pelo menos descubram sons novos para os instrumentos que crio." E, de fato, Hermeto parece inesgotável nesse campo. Além das bacias velhas e caixotes de feira, seguindo o preceito aleatório de que todo ruído é música, ele manejou uma caixa de quatro sereias com diferentes timbres. Fabricadas numa oficina próxima de sua casa, elas brevemente se tornarão populares: Hermeto ainda pretende utilizá-las com destaque numa peça musical sobre a epilepsia. Junto com o número da "Rede", apresentado no Festival e mais "Esmolinha para Santo Antônio" (os espectadores terão que atirar moedas, provocando sons insólitos no palco), Hermeto dá uma visão dos novos caminhos de seu trabalho — uma mistura de música e encenação.

VIVER MODESTO — Inviável comercialmente? Hermeto nem pensa nisso. Cobra 50 000 cruzeiros de cachê por espetáculo e, quanto a discos — só gravou três LPs até hoje —, continua o impasse: quer 1 milhão de cruzeiros para entrar num estúdio, "ou nada feito", diz ele, lembrando que seu primeiro disco nos Estados Unidos (agora reeditado), nunca lhe rendeu um tostão. Nenhuma gravadora se aventura a topar a parada e Hermeto continua recomendando em seus shows: "Tragam seus gravadores e registrem à vontade".

"Ô, campeão", como costuma chamar cada um de seus afiados músicos, avisa imediatamente aos candidatos a participarem de seu grupo: "Este tipo de música que faço não é comercial, só dá para comer e vestir razoavelmente". Enfim, um viver modesto, onde a criação, tal como o palco, "deve ser o altar do músico, as conseqüências não passam de conseqüências". Para dar uma idéia: somente no final da entrevista, Hermeto lembra um detalhe, na verdade, importantíssimo. "Aquele estrangeiro de cabelo encaracoladinho e óculos *(o organizador do Festival, o suíço Claude Nobs)* me ofereceu uma noite inteira em Montreux, no ano que vem. Prova que os gringos gostaram mesmo, não é?" TÁRIK DE SOUZA

Fenômeno no ar

Seria pássaro? Um avião? Não: é a "lei Falcão"

Mal as emissoras de rádio e TV começavam na semana passada a exibir um retrato falado das eleições de 15 de novembro — através da "lei Falcão", obrigatória e cansativa —, desbancando heróis poderosos, rabaixando audiências e ameaçando seu faturamento, um clima de justa expectativa tomou conta de seus departamentos de jornalismo. Pela terceira vez em poucos dias, o ministro Euclides Quandt de Oliveira, das Comunicações, repetia, em entrevistas e em notas à imprensa, que os programas de reportagem, entrevistas e noticiários deveriam estar livres da censura prévia.

WALTER FIRMO

Quandt: a ordem é seguir a lei

De acordo com Quandt de Oliveira, as emissoras apenas seriam obrigadas a respeitar a Censura prevista pela Constituição, onde os programas de jornalismo só poderiam sofrer qualquer tipo de fiscalização depois de ter ido ao ar. "A responsabilidade é exclusiva da emissora", falou o ministro aos jornalistas, em Caxias do Sul, onde se realizava o XI Congresso Brasileiro de Radiodifusão.

A surpresa foi, portanto, total — pois as emissoras de rádio e televisão habituaram-se, desde 1972, a ser censuradas por via telefônica, por meio de umas vozes anônimas que vetaram mais de 300 temas. Seria então o fim destes telefonemas da Polícia Federal? Ou, pelo menos, seria uma sugestão para que não se dessem mais ouvidos a essas vozes que falam à margem da lei — nas palavras do próprio ministro Quandt?

Enfim, o problema era interpretar o que dissera a autoridade que responde por todas as concessões federais que garantem, em última instância, o funcionamento das 98 emissoras de televisão e quase 1 200 estações de rádio existentes no país.

SEM GARANTIAS — Uma assembléia de quase uma centena de jornalistas paulistas decidiu enviar uma carta ao Ministério da Justiça, ao qual a Polícia Federal se subordina, citando Quandt e pedindo o fim da Censura. Até o final da semana passada, o resultado fora o já previsível: nenhuma resposta, nem mesmo o clássico "nada a declarar". Desconfiado, o produtor Antônio Figueiredo, do programa "São Paulo Agora", da Rádio Jovem Pan, prometia levar uma pergunta ao ar: "Quero que o ministro nos explique a fórmula para não se aceitarem os próximos telefonemas". Enquanto Figueiredo cumpria sua promessa diante dos ouvintes, o diretor Hailton Silva, o "Tostão", responsável pelo "Grande Jornal" da Rede Tupi, recebia um outro tipo de telefonema: do outro lado da linha falava o secretário da Educação José Bonifácio Coutinho Nogueira, protestando contra o teor usado pela emissora para anunciar uma entrevista sobre as reivindicações dos professores paulistas. Reconhecendo nas declarações de Quandt "um bom referencial para continuarmos nossa luta", o diretor de jornalismo da Rádio Globo São Paulo, Marco Antônio Gomes, garantia que nada mudou, ao menos por enquanto.

"RECOMENDAÇÕES" — Além das proibições sobre greves de qualquer categoria, mobilizações estudantis, concentrações da Frente Nacional de Redemocratização e outros movimentos sociais, poucos dias atrás as emissoras foram atingidas por outra espécie de censura. Trata-se de uma "recomenda-

ção" — sempre telefônica — onde se pedia aos jornalistas que "tivessem bom senso, critérios, ao noticiar manifestações classistas consideradas ilegais". A própria cobertura que a Rádio Bandeirantes vinha fazendo das eleições de 15 de novembro já teria sofrido um percalço por este caminho.

Assim, seus repórteres e redatores planejaram a realização de uma consulta popular sobre o futuro presidente da República: o general João Baptista Figueiredo, da Arena, ou o general Euler Bentes, do MDB? Apenas dois dias depois de ter sido iniciada, porém, a consulta saía do ar. Pressões da Arena, conforme se comentava por diversas emissoras? "De modo nenhum", garante o diretor Salomão Ésper, responsável pelo jornalismo. "É que parecia uma coisa dirigida." Segundo seu argumento, "o povo não vai votar para presidente".

Mais prudente, a Jovem Pan vem fazendo, há mais de um mês, e com final previsto para 31 de outubro, uma prévia eleitoral onde o posto mais alto em disputa é a vaga para senador por São Paulo. Planejando colher o voto de pelo menos 34 000 eleitores de um total que excede os 10 milhões que compõem o eleitorado paulista, o diretor Fernando Vieira de Mello participa desses levantamentos desde a primeira eleição de Jânio Quadros para governador, nos anos 50 — e guarda uma tradição de baixíssimas margens de erro. "Em geral, em torno de 4% ou 5%", diz ele. E dá um exemplo: em 1974, embora pudesse divulgar, com bastante precisão, a eloqüente vitória de Orestes Quércia, candidato ao Senado pelo MDB, sobre o arenista Carvalho Pinto, ele foi obrigado a falar de seus números como se fossem meras suposições, pois muitas conversas e telefonemas de autoridades o preveniram de que poderia "acabar causando um tumulto".

HERÓIS BANIDOS — De qualquer modo, o fascínio das prévias eleitorais parece garantir, à Pan, uma forma de não sofrer maiores abalos em seu prestígio e sua audiência — risco a que todas as emissoras de rádio do país estão sujeitas depois que começaram a oferecer os sucintos e curiosos currículos de milhares de candidatos ao Senado, Câmara e assembléias a seus ouvintes, durante 61 dias consecutivos, num total de 183 horas de programação *(veja a página 32)*. Em São Paulo, onze das catorze emissoras de rádio existentes resolveram dividir fraternalmente os prejuízos da "lei Falcão" — formando a Rede Paulista de Rádio, que entra em cadeia com uma mesma música, um mesmo partido e um mesmo comercial durante os dois turnos diários da "lei Falcão", de hora e meia cada um.

É na televisão, porém, que a exibição dos candidatos conseguiu ter efeitos quase fulminantes, já na primeira semana. Até em São Paulo, onde o Comitê de Propaganda do MDB encomendou um desfile colorido e movimentado de fotografias ao som de "Paris Belfort", o hino paulista da Revolução Constitucionalista de 1932 adaptado ao ritmo de marchinha, o Ibope registrou uma queda no número de aparelhos ligados assim que soaram os primeiros acordes determinados pela "lei Falcão". Tomando o lugar de "Kojak", "Baretta", diversos mocinhos e bandidos que se exibem pelos vários canais, diminuindo em 5 ou 10 os minutos disponíveis para as emoções diárias das novelas, os candidatos dos dois partidos conseguiram afastar entre 4% e 6% de telespectadores de seus vídeos habituais. Na TV Bandeirantes, um funcionário calcula que os prejuízos poderão atingir a soma de 300 000 cruzeiros diários, descontados da perda de 10 ou 20 minutos para a venda de anúncios. No Rio de Janeiro, nem a Globo, conhecida por levar uma larga vantagem sobre suas concorrentes, deixou de sentir o peso do Tribunal Regional Eleitoral. Num domingo, ela conseguia 16 pontos exibindo a "lei Falcão" para seus telespectadores — enquanto a TV Guanabara realizava a espantosa façanha de quase alcançá-la, chegando aos 9 pontos no Ibope.

Em outros lugares do país, contudo, a "lei Falcão" tem tido efeitos ainda mais devastadores ou até mesmo fantasmagóricos. No Recife, a TV Tupi local, vítima de um incêndio há poucas semanas, tornou-se incapaz de gerar suas próprias imagens e programas, reproduzindo em Pernambuco todos os programas enviados de São Paulo. E foi assim que ela viveu seus primeiros dias de calendário eleitoral, apresentando a seu público o espetáculo especialmente exótico de inelegíveis candidatos paulistas ao eleitorado pernambucano. Já em Santa Catarina, o público até que está conseguindo se divertir com a "lei Falcão". Temendo incomodar demais os eleitores, e colher nas urnas os maus frutos de tão irritante campanha eleitoral, nem o MDB nem a Arena têm se mostrado especialmente interessados em usufruir dos horários nas duas emissoras de televisão e das 61 estações de rádio, conforme explicação da agência Quadra, encarregada de sua publicidade. Alegando atraso na confecção de seus filmes, o MDB permite que seu horário na TV Cultura seja ocupado com a exibição de shows e documentários. Sem fotos, um locutor vem lendo os nomes dos 84 candidatos da Arena — enquanto, no vídeo, se projeta apenas o logotipo de seu partido.

Ausência semelhante, com raras exceções, é verificada na TV Coligadas e nas emissoras de rádio do interior do Estado, que vêm preenchendo o horário eleitoral com improvisadas saladas musicais. E, para felicidade dos telespectadores catarinenses, a legislação eleitoral não prevê nenhuma punição por tamanha prova de bom senso. •

Na prévia da Pan, uma tradição que vem desde os tempos de Jânio Quadros

NOBLESSE OBLIGE.

LTD Série II. Ainda mais requinte e conforto: dos bancos e detalhes
como o relógio de quartzo ao limpador de pára-brisa intermitente.
Mais conforto com a suspensão recalibrada, mais segurança, dos pneus radiais
ao volante de 4 raios.
Mais silencioso ainda, recebeu novo tratamento anti-ruído.
LTD Série II, a opção exclusiva de conforto.

FORD LTD

FOTOS FOX

"1900": apesar das belas imagens, dá para ver que Bertolucci não entendeu direito as teorias de Marx

Carnaval marxista

Meio século de história italiana na trama requintada mas contraditória de "1900"

Já o classificaram de "E o Vento Levou" das esquerdas. Com razão: grandiloqüência e melodrama é que não faltam a "1900" (*"Novecento"*, Rio), superespetáculo com mais de quatro horas de duração, dividido em duas épocas*, e que pretenderia fazer pela causa do marxismo e do proletariado tanto quanto o clássico de David O. Selzick logrou pelo escravagismo e os reacionários ideais do sul dos Estados Unidos. Curiosa aberração, sem dúvida: um épico manifesto contra a miséria e a exploração do homem que, para chegar às telas, teve de consumir a fortuna de 8 milhões de dólares. E, mais irônico ainda, um filme declaradamente comunista que se viu abençoado pelos grandes trustes da indústria pesada de Hollywood: nada menos que três companhias disputaram o direito de exibi-lo pelo mundo.

O bolo acabou irmãmente repartido: coube à Paramount a distribuição no território americano e canadense, a United Artists ficou com o mercado europeu, e a Fox trouxe o filme à América Latina. Até uma obra marxista pode produzir cifras, devem ter ponderado os magnatas hollywoodianos, sobretudo se o seu autor possui os bons fados de Bernardo Bertolucci, italiano de 37 anos, presumível herdeiro espiritual de Luchino Visconti e Pier Paolo Pasolini. "O Último Tango em Paris", por ele dirigido em 1972, já abarrotou os cofres da United Artists com 15,8 milhões de dólares — e quem negaria irrestrita confiança e carta branca ao responsável por tal fenômeno? Assim, o produtor do "Tango", Alberto Grimaldi, não titubeou em proporcionar a seu protegido todos os recursos e a autonomia criativa por ele exigidos para dar corpo a seu ambicioso projeto: descrever com toques brechtianos e operísticos as contradições políticas da história italiana neste século.

TESOURAS EM AÇÃO — Bertolucci gastou três anos realizando o que seria sua magna criação autoral nas belas paragens da província de Emília-Romagna, norte da Itália, cenário onde viveu parte de sua infância, e tendo a seu dispor um elenco multinacional de causar inveja a qualquer produtor com vocação demilleana.

Tarefa concluída, Bertolucci apresentou o resultado fora de competição no Festival de Cannes de 1976: com 5h20 de duração, tratava-se do mais longo filme da história do cinema comercial, batendo em 77 minutos o recorde até então ostentado por "Cleópatra" (1962). Grimaldi, apanhado de surpresa, emburrou e por conta própria exibiu num cinema de Roma uma versão reduzida, de 3h30, cuja circulação foi logo interditada judicialmente por Bertolucci, a quem, por cláusula contratual, cabia o direito da montagem final. Multiplicaram-se abaixo-assinados de críticos e cineastas em defesa da integridade da obra. Bertolucci acabou concordando em suprimir 10 minutos da metragem original. Os ânimos pareciam serenados quando, para espanto dos críticos, Bertolucci voltou a usar a tesoura — e desta vez drasticamente. Ao inaugurar o Festival de Nova York, em outubro de 1977, seu filme já estava com 4h08 — versão esta que chega agora ao Brasil, aprovada pelo próprio diretor.

EPILEPSIA E MARXISMO — Dúvidas, naturalmente, cercaram o sentido de tantos cortes. Mesmo que Bertolucci não tenha eliminado nenhuma seqüência (na verdade, apenas reduziu a duração de algumas cenas), a facilidade com que se dispensou 1h12 de filme leva a supor que tanto material filmado deveria ser, no mínimo, supérfluo — a tal ponto que muitos críticos, ao assisti-

---

** Está sendo lançada a primeira parte do filme. A segunda deve estrear dentro de quinze dias.*

rem às duas versões, não deram por falta de nenhum fragmento memorável. Quanto à cópia distribuída pela Fox, falada em inglês, não há do que reclamar: não existe versão italiana original, pois "1900" foi rodado com diálogos em inglês, numa combinação de som direto e pós-sincronização, e somente dois atores estão dublados, Gerard Depardieu e Stefania Sandrelli. Apenas podem-se deplorar os cortes impostos pela Censura brasileira: um deles na cena em que Robert de Niro e Depardieu têm relações sexuais com uma prostituta epilética, e o outro, quando Dominique Sanda e De Niro aprendem desajeitadamente o uso de um envelope de cocaína. Mas, feitas as contas, o resultado não chega a ser exatamente animador: encerrada a projeção, dificilmente alguém na platéia terá a curiosidade de saber como seria "1900" na sua metragem original de 5h20.

Com efeito, o muito que já viu basta para deixar qualquer espectador de certa informação cultural remoendo-se de incertezas: "1900" será mesmo, como pretende, um filme marxista? Do ponto de vista da própria doutrina de Marx, é certo que não, mesmo que a arquitetura narrativa obedeça a uma estrutura supostamente dialética. O filme abre com o dia da libertação da Itália, em 25 de abril de 1945, e retrocede à data da morte de Verdi, 27 de janeiro de 1901, anunciada por um palhaço corcunda de nome Rigoletto e que coincide com o nascimento de duas crianças: Alfredo Berlinghieri, neto de um senhor latifundiário (Burt Lancaster), e Olmo, neto bastardo do líder dos camponeses (Sterling Hayden). A partir daí, a narrativa acompanha paralelamente a vida desses dois homens de classes sociais antagônicas que, amigos na infância, separam-se na idade adulta, quando Alfredo (Robert de Niro) herda as propriedades e mantém-se omisso ante as atrocidades do fascismo emergente, ao passo que Olmo (Gerard Depardieu) adere ao ativismo socialista. As terras dos Berlinghieri ganham dimensão de microcosmo de uma nação conturbada por vetores políticos conflitantes entre e durante as duas guerras mundiais.

GEOLOGIA POLÍTICA — Lírica pastoral sobre a terra e os homens do campo, trespassada por um realismo cruento à Émile Zola e uma beleza pictórica de arte renascentista, a obra inicialmente anuncia um pungente afresco social que se desfaz à medida que um grosseiro maniqueísmo e tintas exageradamente melodramáticas passam a prevalecer. A idéia do que seria uma emocionante utopia revolucionária perde-se na progressão do espetáculo, e mal se recupera no desfecho da segunda parte, espécie de juízo final brechtiano onde os comunistas, empunhando euforicamente uma imensa bandeira vermelha, executam um carnaval folclórico anunciando a morte simbólica do patrão.

Entre abertura e epílogo, contudo, muita coisa desandou. A começar pela própria armação narrativa, feita de segmentos isolados por transições abruptas, que destrói a necessária noção dialética de uma estrutura fluente em espiral. Desse modo, a evocação histórica sugere mais um trabalho de geologia, no qual são investigadas as camadas sucessivas e não-comunicantes que constituem o passado, do que propriamente um movimento dialético que se enriquece a cada ciclo ascendente.

VIRTUOSOS E VAMPIROS — Em "Miséria da Filosofia", Marx negava que, individualmente, do ângulo subjetivo, ricos e exploradores fossem necessariamente ladrões vigaristas — pois, é claro, poderiam tratar-se de pessoas virtuosas e de bom caráter. Para Marx, o sentido da classe opressora deveria ser detectado no aspecto objetivo, na sua função social. Assim, procurou mostrar que não se deve querer transformar o mundo pelos argumentos da moral. Mas em "1900" verifica-se exatamente isso: um retorno ao reformismo ético de Proudhon que Marx tanto contestava. Bertolucci descarrega suas baterias contra os resíduos de feudalismo e o poder fascista qual um pregador evangélico a condenar os pecados do mundo. Sua concepção da luta de classes tem a sutileza de um western-spaghetti: os proletários são bons, justos e bravos. Os patrões, paternalistas, desonestos ou bastante complacentes para permitir que em seu nome sejam cometidas todas as perversidades. Pior ainda: como em "O Conformista" (1969), Bertolucci insiste em ver no fascismo uma doença, uma depravação política resultante de psicopatologia sexual — ao passo que as massas operárias, imaculadas, mostram-se infensas às tentações e aos males da carne.

Por essa razão, o capataz das terras, adequadamente chamado Atila (Donald Sutherland), representa a apoteose da decadência humana. Sua aparência define o arquétipo do fascista segundo Bertolucci: lívido como um vampiro, todo de negro, olhos dementes, gótica figura a insultar criados, espancar inocentes, esmagar gatos, sodomizar criancinhas e empalar viúvas desamparadas em afiadas estacas, Atila gostaria de assemelhar-se a Macbeth, sobretudo nas suas relações sadomasoquistas com a amante (Laura Betti), uma réplica da Medusa tresloucada por luxúria e vingança. De tão grotesca, a caricatura suplanta até os histéricos esgares que Jack Palance cometeu em seus piores dias. A primeira parte, por sinal, se encerra com efeito de montagem alternando o enterro de três comunistas com Sutherland no alfaiate experimentando sua camisa preta fascista. E já que "1900" esgota toda a sua indignação em cima de tão implausível vilão, fica

Sutherland: um vilão que parece saído de histórias em quadrinhos

a impressão de que, se ele fosse justiçado no começo do filme, os explorados camponeses não teriam mais problemas a resolver ou sofrimentos a suportar. Em vez de um filme antifascista, o que transparece é um filme contra um personagem repulsivo, aberração da natureza sem classificação possível entre os modelos normais da espécie humana.

BELEZA VÃ — Serviria, no entanto, este esquematismo a um propósito didático? Nem isso é possível alegar, mesmo que a inteção de Bertolucci fosse endereçar sua simplória ideologia a uma platéia de iletrados. Pois o que se ensina aqui é um antimarxismo, ou, na melhor hipótese, um marxismo esclerosado, que se funda em padrões éticos anacrônicos. Entre outros enganos, Bertolucci crê que o proletariado, de tão santificado, merecerá as dádivas do paraíso, ignorando que Marx jamais morreu de amores por uma condição social que julgava degradante e, por isso mesmo, propunha-se a libertar.

Além disso, "1900" impõe uma visão idealista da história: dividindo a humanidade em bandidos e mocinhos, Bernardo Bertolucci encontra no mundo real apenas aquilo que nele colocou, depositando acontecimentos e pessoas em moldes pré-fabricados e conceitos formados aprioristicamente. Não será exagero afirmar que filmes como esse contribuem para fazer o marxismo degenerar numa antropologia desumana. Uma pena, inclusive por causa de tanta beleza desperdiçada: afinal, uma obra de aspirações políticas não deve ser apenas um fulgurante repertório de imagens requintadas, e exige bem mais do que um trôpego amontoado de tolices ideológicas a nível de folhetim.

PAULO PERDIGÃO

SAGITARIUS FILMES

"A Batalha de Guararapes": o IV Exército com know-how italiano

Guerra de luxo

Um grande filme depende só de dinheiro?

Em 1976, em Pernambuco, visitando alguns marcos da colonização holandesa no Brasil (início do século XVII), o cineasta Paulo Thiago, então com 32 anos, sentiu que ali havia um filme. a ser feito: uma superprodução que levasse à tela em todo o seu brilho uma das mais marcantes manifestações nativistas de nossa História, a que culminou com a expulsão dos holandeses, após as duas batalhas de Guararapes (1648 e 1649), na seqüência final de longos anos de ferozes escaramuças. Pelo vulto dos recursos materiais e humanos para tal realização — e já que Paulo Thiago se recusava a recorrer ao "paternalismo oficial da Embrafilme" —, o projeto parecia absolutamente inviável. Mas não para Paulo César Ferreira, homem de televisão no Recife. Foi ele quem aproximou o cineasta do jovem empresário de café Carlos Henrique Braga, 35 anos, que se dispôs a financiar, sozinho, a milionária produção.

Agora, dois anos depois, após consumir 36 milhões de cruzeiros, seis meses da elaboração do roteiro, três meses e dez dias de filmagem — com um elenco de trinta atores e 1 600 figurantes (1 200 cedidos pelo IV Exército) —, e passado quase um ano em trabalhos de acabamento, A BATALHA DOS GUARARAPES chega finalmente às telas, na mais audaciosa operação de lançamento já empreendida no país: a partir desta semana, 250 cinemas, de norte a sul, passam a exibir o filme simultaneamente, em distribuição Lívio Bruni.

O VERDADEIRO PESO — Sua longa (duas horas e 20 minutos) história centra-se na trajetória de um certo João Fernandes Vieira (José Wilker), arrivista de nebulosas origens, e em suas sucessivas composições e rupturas, tanto com os nativistas, ligados a Portugal, quanto com os executores da ocupação — manobras que desempenha, não raro, concomitantemente, com um pé na adesão e outro na conspiração. É fácil entender as motivações de Vieira: ele é simplesmente um voraz, ansioso pela conquista do menor farelo do poder, venha ele de que mesa — ou de que alcova — vier. Mais difícil, porém, é acompanhar a evolução de suas tramóias político-amorosas — problema que os roteiristas (Armando Costa, Miguel Borges, Gustavo Dahl e Paulo Thiago) tentaram solucionar pondo as personagens a falar durante longas seqüências, nas quais, de ação, não acontece absolutamente nada. O pior é que, na pressa de se explicarem, essas personagens jamais têm um mísero momento de humana hesitação, decidindo de maneira fulminante as questões mais cruciais, seja um casamento, seja uma investida armada.

Aliás, é quase certo que somente a expectativa pela batalha final é que fará o público não abandonar o cinema antes do término do filme, apesar do soberbo visual criado pelo figurinista Campello Neto — luminoso ainda que academicamente registrado pelo fotógrafo Mário Carneiro. Mas, quando se dá o confronto, não há como se perguntar sobre qual teria sido a participação do italiano Nino Batisteli, efeitista importado e com créditos em trabalhos bombásticos como "Ben Hur" e "1900", porque nada de espetaculoso, propriamente dito, então, acontece. E pior, o filme sequer acaba aí, prosseguindo numa seqüência amorosa, perfeitamente dispensável, e que coroa condignamente este mamute, de peso proporcional apenas a seus opulentos recursos de produção.

DECIO BAR

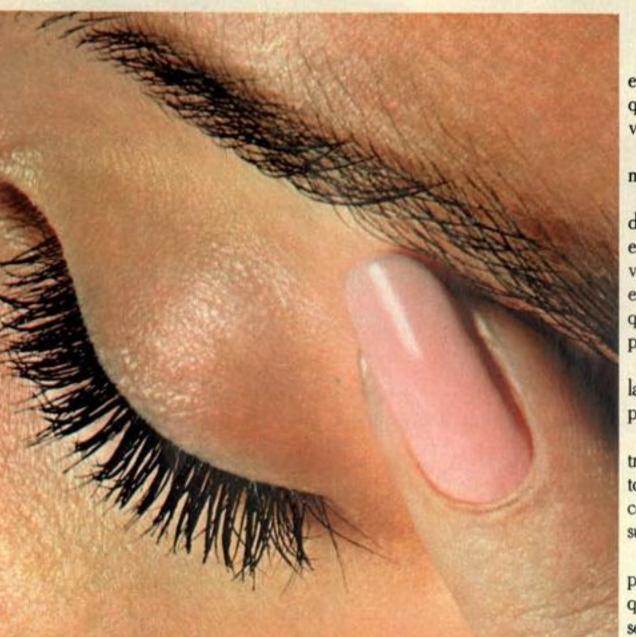
Tenha bons momentos diante de uma estante Vogue.

Tudo aquilo que você guarda com carinho - lembranças de viagens felizes, coleções valiosas, os cristais ganhos no casamento e que já brindaram tantas datas memoráveis - acomodam-se com segurança e destaque numa estante modulada Vogue, protegidos por lindas portas de acrílico, com luz embutida e prateleiras de cristal temperado.

O equipamento de som que proporciona horas repousantes ou festivas, está ali, no lugar determinado pelo seu bom gosto, ou junto ao bar, com aquela porta deslizante que convida para mais um drink.

Procure um revendedor Vogue. Junto com ele você vai criar um móvel genial para acompanhar todos os seus bons momentos. Com personalidade.

MODULADOS VOGUE

Presença marcante em qualquer ambiente.

As Marcas do Tempo.

No decorrer da vida, você sorri, chora, se preocupa, enfrenta a luminosidade, a poluição, o sol, e até quando você fala a sua pele vai perdendo a vitalidade, o que influenciará sua beleza.

Se não houver um tratamento adequado, as marcas do tempo aparecem: as rugas.

Comprove pelas suas fotografias ou, antes de acabar de ler este anúncio, veja seu rosto no espelho. A Max Factor está constatando para você uma realidade, para que você possa enfrentar as rugas no tempo certo. Ela sabe que, para manter a beleza de seu rosto, sua pele precisa de um tratamento diário adequado.

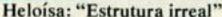
A mais eficiente descoberta científica dos laboratórios Max Factor é uma linha exclusiva para tratamento: UltraLucent Perpetua.

Ela contém Tricelunol, um composto de três ingredientes super-ativos que limpa, tonifica e hidrata as células de seu rosto, para conservar esse aspecto jovem e sedoso de sua pele.

Agora, com UltraLucent Perpetua, você pode sorrir, chorar e enfrentar tudo, sabendo que as marcas do tempo refletirão somente os seus bons momentos da vida.

Max Factor não faz apenas cosméticos, trata de sua pele também.

Heloísa: "Estrutura irreal"

FOTOS WALTER FIRMO

Junqueira: "Pensando nas dívidas"

Gente

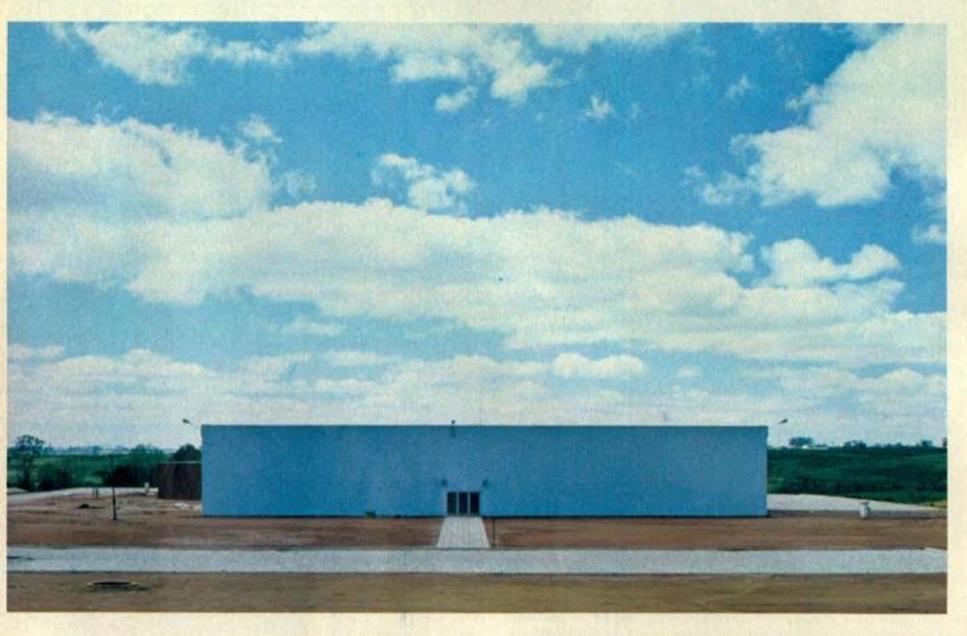
Prosseguem, em meio a ferozes escaramuças, os combates verbais em torno dos despojos incendiados do Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro. Segundo **HELOÍSA LUSTOSA**, diretora recentemente demitida, "fundamental é mudar a estrutura irreal e obsoleta do MAM, cujos estatutos, elaborados em 1954 por San Thiago Dantas, vigoram até hoje, impedindo todos os projetos culturais que estavam em estudo. Tal fato e a intransigência da sra. Niomar Moniz Sodré, fundadora e conselheira do Museu, em não mudar uma vírgula sequer do estatuto foram os fatores que determinaram a posição do Banco do Brasil em suspender a doação que faria em dinheiro e a aquisição de 46 obras para suas agências no exterior. Como Niomar já não havia concordado em manter a dinâmica cultural que havíamos planejado para o MAM, restou-lhe a cassação ilegal dos mandatos dos diretores". Enquanto isso, o novo diretor **JUNQUEIRA AYRES** afirma: "Em menos de uma semana, seria leviano fazer qualquer declaração quanto aos planejamentos culturais. Só penso em restauração e pagamento de dívidas e salários de funcionários". Como coordenador geral com plenos poderes, o embaixador **HUGO GOUTHIER** considera encerradas as discussões: "Para mim, este fogo também já está extinto". Mas os dissabores causados pelo incêndio não param aí. Sobrou aos cariocas o desconsolo de perder a oportunidade de promover no auditório do MAM um minifestival de jazz com alguns músicos que estiveram no I Festival Internacional de São Paulo. Dizem os atuais diretores que o auditório ainda está sendo restaurado. Mas, para Heloísa Lustosa, teria sido este um capricho de Niomar Moniz Sodré. "No MAM", diz Heloísa, "a música virou palavrão."

Diretamente do Olympia de Paris, onde se apresenta em show com **VINICIUS**, **TOQUINHO** e **MIÚCHA**, o compositor e pianista **ANTÔNIO CARLOS JOBIM** — esta é a primeira vez que ele se exibe na Europa — mandou dizer em cartões postais a seus amigos ipanemenses que está triunfando em terras de França. Diz Tom: "O espetáculo é sucesso absoluto. Infelizmente tivemos que cortar aquele papo enorme que eu e Vinicius curtíamos no palco entre um uísque e outro, certamente o charme do show. É uma pena não podermos continuar naquela de Jararaca e Ratinho, mas misturar uísque e histórias de urubu poderia fundir a cuca da francesada". Assinado: Astênio Claustro Fobim.

A mulata **LIANA MÁRCIA**, paulista, 18 anos, 1,70 metro de altura e 55 quilos generosamente distribuídos, é a nova atração do show que **OSWALDO SARGENTELLI** está apresentando há um ano na boate Oba Oba, em São Paulo. "Ela é a minha curinga", diz Sargentelli, "o público está maravilhado com ela." Cursando uma escola de balê clássico e com planos de aprender inglês, Liana já pensa nos futuros passos de sua carreira — e em, quem sabe, acompanhar um dia a irmã mais velha, Ângela, que dança em Paris, no Moulin Rouge. Incentivada por Ângela, Liana começou a dançar profissionalmente aos 15 anos. No ano passado já era um dos destaques dos espetáculos da boate Beco. E no mês passado resolveu procurar Sargentelli. "Mas eu não disse que era irmã de Ângela", conta Liana. O olho clínico de Sargentelli, contudo, funcionou. "Puxa, você é a cara de uma moça que trabalhou comigo", disse ele e contratou-a na hora. E não parece estar nada arrependido. "Todos a estão adorando; e agora vou tentar trazer a irmã que está em Paris. Vai dar uma dupla realmente infernal." ●

PEDRO MARTINELLI

Liana: curinga de Sargentelli

Seus planos de processamento de dados já são nossa realidade.

A SID - Sistemas de Informação Distribuida S.A., há muito deixou de ser apenas um projeto.
Desde a sua implantação, ela vem mantendo um ritmo acelerado de trabalho, montando em Curitiba um moderno parque industrial para produção de um produto nacional adequado às necessidades do mercado brasileiro.
Treinando no Brasil e no exterior engenheiros industriais, analistas de suporte, programadores e engenheiros de manutenção; desenvolvendo Software para as aplicações de gestão das empresas brasileiras.
E graças a experiência acumulada dos grupos que a compõe, a SID, hoje dispõe de uma completa e sólida infra-estrutura industrial, comercial e de prestação de serviços, que aliada a avançada tecnologia de seus minicomputadores garantirá aos clientes da SID uma segurança total e a realização perfeita de todos os seus planos de processamento de dados.

Sistemas de Informação Distribuida S.A.

Guerra biológica

No RS, importam-se insetos para combater o pulgão

Joaninhas americanas e vespas francesas compunham a rara encomenda que desembarcou no aeroporto municipal de Passo Fundo, a 300 quilômetros de Porto Alegre, no último 30 de agosto. Desde então, os agricultores da região não falam em outra coisa. E com razão, pois esses insetos — trazidos em caixas de isopor repletas de gelo — ostentam como característica principal a de ser inimigos naturais do pulgão, uma das mais resistentes pragas do trigo, no Brasil. No momento, uma esquipe passo-fundense de agrônomos e entomologistas os mantém em quarentena, a fim de verificar se as colônias importadas não vieram acompanhadas de outros insetos ou doenças indesejáveis. Depois, vão acelerar sua multiplicação em laboratório e tratar de sua disseminação nas lavouras.

Esse método, conhecido como "controle biológico de pragas", não é inédito no Brasil: já em 1924 o Instituto Biológico de São Paulo importou da África a vespa-de-uganda, que prestou relevantes serviços como parasita da temida broca-do-café. Mas o fato de agora ser adotado em Passo Fundo, importante centro agrícola do Rio Grande do Sul, pode resultar num estímulo à busca de novos substitutos da natureza para inseticidas persistentes, como o DDT e similares, condenados pelos ecologistas por estar envenenando o planeta. E a própria infestação do pulgão, que os passo-fundenses pretendem combater com auxílio de recém-importados inimigos naturais, tem algo a ver com o uso de tais drogas.

Há cerca de oito anos, de fato, os experimentados lavradores gaúchos sequer reconheciam em suas plantações a presença desse minúsculo inseto de cor verde, que nos livros de Entomologia recebe os nomes de *Metapolophium dirhodum* e *Macrosiphum avenae*. Ultimamente, porém, em certas épocas do ano, eles assistem horrorizados à revoada de hordas de pulgões, capazes de reduzir em mais de 30% a produção dos trigais. Originalmente combatidos com fortes doses de BHC e, mais tarde, de Endrin (ambos da família do DDT), os insetos reagiram desenvolvendo uma progressiva resistência à droga, ao mesmo tempo que dizimavam seus inimigos nativos. "O uso indiscriminado de inseticidas deve ter afetado o equilíbrio ecológico numa proporção tal que o pulgão ficou livre para reproduzir-se em taxas muito altas", supõe o agrônomo e entomologista passo-fundense Luís Antônio Salles, 31 anos.

RICARDO CHAVES

Pulgão: reduzindo em até 30% a produção dos trigais

ESTILETE NATURAL — Promovido conjuntamente pelo Centro Nacional de Pesquisas de Trigo (CNPT) e Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), o programa de controle do pulgão conta com subsídios da FAO, o organismo das Nações Unidas para a alimentação e a agricultura, e tem duração prevista de três anos. "Até certa época, o uso do inseticida foi racional e, portanto, benéfico", explica Salles, o coordenador do programa. "Contudo, quando os lavradores se deram conta de que era lucrativo pulverizá-lo, começaram a abusar. Aí as coisas se complicaram, pois ao desenvolvimento do mecanismo de resistência dos insetos seguiu-se a elevação do custo de produção." Segundo Salles, foi para alterar esse quadro que se decidiu recorrer à importação de inimigos do pulgão, originários de regiões onde as condições ambientais se aproximassem das brasileiras. Apurados estudos agroentomológicos recomendaram, assim, a importação de joaninhas de certa parte dos Estados Unidos e de quatro espécies de vespas da França.

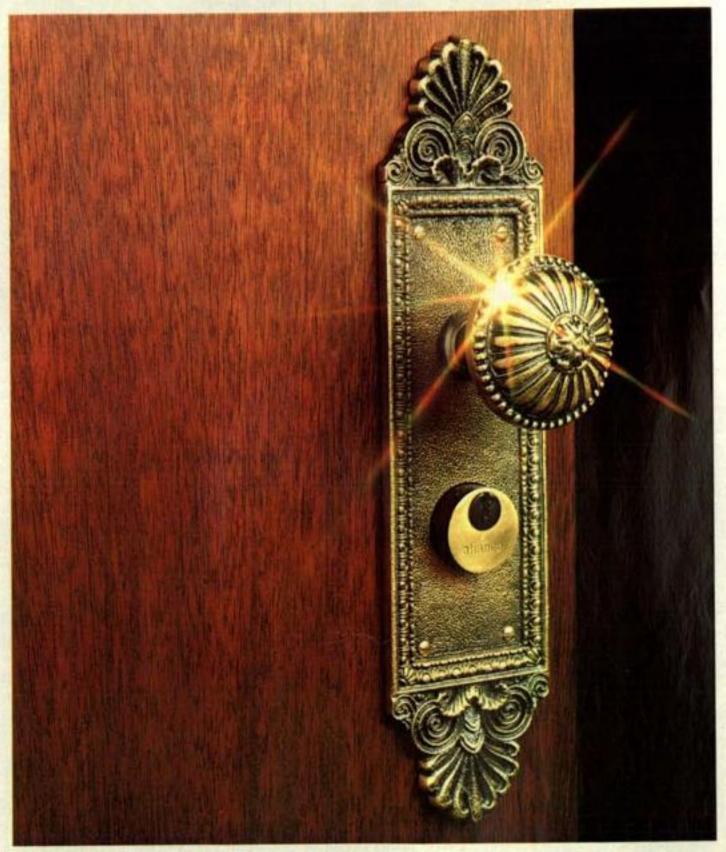
As maiores esperanças de Salles e dos técnicos sob sua coordenação, no entanto, recaem sobre as vespas, que usam o pulgão como hospedeiro de sua larva. Com uma espécie de estilete natural, a fêmea da vespa inocula um ovo no interior do pulgão. À medida que a larva se desenvolve, seu hospedeiro torna-se inativo e, entre dez e quinze dias, mumifica-se. Durante seu período de vida ativa — de dois a três dias — cada fêmea pode inocular até 1 000 pulgões. Já a produtividade da joaninha é mais modesta: em um mês de vida ela devora um máximo de quarenta pulgões. Mas, de todo modo, essas possibilidades ainda estão circunscritas à teoria, pois não se sabe se a joaninha e as vespas repetirão no Brasil o mesmo desempenho registrado nos Estados Unidos e na França. De pelo menos 420 espécies de insetos úteis importados nos últimos oitenta anos pelos americanos, pioneiros no ramo, somente 30% se adaptaram ao novo ambiente. Significativamente, Salles e coordenados evitam alardear as qualidades de seus insetos antídotos a fim de conter o precipitado entusiasmo dos lavradores gaúchos.

RESTAURAÇÃO DOS SOLOS — Caso a experiência dê certo, Passo Fundo se transformará fatalmente em importante centro exportador de parasitas e predadores de pragas agrícolas. Pelo menos é essa a expectativa de Salles e coordenados, que ainda este ano pretendem distribuir 15 000 joaninhas e vespas a plantadores de trigo do Rio Grande do Sul e do Paraná. Atualmente, o programa por eles cumprido espera a conclusão das obras de um prédio destinado

a abrigar oito salas de reprodução de insetos, cuja capacidade ainda não foi estabelecida, mas que, segundo dizem, poderá suprir as necessidades dos triticultores de todo o país.

"O pulgão talvez não desapareça por completo, mas sua população se manterá num nível que não chegará a ocasionar prejuízos", vaticina Salles. "O controle biológico, quando dá certo, é um método eficiente, barato, com resultados permanentes e, sobretudo, não polui o ambiente." Na verdade, mesmo distante, há um risco ecológico nada desprezível: a possibilidade de algum dos insetos antídotos encontrar um ambiente favorável, livre de seus predadores naturais e, por sua vez, multiplicar-se explosiva e catastroficamente. Mas, aparentemente, essa possibilidade não está sendo levada a sério sequer pelos ecologistas. O próprio presidente da vigilante Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, José Lutzenberger, manifesta sua aprovação ao programa do CNPT-Embrapa. Ele só tem uma dúvida: acha que provavelmente o controle biológico do pulgão não irá muito longe, "a não ser que haja uma reorientação nos próprios métodos agrícolas no sentido da restauração da saúde biológica do solo e da recuperação dos equilíbrios naturais de toda a paisagem agrícola". •

Salles: coordenando a ofensiva

Processo de abertura.

As alternativas são inúmeras, dependendo da posição que você assumir.

Guarnições de estilo Aliança combinam com o temperamento de cada um, com a forma de expor e exteriorizar pontos de vista.

Beleza, funcionalidade. E uma salvaguarda eficaz e duradoura na sua linha de frente.

À venda nas melhores lojas de ferragens de todo o País.

BASQUETE

Renovação?

O Brasil ainda precisa das velhas estrelas

Nos últimos 22 meses, desde que assumiu o cargo de técnico permanente da seleção brasileira, o carioca Ary Vidal colocou nas quadras cerca de trinta jogadores diferentes. Prova, diz ele, da renovação do basquete nacional. "Mas, na hora de uma competição magna, temos mesmo que pegar os veteranos; eles ainda são os melhores", confessa. Portanto, a seleção que vai disputar o campeonato mundial, no começo do mês que vem, nas Filipinas, leva, entre seus doze jogadores, uma base formada por quatro que estão há mais de oito anos no time (Adílson, Carioquinha, Marquinhos e Robertão), além de Hélio Rubens há doze e Ubiratan há dezesseis anos na seleção.

Aos 48 anos de idade, formado em Educação Física há quinze anos, Vidal conseguiu facilidades para a preparação da equipe raramente concedidas a seus antecessores. O time foi reunido quase dois meses atrás e ficou concentrado em Petrópolis. Os problemas particulares dos jogadores com escolas e empregos foram resolvidos pela Confederação por meio de bolsas de estudo e ajuda de custo equivalente aos salários suspensos. "Com isso", conta o experiente Hélio Rubens, que, além de jogar basquete tem cinco atividades diferentes, "foi possível a gente fazer treinos táticos e assimilar várias jogadas."

PEDRO MARTINELLI

São Paulo: vitória americana

POR UMA CESTA — Apesar disso, antigamente, o basquete brasileiro conquistou mais vitórias que nos últimos tempos. Na semana passada, ao encerrar sua preparação no Brasil, o selecionado não parecia excepcionalmente forte. Enfrentando as decepcionantes equipes do Uruguai e da Argentina, e um bom time americano, o da Universidade de Michigan, os brasileiros ganharam um torneio no Rio e perderam outro em São Paulo por causa de uma cesta. Mas derrotas por diferenças mínimas têm sido exatamente a distância que vem separando o basquete brasileiro de melhores colocações. E nas Filipinas, depois da China, seu primeiro adversário na fase de classificação do mundial e completamente desconhecido para Vidal, a seleção enfrentará a fortíssima Itália e o perigoso Porto Rico, num momento em que, segundo o próprio técnico, o Brasil não estará ainda 100% preparado. "Mas, se passarmos por eles, então sim o time deverá crescer muito. Até quem sabe para disputar os primeiros lugares." •

NANI GÓIS

Valtencir (já caído no chão): sem seguro contra acidentes

FUTEBOL

O tombo fatal

Morte de Valtencir abre o debate do seguro

Ao disputar a bola com o armador Nivaldo, do Maringá, aos 43 minutos do primeiro tempo, o lateral Valtencir, do Colorado de Curitiba, caiu de mau jeito: com três fraturas na coluna cervical e dupla ruptura na medula, morreu ao dar entrada no Hospital e Maternidade de Maringá. O jogo foi suspenso. Durante toda a semana, a morte de Valtencir provocou um generalizado — e no caso equivocado — clamor contra a violência no futebol: afinal, a jogada fatal não fora violenta. E a questão mais importante acabou sendo deixada de lado: o desamparo previdenciário total a que está relegado o atleta profissional brasileiro.

Valtencir Pereira Senra, 31 anos, morava num apartamento alugado por 4 000 cruzeiros, no centro de Curitiba, com seus dois filhos e a esposa, Tereza, grávida do terceiro. Ela vai receber, como pensão, 92% do teto de quinze salários mínimos — o que dará cerca de 14 000 cruzeiros e o que for apurado nas rendas do jogos que se fizerem em benefício da família do jogador. E, até o final da semana, o Botafogo carioca — onde Valtencir jogou mais tempo, antes de ir para Curitiba — ainda estava reticente em relação a um amistoso ▸

Tem um Corcel II que é mais econômico e potente que o seu:

É aquele que está equipado com a embreagem eletromagnética Wapsa.

A embreagem eletromagnética Wapsa é um equipamento opcional que faz um pequeno milagre: ela deixa o Corcel II ainda mais econômico e potente do que já é.

Economia e potência, em números.

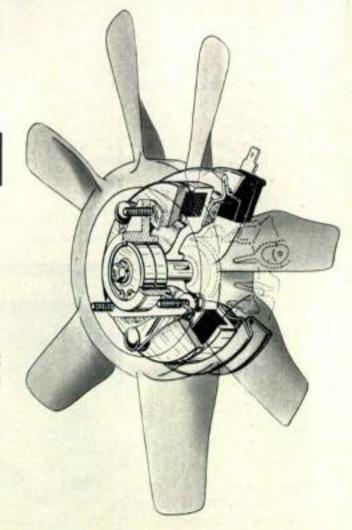
A embreagem eletromagnética deixa o Corcel II quatro cavalos mais potente: e isso vai ser ótimo na hora de uma ultrapassagem mais difícil, ou numa arrancada bem rápida.

E agora, o feito inédito da embreagem eletromagnética Wapsa: ela dá mais potência, e ainda deixa o Corcel II 5% mais econômico.

O resultado disso é que a embreagem eletromagnética acaba saindo de graça para você.

E depois, ainda dá lucro: ela também aumenta o valor de revenda do Corcel II.

Ela funciona assim.

Para você não pensar que tudo isso é conversa mole, vamos explicar direitinho como funciona essa pequena maravilha.

Você sabe que um carro refrigerado a água tem um ventilador, que fica atrás do radiador: e o motor gasta potência e gasolina para que ele fique girando o tempo todo.

É justo aí que a embreagem eletromagnética Wapsa entra: ela só deixa o ventilador funcionar quando o carro atinge altas temperaturas.

E como isso raramente acontece, o motor pode usar sua força só para fazer o carro andar.

Qualquer Corcel pode ficar mais potente e econômico.

Até mesmo o Corcel antigo pode se aproveitar das grandes vantagens da embreagem eletromagnética Wapsa.

Ela é um equipamento original Ford, opcional.

Mas é um equipamento opcional tão obrigatório, que muitos Corcel II já saem da Ford equipados com a embreagem eletromagnética Wapsa.

São justamente esses que têm mais potência e economia ao mesmo tempo.

WAPSA

Equipamento elétrico para veículos.

Lage, Stabel & Guerreiro

beneficente proposto pelo Colorado. Em protesto contra a indiferença das autoridades e dos dirigentes esportivos, a voz mais lúcida que se levantou foi outra vez a do jogador Zé Mário, meio-campista do Vasco da Gama, e presidente da Associação Profissional do Atleta de Futebol (APAF), com sede no Rio. "Os clubes não cumprem nem as obrigações trabalhistas", disse Zé Mário, que, quando saiu do Flamengo, há quatro anos, foi à Justiça para receber o 13.º salário.

Agora, Zé Mário vai comprar mais uma briga com os dirigentes. Ele encomendou um estudo a duas empresas de seguros — a Generalli e a Atlântica Boavista — e só está esperando a transformação da APAF em sindicato para levar um anteprojeto a Brasília. "Hoje não temos seguro nem para uma perna fraturada, que para um jogador de futebol pode representar invalidez permanente." •

TÊNIS

Só exibição

Um alegre encontro entre Borg e Panatta

Quem é melhor: Bjorn Borg ou Adriano Panatta? Na quinta-feira passada, a multidão que transbordou dos 3 000 lugares do recém-inaugurado Centro Paulista de Tênis para assistir ao "Desafio Borg-Panatta" ficou sabendo que é Borg. Em 105 minutos ele liquidou em três sets uma partida inicialmente prevista para cinco.

Naturalmente não seria preciso pagar 350 cruzeiros — o preço único dos ingressos — para conhecer essa verdade. Borg, um sueco de 22 anos, é provavelmente o maior jogador do mundo no momento e, só em torneios oficiais, já faturou cerca de 300 000 dólares este ano. Além disso é tricampeão de Wimbledon. Panatta, italiano, 28 anos, está rondando o trigésimo lugar na lista dos melhores tenistas, ganhou pouco mais de 50 000 dólares e desde 1976 não vence um torneio importante. Em São Paulo, sequer havia um prêmio ao vencedor: Panatta jogou por 20 000 dólares; Borg, mais valorizado, por 50 000 — e ainda recebeu outros 15 000 para prender os cabelos durante a partida com uma tira estampando o nome do patrocinador.

PRÊMIO DIVIDIDO — Os "desafios" entre profissionais do tênis começaram em 1975, quando parecia muito importante saber quem era o número 1 entre o americano Jimmy Connors e o australiano Rod Laver. Os organizadores, então, chegavam a pagar 500 000 dólares ao vencedor. Em 1976, quando esse tipo de espetáculo chegou ao Brasil, os preços já estavam bem mais baixos — e o argentino Guillermo Vilas enfrentou no Ibirapuera o australiano John Newcombe por 80 000 dólares mais uma garantia de 10 000 dólares para cada um.

Para os tenistas, de qualquer forma, é um bom negócio, pois com menos esforço eles ganham assim tanto ou mais que na maioria dos torneios oficiais (com prêmios ao vencedor variando entre 50 000 e 175 000 dólares). O problema é que nem sempre os jogadores se aplicam com seriedade nessas ocasiões. No início do mês, por exemplo, a falta de empenho dos jogadores numa partida entre Newcombe e o romeno Ilie Nastase, nos Estados Unidos, desencadeou suspeitas de um acordo para dividir o prêmio e eles acabaram não recebendo nada.

Borg e Panatta não chegaram a tanto. Pelo contrário, sem os cuidados e as preocupações de um jogo a sério, acabaram praticando um tênis solto com lances de alta técnica e perícia — como convém, aliás, a uma exibição de profissionais competentes. •

Panatta e Borg: 85 000 dólares em 105 minutos

Coisa boa não muda

Esta voltinha já fez um século e ninguém se desliga dela

Esta voltinha identifica a maneira de calcular mais simples e precisa que existe: a da Facitinha. A calculadora mecânica perfeita em tudo: precisão, resistência, praticidade e garantia. A Facitinha é única. Trabalha em qualquer lugar, aguenta qualquer tranco e não depende de peças importadas. Resolve qualquer problema há mais de um século. A Facitinha não mudou, e nem vai mudar, porque coisa boa não muda.

FACITINHA

COISA BOA NÃO MUDA

PRECISÃO DE CÁLCULO - PERFEIÇÃO DE ESCRITA

REVENDEDORES EM TODO O BRASIL

MATRIZ - São Paulo - Rua 13 de Maio, 812 - tel: 284-0133 - FILIAIS - Brasília, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro, Santo André e Santos

tempo

CÉLIO APOLINÁRIO

Paredes pichadas na Faculdade de Letras: greve . . .

. . . por Marilu

Nada a informar

Greve em Minas: professora não quis delatar alunos

Na manhã do último dia 15, a diretora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora Maria Luísa Ramos — conhecida entre os alunos como "Marilu" —, pediu demissão. Instada por ofício da Superintendência da Polícia Federal em Minas a fornecer uma lista com nomes e endereços dos alunos da escola, ela preferiu abandonar o cargo por entender que uma concessão como a desejada pela polícia "não se enquadra no papel que compete ao educador". Em solidariedade à professora, os 800 alunos da faculdade entraram em greve três dias depois, na segunda-feira passada. E, na quarta-feira, os treze professores membros da congregação da faculdade emitiram nota solidarizando-se com Maria Luísa e afirmando que "não existe compatibilidade entre a função de educador e a de policial".

Consultada, a Polícia Federal respondeu que nada tinha a acrescentar sobre o assunto. A questão, na verdade, adquiria contornos delicados, cujas raízes estariam fincadas em acontecimentos bem mais antigos. O início se deu com a frustrada tentativa estudantil de realizar em Belo Horizonte o III Encontro Nacional de Estudantes, em junho de 1977. Naquela ocasião, 56 estudantes mineiros foram indiciados em inquérito pelo DOPS. Meses mais tarde, o inquérito, com 241 folhas chegava à Auditoria da 4.ª Região Militar de Juiz de Fora. E com um relatório em que o delegado David Hazan sugeriu seu arquivamento "por falta de provas de autoria do crime".

"ESTIMULANTE MESMO" — O delegado do DOPS incluía ainda um comentário pessoal: "Todas as fichas indicam somente jovens com participação político-estudantil (. . .) o que é perfeitamente legal e normal na vida dos estudantes, e, no meu entender, estimulante mesmo". Inconformado, o procurador Joaquim Simeão de Faria Filho conseguiu que o processo fosse transferido à Polícia Federal de Minas Gerais. Justamente para dar continuidade ao inquérito é que a repartição solicitou os dados sobre os alunos à professora Maria Luísa.

Diante da exigência, ela procurou a reitoria da UFMG. O reitor Celso de Vasconcelos Pinheiro estava em Brasília mas seus auxiliares responderam que era preciso prestar as informações. Maria Luísa preferiu a demissão, sem que com isso o impasse se dissolvesse. Os alunos de Letras continuam em greve e a congregação da faculdade, órgão máximo da escola, mantém a posição de nada informar. ●

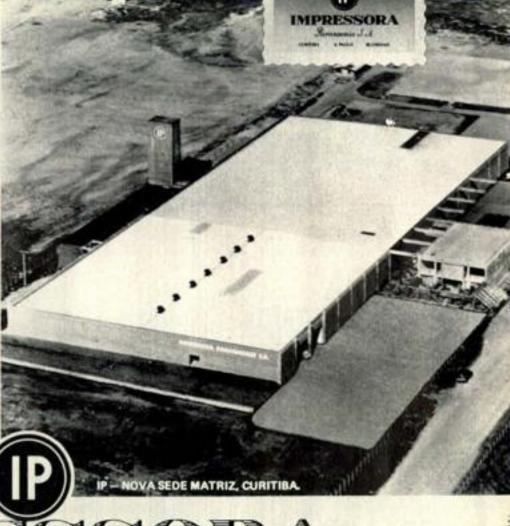
Bom para a empresa e melhor para os seus clientes: Tradição Profissional

Noventa anos IMPRESSORA Paranaense.
Três gerações erigiram este empreendimento, hoje com suas unidades industriais instaladas em Curitiba, São Paulo e Blumenau. Três gerações forjaram uma tradição profissional, criando um "know how", não apenas consciente, mas, que está no próprio sangue dos que nela exercem sua apurada técnica.

IP – SÃO PAULO

IP – BLUMENAU

IP – NOVA SEDE MATRIZ, CURITIBA.

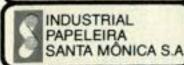
IP

IMPRESSORA
Paranaense S.A.

Pelo 90º aniversário da IMPRESSORA Paranaense, os cumprimentos dos seus amigos:

BRASILCOTE
FABRICANTES DOS PAPEIS DE ALTO BRILHO COUCHECOTE, COLORCOTE, DUPLEXCOTE e DOBLECOTE
PBX: 445 1211
C.P. nº 30 852 - São Paulo

CELMAX IND. QUIM. LTDA
VERNIZES GRÁFICOS
FONE: 215-0517 (SP)

concentra s.a.

Rio de Janeiro - São Paulo

INDÚSTRIAS
DE PAPEL
SIMÃO S.A.

INTERGRÁFICA S.A.
MÁQUINAS
IMPRESSORAS

Irmãos Maia S/A
Indústria e Comércio
FABRICANTES DE CARTOLINA DUPLEX
PONTA GROSSA - PR
UVARANAS

LIMEIRA S.A.
Ind. de Papel e Cartolina
RIBEIRO PARADA S.A.
Ind. de Papel e Papelão
RIPASA S.A. - Celulose e Papel
CIA. SANTISTA DE PAPEL

Ao Rei da Imbuia
MADEIREIRA MIGUEL FORTE S.A.
COMERCIANTES E INDUSTRIAIS DE MADEIRAS E PAPEIS
Madeiras Serradas, Laminadas e Compensadas
Papelão e Cartolina DUPLEX
Av. Mal. Deodoro, 2985 - Fone: (0425) 23 1834
84600 UNIÃO DA VITÓRIA - PR

PUBLIAL

Tremor atômico

A bomba russa causou o terremoto do Irã?

Habitantes de um país fincado sobre solo extremamente instável do ponto de vista geológico, os 32 milhões de iranianos se vêem obrigados a conviver com os terremotos, que atingem seu território com a incômoda freqüência de, pelo menos, um por ano. Mesmo para esse país de terremotos, porém, o último, dia 16 passado, foi impressionante: causou 20 000 mortes e deixou completamente destruídas a cidade de Tabas, 13 000 habitantes, e várias aldeias do leste iraniano. Além disso, a discussão sobre suas causas levantou uma inquietante possibilidade. Na terça-feira da semana passada, quando ainda prosseguiam os serviços de atendimento a feridos e sepultamento de mortos no Irã, sismólogos da Universidade de Uppsala, na Suécia, e o diretor do Departamento de Pesquisas Espaciais de Bochum, na Alemanha, Heinz Kaminski, afirmavam simultaneamente que o terremoto do Irã pode ter sido causado por um teste atômico realizado 36 horas antes na União Soviética.

Trata-se, contudo, de mera hipótese, e não há como prová-la cientificamente. O alemão Kaminski se apóia em experiências realizadas alguns anos atrás pelos Estados Unidos nas ilhas Aleutas, registrando-se nessa época a relação entre as explosões e os abalos sísmicos. Kaminski admitiu não ter sido possível estabelecer exatamente o ponto onde se deu o teste atômico soviético. Teria ocorrido em algum lugar entre o Casaquistão e a cordilheira de Altai *(veja o mapa)*, esclareceu ele, numa região onde existe um forte campo de tensão no subsolo.

Em defesa dessa tese, acudiram os cientistas suecos com a informação adicional de que a explosão subterrânea russa — a mais potente desse tipo realizada pelos soviéticos — atingiu 6,9 graus na escala Richter, que vai de zero a 10, um valor próximo dos 7,7 graus alcançados pelo tremor no Irã. A relação entre bombas e terremoto, no caso, encontra também opositores na comunidade científica internacional. O sismólogo alemão Eberhard Schmedes, do Instituto Geofísico da Universidade de Munique, diz, por exemplo, que as explosões podem causar terremotos mas nos 7 ou 8 minutos seguintes à detonação — nunca 36 horas mais tarde. "Se todos os testes atômicos provocassem terremotos", ironiza ele, "a terra viveria tremendo sem parar."

A distância também influiria bastante, segundo o sismólogo Christopher Browitt, do Instituto de Ciência Geológica, em Edimburgo, Escócia — uma entidade onde se reúnem especialistas britânicos em terremotos. "Uma explosão pode causar terremoto", concorda ele, "mas apenas nas áreas adjacentes." Já os cientistas do Instituto de Geofísica de Teerã, habituados às constantes oscilações do chão que têm sob os pés, preferem atribuir o acidente à causa mais provável — o fato de o Irã, além de repousar sobre um solo fracionado em inúmeras "plaquetas", estar situado num dos chamados "cinturões de terremotos" do planeta.

Quando a gente é grande não pode pensar pequeno.

Esta é a nossa filosofia. Que possibilitou, em apenas oito anos, nos posicionarmos entre os mais sólidos e importantes montepios do país. E tornou possível a concretização de um de nossos principais objetivos: nosso prédio.

Um retrato fiel do estágio em que nos encontramos. Com espaço físico suficiente para aprimorarmos nossos serviços.

Se você ainda não é sócio do Montab, associe-se logo. Goze das vantagens e da tranqüilidade de pertencer a uma entidade que possui uma imagem garantida por um passado de muito trabalho.

E seja dono deste prédio. Que pertence a todos os sócios do Montab.

Mas somente a eles.

MONTEPIO DA FAMÍLIA AERONÁUTICA BRASILEIRA

Rua dos Andradas, 1464 - Porto Alegre - RS.
Entidade Consignatária das Forças Armadas
Dec. n.º 67.104 de 24.8.70.
Autorizado pelo Ministério da Indústria e Comércio.
Portaria n.º 140.
Registrado na Susep - Proc. 6.246/71.

Símbolo Propaganda

Datas

ARQUIVADO: o mandado de segurança impetrado pela União visando a impedir a proferição da sentença do juiz da 7.ª Vara Federal de São Paulo no processo movido pela viúva do jornalista Vladimir Herzog para provar que seu marido não se suicidou, mas foi morto pelos órgãos de segurança, nas dependências do DOI-CODI, em outubro de 1975; a sentença ia ser lida no dia 26 de julho passado mas foi sustada por uma liminar do Tribunal Federal de Recursos uma semana antes de o juiz da 7.ª Vara, João Gomes Martins Filho, completar 70 anos e cair na aposentadoria compulsória; seu substituto, o juiz Márcio José de Moraes, está em férias e só retorna em outubro, ocasião em que decidirá sobre o que fazer do processo; pelo TFR; dia 21; em Brasília.

AUTORIZADA: a Emurb — Empresa Municipal de Urbanização, de São Paulo — a desapropriar imóveis sob a alegação de interesse público e social para depois vendê-los a incorporadores de edifícios, tal como fez com um quarteirão inteiro no bairro de Santana, cujos moradores recorreram à Justiça em todas as instâncias; por decisão do Supremo Tribunal Federal; pelo voto de minerva do presidente do STF, ministro Thompson Flores; dia 20; em Brasília.

CELEBRADA: missa em Ação de Graças pelo 82.º aniversário do brigadeiro EDUARDO GOMES; dia 20; na Igreja de São José dos Operários, Rio de Janeiro.

BATIDO: o recorde mundial de permanência humana numa nave espacial, ao ser ultrapassada a marca de 96 dias e dez horas, estabelecida anteriormente pelos soviéticos Yuri Romanenko e Giorgi Gretchko; pelos também soviéticos VLADIMIR KOVALENOK e ALEXANDER IVANCHENKOV; dia 20; a bordo da estação Salyut 6, em algum ponto do espaço sideral.

INSTALADO: o serviço de telepiada, pelo qual basta discar no telefone o número 136 para ouvir, do outro lado da linha, uma anedota nova a cada dia; em caráter experimental e com operação regular marcada para o início de outubro; ao custo de 1,50 cruzeiro por ligação, cobrável na conta do telefone; dia 20; em Goiânia.

VENDIDO: o passe do goleiro EMERSON LEÃO; pelo Palmeiras ao Vasco da Gama; por 5 milhões de cruzeiros; dia 22; em São Paulo. •

O MAIOR PORTO DO NORDESTE ESTÁ FAZENDO 60 ANOS

Porto do Recife: o maior do Norte-Nordeste e o terceiro de todo o Brasil em volume de carga.

No dia 12 de setembro o Porto do Recife completou 60 anos.

De grande importância para o Brasil, Pernambuco e Nordeste, o Porto do Recife é a grande porta do Setentrião brasileiro para o mundo; o corredor de exportação, o ponto estratégico nas relações de troca com o mercado externo e dos estados nordestinos que comercializam com os países dos cinco continentes através deste porto.

Desde 1918, quando o Porto do Recife fixou-se como ancoradouro moderno, vem sendo uma constante do seu trabalho a melhora na oferta de tarefas portuárias, através da agilização das suas operações, da garantia de maior rentabilidade e da oferta de maior segurança para os importadores e exportadores que se utilizam deste porto para embarque, desembarque e armazenagem de mercadorias.

Maior produtividade

O Porto do Recife sempre se preocupou com o aperfeiçoamento do seu trabalho: e enfatizou mais ainda essa política a partir de 1964, quando eclodiu a Revolução democrática. Naquele ano, eram 3 500 pessoas empenhadas nas atividades portuárias para uma movimentação de carga de 1 800 000 toneladas. Atualmente, o Porto do Recife conta com apenas 1 700 funcionários para um movimento de 4 200 000 toneladas.

A Superintendência do Porto do Recife — com o esforço integrado entre o Governo do Estado tendo à frente o governador José Fancisco de Moura Cavalcanti, cujo prestígio e entusiasmo sempre foram constantes, e o Governo da República, através do Ministério dos Transportes e a Portobrás — tem conseguido, com o seu grupo homogêneo de técnicos, administradores e mão-de-obra em todos os níveis, trabalhar para que este porto possa manter-se à altura da sua importância e conceito.

Programa de melhoramentos

Ao longo dos seus 60 anos, o Porto do Recife adquiriu novas empilhadeiras de capacidades diversas, autoguindastes de capacidade média, inclusive de cabine elevada, para operar no navio; foram feitos reparos em todo o trecho do cais de cabotagem, substituindo-se toda a linha férrea; comprou-se três novas locomotivas Diesel-elétricas e 40 carros ferroviários, além de equipamentos para as suas oficinas.

O Plano de Melhoramento do Porto do Recife prevê, ainda, para os próximos quatro anos:

1 — Cais envolvente ao longo do curso, com aprofundamento de 10 para 12 m e substituição da atual faixa de 11,80 m para 23 m
2 — Terminal para granéis líquidos (combustível)
3 — Terminal para fertilizantes com armazém regulador de descarga
4 — Aprofundamento do canal de acesso para 11,50 m na mínima.

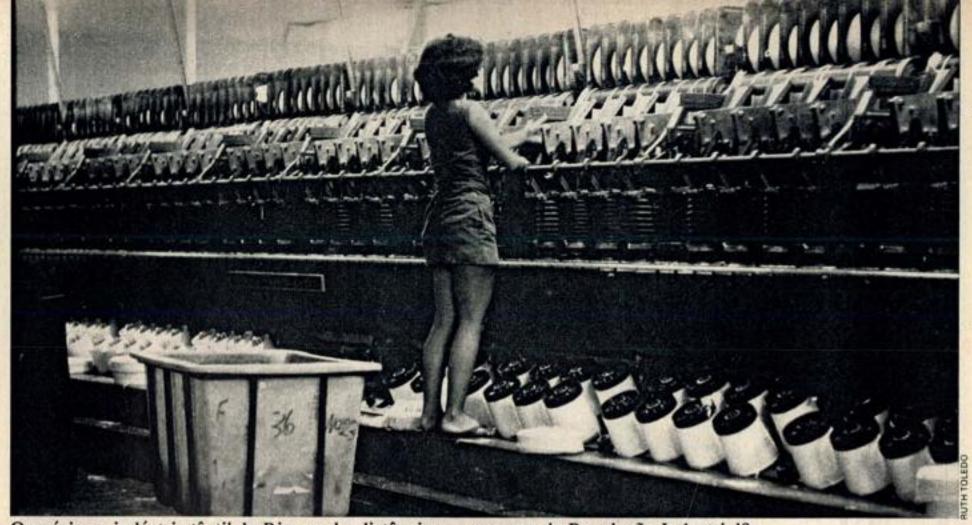
Descarregador para cereais

Esta semana, para marcar os seus 60 anos de existência e dar seqüência à diretriz de modernização, o Porto do Recife está inaugurando um descarregador pneumático para cereais, constante de um pórtico, em estrutura de aço, montado sobre quatro "trucks" com um total de dezesseis rodas, o que permite seu deslocamento sobre trilhos com um peso de 150 toneladas e 27 metros de altura. Sobre o pórtico, em seu primeiro piso, estão instalados dois compressores rotativos de alta vasão e baixa pressão, acionados por motores elétricos de 200 HP. Ele dispõe de tubos telescópicos e de filtros que, devido à sua moderna concepção, não permitem a passagem do pó, evitando as inconveniências da poluição ambiental. A correia transportadora tem capacidade para 300 toneladas por hora; o equipamento inclui-se entre os mais sofisticados em operação no mundo, e foi adquirido ao custo de Cr$ 83 milhões.

Cábrea flutuante

Também entrou em operação uma cábrea flutuante húngara, a "Rio Branco", comprada por US$ 3,200,000.00, com capacidade de içamento de 200 toneladas. Com uma tonelagem de registro de 1 111,94 t., é autopropulsora e conta com uma lança móvel capaz de descarregar ou embarcar volumes de até 200 000 quilos.

Porto do Recife — uma instituição com 60 anos, que continua fiel à sua legenda, procurando, cada vez mais, atualizar-se e servir com eficácia, consciente dos seus deveres para com Pernambuco e a região. O maior porto do Norte e Nordeste e o terceiro do país.

ADMINISTRAÇÃO DO PORTO DO RECIFE

Operária na indústria têxtil do Rio: qual a distância que a separa da Revolução Industrial?

Economia e Negócios

A vida nas fábricas

Depois das negociações diretas, empresários e sindicatos preocupam-se com a qualidade do trabalho

"(. . .) as máquinas com seus membros de aço infatigáveis, de fecùndidade maravilhosa e inesgotável, cumprem docilmente por si mesmas o seu trabalho sagrado; elas são o redentor da humanidade, o deus que irá resgatar o homem das tarefas sórdidas e que lhe dará lazeres e a liberdade" (Paul Lafargue, em "O Direito ao Ócio", 1883)

Escrito no final do século passado, o livro de Lafargue, francês, socialista e genro de Karl Marx, obteve um sucessor rápido e explicável entre os trabalhadores. Mas a aurora que ele preconizava — atribuída equivocamente a um Deus *ex-machina,* e razão principal de sua popularidade — nunca se realizou.

O capitalismo mudou, é certo. O desenvolvimento tecnológico transformou em retrógrada a imagem da operária exemplar que no amanhecer da Revolução Industrial produzia cinco peças de malha por minuto, dispondo apenas de um único fuso. Máquinas fabulosas multiplicaram a produtividade a centenas e milhares de vezes por minuto. Em 1914, depois que inaugurou a linha de montagem em sua empresa no Highland Park, o velho Henry Ford conseguiu, por exemplo, que o tempo de fabricação de seu modelo T fosse reduzido a um décimo do anteriormente gasto. Onze anos depois, a fábrica produziria, diariamente, um número de carros superior ao obtido com um ano de trabalho nos moldes antigos.

GUIA SAGRADO — A evolução tecnológica e a produtividade assentaram, de fato, as bases para o surgimento da produção em escala e das grandes corporações. Mas a vida do operário dentro das fábricas não teria apresentado progresso na mesma proporção, nesses quase oitenta anos de Revolução Industrial. No geral, ela continua sendo orientada rigidamente por um punhado de normas idealizadas, há 67 anos, por um cidadão americano chamado Frederick Taylor — cujo livro, "Princípios da Administração Científica", iria se transformar numa espécie de guia sagrado da industrialização. Apertar parafusos e tão-somente parafusos; prensar chapas e tão-somente chapas; soldar, tornear, mover alavancas — milhões de gestos repetidos durante dias, meses e anos, de forma subdividida e absolutamente impessoal. Nas fábricas de quase todo o mundo, os mandamentos do taylorismo continuam ainda hoje soberanos. Tarefas parceladas, gestos cronometrados, seriam, em síntese, as condições para que o ritmo da produção em cadeia pudesse ser imposto uniformemente ao conjunto dos operários.

Mas, para que o sistema funcione, Taylor prescrevera um requisito, talvez o mais exacerbado de todos nos últimos anos de progresso tecnológico: a

Linha de montagem da Mercedes-Benz na Alemanha: quando o operário e a máquina se confundem

separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Ou seja, entre a tomada das decisões — cada vez mais concentrada nas mãos da administração — e a execução das tarefas. "Não lhes pedimos que pensem", proclamava Taylor aos trabalhadores sob as suas ordens. "Há aqui outros que são pagos para isso."

A REAÇÃO DO ROBÔ — Em todo caso, as condições do trabalho vêm preocupando, mais recentemente, tanto os empresários como os sindicatos dos trabalhadores. Estes últimos sentiam-se obrigados a canalizar anteriormente boa parte de suas forças na busca de uma melhor distribuição das riquezas — prejudicando assim a discussão sobre o como elas são geradas. "Isso, principalmente no caso brasileiro, onde os sindicatos foram expulsos da mesa de negociações e das fábricas nos últimos quinze anos", observa César Concone, economista do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE). Agora, com a reabertura das negociações diretas em matéria de salários, haveria porém clima para se tratar, igualmente, da qualidade do trabalho. "Embora a industrialização brasileira ainda não tenha atingido o grau dos países desenvolvidos, o nível de insatisfação aqui é igualmente alto e vai se manifestar ainda mais com a abertura sindical", confirma Siegfried Hoyler, vice-presidente-executivo da Hoyler S.A. Consultores Associados, responsável pela organização do I Seminário Internacional de Produtividade e Humanização, realizado na semana passada, em São Paulo.

Justificando a preocupação com esse tipo de problema no Brasil, Hoyler aponta um indicador representativo das proporções que ele já teria atingido. "Fizemos uma pesquisa com 210 000 trabalhadores de diversos ramos industriais", explica, "e concluímos que, a cada vinte meses, a média da empresa brasileira renova todo seu efetivo, num *turn-over* incrível." Claro, a busca de um salário melhor e a rotatividade provocada pelas próprias empresas explicam em boa parte o fenômeno apontado por Hoyler. Mas não é tudo. E ele garante que o primeiro item de insatisfação revelado pela pesquisa nunca era o salário — "que geralmente aparecia em segundo ou terceiro lugar". Mesmo sem levar em conta esse argumento, há exemplos menos polêmicos, de países com nível salarial mais elevado, como os Estados Unidos ou mesmo os socialistas, como a República Democrática Alemã, onde o problema se recoloca com igual ou maior intensidade.

"TEMPOS MODERNOS" — Nos Estados Unidos, por exemplo, o Bureau of Labor Statistics descobriu que os níveis de absenteísmo na indústria atingiram 35%, entre 1961 e 1972. O sociólogo Manfred Messing, natural de Gotha, na República Democrática Alemã, informou a Carlos Struwe, de VEJA, por outro lado, que, de 1970 a 1975, cada operário da Alemanha Oriental faltou, em média, um dia e meio a mais, por ano, em relação ao período compreendido entre 1963/1969. "É uma conseqüência da instituição de um segundo ou terceiro turnos nas fábricas, para a máxima utilização dos equipamentos modernos, com todas as desvantagens físicas e psíquicas que isso acarreta ao trabalhador", diz ele. No Brasil, de acordo com pesquisas realizadas pelo engenheiro e professor de Organização do Trabalho, da Escola Politécnica de São Paulo, Afonso Carlos Correa Fleury, os sintomas também são conhecidos. Pesquisando 32 empresas para sua tese — "Organização do Trabalho Industrial: Um Confronto entre a Teoria e a Realidade" —, Fleury constatou que as taxas de absenteísmo na indústria brasileira chegam até a 30%.

Portanto, passados dezenas de anos de implantação dos métodos tayloristas, persiste, endêmica ou epidemicamente, a hostilidade dos trabalhadores às formas de produção que lhes são impostas. A tal ponto que o *non sense* da competição desesperada entre o operário e a máquina — retratado com impagável humor por Charles Chaplin em 1936, no filme "Tempos Modernos" — obrigou a criação de departamentos especiais de psicologia industrial nas empresas. Não para modificar as linhas básicas fixadas por Taylor, mas para reciclar o operário do "Tempos Modernos" ao ritmo e às condições impostas pela máquina. Onde a psicologia não funcionou, entretanto, entraram em ação outros recursos. Quando a mão-

de-obra branca americana começou a dar sinais de rebeldia na linha de montagem, por exemplo, em meados da década de 60, os planejadores não hesitaram em lançar mão do contingente de negros e desempregados para acirrar a concorrência. Um recurso muito utilizado ainda hoje na Europa com os imigrantes.

DEMOCRATIZAÇÃO — Mais recentemente, empresas como a General Foods, preocupadas com a radicalização dos conflitos nas fábricas, resolveram eliminar a figura do capataz, concedendo ainda algumas prerrogativas aos operários na organização do seu serviço. "É uma nova orientação das firmas de consultoria que se multiplicam pelo país", informou a Judith Patarra, de VEJA, o jornalista Daniel Zwerdling, que acaba de publicar "Democracy at Work" — livro sobre a participação operária na gestão das empresas americanas. Embora existam atualmente mais de 1 000 companhias naquele país, com alguma forma de co-gestão, Zwerdling considera que, na maioria dos casos, o que se faz simplesmente é conceder poderes aparentemente "humanizadores", sem permitir contudo que se discutam as questões essenciais, como tecnologia, salários, demissões, etc. "A humanização em nosso caso se resume a um protetor de ouvidos e a alguns analgésicos que a empresa distribui para substituir o alcoolismo, adotado pelos operários para esquecer o barulho", confirma Milton Holey, que trabalha há mais de trinta anos numa forja, em Detroit. Há pelo menos vinte anos ele não consegue ouvir o canto dos pássaros e precisa de um alto-falante potente para entender o que se diz no rádio e na televisão. "São 145 decibéis quando o martelo bate e não há nada pior no mundo que passar a vida inteira aqui", desabafa ele. Abandonar a fábrica, esquecer sua rotina, depois do expediente, pelo menos, são desejos repetidamente manifestados pelos operários.

"Eu queria não ter mais que apertar alavancas, nem que fosse para vender pano numa lojinha", confessou o operador de cabina da Acesita, Geraldo Marcelino, a Gleizer Naves, da sucursal de VEJA em Belo Horizonte. "O que enlouquece muito tecelão é ele ficar preocupado ao mesmo tempo com a produção e com a família — por isso o negócio é esquecer a tecelagem para não endoidar", explica Damião Luís do Nascimento, operário do Cotonifício Capibaribe, no Recife, a Romildo Porto, da sucursal de VEJA.

Angústia, surdez, doenças nervosas e mesmo impotência sexual não atingem os trabalhadores de um único setor ou país. E sua universalidade, ao que tudo indica, parece demonstrar que eles são a contrapartida indissociável da estrutura tecnológica de produção montada nos últimos anos. É assim em Detroit, Recife, Belo Horizonte e o mesmo quadro se repete no ABC paulista. No departamento jurídico do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, a fila dos trabalhadores licenciados por doença é sempre grande. Deles, 70% apresentam problemas de coluna e, entre os 30% restantes, se incluem os doentes nervosos e os casos angustiantes de impotência sexual. "O esforço físico concentrado, a estafa mental e a angústia da linha de montagem são as causas principais desses problemas", arrola rapidamente o advogado do sindicato, Antônio Possidônio Sampaio, enquanto despacha mais de 300 processos de operários com problemas de coluna — "uma doença típica do homem da linha de montagem que o INPS não reconhece".

KEIJU KOBAYASHI

Volks brasileira: em linha

PELA PRODUTIVIDADE — Na opinião do presidente do sindicato, Luís Inácio da Silva — "Lula" —, os problemas causados pela tecnologia não podem ser dissociados do ritmo de trabalho imposto pelas empresas. E seu argumento é reforçado com o relato de uma cena que "o próprio Chaplin não conseguiu imaginar para seu filme". Em 1977, segundo Lula, a Chrysler montou um dispositivo que acionava uma sereia ensurdecedora sempre que a linha de montagem parava por qualquer motivo técnico. E o barulho só cessava quando os operários conseguiam consertar o defeito. "Protestamos e a sereia foi desligada definitivamente", diz Lula. "Mas esse é apenas um exemplo de como as coisas funcionam permanentemente."

Na década de 50, impressionadas com o agravamento da tensão nas fábricas, algumas empresas decidiram estudar profundamente os problemas que afligiam os operários e que comprometiam inevitavelmente a produtividade. Duas delas, as suecas Saab-Scania e a Volvo, que enfrentavam uma rotatividade da mão-de-obra da ordem de 60% a 70% de seu efetivo, passaram a realizar experiências pioneiras de organização do trabalho, com a abolição da linha de montagem e o trabalho em grupo *(veja a reportagem seguinte)* sob a orientação do Instituto Tavistok de Relações Humanas, de Londres. O dr. Peter Spink, especialista em problemas de organização, e pesquisador do Instituto há nove anos, explica que a preocupação central do Tavistok é saber exatamente se há possibilidades efetivas de melhorar as condições de trabalho na fábrica sem romper com a tecnologia concebida dentro dos padrões tayloristas. "Até o momento", esclarece Spink, "tudo indica que para mudar as coisas precisa haver autonomia operária e, em muitos casos, máquinas novas."

CAMINHO INVERSO — Percorrer o caminho inverso ao estabelecido por Taylor, ou seja, promover uma reagrupação das tarefas e restabelecer a unidade entre a mão e a mente, não parece todavia um empreendimento fácil. Não é apenas a eficácia técnica que está em jogo, segundo o sociólogo Leôncio Martins Rodrigues, autor de vários estudos sobre sociologia do trabalho. "Com o parcelamento das tarefas", explica, "o trabalhador perdeu não apenas o resultado de seu trabalho e seu ofício de artesão mas também o acesso ao planejamento. Portanto", conclui, "para mexer num aspecto dessa cadeia, é preciso mudar todos os demais."

A retirada do trabalho mental de dentro das fábricas e sua transferência para um setor de planejamento é, também, na opinião de Fleury, o ponto- ▶

NEW YORK

ECONOMICO
O Banco da gente.

Na solda: centenas e milhares de vezes um mesmo gesto

chave da questão, transformando um debate aparentemente técnico, em um problema social. "Depois de pesquisar a forma de organização predominante em 32 empresas", conta, "concluí que esta não visava à produtividade em primeiro lugar, mas, sim, eliminar qualquer forma de controle operário sobre a produção." Apenas uma empresa do conjunto analisado por Fleury dispunha de um planejamento com algum tipo de participação operária. As demais, segundo ele, acumulavam gastos desnecessários com capatazes e coordenadores, "mesmo quando esse sistema não era o mais racional para aquele tipo de produção". Em função disso, Fleury calcula que existem hoje, para cada nível de trabalho operário, cinco níveis de coordenação absolutamente desnecessários à produção.

Uma hipótese que é confirmada pelo segundo tesoureiro do sindicato dos metalúrgicos de São Bernardo, Devanir Ribeiro. Ele conta que em 1970, quando houve um incêndio na Volkswagen, sua seção de funilaria trabalhou quinze dias sem nenhum chefe ou coordenador. "A gente até se divertia", lembra, "e, quando foram ver os resultados, a produção tinha crescido." Experiências circunstanciais como a dos funileiros da Volkswagen contudo, segundo Lula, não seriam suficientes para encobrir a crescente desqualificação do trabalhador industrial — cada vez mais desprofissionalizado, sem desenvolver seu ofício, transformando-se dia-a-dia num repetidor de funções. Mesmo as tarefas aparentemente não-restritivas, como as do curinga da linha de montagem, estariam sujeitas a esse desgaste. "O curinga não é mais um mecânico que tem domínio sobre o motor", diz Lula. "Ele foi treinado para montar as partes de um quebra-cabeça mas não sabe para que elas servem."

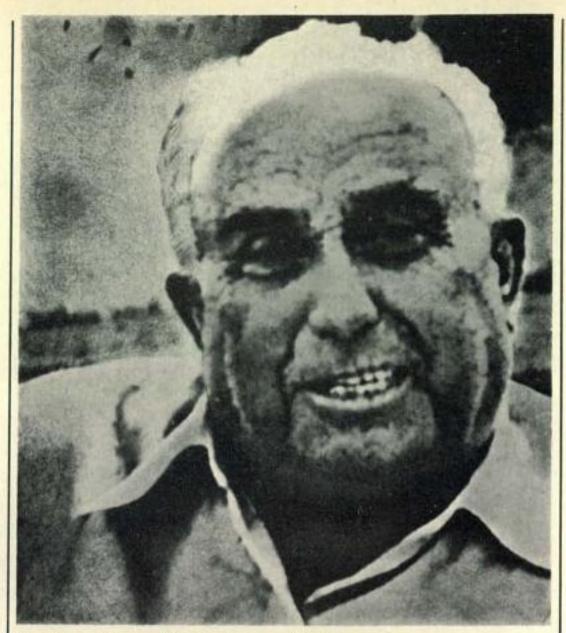
A QUALIDADE DO SALÁRIO — Maior rapidez na formação de mão-de-obra, facilidade de substituição e, conseqüentemente, a possibilidade de manter os salários do pessoal ligado à produção em níveis baixos seriam algumas das razões que estimulariam fortemente as empresas a não recuarem nesse processo de desqualificação profissional. E as conseqüências, segundo o DIEESE, já seriam visíveis no perfil das folhas de pagamento. Hoje, 70% dos 81 573 trabalhadores da indústria de autopeças e automobilística ganham abaixo do salário médio do setor — calculado em 7 889 cruzeiros. Eles ficam com apenas 46,5% da massa de salários pagos pelas empresas enquanto a faixa dos 4,8%, que ganham mais de 20 000, detém 19,8% da renda total. "E o perfil só não é mais grave", ressalva Concone, "porque os mais altos salários da administração não entraram nessa amostragem."

A luta por um salário profissional que impeça a rotatividade programada da mão-de-obra e reduza as numerosas faixas salariais hoje existentes — ao lado da maior participação dos sindicatos nas decisões que afetem o cotidiano da fábrica — é uma forma de autodefesa que, segundo os sociólogos, vai pouco a pouco sendo aceita e generalizada. Restaria entretanto um obstáculo adicional capaz de comprometer todos os esforços em busca de uma efetiva humanização do trabalho. Mais que os cronometristas, os engenheiros de produção e a parafernália tecnológica, o consumo baseado no supérfluo, na obsolescência programada e na abundância para poucos, teria no taylorismo e na degradação do trabalho o seu pilar insubstituível. "Na medida em que se opta pela industrialização acelerada, com vistas ao lucro ou à grandeza nacional", esclarece Martins Rodrigues, "a racionalidade industrial e a produção sem controle pelo produtor direto tornam-se um requisito." E conclui: "Nesse sentido, não há nada mais parecido com o capitalismo que o interior de uma fábrica russa, e nada mais semelhante ao taylorismo que o stakhanovismo*".

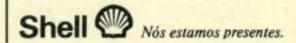
Evidentemente, não se trata de reeditar uma versão moderna dos luditas — operários do início da Revolução Industrial que, atribuindo sua depauperização às inovações tecnológicas, passaram à desesperada destruição das máquinas. Estas, por mais complexas que venham a se tornar, jamais terão poderes para se constituir num elemento autônomo, definidor das relações sociais. Desse ponto de vista, não está na máquina e sim na direção e no controle assumidos pelo desenvolvimento tecnológico a causa da preocupação dos sindicalistas e dos estudiosos da organização do trabalho. A própria automação, no entender de alguns deles, abriria uma nova esperança para se eliminar o trabalho mecânico, rotinizado e subdividido. O grande desafio, portanto, recairia mais uma vez em evitar que o aumento da automação termine por concentrar mais poderes e conhecimentos fora do alcance dos operários. "Terminei a minha tese na fronteira-limite entre a engenharia de produção e a política", argumenta Fleury. "E creio que essa é a verdadeira natureza do problema: tanto a estrutura de poder na fábrica como o desenvolvimento tecnológico precisam ser equacionados em conjunto."

Nesse sentido, portanto, nem a salvação pelo Deus *ex-machina* de Lafargue, nem o martírio previsto pelos luditas modernos poderiam ser encarados seriamente. Rechaçar a herança taylorista afinal exigiria alternativas bem mais complexas que as fórmulas fáceis oferecidas pelo determinismo tecnológico. No caso brasileiro, em especial, os próximos anos serão decisivos, no entender de muitos dirigentes sindicais, como Lula. Para ele, o verdadeiro fiel da balança no tratamento desse problema será dado pelo grau de participação que os trabalhadores conseguirem obter. "Se não houver uma mudança no dia-a-dia infernal da fábrica, então pouca coisa mudará para o operário", sentencia Lula, como se isso fosse uma certeza antiga em sua memória de torneiro mecânico da Villares. CLÁUDIO CERRI

---

* *Movimento de estímulo à produtividade na União Soviética, entre 1936 e 1939, inspirado nos recordes exemplares do mineiro Alexei Stakhanov (1906-1977), eleito pelo estalinismo como operário-padrão.*

Ludovico di Raimo, italiano, conta uma história de amor e terra.

Meu nome é Ludovico di Raimo.
Só de Brasil, já tenho 64 anos.
Quando chegamos aqui, no início, tudo o que tínhamos era um pedacinho de terra, e muito trabalho para ser feito.
Terra boa. Terra forte.
Com meu pai plantamos cada palmo de chão com arroz, feijão e milho.
Era bom sentir o cheiro da terra molhada, ver crescer a plantação e depois colher a safra.
Também fui à escola.
Mais aprendia, mais gostava de ser parte deste mundo novo.
Depois vieram os meus filhos, e os filhos dos meus filhos, tudo nascido aqui.
Hoje sou tão brasileiro como eles.
Porque sou um pedaço desta terra que, com todo orgulho, trabalhei e vi crescer.

Como Ludovico di Raimo, a Shell tem 64 anos de Brasil. E se fosse contar sua história, não seria muito diferente.

Em busca da unidade

O trabalho variado em grupo, em vez dos gestos repetitivos da linha

Quando no outono de 1972 a Saab-Scania aboliu a linha de montagem — seguida pela Volvo, que há quatro anos colocou em funcionamento sua revolucionária fábrica em Kalmar —, a Suécia tornava-se o primeiro país do mundo a desafiar na prática o taylorismo. Não faltavam razões para esse gesto de aparente ousadia. Alguns problemas agudos enfrentados pelas empresas — como o aumento do absenteísmo e a baixa produtividade — só poderiam ser atacados dessa forma. Para os operários, ainda hoje, entretanto, as reformas não foram motivadas apenas pelas panes verificadas a nível de organização do trabalho. Eram, também, uma tentativa de diminuir a ocorrência de greves, de atenuar a pressão sindical e, sobretudo, um recurso para motivar o trabalhador a aumentar a produção. "Em Kalmar", confirma Pehr Gyllenhammar, presidente da Volvo, "nossa filosofia é a de que, quando há identificação com o trabalho, temos sempre um produto melhor."

Divididos em grupos de trabalho, a maioria dos operários da Volvo vê aspectos positivos na influência direta que passaram a exercer sobre a produção. Em Kalmar, eles formam um contingente de 600 pessoas que produz mais de 30 000 carros por ano, num regime bastante flexível. Todavia, muitos consideram que a invasão dos computadores para controlar a produção poderá pôr tudo a perder. "No geral, o cotidiano aqui é muito melhor que na linha de montagem tradicional", afirma o maquinista Bjorn Andersson. "No entanto", ressalva, "persiste alguma monotonia e os computadores estão invadindo áreas de decisão."

MÉRITOS E FALHAS — De acordo com pesquisas realizadas pela confederação dos empregadores (SAF), como resultado das mudanças, o absenteísmo teria caído para 14% nos últimos quatro anos — sendo portanto 6% inferior ao observado nas demais fábricas suecas, o mesmo acontecendo em relação à rotatividade (4 pontos abaixo da média nacional).

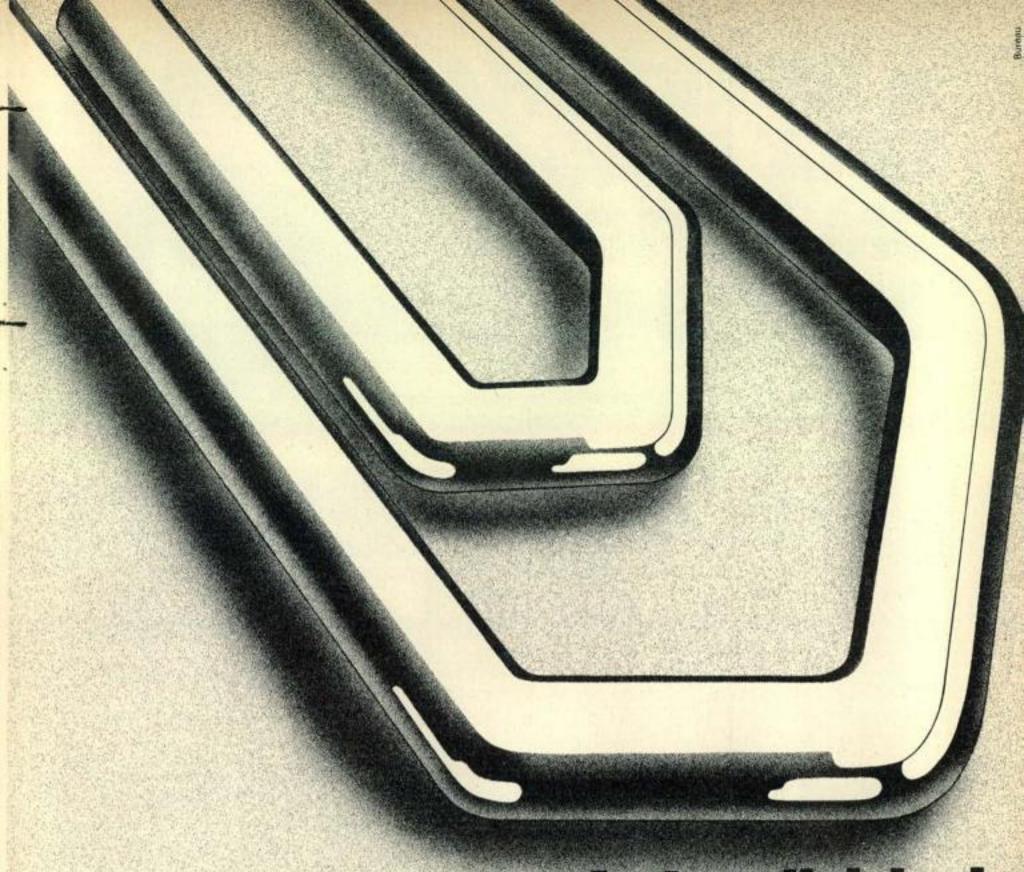
A grande maioria dos empresários suecos, porém, manifesta ainda inúmeras dúvidas quanto à possibilidade de essas inovações virem a se transformar num novo modelo de industrialização. O importante, segundo eles, é saber se os benefícios da reorganização compensam os riscos sócio-econômicos que ela traz.

Dúvidas semelhantes chegaram a assaltar também o empresário gaúcho Carlos Reinaldo Mendes Ribeiro, diretor da Neoform — indústria de componentes plásticos localizada em Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul. Em 1976, entusiasmado com experiências que observara em Turim, na Itália, ele resolveu abolir a linha de montagem em sua empresa. E organizou os 100 operários em grupos de trabalho com equipamentos adequados para fabricarem produtos inteiros. "Ao contrário do que ocorre hoje, no início tudo piorou muito", conta a Affonso Ritter, de VEJA, a psicóloga Tânia Maria Galli, coordenadora das mudanças. "Todos pareciam ter enlouquecido e a direção da empresa chegou mesmo a pensar em desistir."

As dificuldades como as enfrentadas pela Neoform seriam normais e previsíveis, segundo o dr. Peter Spink, do Instituto Tavistok, e constituiriam apenas a primeira fase de uma difícil evolução "que exige o rompimento com valores fortemente enraizados nos padrões tradicionais de organização de trabalho". A observação, aliás, parece amoldar-se perfeitamente à experiência gaúcha. "Não permitimos que os supervisores sejam eleitos pelos operários pois há o risco de eles simplesmente escolherem o mais popular", adverte, por exemplo, Ribeiro. "Não adianta também perguntar a eles se é certo abrir uma nova filial — o operário tem que ficar no seu nível", conclui. "Ele não tem condições para decidir fora disso."

A definição de limites fixos de participação nas decisões, ou a transferência dessa atribuição a computadores inacessíveis aos operários, indicaria, no entender do dr. Spink, que a prática de uma democracia efetiva na produção continua sendo uma experiência inédita em todo o mundo. Contudo, tais lacunas não reduziriam o mérito das iniciativas em curso — "que provam, ao menos, que as transformações no mundo da fábrica exigem, quase sempre, a criação de uma nova tecnologia". Além disso, o aperfeiçoamento dos grupos de trabalho, em substituição às tarefas parceladas, no entender dos pesquisadores do Tavistok, poderá representar, no futuro, "grito de morte para a autoridade individual e o despotismo na fábrica". De qualquer forma, essa é uma longa trajetória onde influiriam variáveis políticas de resultados imprevisíveis. "Afinal", pondera o dr. Spink, "deflagrado o processo, o operário tanto pode se acomodar na gestão imediata do seu trabalho como colocar questões do tipo o que produzir, para quem e com que finalidade." C.C.

MAUREY SANTOS

Neoform, indústria gaúcha de plásticos: a experiência brasileira

A simplicidade é sempre a solução mais segura. A experiência garante isto.

Experiência é o que não falta à Paulista.
Com mais de 70 anos fazendo somente seguros ela é
uma das mais experientes seguradoras do mercado.
O que representa a certeza de soluções simples e
rápidas para seus problemas de seguros.
Consulte seu Corretor de Seguros e se ele sugerir a
Paulista, acredite. A Paulista é mais seguro.

Paulista
Companhia Paulista de Seguros

A BORRACHA NATURAL ESTÁ APAGANDO UM DÉFICIT DE CR.$40 BI

140.000 hectares de seringais de cultivo serão implantados e/ou recuperados na Amazônia Legal e no Sul da Bahia.

20.000 "colocações" de seringais nativos estão sendo recuperadas ou abertas, para diminuir imediatamente a importação de borracha natural.

30.000 hectares de seringais de cultivo estão recebendo completa infra-estrutura para racionalizar os custos de produção.

Some a tudo isso uma assistência técnica permanente, que vai desde a elaboração dos projetos até a comercialização.

E mais: um crédito agrícola bastante condizente com as necessidades do produtor de borracha.

Um trabalho de amparo social ao seringueiro, com educação e assistência médico-odonto-sanitária, além da venda de mercadorias praticamente a preços das praças do sul do país, isto nos principais municípios produtores, como Eirunepé, Cruzeiro do Sul, Feijó, Tarauacá e outros.

Vá somando mais: pesquisas tecnológicas, formação de mão-de-obra especializada até em nível universitário, revenda de insumos, formação de material botânico, assistência gerencial e tudo o que for necessário para aumentar a produção de borracha natural.

O resultado desse trabalho vai representar para o Brasil uma economia de Cr$40 bilhões em divisas nos próximos 14 anos.

Esses bilhões ficarão por aqui mesmo, para ajudar a desenvolver o Brasil.

A Sudhevea já está executando, etapa por etapa, o Probor II - Segundo Programa de Incentivo à Produção de Borracha Natural, instituido pelo Conselho Nacional da Borracha.

Afinal, a borracha natural é um negócio bom para todos os brasileiros.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO.
CONSELHO NACIONAL DA BORRACHA

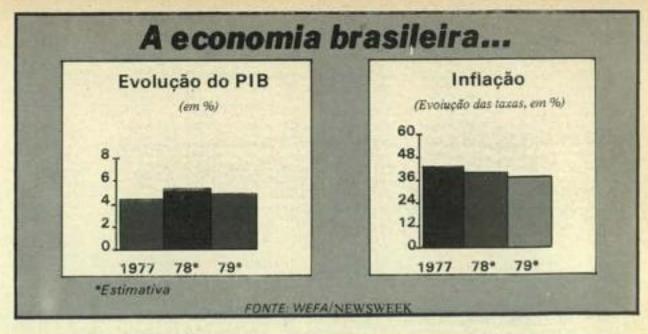
SUDHEVEA

Superintendência da Borracha.

Em recuperação

A inflação mundial, em 1978, não deve passar de 10%

A economia mundial deve continuar, ao final de 1978, registrando uma lenta recuperação — e fundamentalmente porque a Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP) decidiu congelar os preços do produto por mais seis meses, a partir de junho. De acordo com as previsões do Wharton Econometric Forecasting Associates (WEFA), órgão da Universidade da Pensilvânia que desenvolveu um dos mais avançados modelos de previsão econômica, o crescimento mundial ficará um pouco acima de 4%. E as estimativas para a inflação apontam uma taxa de 10% — a mais baixa desde 1973.

Segundo Lawrence R. Klein, presidente do conselho de analistas do WEFA e chefe da assessoria econômica da campanha eleitoral de Jimmy Carter, é quase certo, porém, que os preços do petróleo aumentem cerca de 10%, em 1979. Cotado em dólar, o preço do petróleo tem sofrido uma razoável deterioração com a queda da moeda americana no mercado monetário internacional. Em todo caso, Klein não acredita que esse aumento provoque uma reversão na tendência de recuperação revelada pela economia mundial — que, embora gradualmente, deverá se manter em 1979/1980. Na verdade, já é substancial o fluxo de petróleo originário do Alasca, mar do Norte e golfo do México. Aliadas ao passo lento da atividade industrial, essas novas fontes de fornecimento de óleo tendem a reduzir os impactos das elevações nos preços do petróleo.

PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO — Das previsões do WEFA consta também a redução no déficit comercial americano — o principal motivo da desvalorização do dólar no mercado monetário internacional. Mas os analistas não parecem confiar numa rápida recuperação da moeda americana. O dólar só deve voltar a valer 200 ienes, por exemplo, em 1980. A recente reunião dos países desenvolvidos em Bonn, no final das contas, não conseguiu melhorar muito a confiança no dólar.

Para os países em desenvolvimento, o WEFA estima um desempenho mais que razoável, sobretudo na América Latina e extremo oriente. Os destaques são a Coréia do Sul, Formosa e Chile. Os dois primeiros pelo crescimento acelerado que experimentam e o último por ter conseguido reduzir a inflação para cerca de 40%. De outro lado, os piores resultados deverão ficar por conta do Peru. Estima-se uma inflação de 60%, tanto em 1978 como no ano seguinte, e uma queda do Produto Interno Bruto, no mesmo período.

Com relação ao Brasil, os gráficos do WEFA apontam, para 1979, uma ligeira redução no ritmo de crescimento, acompanhada de uma também suave queda na inflação. Os números do próximo ano seriam, no entanto, bastante semelhantes aos de 1978 — crescimento entre 4% e 5% e inflação nas vizinhanças de 40%. E, ainda segundo o WEFA, as altas taxas de inflação e a dívida externa — 40 bilhões de dólares ao final de 1978 — forçarão o novo governo brasileiro a adotar maiores restrições ao crédito e aos investimentos. •

CPI DO SALÁRIO

Sou inocente

Chamaram de pelego, mas não era com Campista

"Não vá escrever que eu tive culpa nisso", advertia aos jornalistas o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), Ary Campista, durante os tumultos verificados, na quarta-feira passada, na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Câmara dos Deputados, que investiga o problema da reposição salarial. Desta vez, efetivamente, o culpado não foi Campista. E o "pelego" a que se referiu o deputado oposicionista Gamaliel Galvão não era ele, mas o deputado Jorge Arbage, da Arena do Pará, e presidente da CPI.

Galvão lançou o insulto — e quase também alguns tapas — contra Arbage, que estaria criando dificuldades aos trabalhos da Comissão. Naquela quarta-feira, por exemplo, ele teria contrariado a decisão na maioria dos mem-

SALOMON CYTRYNOWICZ

Collares, Arbage e Campista: uma semana tumultuada na comissão

bros presentes da CPI ao não acatar os requerimentos do deputado Alceu Collares (MDB gaúcho) pedindo a transformação do convite em convocação dos ministros da Fazenda, Mário Henrique Simonsen, e do Trabalho, Arnaldo Prieto, bem como do ex-ministro da Fazenda, Antônio Delfim Netto. Os três, de acordo com a oposição, seriam peças fundamentais no esclarecimento das responsabilidades pela suposta manipulação dos índices salariais de 1973.

IRRITAÇÃO — "Vossa excelência é um idiota", insistiram os deputados do MDB a Arbage. E, antes que fosse confundido com o insultado, Campista retirou-se sem prestar depoimento à Comissão. Campista, entretanto, não seria o único convocado a deixar de falar por causa dos tumultos. No dia seguinte, a cena praticamente se repetiria, na hora dos depoimentos de Jacó Bittar, presidente do sindicato dos petroleiros de Campinas e Paulínia, e de Pedro Gomes Sampaio, presidente dos petroleiros de Santos e Cubatão. Pela segunda vez eles foram até Brasília e não conseguiram ser ouvidos. "Não tenho tempo a perder com manobras. Eu deveria estar trabalhando junto às minhas bases", desabafou, irritado, Bittar, que deverá voltar à capital federal, nesta quarta-feira.

Mais exaltado, porém, estava o deputado Rui Britto, do MDB, para quem a Comissão talvez nem chegue ao seu término. "Se não conseguirmos ouvir o Delfim e os ministros, agora", explicou ele, "será o fim da CPI." Com efeito, terminada a votação das reformas políticas *(veja a reportagem na página 20)*, o Congresso Nacional deverá se esvaziar, porque a maioria dos parlamentares volta a seus Estados de origem para a campanha eleitoral. Depois das eleições de novembro, até o início do recesso parlamentar formal (5 de dezembro), não haveria tempo suficiente para novas convocações nem para a elaboração de um relatório conclusivo.

Os deputados da oposição, de qualquer forma, não pareciam dispostos a desistir da CPI. Ao contrário, na sexta-feira passada, contrariando todas as expectativas, seus seis representantes na comissão compareceram à Câmara Federal, às 8 horas da manhã, para fazer aprovar uma importante decisão: Jorge Arbage fica incumbido de pedir ao plenário da Câmara a convocação dos ministros Simonsen e Prieto, a fim de prestarem depoimentos num prazo máximo de vinte dias. Decidiram ainda intimar o ex-ministro Delfim Netto a depor no próximo dia 13 de outubro — sob pena de ser indiciado criminalmente. Mesmo com a CPI aprovando essas convocações, os parlamentares do MDB não escondiam certo pessimismo quanto à sua efetiva concretização. "Resta saber se o plenário, com maioria arenista, vai apoiar o pedido", perguntou-se um cético deputado emedebista. •

EMPRESÁRIOS

Um tom abaixo

A cautelosa manifestação dos líderes eleitos

Ao final do almoço, na quinta-feira da semana passada, em que foram anunciados os empresários escolhidos — por cerca de 5 000 dos seus pares — como os mais representativos da classe, na segunda pesquisa desse tipo promovida pelo jornal paulista *Gazeta Mercantil (veja o quadro)*, era impossível — apesar de todas as justificativas — impedir que uma certa frustração se instalasse entre a quase meia centena de jornalistas presentes à cerimônia. Na noite anterior, os eleitos haviam se reunido e elaborado um documento de 300 palavras que, em comparação com o seu similar de 1977 e, mais ainda, com o "Documento dos Oito", soava irremediavelmente um tom abaixo.

Esperam os empresários, segundo o documento, "desincumbir-se com humildade da grave responsabilidade de traduzir as aspirações do empresariado nacional com relação à melhor maneira de construir neste país uma sociedade desenvolvida e justa". Não pretendem, porém, discutir "o varejo, mas sim o atacado", como afirmou Cláudio Bardella, novamente o mais votado. Por "varejo" entendam-se, por exemplo, os próximos dois meses, incluindo a disputa presidencial e as eleições parlamentares. "O importante são os próximos dez anos, é saber como construir a sociedade desenvolvida e justa que defendemos", respondeu Bardella ao fogo de barragem desfechado pelos jornalistas.

TEMAS POLÍTICOS — Chegou-se a levantar a hipótese de que a cautela empresarial se devia ao desejo de esperar ▶

Os líderes empresariais

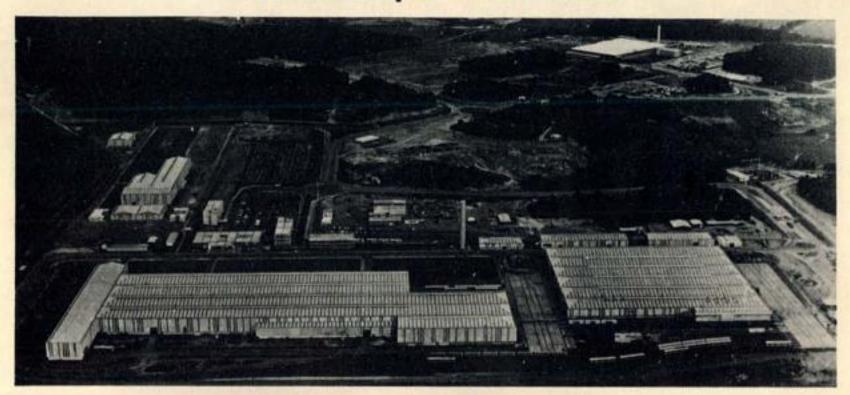
1.º)	Cláudio Bardella	12,3%
2.º)	Antônio Ermírio de Moraes	11,7%
3.º)	Severo Gomes	4,3%
4.º)	José Mindlin	4,1%
5.º)	Paulo Villares	4,0
6.º)	Amador Aguiar	3,9%
7.º)	Laerte Setúbal Filho	3,4%
8.º)	Luís Eulálio Bueno Vidigal Filho	2,8%
9.º)	Hélio Beltrão	2,2%
10.º)	Manoel da Costa Santos	2,1%

Fonte: Balanço Anual/78

COMIND FINANCIA PRIMEIRA EXPORTAÇÃO DE AVIÕES BRASILEIROS PARA OS ESTADOS UNIDOS

A primeira exportação dos aviões Bandeirante EMB 110-BP1, versão comercial, para os Estados Unidos da América do Norte, realizada pela Empresa Brasileira de Aeronáutica (EMBRAER), foi financiada pelo Comind, Banco do Commercio e Industria de São Paulo S.A., através de sua agência em Nova Iorque.

299, Park Avenue, New York N.Y. 10017

Quando o Governo apoia e estimula, a iniciativa privada realiza

COBRASMA
inaugura novo complexo industrial em Sumaré

COBRASMA, uma das primeiras indústrias de base instaladas no País, sempre cresceu em consonância com as necessidades do desenvolvimento industrial do Brasil.
A COBRASMA tem hoje a honra de ver seu novo complexo industrial em Sumaré inaugurado pelo Presidente Ernesto Geisel.
As novas instalações vêm complementar o conjunto de fábricas de Osasco, onde a COBRASMA se instalou há 34 anos.
É uma expansão que resulta da maturidade tecnológica já alcançada pela COBRASMA e suas subsidiárias - FORNASA, BRASEIXOS e BRASPRENSAS. E que já assegurou novos contratos de exportação no valor de US$ 15 milhões, tornando ainda mais relevante a tradicional contribuição da COBRASMA e suas subsidiárias para fortalecimento e diversificação da pauta de exportação do Brasil.
Expansão que, ao fim do projeto Sumaré, estará assegurando 20.000 empregos, dando apoio econômico e assistência a cerca de 100.000 pessoas.
Expansão que é uma resposta positiva ao apoio e estímulo do Governo Federal à consolidação da indústria privada nacional.

AS NOVAS FÁBRICAS DA COBRASMA E BRASEIXOS EM SUMARÉ - SÃO PAULO

COBRASMA
Fábrica de Vagões e Carros de Passageiros
Área construída: 78.000m²
Produção: Trens-unidade de subúrbio, carros de Metrô, carros de Pré-Metrô, carros de passageiros de longo percurso e vagões de carga.
Capacidade de produção anual: 300 carros de passageiros e 3.000 vagões de carga.

Fábrica de Aparelhos de Mudança de Via
Área construída: 11.400m² Capacidade anual de produção: 1.200 conjuntos.

BRASEIXOS
Fábrica de Eixos de Tratores
Área construída: 23.700m² Capacidade de produção anual: 24.000 eixos.

Este empreendimento contou com o apoio do sistema financeiro do B.N.D.E.

o desfecho da sucessão presidencial. "Não teria sentido os empresários se imiscuírem nos problemas das Forças Armadas, mesmo porque todos acreditam que o Exército quer voltar ao seu papel constitucional", defendeu-se o ex-ministro Severo Fagundes Gomes. "Como cidadãos, não temos dificuldades em nos pronunciar sobre qualquer assunto", completou o ex-ministro Hélio Beltrão, sem, no entanto, deixar a superfície dos assuntos levantados. "Estamos atentos e interessados na transição para o estado de direito", disse ele, na definitiva concessão aos temas políticos.

Houve maior disposição, porém, para rebater a acusação de que os empresários que mais contestam a política econômica são exatamente os maiores beneficiários dos incentivos e subsídios concedidos pelo governo. "A qualificação de nosso grupo como contestador é injusta e apenas serve para diluir nossas críticas", afirmou José Mindlin. "Por assumir posições, sofremos inúmeros desgastes. Sinto, hoje, na área federal, muitas restrições à minha pessoa jurídica e mesmo à minha pessoa física", revelou Antônio Ermírio de Moraes.

Na manhã do dia seguinte, sexta-feira, em Sumaré (SP), durante a inauguração de uma nova fábrica da Cobrasma, alguns dos eleitos — Bardella, Mindlin, Villares e Vidigal — conversaram amistosamente com o presidente Ernesto Geisel. Segundo se soube, Geisel teria confessado que, às vezes, sente vontade de telefonar para os empresários e dar um "puxão de orelhas". Mas, pelo menos no dia anterior, poucos teriam dado motivos para isso. •

BALANÇOS

As melhores

A lista das empresas mais bem administradas

Quais seriam as melhores empresas brasileiras? Aquelas que mais crescem em volume de vendas? Ou as que obtêm maior retorno do capital investido? Ou, ainda, as que registram maior liquidez e capitalização? Certamente, as melhores revelam um pouco de tudo isso — embora não necessariamente ocupem o primeiro posto em todos os critérios de avaliação. Na lista da edição anual *Melhores e Maiores* da revista *Exame*, a ser lançada nesta sexta-feira, apenas uma entre mais de 1 600 empresas analisadas conseguiu o primeiro lugar nos seis critérios utilizados — a Petrobrás Distribuidora.

Os demais destaques em cada um dos 33 setores econômicos pesquisados *(veja a tabela)*, na sua maior parte, refletiram mais de perto as próprias condições da economia brasileira em 1977. "As melhores empresas cresceram em grande saltos, com boa rentabilidade operacional e ainda souberam manter um indispensável equilíbrio financeiro", explica Stephen Charles Kanitz, professor da Universidade de São Paulo e responsável pelas pesquisas de *Melhores e Maiores*. A composição da lista com as de melhor desempenho justificaria, igualmente, o prolongado atrito entre industriais e banqueiros. Das 33 primeiras colocadas, onze eram as empresas menos endividadas do seu setor e dez eram as mais líquidas.

Kanitz analisou as vinte maiores empresas de cada setor. Destas, ficaram as dez que mais se destacaram em cada um dos critérios de desempenho — tamanho e participação de mercado, crescimento das vendas, retorno do investimento (rentabilidade sobre o patrimônio líquido), liquidez financeira, capitalização e rentabilidade das vendas — e a elas foram atribuídos pontos, de acordo com a posição que alcançavam, num máximo de 60 pontos. O tipo de avaliação agora adotado por *Melhores e Maiores* é inteiramente inédito no país. •

A lista

(Empresas que tiveram o melhor desempenho em 1977, em cada setor, em termos de crescimento, participação de mercado, rentabilidade, liquidez e capitalização)

Setor	Empresa
Agropecuária	Usina São Martinho (SP)
Alimentos	Nestlé (SP)
Automobilístico	Mercedes-Benz (SP)
Autopeças	Metal Leve (SP)
Bebidas e fumo	Souza Cruz (RJ)
Comércio atacadista	Calheira, Almeida (BA)
Comércio varejista	Mappin (SP)
Confecções	Guararapes (RN)
Construção civil	João Fortes (RJ)
Construção pesada	Andrade Gutierrez (MG)
Distribuição de petróleo	Petrobrás Distribuidora (RJ)
Editorial e gráfico	Gráfica Bradesco (SP)
Eletroeletrônica	Philips Nordeste (PE)
Farmacêutico	Moura Brasil (RJ)
Higiene e limpeza	Johnson & Johnson (SP)
Madeira e móveis	Satipel (RS)
Máquinas e equipamentos	Mausa Equipamentos (SP)
Material de escritório	Sharp (SP)
Material de transporte	FNV (SP)
Metalurgia	Termomecânica São Paulo (SP)
Mineração	Acauan (RN)
Minerais não-metálicos	Santa Marina (SP)
Papel e celulose	Pirahy (RJ)
Plásticos e borracha	Cipla (SC)
Publicidade	McCann Erickson (SP)
Química e petroquímica	Eletro Cloro (SP)
Revenda de veículos	Transparaná (PR)
Serviços de eletricidade	Eletrobrás (DF)
Serviços de transporte	Dom Vital (RJ)
Siderurgia	Aços Villares (SP)
Supermercados	Eldorado (SP)
Têxtil	Cedro e Cachoeira (MG)
Empresas estatais	Petrobrás (RJ)

Fonte: *Melhores e Maiores/78*

CAFÉ

Bebemos menos

Como reativar o consumo interno?

O modesto consumo de café no país foi um dos temas que mais mexeram com os cerca de 500 torrefadores nacionais reunidos de terça a sexta-feira da semana passada, em Porto Alegre, no 5.º Congresso Brasileiro da Indústria de Torrefação e Moagem de Café (Concafé). Com cerca de 7 milhões de sacas de 60 quilos anuais, o mercado brasileiro, hoje, se encontra na faixa do subconsumo, segundo o presidente da Associação dos Torrefadores, o paulista Walter Santos Pierrot. "Poderíamos estar consumindo nada menos que 10 milhões de sacas", garante ele (para efeito de comparação, a metade do consumo americano). De certa forma, seria até lógico que sua estimativa se realizasse, pois, já em 1974, o país consumia 7,5 milhões de sacas. Mas em 1975 aconteceu a "geada negra" e os preços dispararam.

No entanto, para Pierrot, não é o preço (hoje a 64 cruzeiros o quilo) o responsável por

este curioso fenômeno que faz do maior produtor mundial um consumidor estagnado. Embora não tenha respostas mais conclusivas, ele arrisca uma interpretação parcial: "O jovem está afastado do café, estamos perdendo para o refrigerante".

PÚBLICO JOVEM — O consumidor de café aparece entre os 15 e 18 anos de idade, mas não há nenhuma contra-indicação no produto em relação a faixas mais jovens. Por isso mesmo, o presidente da Associação dos Torrefadores é de opinião que um dos pontos de uma vasta campanha publicitária para reativar o consumo, debatida no encontro, seja o de atingir o público juvenil.

Mas, para o diretor de consumo interno do IBC, Guilherme Braga de Abreu Pires Filho, o problema é mesmo o preço. "Não se pode abandonar a idéia de que o nível de consumo mantém estreito relacionamento com os níveis de preços ao consumidor", disse Pires Filho na reunião de quinta-feira. E sugeriu o estudo de uma política de preços adequada ao mercado brasileiro. Em favor dessa posição ele destacou ao plenário que, justamente em 1976, quando o café atingiu seu ponto mais elevado na formação do custo de vida — 5,6% —, o consumo ficou no ponto mais baixo dos últimos anos — 6,4 milhões de sacas. Em todo caso, baixar preço, além de inédito, é uma possibilidade descartada pelos torrefadores. Mesmo porque mantê-lo nos níveis atuais já não seria muito fácil. A matéria-prima — o café —, alegam os torrefadores, representa 70% do custo final da industrialização, e os próprios produtores estão querendo mais pelo grão. Por outro lado, é de reconhecer que o atual preço ao consumidor está sendo mantido há dezoito meses. •

ALIMENTAÇÃO

McDonaldlândia

O mais famoso hamburguer a caminho do Rio

Preparar um hamburguer e servi-lo o mais rapidamente possível aos apressados fregueses das grandes cidades encerra algum tipo de arte? Para a McDonald's, a maior e mais poderosa cadeia de restaurantes de refeições rápidas do mundo, a resposta é afirmativa. O ponto ideal de fritura da carne ou a coloração exata das batatas fritas são, no seu entender, pontos fundamentais para o sucesso do empreendimento. A ponto de a McDonald's ter criado até a "Hamburguer University" em Chicago, que em seus dezesseis anos de vida já formou 13 000 bacharéis em hamburguerologia, com conhecimento adicional em batatas fritas.

VAGNER BERBER

Rodenbeck: o primeiro bacharel em hamburguerologia no Brasil

É essa cadeia, símbolo do mais autêntico estilo de vida americano, que deverá inaugurar, em Copacabana, sua primeira casa no Brasil no próximo dia 15 de outubro. A discreta investida da McDonald's em nosso país pode decepcionar os que esperavam uma aparição proporcional ao tamanho de sua fama. De fato, este ano, a McDonald's deverá faturar algo em torno de 4 bilhões de dólares (mais da metade com a venda de hamburguer), através de suas 5 000 lanchonetes espalhadas por 22 países do mundo. E, apesar de 90% de suas casas estarem espalhadas pelo território americano, as 493 novas que ela abriu este ano se localizam, em sua maioria, fora dos Estados Unidos.

LONGA VIDA — Aumentando seus lucros a uma média anual de 25% nos últimos dez anos, a McDonald's é, de resto, um excelente prato para dados comparativos, tão a gosto dos americanos. Assim, se fossem colocados lado a lado os 26 bilhões de hamburguers que vendeu em seus 23 anos de existência, cobririam uma distância equivalente a três vezes e meia uma viagem de ida e volta à lua.

Mas, afinal, a que se pode atribuir o sucesso da McDonald's? "Nosso padrão de qualidade é o mesmo em qualquer região do mundo. O hamburguer que você come em Tóquio, Londres ou futuramente no Brasil é exatamente o mesmo", dizia a Antônio Carlos Guida, de VEJA, Peter Rodenbeck, um americano residente há doze anos no Brasil e bacharel em hamburguerologia. Ele terá metade da participação no primeiro McDonald's brasileiro. Segundo ele, o que garantiria a igualdade na preparação dos sanduíches e batatas fritas da McDonald's seria o equipamento. Trata-se de complexo sistema eletrônico, que indica o momento exato de se virar a carne na chapa e o ponto ideal da fritura da batata, retirada do óleo por uma concha eletrônica, que empacota a mesma quantidade em todos os sacos plásticos.

Mas o grande trunfo da McDonald's sobre seus concorrentes seriam as associações com pequenos empresários regionais ou mesmo o licenciamento a terceiros do uso de sua marca, todos obedecendo ao padrão de qualidade, que é supervisionado pela empresa. Convictos de que a galinha engorda sob as vistas do dono, a McDonald's tem 73% dos restaurantes operando nos Estados Unidos sob o regime de licença a concessionários autônomos, que lhes pagam 4% sobre o faturamento. No Brasil, como em outras partes do mundo, o sistema será de joint-venture com empresários locais dispostos a trabalhar e fiscalizar pessoalmente seus restaurantes. "É importante o proprietário conhecer sua freguesia, isso é que faz o restaurante funcionar", informa Rodenbeck.

Apesar de ter iniciado apenas com uma casa, a McDonald's certamente reserva planos ambiciosos para o Brasil. No Japão, por exemplo, a empresa empregou a mesma tática, inaugurando apenas uma lanchonete para sentir a receptividade. Passados sete anos, já existem 130 McDonald's no Japão. "A McDonald's não faz seu planejamento detalhado pensando a longo prazo", diz Rodenbeck. "Mas a idéia realmente é de se expandir por todo o Brasil, depois de consolidada nossa base no Rio de Janeiro." •

Vôos lotados

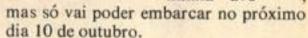
Ainda uma vez se discute a queda do depósito

"O feitiço virou contra o feiticeiro", ironizava, no começo da semana passada, um agente de viagens de São Paulo, atarefado em despachar para o exterior mais um grupo de turistas brasileiros. A insinuação era dirigida ao depósito compulsório para viagem ao exterior, criado em meados de 1976, a fim de ajudar na diminuição do déficit do balanço de pagamentos do Brasil. Além das dúvidas levantadas em relação a sua eficácia, comenta-se que o governo estaria gastando, segundo um estudo da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), algo em torno de 32 000 cruzeiros — só na máquina burocrática — para cada isenção do depósito de 22 000 cruzeiros concedida aos exportadores brasileiros.

Aeroporto de Congonhas (SP): sem ociosidade

"O prejuízo que calculávamos que teríamos com a implantação do depósito não chegou a ser grande", admitiu o empresário Sílvio Ferraz, da Agência Monark, a Sebastião Magalhães, de VEJA. "É como o aumento da gasolina, que no começo todo mundo economiza, para depois se acostumar com os novos preços." Além do mais, já há algum tempo, muitos viajantes estão conseguindo o financiamento do depósito pelo crédito pessoal. Por isso, a agência de Ferraz, em um dia apenas — na sexta-feira passada —, conseguia lotar praticamente os vôos com destino a Tóquio, Nova York e Miami, num total de 1 900 passageiros.

VISTOS DE SAÍDA — O ritmo de vendas da Monark parece se repetir nas demais agências de viagem. Mercado, pelo menos, não faltaria para a maioria delas. De acordo com Ayrton Martini, diretor da Divisão de Estrangeiros, da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo, de 1.º de janeiro a 21 de setembro deste ano foram expedidos, em sua repartição, 82 132 passaportes e vistos de saída — o que corresponde a 89% do total registrado em todo o ano passado. Só na semana passada, a Divisão fornecia, diariamente, uma média de 688 passaportes e vistos, superando a média diária normal de 450.

As empresas aéreas, da mesma forma, não sabem o que é capacidade ociosa há várias semanas, em seus vôos para o exterior. As compras de passagem, segundo se informa, teriam que ser feitas com antecedência mínima de quinze dias. A jovem Egni Darido, por exemplo, que precisava chegar a Londres "com a máxima urgência", conseguiu arranjar o dinheiro para comprar a passagem e fazer o depósito — "tive que vender o carro, um aparelho de som e o casaco de peles da minha avó" —, mas só vai poder embarcar no próximo dia 10 de outubro.

Constatada a pouca eficiência em conter o fluxo de saída, restaria ao governo ou aumentar o valor do depósito (sempre com resultados discutíveis), ou, então, suprimir a medida, que em princípio era transitória. O governo parece tender pela segunda hipótese, transformando o depósito, numa primeira etapa, em taxa mais reduzida, sem devolução. Afinal, de acordo com a Embratur, comparando o movimento de janeiro a julho de 1977 com idêntico período deste ano, verifica-se que a saída de turistas aumentou de 8,9% (229 139 contra 210 364) e de entrada em 8,7% (410 495 contra 377 555). Assim, como garantiu Jurandir Carador, presidente da Associação Brasileira de Agências de Viagens (ABAV), "não haveria realmente justificativa para a manutenção do compulsório", acrescentando que "não existe mais déficit na subconta do turismo". ●

Mulher Maravilha.

No dia 30, lembre-se da heroína que você tem no seu escritório. Dessa supermulher que consegue ao mesmo tempo, telefonar para os seus clientes, ligar para os seus amigos, marcar suas reuniões, desmarcar o seu dentista, reservar a sua passagem, fazer suas ligações, transferir suas ligações, sem nunca lhe falar que está ocupada.

No Dia da Secretária, a homenagem da

COTAÇÕES

Ações mais negociadas no Rio e São Paulo

Ações	Preço (sexta-feira 15/9/78)	P/L (sexta-feira 15/9/78)	Preço (sexta-feira 22/9/78)	P/L (sexta-feira 22/9/78)	Variação na semana %	Indicador
Acesita - op	0,96	12,0	0,95	11,9	− 1,0	SP
Aços Villares - pp	1,75	5,0	1,60	4,6	− 8,6	SP
Alpargatas - op	2,81	4,3	2,85	4,4	+ 1,4	SP
Alpargatas - pp	2,68	4,1	2,75	4,2	+ 2,6	SP
Anderson Clayton - op	2,24	4,6	—	—	—	SP
Arno - op	3,66	7,2	3,75	7,3	+ 2,5	SP
Bco. Brasil - on	1,58	2,9	1,55	2,9	− 1,9	RJ
Bco. Brasil - pp	1,82	3,4	1,75	3,2	− 3,8	RJ
Bco. Est. S. Paulo - on	1,40	2,5	1,43	2,5	+ 2,1	SP
Bco. Est. S. Paulo - pp	1,64	2,9	1,61	2,9	− 1,8	SP
Bco. Itaú - pp	—	—	—	—	—	SP
Bco. Nordeste - on	1,23	1,4	1,27	1,5	+ 3,3	RJ
Bco. Nordeste - pp	1,45	1,7	1,47	1,7	+ 1,4	RJ
Bco. Noroeste SP - pp	2,60	5,1	2,75	5,4	+ 5,8	SP
Belgo - op	1,14	3,2	1,13	3,2	− 0,9	SP
Benzenex - pp	—	—	—	—	—	SP
Bradesco - on	2,07	3,9	2,25	4,2	+ 8,7	SP
Bradesco - pn	1,95	3,7	2,05	3,9	+ 5,1	SP
Bradesco Inv. - pn	1,72	2,4	1,72	2,4	—	SP
Brasimet - op	1,00	—	1,00	—	—	SP
Brasmotor - op	—	—	—	—	—	SP
Brahma - op	2,06	5,4	1,95	5,1	− 5,3	RJ
Brahma - pp	2,11	5,5	2,03	5,3	− 3,8	RJ
Cacique - pp	2,85	3,9	—	—	—	SP
Casa Anglo - op	3,61	6,7	3,65	6,7	+ 1,1	SP
Casa Anglo - pp	3,32	6,1	—	—	—	SP
Cemig - pp	0,65	—	0,65	—	—	SP
CESP - pp	0,74	6,2	0,73	6,1	− 1,3	SP
Cica - pp	—	—	—	—	—	SP
Cimento Itaú - pp	3,01	7,5	3,06	7,6	+ 1,7	SP
Cobrasma - pp	2,13	9,7	2,15	9,8	+ 0,9	SP
Consul - ppB	—	—	5,30	—	—	SP
Copas - pp	1,02	—	1,02	—	—	SP
Docas - op	1,50	2,7	1,64	2,9	+ 9,3	SP
Duratex - pp	1,45	3,6	1,40	3,5	− 3,4	SP
Eluma - pp	1,38	2,8	—	—	—	SP
Ericsson - op	1,24	4,4	1,26	4,5	+ 1,6	SP
Eternit - op	—	—	3,25	—	—	SP
Estrela - pp	4,00	7,3	4,00	7,3	—	SP
FNV - ppA	1,88	2,7	1,95	2,8	+ 3,7	SP
Ferr. Lam. Brasil - pp	1,20	—	1,20	—	—	SP
Fin. Bradesco - pn	1,42	2,4	1,51	2,6	+ 6,3	SP
Ford - op	—	—	—	—	—	SP
Fundição Tupy - op	0,92	2,9	0,91	2,8	− 1,1	SP
Fundição Tupy - pp	1,14	3,6	—	—	—	SP
Heleno Fonseca - op	0,70	3,0	0,70	3,0	—	SP
IAP - op	—	—	—	—	—	SP
Ind. Hering - ppA	1,08	—	1,11	—	+ 2,8	SP
Ind. Villares - pp	2,02	4,4	1,75	3,8	−13,4	SP
LTB - op	—	—	—	—	—	RJ
Light - op	0,82	7,4	0,88	8,0	+ 7,3	RJ
L. Americanas - op	3,60	—	3,55	—	− 1,4	SP
Magnesita - op	—	—	—	—	—	SP
Manah - op	2,08	—	2,00	—	− 3,8	SP
Mangels Indl. - op	1,22	7,6	1,21	7,6	− 0,8	SP
Mesbla - pp	—	—	—	—	—	SP
Metal Leve - pp	3,25	7,9	3,30	8,0	+ 1,5	SP
Moinho Santista - op	1,41	—	1,40	—	− 0,7	SP
Paul. F. e Luz - op	—	—	0,83	4,6	—	SP
Pet. Ipiranga - pp	—	—	—	—	—	SP
Petrobrás - on	1,78	4,3	1,76	4,3	− 1,1	RJ
Petrobrás - pp	2,35	3,8	2,35	3,8	—	RJ
Pirelli - op	1,54	4,7	1,48	4,5	− 3,9	SP
Pirelli - pp	1,37	4,1	1,40	4,2	+ 2,2	SP
Real - pn	0,78	1,4	0,84	1,5	+ 7,7	SP
Samitri - op	0,82	—	0,83	—	+ 1,2	RJ
Sharp - pp	2,86	6,5	2,92	6,6	+ 2,1	SP
Servix - op	0,65	2,0	0,65	2,0	—	SP
Sid. Açonorte — ppA	0,77	2,8	0,73	2,7	− 5,2	SP
Sid. Guaíra - pp	0,80	—	0,74	—	− 7,5	SP
Sid. Mannesmann - op	1,98	—	2,03	—	+ 2,5	RJ
Sid. Nacional - ppB	—	—	—	—	—	SP
Sid. Rio-grandense - op	0,85	2,6	0,90	2,8	+ 5,9	SP
Sid. Rio-grandense - pp	—	—	1,06	3,3	—	SP
Souza Cruz - op	2,80	7,0	2,66	6,6	− 5,0	SP
Telerj - on	0,17	5,7	0,17	5,7	—	RJ
Telerj - pn	0,49	16,3	0,49	16,3	—	RJ
Transparaná - pp	0,93	1,8	0,83	1,6	−10,7	SP
Vale - pp	1,18	4,7	1,13	4,5	− 4,2	SP
Varig - pp	1,40	3,2	1,42	3,2	+ 1,4	SP
White Martins - op	3,43	—	3,41	—	− 0,6	RJ

on — ordinária nominativa; op — ordinária ao portador
pn — preferencial nominativa; pp — preferencial ao portador.
P/L em relação ao lucro por ação sobre o capital médio.
Fonte de uma parte dos dados: Bolsas do Rio e São Paulo.

A SEMANA / MERCADO DE AÇÕES

Oscilação das cotações entre 8/9 e 15/9	
Maiores altas da semana	**%**
Docas — op	9,3
Bradesco — on	8,7
Real — pn	7,7
Light — op	7,3
Fin. Bradesco — pn	6,3
Maiores baixas da semana	**%**
Ind. Villares — pp	13,4
Transparaná — pp	10,7
Aços Villares — pp	8,6
Sid. Guaíra — pp	7,5
Brahma — op	5,3

Dia	Índice Bovespa	Cariação %	Volume (milhões Cr$)
18	3,910	− 1,7	59,4
19	3,902	− 0,2	81,8
20	3,912	+ 0,2	109,3
21	3,925	+ 0,3	89,5
22	3,954	+ 0,7	78,1
15/22	**− 25**	**− 0,6**	**418,1**

Dia	Índice BV Rio	Variação %	Volume (milhões Cr$)
18	5,670	− 1,0	156,4
19	5,614	− 0,i	129,1
20	5,649	+ 0,6	129,0
21	5,635	− 0,2	94,3
22	5,664	0,5	87,1
15/22	**− 55**	**− 1,0**	**595,9**

Ainda há boas ações?

Seria possível reconquistar o pequeno e o médio investidores para o mercado de ações? Roberto Teixeira da Costa, presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), acredita que não, pelo menos enquanto persistirem as atuais taxas inflacionárias vigentes no Brasil. Na quinta-feira passada, durante um seminário sobre o mercado acionário, promovido pela Comissão Nacional das Bolsas de Valores, em Porto Alegre, Teixeira da Costa lamentou "o encurtamento do universo temporal do investidor, que procura prazos cada vez menores, tendo em vista a inflação". "O investimento em ações", disse ele, "requer prazos médios e longos de maturação, por isso não atrai os investidores, que preferem ganhos nominais ilusórios em aplicações em renda fixa."

Ilusórios ou não, a verdade é que na renda fixa os resultados são imediatos. No começo da semana passada, por exemplo, uma fonte da Caixa Econômica Federal anunciava para as cadernetas de poupança a remuneração de 10,28% no terceiro trimestre de 1978 — o total acumulado nos nove primeiros meses deste ano chegaria aos 30%, aproximadamente. De outro lado, poucas letras de câmbio estão rendendo menos que 40%, para um prazo de 360 dias.

Para o presidente da CVM, todavia, o mercado perdido poderia ser compensado com a ajuda do governo: "O Estado detém hoje grande soma de recursos acumulados, mas uma parte muito pouco representativa vem sendo canalizada para as empresas privadas". Além disso, ele quer que se estude alguma forma de incentivos fiscais e de tributações integrada, "para evitar a tributação cumulativa dos lucros na pessoa jurídica e nos lucros por ela distribuídos". •

Cada vez mais vivo

É "Macunaíma", de Mário de Andrade, que aos 50 anos de idade renasce no palco num dos mais brilhantes espetáculos dos últimos anos

No começo de 1978, como faz todos os anos, o encenador Antunes Filho, diretor da versão teatral de MACUNAÍMA (Teatro São Pedro, em São Paulo), comprou uma agenda para anotar os compromissos diários. Oito meses depois, verificou surpreso que as páginas da agenda, ao contrário do que sempre acontecia, permaneciam imaculadas. Nem poderia ser diferente, pois desde que começou a organizar o espetáculo, uma das mais complexas produções do teatro brasileiro em muitos anos, Antunes praticamente deixou de lado qualquer outro tipo de atividade.

Levar ao palco o célebre romance de Mário de Andrade, lançado precisamente no dia 26 de julho de 1928, em São Paulo, é uma idéia que deve ter passado pela cabeça de inúmeros artistas. Passado, mas não permanecido — já que as extraordinárias dificuldades que a obra apresenta são de desanimar: centenas de personagens e ambientes os mais diversos, a ação que salta da imaginária geografia amazônica concebida por Mário de Andrade à luxuosa (em 1928) avenida São João da capital paulista, da etérea morada de Vei, a Sol, divindade que aquece a floresta com o calor de seu corpo, ao interior de um prosaico elevador de *rendez-vous*, no palavreado da época. Como se não bastassem esses obstáculos materiais, havia o desafio do próprio conteúdo da obra, que desde o lançamento vem preparando armadilhas à argúcia dos críticos. Que representa, afinal, Macunaíma, índio que nasce negro e vira branco? Pura criatura de ficção, produto da inventividade de um escritor brilhante? Feliz combinação de elementos folclóricos, filtrados pela sensibilidade e paciência de um intelectual? A síntese viva de nossa nacionalidade? Consciente das inúmeras interpretações que "Macunaíma" passou a gerar, o próprio Mário de Andrade, nas edições seguintes, cuidou de escrever dois prefácios esclarecedores — e nem assim se pode afirmar categoricamente que obra e personagem tenham adquirido sentido inequívoco.

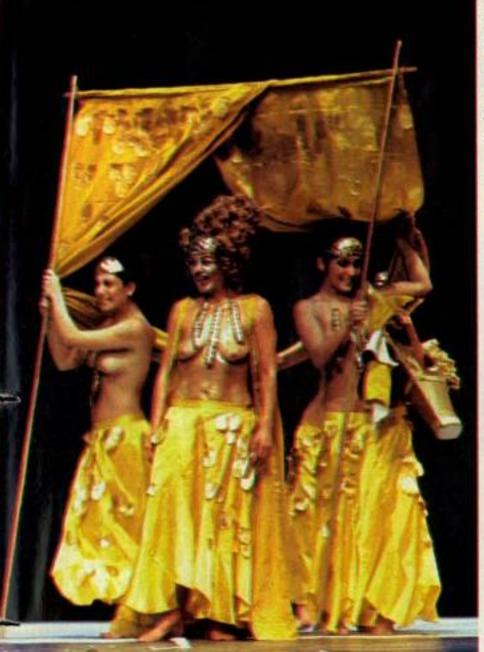
Carlos Augusto Carvalho: a revelação de "Macunaíma"

DO ACERTO AO ERRO — Nada mais natural, portanto, que "Macunaíma" levasse meio século até chegar ao palco. Esta montagem começou a germinar em 1975, quando Jacques Thiériot, diretor da Aliança Francesa de São Paulo, tradutor de diversas obras daqui para o francês (entre elas o próprio "Macunaíma", a ser brevemente lançada), sugeriu a Antunes adaptar o livro para o teatro. Em setembro de 1977, depois que todas as suas tentativas de convencer algum produtor a embarcar no projeto haviam fracassado, Antunes apelou à sua imaginação criadora "e a um certo maquiavelismo".

Embora afirme não gostar de dar aulas, ele aceitou um convite do Sindicato de Artistas de São Paulo para dirigir um curso de interpretação de três meses, patrocinado pela Comissão de Teatro da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia — com o propósito, desde o início, e com um adiantamento de 500 000 cruzeiros, de transformar o curso no embrião do espetáculo.

Conseguida para o projeto a adesão dos trinta alunos (reduzidos a dez e mais tarde reforçados por sete novos colegas, eles formariam o Grupo Pau-Brasil, que vive as personagens), Antunes e Thiériot começaram a tratar da adaptação em dezembro. "Ficou claro", concordam os dois, "que o trabalho teria de ser feito simultaneamente com a preparação do espetáculo, lado a lado com o elenco, num processo de ensaio e erro, erro e acerto." E pelo menos um desacerto aflorou. Na semana passada, ao estrear "Macunaíma", o programa registrava o texto como adaptação do Grupo Pau-Brasil & Jacques Thiériot, enquanto Ana Luísa Gouveia, que participara da adaptação e, segundo o grupo, teria se retirado no meio do caminho, inconformada, iniciava ação contra eles e Antunes, reclamando perdas e danos mais violação de direito autoral.

UM GOLPE DE SORTE — Requisito básico para partici-

FOTOS RUTH TOLEDO

Alguns momentos das aventuras de Macunaíma e seus irmãos Jiguê e Manape (embaixo, à direita) pelo Brasil de Mário de Andrade, na esplendorosa montagem do Grupo Pau-Brasil, dirigida por Antunes Filho; no alto, as estátuas do museu do terrível Venceslau Pietro Pietra, o maior inimigo do herói; embaixo, a morada de Vei, a Sol e suas filhas

FOTOS RUTH TOLEDO

Quando todos pensam que ele vai morrer, o herói ressuscita; o carnaval carioca e o cotidiano paulista, no inspirado visual de Naum Alves de Souza; por fim, aleijado, o herói sem nenhum caráter a caminho de seu inexorável destino

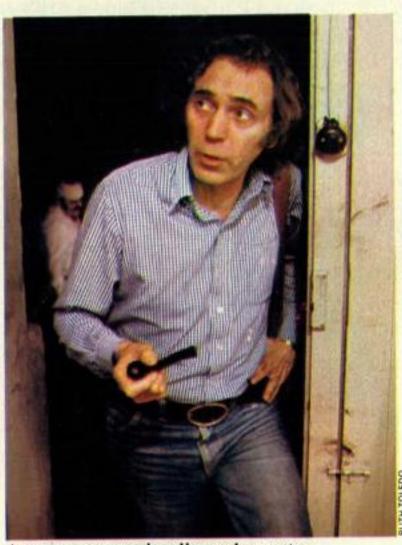
par do espetáculo, sem dúvida, era uma enorme boa vontade. Feitas as contas, verificou-se que os atores só poderiam começar a receber a partir de março — e mesmo assim uns magros 3 000 cruzeiros mensais, que seriam, pelo menos, dobrados depois da estréia. Nos papéis de "Jiguê" e "Manape", os irmãos de Macunaíma, Antunes escalou, respectivamente, Walter Portella e Jair Assumpção, e para o papel-título, pensou em Stênio Garcia — mas como, se na TV Globo ele estava ganhando mais de 100 000 mensais?

Foi assim que uma chance absolutamente inesperada surgiu para Carlos Augusto Carvalho, um desconhecido ator de 25 anos. Paraense de Belém, em mais de um ano de obscura carreira em São Paulo, Carvalho tinha conseguido de mais significativo apenas o papel de coveiro em "Morte e Vida Severina". Desempregado, com o dinheiro do Fundo de Garantia, tinha dado o sinal para a passagem aérea de volta a Belém. Na véspera da viagem, por acaso, foi acompanhar uma atriz que ia fazer teste para o espetáculo. Antunes julgou que ele tinha tipo físico adequado para o protagonista e lhe propôs um teste. No dia seguinte, Carlos Augusto Carvalho desistia do sinal dado e ganhava o grande papel do teatro brasileiro dos últimos anos.

Entre curso e ensaios, foram ao todo doze meses de trabalho extenuante, de 1 da tarde às 11 da noite, de segunda a sábado. Para elaborar o texto em conjunto com Thiériot, os artistas devoraram uma bibliografia de 140 obras (encabeçada pelo clássico "Tristes Trópicos", do antropólogo Claude Levy-Strauss), assistiram a seminários de Antropologia e Literatura, e, sob o comando do diretor musical Murilo Alvarenga, aprenderam a compor e a tocar nos mais exóticos instrumentos indígenas — alguns dos quais, eles mesmos construíram. (Outros usados em cena, como a calimba, espécie de pequeno xilofone africano, são praticamente introduzidos no Brasil com o espetáculo.)

Nos últimos três meses, quando foram liberados outros 200 000 cruzeiros pela Comissão de Teatro, contrataram-se alguns atores mais experimentados: Wanda Kosmo ("Vei, a Sol") e Whalmyr Barros (o terrível "Venceslau Pietro Pietra", inimigo mortal de Macunaíma), já com salários mais compensadores de 15 000 cruzeiros mensais.

"'Macunaíma' só se tornou possível porque desde o início a presidente da Comissão de Teatro, Amália Zeitel, e o secretário Max Feffer acreditaram em nós", reconhece Antunes, que, fora os três meses de curso, nada recebeu. O mínimo para sua sobrevivência Antunes garantia dirigindo, por 20 000 cruzeiros de cachê, um teleteatro mensal para a TV Cultura — o que não chegou a ser suficiente para inaugurar as páginas de sua agenda.

RUTH TOLEDO

Antunes: o maquiavelismo deu certo

FALHA TRÁGICA — Tanto esforço poderia ter sido inútil, como ensina o doloroso malogro de inúmeros projetos teatrais bem-intencionados. No caso de "Macunaíma", porém, a verdade é que qualquer sacrifício teria valido a pena, pois se trata de um dos espetáculos mais brilhantes do teatro brasileiro em muitos e muitos anos.

Por certo, a resposta definitiva às indagações suscitadas por "Macunaíma" não será encontrada na montagem de Antunes, nem era essa sua intenção: "Não temos a pretensão de atingir verdades absolutas", diz o diretor. "Sabemos que em nosso espetáculo tudo é precário, tudo é perecível. Mas sabemos que ele serve a este nosso momento."

E como serve! Muito dificilmente alguém poderá imaginar um "Macunaíma" que seja tão fiel às idéias de Mário de Andrade e ao mesmo tempo capaz de dizer tanto à nossa sensibilidade atual.

Herói trágico, a falha de Macunaíma — como a falha do "Édipo Rei", de Sófocles — está em não haver sido fiel à sua verdadeira natureza. No espetáculo, percebe-se que houve um momento em que Macunaíma poderia ter ganhado o paraíso indígena — e fracassou.

"Se ele tivesse se casado com a filha de Vei, a Sol, jamais teria envelhecido e se transformaria em mito glorioso", entende Antunes. Mas Macunaíma trai seu destino indígena e é amaldiçoado pela Sol. Personagem que paga caro sua falha trágica, ele pode pensar que está se aculturando na cidade grande, quando na verdade está sendo destruído. E assim volta à selva, nem branco, nem mais índio, incapaz de se encontrar em seu meio natural.

"Sua falha é fome", diz Antunes. "Fome de comida, fome de conhecimento, fome de tudo. Isso é o que Mário de Andrade fala em todo o seu livro, a grande miséria brasileira. Pois desde 1928 nossa fome continua a mesma. Ganhamos talvez alguns direitos mais, mas a fome continua igual. Ou ficou ainda maior."

CAIXA MÁGICA — Em sua concepção, de certo modo, o espetáculo corresponde a essa carência material: quando começa, nada há sobre o palco do Teatro São Pedro a não ser o fundo infinito instalado meses antes pela TV Cultura para gravação de musicais, e no qual Naum Alves de Souza, responsável pela parte visual, mandou salpicar tinta verde. E, ao longo dos quatro atos — divididos por um intervalo de 15 minutos e dois de 8 —, vemos em cena apenas os atores, escassos objetos e muitas folhas de jornal — centenas e centenas de folhas de jornal que são estendidas, dobradas, esmagadas, despedaçadas e até mastigadas pelos atores e que servem para representar praticamente tudo o que eles desejam.

O resultado é deslumbrante, como se o palco do teatro tivesse se transformado em uma imensa caixa mágica, na qual se materializam sem cessar criaturas fantásticas e efeitos surpreendentes. Há produções com menos de uma hora de duração que parecem se arrastar por uma eternidade. Este antológico espetáculo dura quatro horas — e passa com a rapidez de 1 minuto.

JAIRO ARCO E FLEXA

bnb

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

Sociedade de Capital Aberto - C.G.C.M.F. Nº 07.237.373

SEDE: FORTALEZA-CEARÁ: Rua Major Facundo, 500,
83 Agências no Nordeste.
AGÊNCIA SÃO PAULO: Av. Paulista, 460.
AGÊNCIA RIO DE JANEIRO: Rua do Rosário, 103.
REPRESENTAÇÃO EM BRASÍLIA: Palácio do Comércio,
6º andar - s-601/11 - Setor Comércio Sul.

CONGRESSO SOBRE O NORDESTE

O Banco do Nordeste, em ação conjunta com a SUDENE e sob o patrocínio do Ministério do Interior, promove, entre os dias 25 e 27 do corrente, o I Congresso Nacional sobre o Nordeste, no Palácio das Convenções do Parque Anhembi, em São Paulo.

No conclave serão desenvolvidas exposições e debates tanto sobre as potencialidades de investimentos na Região, quanto sobre suas necessidades e aspirações. O Congresso conta com a presença dos Ministérios envolvidos no processo de desenvolvimento do Nordeste, dos governos dos Estados nordestinos, além de empresários, técnicos, cientistas e líderes empresariais interessados em conhecer o que já se fez e o que ainda há por ser feito para a integração nordestina no contexto econômico nacional.

Paralelamente ao Congresso, realizar-se-á, no mesmo local, a I Mostra do Desenvolvimento do Nordeste, com a participação dos empreendimentos de maior dimensão instalados na Área.

RESUMO DO BALANCETE EM 31 DE AGOSTO DE 1978

(Em Cr$ 1.000)

ATIVO	
DISPONÍVEL	512.792
Caixa e Depósitos no Banco do Brasil S.A.	186.583
Títulos Federais de Curto Prazo	326.209
REALIZÁVEL	30.954.126
Empréstimos	25.039.281
À Produção	17.549.019
Ao Comércio	3.861.716
Outros	3.752.525
Créditos em Liquidação	151.021
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa	(275.000)
Outros Créditos	4.878.991
Compensação a Liquidar	400.385
Banco Central - Recolhimentos	338.122
Correspondentes no País e no Exterior	1.889.787
Departamentos no País	330.883
Outras Contas	1.919.814
Valores e Bens	1.035.854
Títulos à Ordem do Banco Central	146.902
Títulos Federais	279.123
Outros Valores e Bens	609.829
IMOBILIZADO	433.222
Imóveis de Uso, Móveis, Equipamentos e Almoxarifado	494.912
Depreciações Acumuladas	(61.690)
RESULTADO PENDENTE	562.275
Despesas Correntes	556.344
Despesas de Exercícios Futuros	5.931
ATIVO TOTAL	32.462.415
CONTAS DE COMPENSAÇÃO	47.550.548

PASSIVO	
NÃO EXIGÍVEL	4.099.796
Capital	1.500.000
Aumento de Capital	—
Reservas para Aumento de Capital	230.404
Reserva p/Manut. do Capital de Giro Próprio	810.140
Reservas Estatutárias e Legais	275.922
Reservas Especiais	1.121.078
Lucros e Perdas	162.252
EXIGÍVEL	26.888.552
Depósitos	3.149.273
Depósitos à Vista e a Curto Prazo	2.815.052
Depósitos a Médio Prazo	334.221
Outras Exigibilidades	2.699.501
Compensação a Liquidar	367.193
Cobranças e Ordens de Pagamento	51.538
Correspondentes no País e no Exterior	1.789.203
Departamentos no País	—
Outras Contas	491.567
Obrigações Especiais	21.039.778
Redescontos e Empréstimos no Banco Central	627.247
Obrigações por Refinanc. e Repasses Oficiais	15.792.531
Obrigações em Moedas Estrangeiras	4.110.302
Outras Contas	509.698
RESULTADO PENDENTE	1.474.067
Rendas e Lucros em Suspenso	389.641
Rendas Correntes	1.067.202
Rendas de Exercícios Futuros	17.224
PASSIVO TOTAL	32.462.415
CONTAS DE COMPENSAÇÃO	47.550.548

ANTÔNIO NÍLSON CRAVEIRO HOLANDA - Presidente
VALFRIDO SALMITO FILHO - Diretor EDISON DE SOUZA LEÃO SANTOS - Diretor
JOAQUIM BATISTA FERNANDES - Diretor MURILO BORGES MOREIRA - Diretor

Fortaleza-CE, 10 de agosto de 1978

Francisco Moacyr de Souza
Ch. da Divisão de Contabilidade
TC-CRC-CE Nº 0990

Filiado à ABDE - Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento

EM INCENTIVOS FISCAIS, FINOR É A MELHOR OPÇÃO

Espaço mágico

Onde vivem a poesia e a liberdade de Beltrame

Jogado na briga que na segunda metade do século passado dividia os compositores de ópera entre wagnerianos e tradicionalistas, mestre Verdi, que não era nenhuma das duas coisas, soltou uma frase de efeito: *"Torniamo all'antico. Sarà un progresso"*. Na prática esse tiro costuma sair pela culatra. Em matéria de arte, a volta aos antigos disfarça quase sempre a falta de talento, um hábil oportunismo (já que o produto resultante é bem mais acessível), ou apenas a preguiça de procurar penosamente um caminho pessoal.

Mas há exceções. Uma delas é ó desenhista gaúcho Luís Beltrame, que aos 31 anos chega ao momento decisivo da carreira. Há três meses, expôs na fechada Galeria Bonino, no Rio, com sucesso de crítica e de público. Desde a semana passada, estreou em São Paulo, na Galeria Entreartes, com 26 trabalhos recentes (vendidos a 6 000 e 10 000 cruzeiros), para os quais se esperam os mesmos resultados. E em comum com Verdi, além do sangue italiano (já que descende de imigrantes), possui o gosto por um mundo e uma linguagem já conhecidos. Não hesita em expô-lo, pois seu "progresso" (se cabe a palavra) só é possível através da franca aceitação desse universo interior.

Aquarela de Beltrame: para a imaginação de cada um

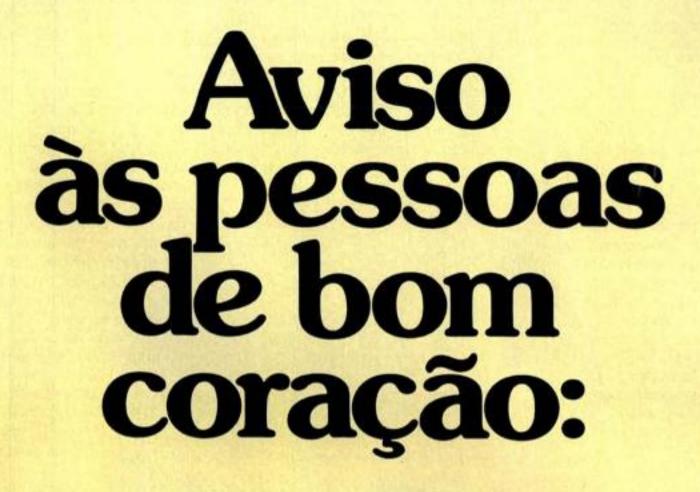
TEATRALIDADE — Beltrame executa minuciosas aquarelas, onde brilhantes efeitos de transparência (obtidos com aguadas sobre um papel artesanalmente produzido no Nepal) se combinam com uma figuração imprevista e instigante. Para resumi-la, o crítico Jayme Maurício usou a expressão "underground da Idade Média". A semelhança, na verdade, é mais de clima que de iconografia, e não se parece em nada com os cavaleiros, damas e monstros de Marcello Grassmann, por exemplo. Sobre cenários de perspectivas deliberadamente teatrais, superpõem-se personagens imaginárias, ou objetos soltos no espaço, ou ainda pequenos animais.

De repente, um coelho se transforma numa nuvem de fumaça, ou um homem disputa terreno com uma salamandra. Um monge de mãos avermelhadas possui barbatanas que lhe nascem pelas têmporas, e um adolescente vendado tapa a boca, sob formas geométricas que poderiam lembrar a simbologia ocultista. Um rapaz nu de bruços está quase suspenso ao espaço por cordéis, e um rosto feminino é envolvido por ligamentos que parecem esvoaçar, mas o amarram. De qualquer forma, não há tampouco, felizmente, nenhuma semelhança com a torrente de pseudo-surrealismo quase "kitsch" — olhos, lágrimas, troncos de árvores e desertos infinitos — que avassala até hoje certa má arte brasileira.

TRANQÜILIDADE — Nada disso corresponde a uma personalidade atormentada ou pessimista. Pelo contrário. Talvez por conseguir canalizar seus demônios insondáveis através de seu desenho ("É um tipo maravilhoso de psicanálise, com a qual eu ganho o meu dinheiro, em vez de gastar"), Beltrame se revela um homem afável, sorridente, de pazes feitas com a vida. Não tem nenhuma encucação, não pesquisa ocultismos, desconhece a literatura especializada, não professa quaisquer religiões. Talvez acredite em um Deus, meio cósmico, meio panteísta. "Mas não penso a respeito nem me torturo com ele. De qualquer forma, não é o Deus castrador do catolicismo, nem um Deus paternalista." Viveu ano e meio na Índia, mas faz questão de deixar claro que a experiência não o levou a nenhum dos misticismos hoje em voga. "Como eu não fui lá em busca disso, o que aprendi mesmo foi uma forma saudável de transar com a vida: fazer minha comida, lavar a minha roupa, acordar para centenas de pequenas coisas importantes."

Tranqüilo, Beltrame vive hoje num apartamento de Santa Teresa, no Rio, cercado de muitas plantas, um periquito, uma tartaruga, dormindo num quarto cujas janelas foram retiradas ("No inverno, a gente tem cobertor ou companhia"). Vai diariamente à praia, trabalha apenas à tarde e à noite, e não se preocupa em fazer uma carreira. "Se me perguntarem o que quer dizer cada um de meus desenhos, eu não sei. Eu os faço, e pronto. Meu negócio não é traduzir coisas — é deixar que as pessoas as entendam à sua maneira."

É neste justo espaço que se movimenta sua arte — um espaço até restrito, onde não cabe a instauração de uma linguagem (privilégio das vanguardas) nem a denúncia de problemas (tarefa da arte engajada). Cabe-lhe apenas dar o impulso para que cada um solte sua imaginação e — se a tem — sua própria poesia.

OLÍVIO TAVARES DE ARAÚJO

Começa dia 27 a Feira da Bondade.

Anhembi, 27/set. a 1º/out.

Agenda Exame 1979. O requinte e a eficiência que você exige para acompanhar seus negócios.

Possua uma agenda de nível internacional que reflete o seu status em todos os dias do ano.

A Agenda Exame é a única que combina perfeitamente com seu estilo. Com ela, você confere um toque de classe ao seu dia-a-dia.

Você tem a seu lado uma agenda que nada fica a dever aos mais renomados modelos internacionais. Uma agenda luxuosa, personalizada com suas iniciais na capa, extremamente bonita, concebida para uma classe muito especial de executivos.

E, além disso, a Agenda Exame é tão eficiente quanto você exige: oferece bastante espaço para o diário e traz informações exclusivas para suas consultas.

Veja o que você tem na Agenda Exame

- **Uma página dupla por semana** com espaço para seus compromissos do dia e da noite. E novas charges de Michele, uma para cada semana.
- **A classificação das maiores empresas brasileiras** com dados extraídos de "Melhores e Maiores", edição anual da revista Exame.
- **Mapas em cores do Brasil e dos continentes.**
- **E mais**: plantas dos centros das capitais brasileiras e das grandes cidades do mundo; principais hotéis e restaurantes internacionais; DDD, CEP e TELEX de municípios com mais de 50 mil habitantes; endereços de órgãos governamentais, entidades econômicas, embaixadas; e muitas outras informações úteis para você.

Adquira desde já a sua Agenda Exame 1979:

Preencha o Certificado, indicando suas iniciais (três, no máximo). Se desejar mais de um exemplar para presentear seus amigos, escreva nos espaços indicados as iniciais que devem ser gravadas nas agendas adicionais. Junte um cheque nominal a ABRIL-TEC EDITORA LTDA no valor da sua compra (Cr$ 525,00 por exemplar). Coloque tudo num envelope e envie-nos agora para receber sua encomenda até dezembro de 1978.

Ainda é tempo de oferecer a Agenda Exame 1979 como brinde de fim-de-ano a seus clientes.

- O seu logotipo vai gravado a ouro na capa e, opcionalmente, você pode enviar um encarte da sua empresa dentro das suas agendas.
- Condições especiais de preço para pedidos acima de 50 exemplares. Consulte-nos pelos telefones abaixo.

ABRIL-TEC EDITORA LTDA.

São Paulo: 62-5384 - Rio de Janeiro: 263-5446
Belo Horizonte: 226-5208 - Porto Alegre: 21-6744 e 25-8163 - Goiânia: 225-3825 - Joinville: 22-5369
Brasília: 226-9383 e 225-7908 - Salvador: 242-2062

Uma apresentação muito especial:

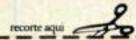
- Luxuosa capa em melhorapel granulado e almofadado.
- 208 páginas em papel sofisticado e bordas douradas.
- Marcador de páginas em tafetá vermelho.
- Formato ideal para uma agenda: 20,8 × 25,5 cm.

Agenda EXAME 1979

Grátis: uma elegante Agenda de Bolso para acompanhá-lo onde você for.

Um toque bem pessoal: suas iniciais gravadas a ouro na capa.

Grátis: completando o conjunto, um sofisticado Bloco de Anotações de grande utilidade para você.

ENVIE AINDA HOJE ESTE CERTIFICADO

CERTIFICADO DE AQUISIÇÃO

À ABRIL-TEC EDITORA LTDA.
DIVISÃO DE MARKETING DIRETO
RUA EMÍLIO GOELDI, 701
05065 SÃO PAULO, SP

Agenda EXAME 1979

SIM, quero adquirir ________ exemplar (es) da Agenda Exame 1979, ao preço de Cr$ 525,00 por exemplar. Sei que receberei grátis uma Agenda de Bolso e um Bloco de Anotações para cada Agenda Exame que eu adquirir. Além disso, a(s) Agenda(s) Exame terá(ão) as iniciais (que anoto abaixo) gravadas a ouro na(s) capa (s).

Anexo cheque nominal a ABRIL-TEC EDITORA LTDA. no valor de Cr$ ________

Nº do cheque ________ Banco ________

Nome ________ suas iniciais [| |]

Endereço ________ Tel. ________

Bairro ________ CEP ________

Cidade ________ Estado ________

Atenção: Se você está adquirindo mais de 1 exemplar, escreva abaixo as iniciais que deverão ser gravadas nas capas das agendas adicionais: [| |] [| |] [| |] [| |]

Se você não quiser rasurar a revista, envie-nos seus dados em folha separada.

No Badesp a facilidade de conseguir um Finame não é proporcional ao número de zeros do seu saldo médio.

Para conseguir um Finame no Badesp, você só precisa pedir.

O Badesp não exige saldo médio, recebimento de tributos, seguros, amizade com o gerente, nada. Ele é um banco de uma agência só. Por isso você fala diretamente com quem decide.

A equipe de assessores técnicos que vai examinar seu projeto e verificar se ele é adequado às necessidades da sua empresa está lá mesmo.

Assim, o Badesp pode oferecer maior rapidez e eficiência nas operações.

E você ganha tempo. Aliás, o Badesp tem todo o interesse para que você ganhe o máximo de tempo possível. Porque quanto mais rápido for o desenvolvimento da sua empresa, mais rápido é o desenvolvimento do Badesp. E maior o número de pedidos de financiamento que ele vai poder atender. Quando precisar de umFiname, seja cliente do banco de uma agência só: Badesp.

Desenvolvimento para todos

Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo S.A.
Avenida Paulista, 1776 - São Paulo

Filiado a

Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento

"Gabo" e Mercedes: algumas mentiras para escapar da imprensa

AMICCUCI GALLO

Literatura

O escritor em greve

García Márquez está no Brasil. Passeando, vendo os amigos e evitando falar em política

Mentiroso por vocação, gozador por temperamento, o escritor colombiano Gabriel García Márquez veio descobrir o Brasil à sua maneira. Antes de desembarcar no Aeroporto Internacional do Galeão na noite de domingo, dia 17 passado, o autor de "Cem Anos de Solidão" acionou um complicado sistema de contra-informação para escapar aos caçadores de celebridades e aos jornalistas interessados em registrar sua chegada. "Ele estará aqui no próximo domingo", diziam os funcionários da Editora Record, responsável pelas traduções brasileiras do escritor. "Jamais pensei em ir agora ao Brasil. Meu editor está louco", disse García Márquez a um jornalista brasileiro que telefonou para sua casa, em Bogotá, na manhã de sexta-feira, dia 15, tentando confirmar a viagem. Poucas horas depois, ele e sua esposa, Mercedes, embarcavam para Manaus, onde ficariam até o domingo, incógnitos.

"'Gabo' está em Manaus", gritou, no Rio de Janeiro, o cineasta Glauber Rocha, amigo do escritor. "Somos primos de García Marquez e estamos aqui em lua-de-mel", disse o próprio à telefonista do hotel que o hospedava, ao saber que dois jornalistas cariocas tinham telefonado à sua procura. Pressionada por repórteres a quem havia prometido entrevistas exclusivas e a programação completa do escritor no Rio, a Editora Record cancelou tudo.

A contra-informação chegou, realmente, a funcionar. Tanto que na noite de domingo, Gabo e Mercedes, sozinhos e anônimos, aguardaram durante uma hora e meia que alguém fosse buscá-los na sala de desembarque internacional do Galeão. Enquanto isso, a poucos metros de distância, Chico Buarque de Holanda, em cuja casa o escritor seria hospedado, e que fora ao aeroporto recepcioná-lo, completava três horas e meia de espera em frente à sala de desembarque nacional. Em lugar de um dos muitos vôos que saíam de Manaus, o casal preferira um outro, que vinha de Los Angeles e fazia escala no Panamá e na capital amazonense. Os dias seguintes, no Rio, seriam de contínuo assédio da imprensa e de visitas a amigos, como Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro e Cacá Diegues. O refúgio na casa de Chico Buarque era seguro mas constrangedor, pois transferia ao compositor a tarefa de driblar os jornalistas. Na terça-feira, o casal transferiu-se, incógnito, para um hotel em Copacabana. Lá, afinal, García Márquez não pôde escapar a algumas entrevistas — durante as quais se recusou terminantemente a falar de política, alegando que estava no Brasil "a passeio, em caráter particular e apenas para ver alguns amigos". Na terça-feira à noite, conversou com Jorge Escosteguy, de VEJA.

VEJA — *Por que você, sendo um jornalista, não gosta de dar entrevistas?*

GARCÍA MÁRQUES — Eu jamais publiquei uma entrevista. Acho uma coisa falsa, porque o entrevistado pensa sempre no que deve dizer e não em dizer o que pensa. Com isso, vai criando de si uma imagem que não é real, mas a que ele quer transmitir e a que ele acha que os outros devem ter dele. Então, não gosto de entrevistas, de perguntas e respostas. Em dez anos, já me fizeram todas as perguntas possíveis — e eu sei todas as respostas.

VEJA — *Você tem medo de se repetir . . .*

GARCÍA MÁRQUEZ — É possível. Quando me fazem perguntas, em vez de dizer o que eu penso, fico buscando uma resposta que eu nunca tenha dado antes. Fico pensando: bom, como faço agora para que esta entrevista não seja igual às outras? Acabo dizendo coisas diferentes, mas não necessariamente o que eu penso. Assim, a entrevista transformou-se em um novo gênero literário, em um gênero de ficção, de jogo entre o entrevistador e o entrevistado.

VEJA — *Mas seu livro "Relato de um Náufrago" é uma longa entrevista.*

GARCÍA MÁRQUEZ — Não é uma entrevista. É um interrogatório. Durante dias o marinheiro contou-me sua experiência e eu a reconstituí. Creio que a graça de uma entrevista está justamente nisso: você, por exemplo, conversar duas ou três horas com uma pessoa, tomando escassas anotações, e depois escrever sua imagem do entrevistado. Quem você acha que ele é e o que ele pensa. Por isso não publico entrevistas. A reportagem que fiz sobre a tomada do Palácio Nacional de Nicarágua pelos sandinistas foi construída com base em uma entrevista. Conversei com uma pessoa que esteve lá e reconstituí o episódio. Então, eu prefiro conversar com os jornalistas, dar-lhes informações, sem a necessidade de uma entrevista com perguntas e respostas.

VEJA — *Por que, então, você se esconde da imprensa?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Eu apenas de-

fendo minha vida privada. Vim ao Brasil em uma viagem particular, para passear, conhecer o país, ver alguns amigos. Não tenho compromissos prefixados nem data marcada para viajar. Quero ter direito à privacidade e por isso me defendo. É claro que os repórteres acabam me encontrando. E nesse momento eu jamais me recusei a dar uma entrevista, a conversar com eles. Assim, cada um desempenha seu papel: eu defendo minha privacidade e os jornalistas cumprem sua obrigação de me encontrar.

VEJA — *Por que só agora você veio ao Brasil, depois de ter recusado muitos convites anteriores?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Eu jamais vou a algum lugar a convite, porque todo o convite se paga. Viajo sempre por minha conta, para ver os amigos ou para fazer novos amigos. Nunca fui a um congresso de escritores, a um coquetel de lançamento de algum livro, ao lançamento de meus próprios livros. Não aceito nem convite de meus editores. Os editores têm a tendência de tratar o escritor como sua propriedade particular, esquecendo-se de que eles possuem apenas os direitos sobre a obra, e não sobre o autor.

VEJA — *Nem sempre foi assim. Em 1972 você foi à Venezuela receber o Prêmio Rómulo Gallegos, dado a "Cem Anos de Solidão".*

GARCÍA MÁRQUEZ — Sim, fui. Mas transformei a cerimônia em um ato político que me custou os 25 000 dólares do prêmio — muito bem aplicados, é claro, pois doei-os a um movimento colombiano e jamais me arrependi.

VEJA — *Mas, no caso do Brasil, foram muitas vezes seus amigos que o convidaram a vir.*

GARCÍA MÁRQUEZ — É, mas nem sempre foi possível vir ao Brasil.

VEJA — *E sua decisão de não publicar mais ficção enquanto o general Pinochet estiver no poder, no Chile? É um simples protesto, há alguma teoria a respeito?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Não, não. Simplesmente eu também tenho direito à greve. Há pessoas, por exemplo, que fazem greve de fome contra Pinochet. Eu faço greve de ficção. Apenas isso.

VEJA — *Mas, independentemente de Pinochet, você já confessou que dificilmente voltaria a escrever outra novela, após "O Outono do Patriarca". Esgotou-se o veio? Não há mais temas?*

GARCÍA MÁRQUEZ — De fato, após este livro eu não consigo mais imaginar como poderia escrever outra novela. Considero "O Outono do Patriarca" minha melhor obra, ainda que não seja a que mais gosto. É a melhor em termos de elaboração, de linguagem, de análise sobre a solidão do poder. E isso de certa forma me colocou contra a parede — ao contrário do que ocorreu com "Cem Anos...", que é uma novela fácil, alegre, que permite ao leitor de qualquer nível o acesso ao mundo mágico da literatura. Mas os temas de ficção não acabaram. Pretendo escrever contos. Tenho vários deles na cabeça. São anotações que fui fazendo desde 1954, quando cheguei à Europa pela primeira vez, a respeito de experiências de latino-americanos que viveram por lá.

AMICUCCI GALLO

Com Chico Buarque: o primeiro hospedeiro

VEJA — *E o que pensam os críticos de seus livros?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Não gosto dos críticos e não os leio. Os críticos são intermediários que se colocaram entre o escritor e o leitor sem que ninguém lhes pedisse isso. Escrevem coisas ininteligíveis, aborrecidas. Não são necessários.

VEJA — *E você não leu sequer o livro que Vargas Llosa escreveu sobre sua obra?*

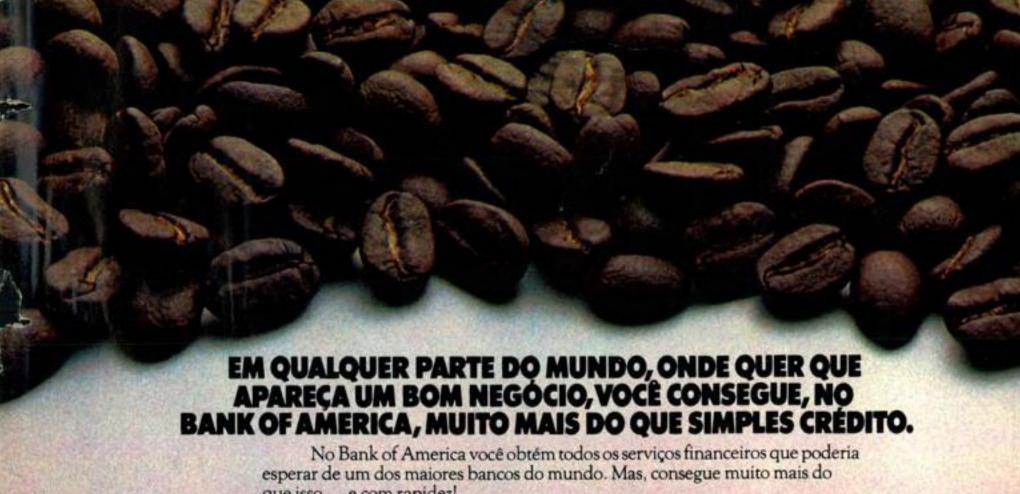
GARCÍA MÁRQUEZ — Não li, mas por um bom motivo. Se o livro é tão bom quanto dizem, significa que Llosa conseguiu descobrir em meus trabalhos fatores inconscientes que não me interessa conhecer. Se eu tomar conhecimento deles, não me servirão para mais nada.

VEJA — *Não lê nem seus próprios livros, depois de publicados?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Não. Depois que os escrevo, meus livros não me interessam mais. Reli apenas "Cem Anos..." durante uma viagem de trem que durou dez horas, saindo de Barcelona, na Espanha. Para esta viagem, abasteci-me de várias revistas — mas calculei mal. Antes de chegar, já tinha lido tudo o que trouxera. Então, lembrei-me de que levava na mala um exemplar de "Cem Anos...", que pretendia dar a um amigo. Resolvi reler a novela, quase dez anos depois de tê-la escrito. Confesso que gostei. Já não me lembrava de muitos detalhes e descobri que há algumas dezenas de erros e de equívocos, às vezes graves, em seu texto. Ninguém notou isso, até agora. E eu não contei a ninguém, mesmo porque não recordo mais quais eram todos eles. Sei que, por exemplo, a certa altura eu chamava a personagem Amaranta de Fernanda, ou vice-versa.

VEJA — *Você disse que "O Outono do Patriarca" é sua melhor novela, mas não a que você mais gosta. Parece que você gosta mais de "Ninguém Escreve ao Coronel". Por quê?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Porque é uma história que se identifica muito comigo, com uma experiência pessoal que tive na Europa, há mais de vinte anos. Eu estava em Paris quando o ditador Rojas Pinilla fechou o jornal em que eu trabalhava, *El Expectador*. Fiquei desempregado e sem dinheiro, apenas com o bilhete da passagem de volta para Bogotá. Resolvi trocar a passagem por dinheiro, instalei-me num quarto do bairro latino e escrevi a todos os meus amigos, pedindo ajuda. Mas eles não me respondiam. Comecei, então, a escrever a novela a respeito de um velho pobre que espera uma carta do governo com sua aposentadoria. Era o que acontecia comigo. Eu esperava a carta dos meus amigos. Todos os dias abria a gaveta, tirava um pouco do dinheiro para comer, escrevia algumas páginas da novela e esperava uma carta. Acabou o dinheiro, acabou a novela e nunca me chegou uma carta.

EM QUALQUER PARTE DO MUNDO, ONDE QUER QUE APAREÇA UM BOM NEGÓCIO, VOCÊ CONSEGUE, NO BANK OF AMERICA, MUITO MAIS DO QUE SIMPLES CRÉDITO.

No Bank of America você obtém todos os serviços financeiros que poderia esperar de um dos maiores bancos do mundo. Mas, consegue muito mais do que isso . . . e com rapidez!

Por exemplo, nós aperfeiçoamos uma estrutura funcional, de forma que você agora tem as respostas que precisa "in loco," em seu próprio país. Também estabelecemos um complexo sistema de comunicações que utiliza até mesmo satélites para acelerar os processos de coleta de informações financeiras para você, de qualquer parte do mundo.

Mas, o melhor de tudo é que quando você negocia com o Bank of America, você encontra um compromisso total com a qualidade. Nosso pessoal é cuidadosamente treinado para atender às necessidades de cada um dos nossos clientes. Tome por exemplo, nossos especialistas em operações industriais. Cada um deles sabe tudo que precisa saber com respeito ao tipo de indústria sob sua responsabilidade. Toda essa experiência profissional está às suas ordens — basta pedir.

Portanto, seja você um cafeicultor na Guatemala ou um distribuidor deste mesmo produto, em Hamburgo, venha até nós para qualquer que seja o tipo de assistência bancária que possa precisar. Venha ver todas as vantagens que lhe oferecemos, no Bank of America.

BANK OF AMERICA BA

Divisão de Serviços Bancários Mundiais.
Às suas ordens onde e quando você precisar.

Nossa Divisão Latino-Americana pode financiar um carregamento inteiro na Guatemala e a nossa Divisão Europeia pode assisti-lo na importação de café para Hamburgo.

VEJA — *Seus livros vendem muito no Brasil. Mas, como em quase todos os outros países, enfrentaram problemas de tradução. Você tem muitas queixas quanto a isso?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Sei que "Cem Anos..." foi muito bem traduzido, eu mesmo li as provas da tradução. Mas alguns outros dão-me a impressão de ser obras coletivas. Os tradutores brasileiros não devem ter gostado do que eu escrevi e resolveram mudar algumas coisas por conta própria. Com os títulos, por exemplo, ocorrem coisas estranhas, inexplicáveis. Fiquei surpreso ao saber que "La Mala Hora", no Brasil, chama-se o "O Veneno da Madrugada". Como é que as pessoas fazem isso? Mudar o título dado pelo autor é tão grave quanto mudar o próprio texto do livro.

Preocupa-me também o fato de que os leitores conheceram minha obra ao contrário. É claro, foi graças a "Cem Anos..." que pude publicar todos os meus livros e ser conhecido. Mas aqui, por exemplo, o primeiro livro meu traduzido foi "Cem Anos..."; depois vieram os outros que eu já tinha escrito, em ordem cronológica inversa, até acabar em "Relato de um Náufrago", uma série escrita para um jornal no começo de minha carreira, que eu jamais pensei em transformar em livro. Então, dá a impressão de que se trata de um escritor que, ao contrário de todos os outros, vai da maturidade para a infância, regredindo.

VEJA — *E o cinema? Sempre foi um de seus sonhos até agora malogrados. O interesse continua? Por que se negou a vender os direitos de "Cem Anos..." para o cinema por 1 milhão de dólares?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Ninguém jamais filmará "Cem Anos..." Quanto à minha relação com o cinema, trata-se de uma espécie de casamento insolúvel — não conseguimos viver juntos nem separados. Mas penso em fazer um filme com Ruy Guerra. Vim ao Brasil para vê-lo, não sabia que está em Moçambique. Vamos tentar concretizar um velho sonho: filmar "A Triste História de Cândida Erêndira e Sua Avó Desalmada". Originalmente, este livro era um roteiro que tinha feito para a cineasta venezuelana Margot Benesserath, mas ela nunca realizou o filme. Quando conheci Ruy Guerra, descobri que ele era o cineasta ideal para isso. Mas tive que esperar os dez anos necessários para que a concessão de Margot caducasse. Agora vamos fazer o filme.

VEJA — *Você é amigo do cineasta brasileiro Cacá Diegues, e esteve com ele agora, no Brasil. Diegues armou uma polêmica muito grande, recentemente, denunciando uma suposta escalada das "patrulhas ideológicas" — gente que cobra definições políticas a propósito de tudo. Outro cineasta, importante, Joaquim Pedro de Andrade, respondeu em tom irado e as tais "patrulhas" chegaram até aos editoriais de grandes jornais. Você, como um escritor de posições políticas bem definidas, tem tido problemas com as "patrulhas ideológicas"?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Não, posso dizer que não. As chamadas "patrulhas ideológicas" estão desaparecendo, quase não existem mais — e isso porque os intelectuais, e a esquerda latino-americana em geral, têm amadurecido muito.

VEJA — *Você transformou sua fama literária em uma arma política, especialmente por meio do jornalismo. Que planos tem agora, fora da ficção?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Estou tentando concluir um livro sobre Cuba, que comecei a escrever há uns três anos. Resolvi fazer o livro quando voltei a Cuba após uns seis ou sete anos de ausência e notei que o país mudara muito. Em lugar de sentar na máquina e escrever logo o que eu tinha visto, resolvi aprofundar cada detalhe importante que encontrava. Mas sempre havia um detalhe a mais para ser analisado. Então, o livro acabou ficando muito grande. O melhor teria sido fazer como "A Ilha", de Fernando Morais: descrever a impressão inicial, a viagem, inclusive para prender mais o leitor e facilitar sua tarefa. Agora, não sei quando vou terminá-lo. Estou esperando que ele "esfrie" um pouco.

VEJA — *Você ainda não conhecia o Brasil. Qual sua primeira impressão?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Sempre tive vontade de vir ao Brasil. Costumava dizer que este é o único país do Caribe que eu não conhecia. Do Caribe, sim. Porque há apenas uma diferença geográfica entre o Brasil e, por exemplo, Cuba ou uma parte da costa colombiana, onde nasci. Culturalmente, nós somos a mesma coisa. O problema é que nos enganaram durante muito tempo. Acho que a Revolução Cubana é responsável pelo surgimento do sentimento latino-americano. Por ela os europeus se interessaram em conhecer o continente, e nós descobrimos que éramos importantes, como latino-americanos. Antes não havia isso. Os argentinos de Buenos Aires, por exemplo, consideravam-se europeus. Diziam que eram os únicos europeus do continente. Agora, dizem que são os únicos latino-americanos.

Com o Brasil ocorreu a mesma coisa. Os brasileiros não se consideravam latino-americanos. Viveram sempre de costas para o resto do continente. Na Colômbia, diziam que éramos espanhóis. Enganaram-me toda a vida, até que fui a Angola e descobri minhas origens, como qualquer brasileiro pode descobrir as suas. Então, faltava-me conhecer o Brasil, onde tenho muitos amigos. Tenho gostado muito. O Rio de Janeiro é fascinante. Às vezes tenho a impressão de que até os homens são bonitos. Mas o trânsito é muito perigoso e não vi crianças. Há muita gente, muitas mulheres, mas não vi crianças. Tenho a impressão de que elas devem morrer no trânsito, assassinadas pelos táxis malucos desta cidade.

VEJA — *E sua fama de mentiroso? Por que você mente tanto?*

GARCÍA MÁRQUEZ — Porque mentir é uma forma de trabalhar. Gosto de inventar histórias para meus amigos, para observar suas reações, para desenvolvê-las, acrescentar detalhes. É como trabalhar. ●

Os mais vendidos

Ficção

1-**Tia Júlia e o Escrevinhador,** Mario Vargas Llosa (2-13)
2-**Cuca Fundida,** Woody Allen (1-11)
3-**Terror e Êxtase,** José Carlos Oliveira (7-4)
4-**Conversa na Catedral,** Mario Vargas Llosa (4-33)
5-**O Chá das Duas,** Carlos Eduardo Novaes (3-18)
6-**Negras Raízes,** Alex Haley (5-39)
7-**Sempre um Colegial,** John Le Carré (6-13)
8-**A Aventura do Pudim de Natal,** Agatha Christie
9-**Ilusões,** Richard Bach (9-18)
10-**Ópera do Malandro,** Chico Buarque de Holanda

Não-ficção

1-**Cuba de Fidel,** Ignacio de Loyola Brandão (5-3)
2-**A Ditadura dos Cartéis,** Kurt Mirow (1-21)
3-**Os Militares no Poder, 2,** C.Castelo Branco (3-6)
4-**Depoimento,** Carlos Lacerda (2-18)
5-**As Veias Abertas da América Latina,** E.Galeano (4-31)
6-**Mutações,** Liv Ullmann (6-3)
7-**A Ideologia da Segurança Nacional,** Pe.J.Comblin (8-10)
8-**Liberdade para os Brasileiros,** Roberto R. Martins (9-5)
9-**Chega de Arbítrio,** Paulo Brossard (7-13)
10-**A Ilha,** Fernando Morais (10-1)

Fonte: livrarias Brasiliense, Cultura, Siciliano Augusta, Siciliano D. José e Teixeira (SP); Entrelivros Leblon, Entrelivros Copacabana, Padrão e Freitas Bastos (RJ); Atalaia (MG); Lima (RS); Ghignone (PR); Casa do Livro (DF); Estante/Barra (BA); Editora do Nordeste (PE); Renascença (CE). Os números entre parênteses indicam: a) a colocação do livro na semana anterior; b) há quantas semanas consecutivas o livro aparece na lista. Obs.: esta lista não inclui os livros vendidos em banca.

São Paulo
011 - 227.7222
011 - 227.1299
Bauru
0142 - 26811

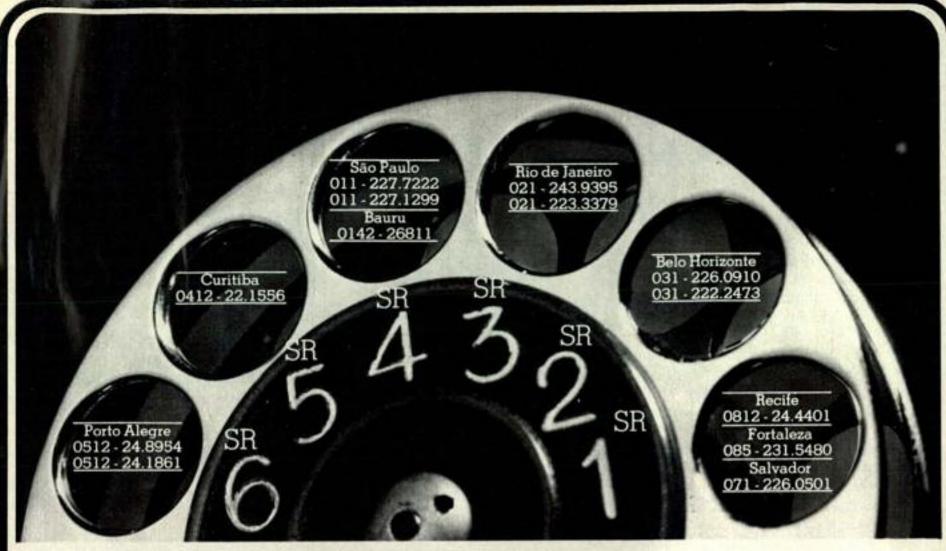
Rio de Janeiro
021 - 243.9395
021 - 223.3379

Curitiba
0412 - 22.1556

Belo Horizonte
031 - 226.0910
031 - 222.2473

Porto Alegre
0512 - 24.8954
0512 - 24.1861

Recife
0812 - 24.4401
Fortaleza
085 - 231.5480
Salvador
071 - 226.0501

SR 6 SR 5 SR 4 SR 3 SR 2 SR 1

Disque. O homem de ferro está na linha.

Ele está pronto para atender a sua chamada. Com apenas um toque, o homem de ferro começa a trabalhar para você. Ele sabe tudo que você não sabe sobre transporte ferroviário. Ele mostra nos mínimos detalhes como transportar sua carga de maneira econômica. Ele planeja o tipo de transporte mais adequado para o seu caso. E o que é mais importante: sempre que você precisar de uma informação sobre sua entrega, ele está na linha.

Disque. Para você, o homem de ferro nunca está ocupado.

Use trem.
O transporte de carga econômico.

Fados e modismos

A grande tragédia da ciência é o assassínio de uma linda hipótese por um fato feio. The Economist

ROBERTO CARVALHO

Apesar de suas pretensões científicas, a arte da economia é sujeita a fados e modismos. E em nenhum capítulo mais que na teoria do desenvolvimento. No período 1948/1955, a chave do desenvolvimento estava na substituição de importações. De 1960 a 1965, a ênfase se deslocou para a promoção de exportações. Em 1965/1967, a agricultura passou a ser prioritária. Já em 1968, a ênfase se havia deslocado para o controle da natalidade. Hoje, rejeita-se o rápido crescimento do Produto Nacional Bruto como objetivo central, de vez que as massas pobres não teriam participado do crescimento. A distribuição da renda passaria então a ter prioridade sobre o crescimento. *Cui bono?* — a quem aproveita o desenvolvimento, é a nova indagação, que marca a invasão dos frios recintos da econometria pelos cálidos eflúvios da ética...

Mas estes dois últimos enfoques — explosão demográfica e distribuição de renda — estão perversamente interligados. É de um "óbvio ululante" que se a oferta de mão-de-obra cresce rapidamente, enquanto a terra é fixa e o capital escasso, o proprietário e o capitalista receberão um prêmio de escassez comparativamente ao proletariado. Proliferação incontida é incompatível com renda bem distribuída... A sucessão de modas e teorias de desenvolvimento prova que a economia, como diz Mário Simonsen, não é samba de uma nota só...

Essa mesma angustiante complexidade gera dois vícios de atitude. Um, a propensão à demonologia; outro, a confusão entre decisão administrativa e imposição do mercado. Alguns dos velhos demônios foram exorcizados. Com o surgimento da OPEP e altas periódicas de preços de produtos primários (inclusive o café), por exemplo, deixou de ser nítida a tendência "espoliativa" do comércio internacional. Mas outros demônios surgiram. Hoje em dia não é de bom-tom, nem para o político nem para o tecnocrata, deixar de espancar as empresas multinacionais com a regularidade dos que espancam as esposas infiéis. Otimista incorrigível que sou, tenho a impressão de que subestimamos a capacidade dos governos de fazerem o bem, e sobreestimamos a capacidade dessas empresas de fazerem o mal. Um país em desenvolvimento, que deseje ser austero e igualitário, poderá evitar a perversão de seus hábitos de consumo pelas multinacionais produtoras de bens de luxo (automóveis ou eletrodomésticos, por exemplo), tributando esses bens ao nível necessário para desencorajar sua produção e seu consumo (desde, naturalmente, que a população com isso concorde, mas o diabo é que a psicologia do brasileiro é muito mais a de um americano pobre do que a de um chinês rico...). Também a desnacionalização pode ser controlada por competente legislação antitruste.

Receio que ao falarmos do outro demônio — o colonialismo tecnológico —, estejamos novamente sobreestimando o alcance das decisões burocráticas em face das realidades do mercado. Ousarei adiantar cinco observações. Primeiro: é algo descabido falarmos de "independência tecnológica", pois que a tecnologia é essencialmente interdependente. A Rússia tem bombas de hidrogênio e satélites, mas se vê obrigada a importar tecnologia de petróleo e de fabricação de veículos. Segundo: como no caso japonês, não podemos escapar a três estágios, que podem coexistir no tempo em diferentes setores — a tecnologia imitadora, a tecnologia adaptadora e a tecnologia criadora. O Brasil já é criador em hidreletricidade, mas ainda adaptador em automóveis e imitador em eletrônica. Terceiro: o desenvolvimento de uma tecnologia própria é função da dimensão do mercado usuário e da disponibilidade de fatores. (No caso, o fator principal é a "massa cinzenta", pois que inexiste pesquisa sem pesquisadores.) O Brasil já atingiu massa crítica em termos de quantidade de universitários — 1,5 milhão de estudantes —, mas não é claro que o mesmo tenha ocorrido em termos de qualidade da formação técnico-científica. Muito sem dúvida se pode fazer por decisões administrativas visando a apressar a nacionalização da tecnologia. Mas a grande decisão administrativa é mesmo investir na formação e educação de cientistas e pesquisadores. Quarto: se os recursos são escassos, urge definir prioridades. Uma das prioridades é a genética agropecuária. Dependendo de ecologia e clima, ao contrário da tecnologia industrial que pode ser importada, a tecnologia agrícola tem que ser, em larga medida, uma criação genuinamente nacional. Quinto: no afã louvável de proteger o empresário nacional contra custos exagerados de patentes importadas, diminuir gastos em divisas ou forçar a nacionalização da tecnologia, somos às vezes levados a criar tais restrições a contratos de transferência de tecnologia, que o tiro acaba saindo pela culatra. O superior de tecnologia prefere se instalar no país, em competição detrimentosa para o empresário nacional, buscando realizar na venda do produto o lucro que lhe foi negado na venda de tecnologia. Da mesma forma que a tragédia da ciência é a destruição de uma bela hipótese por um feio fato, a tragédia da burocracia é o entorpecimento da iniciativa por excesso de zelo. A pergunta bíblica: "Quem guardará os guardas?" encontra paralelo na indagação empresarial: "Quem nos protegerá dos nossos protetores?"

ROBERTO CAMPOS

Roberto Campos é embaixador do Brasil em Londres

CITIZEN a Quartzo

Um sinônimo de precisão. Modelos com calendários e opções de cronógrafo, calculadora ou alarmes, para pessoas dinâmicas, que precisam ser pontuais.

CITIZEN
A MÁQUINA DO TEMPO

CALCULADOR
Oito dígitos, memória e raiz quadrada; com calendário completo.

CRONÓGRAFO
Decimal de segundo com Lap; com calendário completo e hora mundial.

FUNÇÃO MÚLTIPLA
Sistema conversível a indicação de 24 horas e calendário completo.

ULTRA-FINO
De espessura mínima; com calendário completo e luz de iluminação.

PARA SENHORAS
Modelo compacto, de espessura mínima; com calendário completo.

MULTI-ALARME
Dois alarmes, Chime; contagem regressiva, cronógrafo e calendário completo.

Garantia de um ano. Assistência técnica permanente pela CITIZEN do Brasil.

QUEM SABE O QUE QUER VAI MAIS LONGE.

Nesta vida, o importante é a gente saber o que quer e trabalhar para conseguí-lo. Mesmo que a gente queira apenas um pouco de paz. Acredite, quem sabe o que quer vai mais longe.

Minister. O sabor para quem sabe o que quer.

Qualidade Souza Cruz